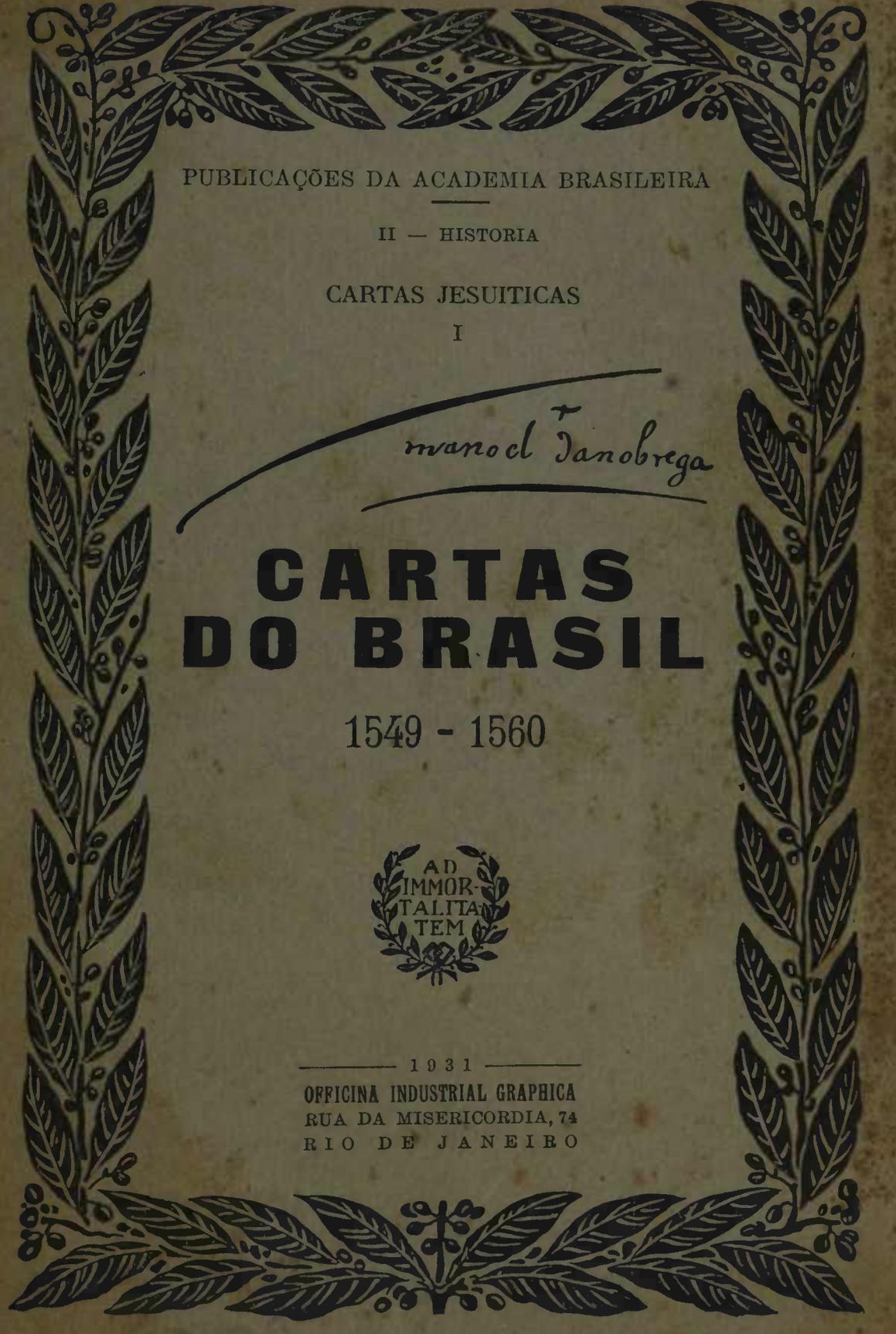




Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA

II — HISTORIA

CARTAS JESUITICAS

I

Manoel Danobrega

**CARTAS
DO BRASIL**

1549 - 1560



1931

OFFICINA INDUSTRIAL GRAPHICA
RUA DA MISERICORDIA, 74
RIO DE JANEIRO

BIBLIOTECA DE CULTURA NACIONAL

(Publicações da Academia Brasileira)

CLASSICOS BRASILEIROS

I — LITERATURA

Publicados:

- PROSOPOPÉA, de Bento Teixeira, 1923.
PRIMEIRAS LETRAS (Cantos de Anchieta. O DIALOGO, de João de Léry. Trovas indijenas), 1923.
MUSICA DO PARNASSO. — A ILHA DE MARÉ — de Manuel Botelho de Oliveira, 1929.

OBRAS, de Gregorio de Mattos:

- I — *Sacra*, 1929.
II — *Lirica*, 1923.
III — *Graciosa*, 1930.
IV — *Satirica*, 2 vols., 1930.

DISCURSOS POLITICO-MORAIS, de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes.

A publicar-se:

- OBRAS, de Eusebio de Mattos.
OBRAS, de Antonio de Sá.
O PEREGRINO DA AMERICA, de Nuno Marques Pereira, 2 vols.
A SEMANA, de Machado de Assis (2ª série).

II — HISTORIA

Publicados:

- TRATADO DA TERRA DO BRASIL. — HISTORIA DA PROVINCIA SANTA CRUZ — de Pero de Magalhães Gandavo, 1924.
HANS STADEN — VIAJEM AO BRASIL (revista e anotada por Theodoro Sampaio), 1930.
DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL (notas de Rodolpho Garcia), 1930.
CARTAS DO BRASIL, de Manoel da Nobrega, 1931.

A publicar-se:

- CARTAS AVULSAS DE JESUITAS (1550-1568).
INFORMAÇÕES, CARTAS E FRAGMENTOS HISTORICOS de Joseph de Anchieta.

CARTAS JESUITICAS

I

Manoel Danobrega

Cartas do Brasil

(1549 - 1560)



— 1931 —

OFFICINA INDUSTRIAL GRAPHICA
RUA DA MISERICORDIA, 74
RIO DE JANEIRO

FAC-SIMILES

Manoel ⁺ Janobrega

De Olinda, a 14 de Setembro de 1551.

orada esca do de v. m. em xpi

Manoel ⁺ donobrega

Da Bahia, a 5 de Julho de 1559.

NOTA PRELIMINAR

A colonização europeia dos outros mundos, não teve, necessariamente, ainda hoje não tem, sinão intuitos egoistas metropolitanos, de trafico e exploração, salvo alguma vaidosa expansão imperialista. Dahi, todas as suas taras.

As colonias foram, e ainda são, o purgatorio das metropoles. As mesmas Colonias Inglesas que formaram os Estados Unidos foram o escoadouro das prisões. "Mal empregada esta terra em degredados", dizia Nobrega do Brasil. As Guianas e a Nova Caledonia são remanescentes desses presidios coloniaes.

A escravidão do aborigene e do africano para a America foi commum a todo o continente. Ainda hoje a escravidão existe em colonias europeas, da Asia e da Africa, sob o euphemismo, discutido na Sociedade das Nações, de "trabalho forçado".

Finalmente, a moral era suspensa, com a travessia. O "ultra equinoxialem non peccavi", citado por Barlaeus, refere-se ao inter-tropico, mas, na realidade, era por toda parte que sobejava da Europa, o continente digno: mesquinhas por natureza, pensava ella, seriam as outras partes do mundo. Pois si até os cães desaprendiam a ladrar, na America, como recordou Hamilton, quanto mais o homem, com a virtude... Os negocios coloniaes têm direito — é ainda moral europeia de hoje — de ser "louches", o direito de serem tortos. Sabemos nós do Brasil qual a prophcia de Buckle, sobre a civilização brasileira: aqui, nem sequer logar havia para o homem...

Com essa mentalidade, quasi intacta ainda quatro seculos depois, é milagroso como, apenas descoberto o Brasil, Religiosos Europeus aqui sustentam, até pelo martyrio, doutrinas e acções completamente oppostas. Foram os Jesuitas. Contra a Metropole, lá.

NOTA PRELIMINAR

Contra os reinões, aqui. Elles se bateram, do primeiro ao ultimo dia, até serem expulsos, de 1549 a 1777, por esses tres ideaes que são o fundamento mesmo da nacionalidade, que nos desejaram e ajudaram a fundar, no que puderam: boa immigração européa, liberdade dos naturaes, identidade moral de todos. E não apenas o trafico e a exploração, o governo e o fisco da Metrópole; mas um espirito nativista, educando na sciencia, nas letras, na moral, a gente, para amar a terra, o brasileiro para suscitar, emfim, o Brasil. Até mais, com Vieira, já a autonomia economica, de onde viria a independencia politica: “tudo o que se tirar do Brasil, com o Brasil se ha de gastar!”

Se nos admira o milagre, mais nos deve elle mover á gratidão: Por isso os documentos jesuiticos não são apenas historia do Brasil: são essenciaes á ethica brasileira. Mais do que nos historiadores nacionaes, aliás justos com elles, os escriptos desses padres devem ser os indispensaveis documentos da formação nacional. Bem hajam os que, raro, e espaçadamente, os publicaram; bem hajam Capistrano de Abreu e Valle Cabral que tentaram e realizaram, na maior parte, sob o modesto titulo de “materiaes e achegas”, a publicação, em livros, dessas cartas e informações jesuiticas.

Achamos de nosso dever retomar a empresa, e completamente, realizá-la. As “Cartas de Anchieta” não sahiram em volume. As “Cartas Avulsas”, apesar de impressas, tão inexplicavelmente desapareceram que se não dirão publicadas, pois não existem em nenhuma bibliotheca publica e privada das que conhecemos. As “Cartas de Nobrega” já são raridade bibliographica. Pois bem, vai a Academia Brasileira publicar ou reeditar tudo, esses primeiros documentos nacionaes da formação moral, civil e natural dos Brasileiros.

Agora, como era devido, o primeiro e o igual aos maiores — o grande Padre Manuel da Nobrega. Reproduzimos, neste volume, a modesta edição de 1886, da Imprensa Nacional, fielmente, com as sabias notas de Valle Cabral, aqui e ali alguma outra, de actualização, de Rodolpho Garcia, melhor apresentada a edição. Juntamos os “Dialogos do Padre Nobrega sobre a conversão do gentio”, que publicou a “Revista do Instituto Historico” (t. XLIII, p. 2ª)

NOTA PRELIMINAR

sem alludir á copia, que possui, de um apographo de Evora (cf. t. LXVII p. 1^a). Aliás a elles allude, no seu prefacio, Valle Cabral. Já é muito. Mais prometemos, nos dois volumes seguintes.

Interpretando o sentimento commum, rematamos que o cumprimento desse dever, não vai sem emoção, a que sempre suscita a justiça e a gratidão...

A. P.

Posto que impressas estas cartas, excepto duas, havia muita conveniencia de apparecerem reunidas em livro e é o que se faz agora, dispensando assim a consulta dos volumes em que ellas se achavam dispersas. O texto foi cuidadosamente revisto: umas foram confrontadas com a cópia manuscrita e o original da Bibliotheca Nacional; outras com a cópia extrahida pela commissão Gonçalves Dias em Evora, pertencente ao Instituto Historico; uma com a cópia que possui o mesmo Instituto na collecção de documentos colhidos na Torre do Tombo de Lisboa; duas foram traduzidas do italiano.

E' provavel que ainda exista boa somma dellas. Domingos Alves Branco Muniz Barreto no *Plano sobre a civilização dos Indios do Brasil* (Rev. do Inst., XIX, pp. 33-98), escripto em 1788, allude a um discurso de Nobrega, do qual transcreve uma passagem, e a outras cartas dos Jesuitas existentes no cartorio do Collegio da Bahia (1). E' possivel que ainda hoje alli existam ignoradas de todos e seu apparecimento seria de certo achado precioso.

Nobrega escreveu muitas cartas sobre as missões do Brasil, das quaes poucas são aqui conhecidas. Começou a publicar-as no original portuguez Balthasar da Silva Lisboa nos *Annaes do Rio de Janeiro*; seguiu-o a *Revista do Instituto Historico*. Destas duas obras passaram a ser reproduzidas em outras e as primeiras que sahiram

(1) No tomo 2º das "Cartas escriptas das Missões" e no Copiador n. 2.º das "Cartas escriptas para fóra da Capitania". E' de suppôr que estes livros a que se refere Alves Branco, que os viu, sejam os proprios registos das cartas dos Jesuitas, escriptas da Bahia para a Europa e diversas partes do Brasil; entretanto, o padre Antonio Franco, na *Imag. da virt. em o nov. da Comp. de Jesus no Coll. de Coimbra*, II, pag. 212, diz: "Naquelles primeiros tempos escreviam-se muitas cartas pelos Padres e Irmãos dos serviços que a Deus alli se faziam, e estas em Portugal se iam lançando em livros, onde hoje as temos; e lá não ficavam originaes nem cópias; pois era tanto o que havia que fazer, que o tempo para escripturas era mui pouco."

Alves Branco tambem citando a seguinte phrase das memorias dos Jesuitas: "Nas guerras que nós intentamos de commum accôrdo com o Governador", acrescenta em nota: "Assim o referem varios manuscritos, que se acham no cartorio do Collegio da Bahia."

na *Revista* do Instituto reuniu-as Innocencio Francisco da Silva no final da 2ª edição (Lisboa, 1865) da *Chronica da Companhia de Jesu* de Simão de Vasconcellos. No proprio seculo em que foram escriptas, algumas appareceram em hespanhol e depois em italiano, publicadas em collecções jesuiticas. Tambem uma pelo menos foi traduzida em latim.

O padre Antonio Franco na *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Collegio de Coimbra*, tomo II, pg. 192, dizia em 1719 que, no cartorio da Companhia de Coimbra, havia “muitas cartas do padre Nobrega, que escrevia a esta Provincia das cousas do Brasil”, e dellas reproduz alguns trechos que todos apparecem nas cartas da presente collecção.

Na Bibliotheca Publica de Evora existe uma carta de Nobrega, sem comtudo saber-se d’onde escripta ou de que data, porque assim não o accusam o respectivo *Catalogo dos Manuscriptos* da Bibliotheca, tomo III, pg. 137. Acha-se no Cod. CVIII/2-1, a ff. 147.

A mesma Bibliotheca possui um manuscripto *Respostas* de Nobrega sobre “Si o pae póde vender a seu filho e si um se póde vender a si mesmo?” São assumptos relativos aos Indios do Brasil. Regista-as o respectivo *Catalogo dos Manuscriptos*, tomo I, pg. 16. Vem no Cod. CVIII/1-33, a ff. 146 v.

A *Revista* do Instituto Historico (t. XLIII, p. 1ª, pp. 133/152), publicou tambem de Nobrega, por cópia extrahida de Evora, um *Dialogo sobre a conversão do Gentio*, sendo interlocutores elle, Gonçalo Alves e Matheus Nogueira. Este é o Irmão ferreiro, como lhe chama Nobrega em uma de suas cartas. V. pg. 153.

A carta que em Barbosa Machado (*Bibl. Lusitana*, III, pg. 323) vem como escripta da Bahia a 10 de Julho de 1555 (aliás 1552) e impressa em italiano na collecção de Veneza de Tramezzino (vol. I [1559] dos *Diversi avisi*), não é de Nobrega, como se vê do contexto.

Em 1550 e tantos imprimiu-se pequena collecção de cartas em hespanhol com declaração expressa na folha de rosto de serem de Nobrega e de outros Padres. Ainda não a pude ver nem obter cópia que pedi. Seu titulo é *Cópia de vnas cartas enbiadas del Brasil por el padre Nobrega... y otros Padres que estan debaxo de su obediencia... Trasladas de port. en cast. Recebidas el año de 1551*. Sem logar nem data, in-4º de 27 pp. Indica-a Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl., Port.*, II, pg. 41, e Carayon, *Bibliogr. de la Comp. de Jésus*, nº 1226. Estas cartas, porém, talvez sejam as mesmas que se acham no vol. I (1559) dos *Diversi avisi*, ed. de Veneza, de ff. 38 a 60. Os titulos são identicos, notando-se apenas na edição veneziana a differença no anno em que ellas foram

PREFACIO

recebidas, que se diz ser no de 1552. Ahi a ultima carta é de 24 de Agosto de 1551. Talvez que em Innocencio a data não esteja exacta, nem em Carayon, que o seguiu, pois não parece ter visto o opusculo. As alludidas cartas que se acham na edição de Veneza sahiram antes em Roma em 1552 na collecção *Avisi particolari*. V. Leclerc, *Bibl. Americana*, 1867, nº 93.

Alguns periodos das cartas de Nobrega não são bem claros: ás vezes a questão de pontuação faz tambem mudar muito o sentido da phrase. Em algumas além disto notam-se evidentes córtes de periodos, que ou desfiguram o sentido ou tornam obscuros os que se lhes seguem. Disse-nos o Sñr. Lino d'Assumpção, de presente entre nós, que encontrou indicações que em Portugal as cartas dos Jesuitas eram lidas nas horas do refeitorio e supprimiam-se os trechos que não pareciam edificantes. Provavelmente estes córtes na leitura publica passavam tambem para os livros de registo. Os traductores italianos tambem faziam suppressões, como se vê no *Catalogo dos Manuscriptos* da Bibliotheca Nacional, vol. I, pagina 37.

Annotei as presentes cartas tanto quanto me foi possivel fazer-o; uns factos ficaram mais ou menos assentados, outros devem ser estudados de novo até a sua completa elucidação. Si tivéssemos todas as cartas dos Jesuitas do XVI seculo, de certo ahi encontraríamos elementos para a solução das duvidas que a cada passo se affloram á tela da discussão. Por isso ás vezes soccorri-me de conjecturas fundadas nas proprias cartas dos Padres que possuímos e em outros documentos contemporaneos que pude consultar. Como tenho porém de dar um dos volumes de *Cartas avulsas de Jesuitas*, deixei de tratar por ora de outras questões: dos primeiros Padres que vieram missionar no Brasil antes dos Jesuitas, “dous Frades Castelhanos” que converteram Carijós além de S. Vicente (pp. 82 e 98), “alguns Padres Hespanhoes” em Porto Seguro (pg. 106), “certos Padres que mandou D. Manuel” (pg. 107), “dous Padres de Santo Antonio”, Italianos, em Porto Seguro (pg. 108); de Diogo Alvares, o Caramurú (pp. 73, 104, 143), o celebre povoador da Bahia; de João Ramalho (pg. 145), que não parece ser o *Bacharel de Cananéa*, apesar da erudita memoria de Candido Mendes, que tanto discutiu o assumpto; do bispo D. Pedro Fernandes Sardinha (pg. 200); de Garcia d'Avila (pp. 210 e 214), o fundador da famosa casa da Torre da Bahia.

Quanto á biographia de Nobrega, nada temos que seja tão interessante como a sua *Vida* escripta pelo Padre Antonio Franco. E como o livro deste publicado em 1719 é muito raro, podendo-se mesmo considerar quasi inedito, pelo menos no Brasil, a reprodu-

zo em seguida. Não é trabalho completo e nelle nota-se mais de uma inexatidão; mas em quanto não apparecerem novos documentos que orientem a quem se propuzer escrever a vida do veneravel Jesuita, é o trabalho mais amplo e satisfactorio que se pôde consultar.

As cartas desta collecção, são:

I. E' datada da Bahia em 1549, sem mez nem dia; mas foi escripta depois de 31 de Março e antes de 18 de Abril, como se deduz da 2ª carta escripta em continuação. Na cópia que possui a Bibl. Nac. lê-se á margem *No mez de Abril*. Barbosa Machado na *Bibl. Lusitana*, III, pg. 324, tambem diz que é de Abril. V. a nota na pg. 76.

II. Da Bahia, 1549. E' continuação da antecedente e não traz expresso o dia em que foi escripta; mas do contexto vê-se que é de segunda feira 15 de Abril. V. pg. 78. A Bibl. Nac. possui cópia.

III. Da Bahia a 9 de Agosto de 1549. V. pg. 87. A Bibl. Nac. possui cópia.

IV. Do porto e cidade do Salvador (Bahia) a 10 de Agosto de 1549. Traduzida do italiano; não se conhece original portuguez. V. pg. 96.

V. Não traz data; mas pelo seu contexto deve ser de 1549 e da Bahia. V. pg. 102. A Bibl. Nac. possui cópia.

VI. De Porto Seguro a 6 de Janeiro de 1550. Traduzida do italiano. V. pg. 113.

VII. Na cópia da Bibl. Nac. traz no fim 1549 e á margem *De Pernambuco*; mas a data está errada e em desaccôrdo até com a que vem no titulo — 1551. Como se vê do contexto, foi de facto escripta em Pernambuco nesse anno, e, segundo Barbosa Machado, a 11 de Agosto. Nobrega chegou a Pernambuco a 27 ou 28 de Julho de 1551 (pg. 118). V. pg. 117.

VIII. Da capitania de Pernambuco a 13 de Setembro de 1551. V. pg. 122. A Bibl. Nac. possui cópia e d'esta foram extrahidas as duas que possui hoje o Instituto Historico.

IX. Da villa de Olinda a 14 de Setembro de 1551. O original conserva-se na Torre do Tombo e o Instituto Historico possui cópia extrahida d'elle. V. pg. 127. Disse-me o Sãr. Lino de Assumpção, de passagem nesta côrte, que a carta é toda do punho de Nobrega.

X. Sem data; mas do contexto vê-se que é da Bahia, de 1552, escripta depois do dia de S. Pedro e S. Paulo (29 de Junho), dia

PREFACIO

em que prégo o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, de cuja chegada dá noticia e que foi vespera da vespera de S. João (22 de Junho). Candido Mendes assignala-lhe o mez de Agosto. V. pg. 132. O Instituto Historico possui cópia extrahida da Bibl. Publ. de Evora.

XI. Sem data; mas vê-se que é da Bahia de 1552, depois da chegada do Bispo. Nobrega falla da primeira prégação do Prelado, que foi a 29 de Junho. V. pg. 136. O Inst. Hist. possui cópia extrahida de Evora.

XIII. Sem data; mas foi escripta na capitania de S. Vicente (de S. Paulo de Piratininga?), em 1554, porque foi em Janeiro desse anno que os Jesuitas se passaram a Piratininga, e, como se vê do contexto, Nobrega já falla do fructo feito na nova povoação. Candido Mendes diz que é de 1553, mas não dá argumentos que o comprovem. V. pg. 146. O Inst. Hist. possui cópia extrahida de Evora.

XIV. Sem data; mas do contexto vê-se que foi escripta da capitania de S. Vicente em 1556, e portanto antes de 3 de Maio, porque nesse dia partiu Nobrega para a Bahia. V. pg. 148. O Inst. Hist. possui cópia de Evora.

XV. Sem data; mas vê-se que foi escripta em S. Paulo de Piratininga em 1556, entre Janeiro e 3 de Maio; porque nesse dia partiu Nobrega para a Bahia. No contexto lê-se "este anno pasado de 555" e "este anno de 56". V. pg. 155.

XVI. Quadrimestre de Janeiro até Abril de 1557. Não declara donde é escripta; mas foi da Bahia. V. pg. 162. O Inst. Hist. possui cópia de Evora.

XVII. Da Bahia; mas sem data, que deve ser de 1557, depois de 27 de Abril e antes de 27 de Maio, isto é, depois da Paschoa e antes da Ascensão, como se vê do contexto. V. pg. 168. O Inst. Hist. possui cópia de Evora.

XVIII. Sem data; mas vê-se que foi escripta na Bahia em 1557, provavelmente em Agosto, antes do dia 14; porque ainda não tinha chegado á Bahia a nau da India commandada por D. Luiz, "filho do Arcebispo de Lisboa" e juntamente a caravella que vinha com Men de Sá, de quem se havia desgarrado antes da Linha, como refere Blasques na carta do ultimo de Abril de 1558 (nota 66, pg. 178). V. pg. 176. O Inst. Hist. possui cópia extrahida de Evora.

XIX. Da Bahia a 5 de Julho de 1559. A Bibl. Nac. possui cópia e desta foram extrahidas as duas que se acham no Instituto Historico.

VALLE CABRAL

XX. Da mesma data da precedente. A Bibl. Nac. possui o original. V. pg. 219.

XXI. De S. Vicente a 1º de Junho de 1560. Possuem cópias a Bibl. Nac. e o Inst. Historico. V. pg. 228.

O padre Manuel da Nobrega, um dos primeiros civilisadores desta terra, representa papel muito importante na sociedade brasileira e exerceu tanta influencia que seu nome será sempre lembrado. Sua fama era geral em todo o Brasil e tambem aos sertões do Paraguay chegou a grande nomeada de seus trabalhos, das suas virtudes. Chegando á Bahia a 29 de Março de 1549, assistiu á fundação da nova cidade e em o 1º de Novembro foi aos Ilhéos e Porto Seguro, onde ainda se achava em Janeiro de 1550. D'ahi voltou á Bahia e em Julho de 1551 dirigiu-se a Pernambuco, tornando de novo á Bahia em Janeiro de 1552. Em fins deste anno, ou começo do seguinte, foi á capitania de S. Vicente, acompanhando a Thomé de Sousa, a correr a costa, e ahi demorou-se até 3 de Maio de 1556, quando voltou de novo á Bahia, onde chegou á 30 de Julho. A 16 de Janeiro de 1560 sahiu da Bahia com Men de Sá á conquista do Rio de Janeiro, onde chegou a 21 de Fevereiro. Pouco depois de 31 de Março passou-se do Rio a S. Vicente. Desta capitania veio em 1564 ao Rio ao encontro de Estacio de Sá, que ia conquistá-lo de novo aos Francezes e fundar a cidade do Rio de Janeiro; mas teve de voltar a S. Vicente com Estacio de Sá, que não podendo entrar na bahia foi alli receber novos soccorros para a conquista. Nobrega não voltou depois em 1565 com Estacio de Sá; deixou-se antes ficar em S. Vicente para d'ahi melhor soccorrer a armada e o povoamento do Rio. Ainda em Junho de 1565 achava-se em S. Vicente; depois veio ao Rio de Janeiro, onde morreu a 18 de Outubro de 1570. Em todos os logares que percorreu tão bons serviços prestou que ligou seu nome á historia geral do paiz. Seu merecimento é bastante conhecido.

Todo o mundo sabe o que fez em prol da terra que se lhe rasgava aos olhos; e o movimento que imprimiu no Brasil entre os dois povos, o civilisado e o inculto, o invasor e o indigena, foi de certo superior ao de Anchieta, ainda que este fallasse correntemente a lingua dos Indios, o que não alcançou Nobrega, provavelmente pelo defeito natural que tinha. Mas, apesar de gago, com a sua palavra soube conquistar Portuguezes e Brasis. Tinha o coração generoso, era verdadeiro amigo da Humanidade. Desbastou a terra, ganhou-lhe amor; não temia o encontro de milhares de In-

PREFACIO

dios, fallando-lhes com toda a energia e desassombro por meio de interpretes, tanto que contando a Thomé de Sousa que o Bispo fugindo dos Gentios, “tendo poucos desejos de morrer em suas mãos, fosse comido delles”, acrescenta: “e a mim que sempre o desejei e pedi a Nosso Senhor, e mettendo-me nas occasiões mais que elle, me foi negado.”

Nobrega ás vezes escreve com grande eloquencia, como, entre outros trechos, pode-se ver no relativo á morte do Bispo (pg. 201) e o que conta do padre João Gonçalves (pg. 185); tambem é muito eloquente quasi toda a carta a Thomé de Sousa, a quem Nobrega na confidencia de amigo derramou toda a sua alma.

Nas cartas de Nobrega encontram-se elementos muito interessantes para a historia do povo brasileiro, sob diversos pontos de vista. Entre os factos que mais prendem a attenção notarei: a lucta intestina entre Christãos e Indios, o odio dos Christãos e as calamidades que commettiam contra os Indios, o desamor dos povoadores á terra, a guerra que soffriam os Jesuitas dos sacerdotes, que tinham “mais officios de Demonios que de clerigos” (pg. 116). a prejudicial população de degradados, a falta de mulheres brancas que eram tão desejadas “que quaesquer farão muito bem á terra (pg. 133)”, “ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, com tanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha, a Deus e ao mundo (pg. 80).”

Quanto aos moradores não quererem bem á terra e que só desejavam ordenados do Estado e tudo usufruirem: “De quantos lá vieram nenhum tem amor a esta terra: todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja á custa da terra, porque esperam de se ir (pg. 131). “Não querem bem á terra, pois tem sua affeição em Portugal; nem trabalham tanto para favorecer como por se aproveitarem de qualquer maneira que puderem (pg. 134).” V. tambem pg. 141.

Sobre os serviços de Men de Sá e as contrariedades que soffria do povo (1557-1560), vejam-se as pp. 203, 204, 208, 210, 214, 221 e 224.

Referindo-se ao estado da terra em 1559: “Não ha paz, mas tudo odio, murmurações e detracções, roubos e rapinas, enganos e mentiras (pg. 194).”

Fallando de dois meninos que tinha para mandar ao Provincial de Portugal para se ordenarem e que já sabiam ler, escrever, contar e serem prégadores, chama-os “primicias desta terra” (pagina 131).

Na pg. 105 falla em “canções lascivas e diabolicas” que usavam os Indios, e na pg. 182 em cantigas dos meninos “a seu modo”.

Não deixam de ser curiosas as perguntas que os Indios muitas vezes faziam a Nobrega sobre Deus, pois queriam saber: "Si Deus tem cabeça e mulher, e si come e de que se veste e outras cousas semelhantes (pg. 101)."

Allegando o seu estado de saude em 1557: "Fico deitando muito sangue pela boca; o medico de cá ora diz que é veia quebrada, ora que é do peito, ora que póde ser da cabeça; seja d'onde fôr, eu o que mais sinto é ver a febre ir-me gastando pouco a pouco (pg. 176)."

Pelo testemunho de Nobrega vê-se que os Indios eram doces, mostravam grandes desejos de aprender, ter tracto com os Brancos e que eram "papel branco" para se escrever á vontade "as virtudes mais necessarias" (pp. 94 e 125). "A carne humana que todos comiam e mui perto da cidade é agora tirada e muitos tomam já por injuria lembrar-lhe aquelle tempo (pg. 182)." E referindo-se aos saltos que lhes faziam os moradores, dizendo alguns que o podiam fazer "por os Negros (Indios) terem já feito mal aos Christãos", acrescenta (pg. 81): "O que posto seja assim, foi depois de terem muitos escandalos recebido de nós." Men de Sá na carta de S. Vicente de 16 de Junho de 1560 (1), diz: "Elle (Villaganhão) leva muito differente ordem com o Gentio do que nós levamos; é liberal em extremo com elles e faz-lhes muita justiça, enforca os Francezes por culpas sem processos; com isto é mui temido dos seus e amado do Gentio; manda-os ensinar a todo o genero de officios e d'armas, ajuda-os nas suas guerras; o Gentio é muito e dos mais valentes de costa; em pouco tempo se póde fazer muito forte."

Este é o 1º volume da collecção de *Cartas Jesuiticas* do XVI seculo. Do 2º, que conterà as cartas do padre Joseph de Anchieta, encarregou-se o Dr. Teixeira de Mello, que já nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* publicou 8, das quaes 5 ineditas, deixando outras dispersas em varias obras. Do 3º volume fico incumbido; o 4º será publicado posteriormente, logo que se obtenham as cópias das que existem em Lisboa, cópias que vão ser tiradas sob os cuidados do Snr. Lino d'Assumpção.

No ultimo dar-se-ão indices que facilitem a busca facil do que se deseja consultar nos volumes da collecção; por isso deixam-se de fazer no presente.

Concluindo, com summo prazer agradeço aos meus amigos

(1) V. nota 97, ps. 222/223.

PREFACIO

Snrs. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos, nosso digno Consul em Liverpool, e Lino d'Assumpção, distincto jornalista em Lisboa, os excellentes serviços que prestaram a este volume. Devo tambem lembrar que si não fosse o Excellentissimo Snr. Senador Francisco Belisario Soares de Sousa, Ministro da Fazenda, não teriamos hoje reunidas as cartas do veneravel Jesuita, que conquistou o Rio de Janeiro com Men de Sá em 1560, que contribuiu mais que ninguem para a fundação e povoamento desta cidade e que tanto luctou em prol da terra. A Sua Excellencia, pois, é a quem devemos agradecer estes livros que vão sahindo e estas elucidações que se vão fazendo sobre a historia do Brasil. De outro modo não teriamos nem uma nem outra cousa.

Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1886.

VALLE CABRAL.

VIDA

DO

PADRE MANUEL DA NOBREGA

CAPITULO I

*Entra na Companhia: seu grande fervor em tratar
do bem das almas.*

Não posso deixar de dar principio á vida do padre Manuel da Nobrega com uma justa queixa contra os nossos antepassados: vem a ser, que, sendo este Padre um tal homem e tão grande, como se verá da narração de sua vida e virtudes, fundador da nossa Provincia do Brasil, nos não ficou em memoria qual fosse do nosso Portugal o logar, villa, cidade ou provincia em que nasceu. E' descuido mais de notar, ficando-nos em lembrança muitos indicios de sua nobreza, porque seu pae foi desembargador e um seu tio chancellor-mór d'este Reino. São honra dos povos os varões santos e tambem em suas vidas a circumstancia da patria é das que se tem conta, pelo gosto que com isso costumam ter os que têm por nascimento o mesmo torrão de terra e mais si são parentes de semelhantes heroes. A maior clareza que pude descobrir, foi com os livros da matricula da Universidade de Coimbra, fl. 135, onde se diz, ser filho do desembargador Balthazar de Nobrega, já defuncto. Tambem se diz nos mesmos livros, em como tomára o grau de bacharel em Canones aos 14 de Junho de 1541, que lhe dera o Doutor Martim de Espilcoeta, que provára ter 5 annos de Canones

ANTONIO FRANCO

em Salamanca. No archivo de Roma se fez tambem diligencia por sua patria e nada se achou.

Seu pae foi muito estimado d'El-rei D. João o Terceiro: por ser homem de muita inteireza, El-rei lhe recommendava cousas de grande peso. Por seus merecimentos tinha já dado a seu filho Manuel da Nobrega moradia e favor para seus estudos. Depois de aprender latim em Portugal, foi estudar Canones a Salamanca, nos quaes fez grandes progressos. Veiu continuar este seu estudo a Coimbra, onde teve por mestre ao insigne Doutor Navarro, que dizia, ser elle o melhor de seus discipulos.

Em Coimbra se graduou de Bacharel. No tempo que nella se davam logares, como elle era muito gago, não fazia conta de se oppôr a elles; mas o Doutor Navarro o não consentiu. Como sabia o que nelle tinha, lhe aconselhou que se oppuzesse. Accomodando-se ao seu parecer, fez sua lição de ponto com tanta satisfação, que a juizo de todos se lhe devia o primeiro logar. Mas como o Reitor da Universidade tinha outros empenhos, fez o possivel, porque se lhe não dêsse. Estava tão seu adverso, que publicamente, depois de acabar a hora da sua lição, disse, que fosse por deante e lesse mais, que por ser gago não tinha lido hora inteira. Virou elle então o relógio e leu com a mesma satisfação tanto tempo que foi necessario fazerem-lhe signal algumas vezes que acabasse, e assim acabou. E porque o Reitor estava já inclinado á outra parte, não se lhe deu sinão o segundo logar, posto que levou a honra do primeiro a juizo de todos os doutores.

Continuou seu estudo em Coimbra algum tempo e tomou ordens de missa. Nesse tempo havia no Mosteiro de Santa Cruz algumas collegiaturas, que se davam por opposição. Fez sua opposição a uma dellas com outro canonista. Ainda que a juizo de todos fazia elle conhecida vantagem ao competidor, comtudo, como os juizes do caso eram os mesmos Religiosos, tiveram mais conta com a boa pratica do outro que com o saber do padre Nobrega, por ser gago, e deram sentença contra elle. Este meio tomou a Divina Providencia para o tirar do mundo e o fazer um de seus grandes servos. Considerou comsigo como o mundo o tinha abatido, quando esperava delle honras: determinou de se vingar e desprezal-o, e mettel-o de baixo dos pés. Pediu ser da Companhia. Nella entrou aos 21 de Novembro de 1544.

Como então se lançavam os alicerces da Companhia em Coimbra, havia grandes fervores de espirito em todos os nossos, assim em procurar a perfeição propria, como a salvação das almas; em uma e outra cousa se assignalou muito o padre Nobrega. Exercitava-se, assim em casa, como fóra d'ella, em muitos exercicios de humildade

VIDA DE NOBREGA

e mortificação, que naquelles primitivos e dourados tempos eram mui ordinarios em todos. Vindo a Coimbra o padre Mestre Simão, por saber o que tinha em seus subditos, ordenou que cada um lhe dêsse por escripto o seu sentimento acerca do grau a que na Companhia se sentia inclinado: o escriptinho do padre Nobrega continha estas formaes palavras: *Quizera não saber o que quero, mas em todo caso sómente querer a Jesu Crucificado*, no qual significou bem sua grande indifferença.

Em especial lhe foi encomendado pela Obediencia o officio de tratar com o proximo em prégações, confissões, visitar carceres e hospitaes e acudir a outras necessidades espirituas e corporaes de pessoas particulares, no qual se houve com tanto espirito e fervor de caridade que, depois que foi para o Brasil, no tempo que ainda estava fresca a memoria d'elle, não se fallava em Coimbra sinão no *Gago*: assim o nomeavam, contando os que o conheceram seus fervores e virtudes.

Na conversação que tinha com os peccadores, para os trazer ao caminho da salvação, parecia que lançava a alma pela boca com o grande fervor não somente do prégar, confessar e praticar familiarmente, mas tambem tomando sobre si os peccados alheios, para dar por elles conta a Deus, para com isto livrar de desesperação alguns desesperados, como entre outros fez a dous em Coimbra, posto que um d'elles se não quiz aproveitar de tanta charidade.

Esta foi uma mulher que vivia mal com um ecclesiastico, a qual chegando a morte foi visitada e soccorrida do padre Nobrega. Com ajuda de Nosso Senhor, por meio da confissão, tirou-a do máu estado, em que vivia e, sarando-a, viveu cousa de um anno bem em muito recolhimento, sendo ajudada do Padre. Depois vencida da tentação tornou ao mesmo peccado, nelle viveu e chegou ao fim da vida, sem tratar da salvação. Um dia estando acompanhada de algumas visinhas, começou a dizer comsigo em voz que todos ouviam: *E' verdade que, por estar eu amancebada vinte annos com um clérigo, me hei-de condemnar?* A esta pergunta respondia ella mesma: *Sim, hei-me de condemnar*. Repetindo isto tres vezes concluiu dizendo: *Pois eu creio que Belzebut creou os ceus, terra, mar e as areias, e a elle me entrego*. As mulheres que estavam presentes lhe acudiram fallando-lhe de Deus, mas ella a nada respondia, antes, si lhe punham o crucifixo deante dos olhos, virava o rosto para outra parte. Mandaram ellas muito á pressa chamar o padre Nobrega. Acudiu elle e, com seu costumado fervor, lidou muito com a infeliz, até lhe dizer que elle tomava sobre si seus peccados, para fazer penitencia por ella, que confiasse em Deus e se confessasse. Nada aproveitou e naquella obstinação acabou sua triste vida.

O outro caso foi com um mulato que havia na comarca de Coimbra, o qual era mui valente e salteador de caminhos: tremia delle toda a terra, em especial os meirinhos, porque os tinha ameaçado. Depois de crueis roubos, foi preso, mettido no Castello e sentenciado á morte. Acudiu-lhe o padre Nobrega alguns dias antes da sentença, achou-o desesperado, com odio mortal contra as Justiças, sem querer lhe fallassem em confissão.

Disse o padre missas, teve oração, pedindo a Deus o não deixasse de todo. Entre outras palavras, lhe disse o Padre que elle tomava seus peccados sobre si, para fazer delles penitencia.

Foi esta palavra como um relampago de luz do ceu, com que se desfez o nevoeiro, em que aquella alma estava mettida. Disse que se queria confessar e assim o fez. Querendo-lhe o Padre dar a communhão no dia da sentença, por ordem dos Padres tomou conselho com o Doutor Navarro. Este lhe aconselhou que lh'a dêsse; que elle acudiria, si quizessem executar a sentença. Com isso se foi o padre Nobrega e ao ler da sentença, estando elle presente, respondeu o mulato com grande ira: *Oh! que injusta sentença!* E tornou a renovar os odios passados e desejo de matar os meirinhos; com as exhortações do Padre tornou em si. O Padre o confessou e, dizendo missa no Castello, lhe deu a communhão, por causa da qual não padeceu aquelle dia. No dia seguinte, o acompanhou até á forcã e morreu com mostras de salvação.

Do grande zelo que tinha do bem das almas, nascia reprehender asperamente os peccados e desejar ser por isso injuriado. Fez uma peregrinação a Salamanca em tempo que ainda os nossos não eram ainda conhecidos. Nesta viagem, achando um dia santo os homens de um logar jogando a bola, chegou-se a elles, começou a lhes fallar de Deus e movel-os á penitencia. Como si cousa nova, se perturbaram e o começaram a injuriar, dizendo: *Este é aquelle estudante que os dias passados furtou a mulher casada? Prendam-o e levem-o ao corregedor Ledesma.* Como o Padre mais se afervorasse, tendo grande desejo de o maltratarem e prenderem e allegasse alguma auctoridade em latim, diziam elles: *Oh! como falla latim, prendam-o, que este é.* Assim o injuriaram algum tempo até que desenfadados o deixaram.

Na mesma occasião chegando a uns casaes encontrou com um Conde, que andava á montaria com sua gente. Acertou de estar jantando tendo comsigo á mesa um chocarreiro e rodeados de criados, servia uma moça á mesa, com a qual elle fallava graças e palavras pouco honestas. O padre Nobrega o conhecia do tempo dos estudos de Salamanca, e sabia ser notado de pouco honesto. Parou o

VIDA DE NOBREGA

Padre diante da mesa, entrou em zelo, começou a o reprehender, fallando-lhe por vós com tanto espirito, que elle e os seus ficaram pasmados. O Conde, por se ver livre d'elle lhe dizia: *Irmão, sois dos alumbrados? Quereis esmola?* A isto respondeu o Padre: "*Pecunia tua tecum sit in perditionem.* Sois um perdido, que tão sem temor estais offendendo a Deus. Olhai não se cumpra em vós o *Vidi impium superexaltatum*, que d'aqui a poucos dias não heis de ser nada."

O Conde estava pasmado sem comer nem fallar. Foi isto de maneira que o chocarreiro acudiu por elle, dizendo: *Si quereis esmola, tomai-a e deixai comer Sua Senhoria.* Aqui se voltou para elle o Padre e para o differençar do Conde, fallou-lhe por tu, dizendo: *E tu, inimigo de Deus, não tens temor nem vergonha de estar incitando o Conde a peccados?* Desta maneira esteve um bom pedaço de tempo reprehendendo-os esperando por uma boa esmola de pancadas, que sempre cuidou lhe mandasse dar pelos criados. Mas elles e elle ficaram attonitos sem dizer nada, até que o Padre se sahiu fóra e apartado um pouco de casa se assentou á sombra de uma arvore, esperando ainda pela esmola das pancadas que desejava.

Acabado o jantar, o chocarreiro, que parecia homem grave, foi ter com elle e lhe disse: *Irmão, que mau jantar destes ao Conde, porque fizestes aquillo d'aquella maneira?* Respondeu o Padre já mais brando fallando por vós, dizendo: *Ainda vós cá tornais, que estais alli offendendo a Deus com truanarias?* Praticando com elle mais de espaço, o moveu tanto que começou a chorar, dizendo: *Irmão, que quereis que faça, que tenho mulher e filhos e não tenho outro modo com que os sustentar?* A isto respondeu o Padre: *Não haveis de sustentar vossa casa com offensas de Deus, buscai outro modo de vida que elle vos ajudará.* Finalmente o truão ficou com proposito de mudar a vida e deu um real de prata de esmola ao Padre, o qual acceitou, porque sahia já de um coração constricto. Ao Conde fez Nosso Senhor mercê de o fazer depois tão devoto da Companhia que lhe fundou um Collegio no seu condado. Vendo-o depois o padre Nobrega no Brasil no rol dos fundadores, se alegrou muito e dando graças a Deus disse: *Este é o meu Conde, hei-lhe de dizer as suas missas com muita devoção.* Quem puzer os olhos nestes fervores e os julgar á primeira face, os terá por tontices; mas quem sabe os modos que Deus tem em chamar a si os que tem no livro da vida e considera os effeitos d'estas extravagancias, vê claramente que são d'aquellas que em São Pedro e mais apóstolos eram avaliadas por fumos do mosto, sendo Espirito Santo.

ANTONIO FRANCO

CAPITULO II

De uma peregrinação que o padre Nobrega fez a Santiago e da missão pelo bispado da Guarda. Cousas que nestas occasiões lhe aconteceram.

ERAM aquelles nossos primeiros Padres mui dados a peregrinação a diversos logares de devoção. Estas faziam a pé, vivendo de esmolas que pediam pelas portas, ensinando a doutrina a toda sorte de gente, recolhendo-se de ordinario nos hospitaes. Uma destas peregrinações fez o Padre a Santiago de Galisa, em que padeceu muita fome e outros trabalhos e teve não poucas occasiões de se humilhar.

Estando um domingo em Compostella, depois de ter prégado, foi pedir esmola pelas portas, elle por uma parte, por outra o companheiro. Aconteceu que o Irmão foi ter a uma rua aonde estava uma roda de mulheres gallegas rindo e folgando: uma estava no meio das mais, arremedando o sermão e gagueiras do padre Nobrega, que prégara sobre aquelle passo: *Qui viderit mulierem*. Vendo-as mais ao Irmão, disseram á prégradora: *Cala-te, que vem alli seu companheiro*.

O Irmão, com o pejo que teve, não se atrevendo a lhe pedir esmola, se foi desviando por outras ruas e ajuntando-se com o Padre não se acharam sinão com alguns ceitis e com elles passaram o dia.

Chegando a noite se recolheram em um hospital. Deram nelle com muitos pobres pedintes peregrinos comendo e bebendo com muitas cabaças de vinho e muitas altercações entre si, como quem estava contente da vida. Vendo elles o padre Nobrega, parecer-lhes ser dos seus, chamaram-lh'o dizendo: *Irmão, assentai-vos e comei, que estamos agora em grande disputa, qual de nós sabe melhor pedir para ganhar mais dinheiro e queremos que vós sejas o juiz*. O Padre, que estava morto de fome, accitou de boa vontade a esmola. Começou a comer elle e seu companheiro. Entretanto dizia cada um a maneira que tinha de pedir e traça para enganar a piedade dos fieis. Sahiram alli varias impressões mui subtis e delgadezas dos que só cuidam nesta calaçaria e por se livrar do trabalho della vivem.

Um que os tinha ouvido a todos, disse no fim: "Irmãos, vejo que nenhum de vós sabe pedir; eu tenho este modo. Nunca peço esmola, mas em chegando a uma porta dou um grande suspiro, dizendo: *Oh! bemdita seja a Madre de Deus!* Os de casa como me

VIDA DE NOBREGA

ouvem, acodem logo. Oh! senhores, digo, quão grandes mercês me tem feito Deus! Eu estava em tal parte da Turquia captivo e o Perro do Turco meu amo dava-me muito má vida e muitos açoutes, porque eu não queria arrenegar da Fé, dizendo-me que a suas mãos havia de morrer de má morte. Oh! perro, dizia eu, não hei de arrenegar de meu Senhor Jesu Christo, e a Virgém Nossa Senhora me ha de livrar de tuas mãos (e si vou a Monserrate, digo, que ella me livrou; si a Santiago, que Santiago). Sinão quando uma noite, estando eu em grande attribuição, carregado de ferros, em uma masmorra escura encommendando-me á Madre de Deus (oh! bemdita seja ella!), achei-me no outro dia pela manhã em tal parte, em terra de Christãos, e por lhe dar graças por tão grande mercê, vou agora em romaria á sua casa.”

Concluiu a pratica dizendo: *Com isto todos me dão grossas esmolas: que vos parece, Irmão*, disse para o padre Nobrega, *não tenho ganhado a aposta?* O padre Nobrega que, emquanto elle dizia a sua lenda, calára e comera com o companheiro, tendo acudido á sua necessidade, deu a sentença com grande zelo e gravidade dizendo: *Oh d'uns ladrões, inimigos de Deus, que andais roubando as esmolas dos pobres; todos vós mereceis ser enforcados.* A este tom lhes descantou em fórmula, que um após outro se foram sahindo todos, cuidando vinha já sobre elles, quanto o Padre dizia. Depois si algum d'estes se encontrava na rua com o Padre, se desviava a modo de quem fingia, temendo não os denunciasse á Justiça.

Fez o padre Nobrega uma missão discorrendo a pé pela provincia da Beira, na qual fructificou muito e lhe aconteceram cousas mui notaveis. Na cidade da Guarda achou uma mulher, na qual um demonio incubo tinha grande senhorio e por meio do Padre foi livre. Esta triste era mulher simples; veiu-lhe um dia ao pensamento buscar algum escholar, que a gente ignorante d'aquella terra cuidava, andava pelas nuvens nas trovoadas, pés de vento e chuviros. O intento era haver d'elle boa ventura. Com este pensamento tomou sua roca na cinta e sahiu fóra do lugar por entre uns pães. Nesta paragem se lhe fez encontradiço um demonio em habitos longos, como escholar estudante. Perguntou-lhe onde ia? Não quiz ella descobrir seus intentos. Aqui o estudante lh'os declarou, dizendo: *Tu vás com tal pensamento. Eu sou o escholar que buscas: que queres que te faça?* Confessou ella a verdade; e o demonio lhe disse que para fazer o que ella queria, havia de consentir com elle em cousas torpes. Ao principio lhe pareceu isto difficiloso. Por fim veiu a fazer o que o demonio queria. E logo de improviso desapareceu.

ANTONIO FRANCO

Vendo-se enganada, espantou-se muito e nada se arrependeu; chegando a sua casa, o demonio lhe tornou a apparecer. D'ahi por diante não sómente continuou em suas ruindades, mas teve nella tanto dominio que com pancadas a obrigava a commetter muitos e enormes peccados. Assim a trouxe por diversas partes de Portugal, por mar e por terra, fazendo-a cahir em grandes maldades, e tendo nella um precipicio com que arruinou a muitos. Depois de alguns annos tornou para sua terra, onde a obrigava não só a ser laço infernal aos deshonestos, mas incitar aos virtuosos que no logar havia, e, si ella não queria, a obrigava com pancadas.

Prégando, pois, alli o padre Nobrega da penitencia, tocou Deus a esta peccadora. Chegou-se ao Padre, contou-lhe a novella da sua vida, pedindo-lhe remedio para sua salvação. Animou-a e a ensinou a se confessar. Tratando ella em sua casa de se apparellhar, lhe appareceu o demonio, sem ousar chegar-se a ella, de longe a ameaçava si acaso se fosse confessar com o Padre. Cortando por todos estes temores, se chegou á confissão. Posta aos pés do Padre, se começou a affligir, dizendo: *Padre, eil-o aqui está juncto de mim ameaçando-me que me não confesse*. Animou-a o Padre, confessou-a e deu-lhe a communhão.

Contando o padre Nobrega em uma carta sua este caso, tem estas palavras: "Depois que confessou o que lhe lembrou, dilatei-lhe a absolvição para mais examinar a sua consciencia e rezando-lhe o Evangelho de S. Marcos, lhe disse o demonio que eu era a causa de elle se ir d'ella; porém como deixaria pousada tão antiga? Mandeilhe que o vituperasse e não o ouvisse mais e que-me fallasse a mim si alguma cousa pretendia. Foi de maneira que estando eu de noite só na casa da Misericordia que é hospital tudo juncto, onde havia muitas tunicas e tumbas, imaginava-se-me que o via e quiz Nosso Senhor mais prover a minha pouquidade, que olhar a minha temeridade, com que o eu pedi. De maneira que tornando-se a confessar a mim, a absolvi e com muitas lagrimas tomou o Senhor das minhas mãos. Disse-me que ainda lhe fallára com muitas saudades que tinha, porém que até a morte ou de uma maneira ou de outra a havia de perseguir." Até aqui as palavras da carta do padre Nobrega.

Outra vivia por aquelles logares na qual o demonio entrava cada vez e quando. Fallava-lhe á orelha, dizendo-lhe cousas admiraveis de que todos pasmavam. Buscou esta triste ao padre Nobrega, pediu remedio para afugentar de si tão importuno hospede. Entretanto elle em santo zelo, lhe disse: *Irmã, dizei a esse maldicto quando se vier a vós, que si tem alguma cousa venha ter commigo: eu cá me haverei com elle*. Foram estas palavras de tan-

VIDA DE NOBREGA

to effeito, que nunca mais o demonio a tornou a molestar nem lhe appareceu.

Outra victoria alcançou tambem muito assignalada do inimigo commum acastellado em um ecclesiastico nobre, que havia muitos annos vivia com uma occasião de portas a dentro. Tinham-lhe tentado sem effeito todos os remedios e até o das censuras por ser o escandalo notorio. Sabendo de tudo o padre Nobrega se fez muito seu amigo. Depois de o grangear, procurou desvial-o do peccado, propondo-lhe uma vez seu perigo. Ao principio levado do respeito, o ouviu sem dar por seus avisos: como o Padre instasse, lhe disse com resolução que si em tal cousa lhe tornava a fallar, lhe havia de tirar a vida.

Não desistiu o Padre da empreza e nella desejava dar a vida. Posto o homem nestes apertos, fez comsigo este discurso: "Terivel cousa que, ou hei de matar a este homem porque me deixe, ou hei de cortar pelo gosto e appetite. Si o não mato, não me ha de deixar viver como quero; e si o mato fico perdido; hei de largar casa, fazenda e até a mesma occasião porque o mato. Pois ha ha de ser, morra antes o meu appetite com vida de minha alma." Penetrado deste discurso e da divina inspiração, poz fóra de casa o seu precipicio, chorou seu peccado e d'alli por deante fez vida mui honesta e virtuosa, ficando sempre agradecido ao padre Nobrega, como seu libertador.

Indo nesta sua missão chegou ao Sabugal, onde então estava D. Duarte de Castello Branco, meirinho-mór e alcaide-mór daquella villa que sabia muito bem que homem fosse o padre Nobrega e tinha noticia do seu modo de viver e de se hospedar nos hospitaes: procurou que se agasalhasse em sua casa e comesse á sua mesa. Resistiu o Padre a esta benevolencia, porém elle mandou por seus criados á porta da Igreja para que, em prégando, o levassem a jantar com elle. Presentindo isto o Padre, lá teve modo com que se escoar e se foi metter em um matto, porém, fazendo-se toda a boa diligencia, o acharam entre umas silvas. Querendo então satisfazer á cortezia de senhor tão illustre, foi até sua casa e com muita instancia lhe rogou não continuasse naquella sua benevolencia, pois em ordem á sua missão lhe servia muito fazer vida pobre. Por fim vieram a concerto, que o Padre ficasse embora no hospital, mas que de sua casa lhe iria por esmola o sustento. Nesta fórma se compoz a contenda, no que o Padre houve de consentir: ainda que desejava mais pedir o sustento pelas portas, como mendigo, o que até alli fizera.

Em um d'estes logares lhe aconteceu entrando em uma igreja ver alli uma folia com bailes e musicas malsoantes com que o

sagrado se profanava. Cheio de zelo reprehendeu tamanho desacato. Sentiram-se de lhe interromper o festejo, perderam o respeito ao Padre e um delles foi tão atrevido que até contra Deus soltou palavras blasphemias. Pasmando o Padre de tal desaforo, se poz de joelhos pedindo a Deus não ouvisse taes desatinos. Acabada a folia, pondo-se a cavallo o blasphemo para ir jantar, todo o ar se cobriu de nuvens, desfez-se em trovões, despediu um raio, o qual reduziu em cinza ao blasphemo e todos conheceram ser evidente o castigo de Deus. Este castigo fez ao Padre mui celebre naquellas terras e o respeitavam como a homem do céu, donde se seguiu abraçarem seus avisos e doutrina, como a de um anjo.

Por todos os modos que podia, trabalhava por tirar as almas dos peccados. Em uma carta em que falla desta missão diz o seguinte: "Visitei alguns logares, onde se fez algum fructo, admoestando os peccadores publicos e pondo-os a rol para os fazer por justiça apartar, porque, segundo os peccados são velhos, ha muito trabalho em apartal-os por amor e mais quem tem tão pouca caridade como eu. Alguns o fazem e isto pela bondade do Senhor, promettendo-me de se emendarem. Fazem-se muitas amizades. Aconteceu vir prégar a uma aldeia grande um domingo á tarde, a qual toda estava revolta com bandos e odios; acabado o sermão, onde me Nosso Senhor ajudou, estando todos na igreja junctos, me assentei em joelhos e pedi perdão para todos: perdoaram-se e pediram-se perdão com muitas lagrimas de todas as partes.

"Vespera de S. João parti para Covilhã, villa de muita gente, e porque me furtaram ou eu perdi o sombreiro no caminho, fui ao sol tres leguas; achei-me lá meio doente, preguei ao dia a muito descontentamento meu e do povo, porque eu sou quem sou: foi de maneira que quando veiu ao domingo seguinte que eu havia de pregar outra vez, disse um Cura que havia pregação em tal igreja, porém para que era ouvir-me que eu não dizia nada e outras palavras semelhantes. Aquelle domingo preguei melhor e publiquei que á tarde em todos os domingos e dias santos ensinaria os Mandamentos a toda a gente e pela semana todos os dias aos meninos. Dia de Nossa Senhora da Visitação preguei a muito concurso de gente e a contentamento meu e do povo; ao domingo tambem e melhor que nunca; foi de maneira que era honrado já e me lançavam bençãos por onde ia." Até aqui suas palavras em uma carta para os Irmãos do Collegio de Coimbra; de muitas clausulas della se vê bem a grande bondade e singeleza santa do padre Nobrega, porque nelle foi columbina e a prudencia de serpente, qual o Senhor a quer em seus discipulos.

Neste lugar metterei um grande exemplo de caridade, antes

VIDA DE NOBREGA

que com elle saíamos de Portugal. Indo de Coimbra para o Porto, por ir mal disposto lhe deram uma cavalgadura. Em uma villa, 12 leguas do Porto, encontrou em um hospital uma negra enferma que alli padecia muito por não ter quem a levasse até o Porto. O Padre a fez subir na cavalgadura em que ia, e elle assim indisposto andou a pé aquellas 12 leguas.

CAPITULO III

E' o padre Nobrega mandado ao Brasil: do que alli obrou este primeiro anno de sua chegada.

NESTE tempo que o padre Nobrega discorria em missão na provincia da Beira, determinou El-rei D. João o Terceiro com os Superiores da Companhia mandar Padres ao Brasil, assim para ajudarem aos Portuguezes como para converter á nossa Fé os Brasis.

No anno de 1549, havendo de ir por primeiro Governador daquelle novo Estado Thomé de Sousa, pediu El-rei lhe déssem para ir com elle ao padre Manuel da Nobrega, por haver de sua virtude e lettras cabal satisfação para tudo o que era do serviço de Deus e do d'El-rei. Foi isto a tempo que a frota estava a ponto de partir, e não era possivel estar o padre em Lisboa para nella se metter. Sendo tanto o aperto, nunca El-rei quiz acceitar outro em logar do padre Nobrega.

Portanto, se lhe fez aviso da vontade d'El-rei e foi mandado vir á Lisboa.

Partiu o Governador de Lisboa ao 1º de Fevereiro de 1549, levando consigo alguns Padres e Irmãos que iam á obediencia do padre Nobrega, pelo qual ficara esperando a nau do provedor-mór Antonio Cardoso de Barros: nesta se embarcou o Padre e foi alcançar a frota do Governador, do qual foi bem recebido.

No tempo que durou a navegação, fez grande fructo em toda a nau capitanea, á qual se passou, desterrando jogos e juramentos e fazendo muitos exercicios de devoção, com os quaes foi de muito proveito a todos os da nau. Nesta jornada traz a historia da nossa provincia e della a do Brasil, o caso da cabeça de um peixe, que dizia succedera com o governador Thomé de Sousa, porém aconteceu noutra occasião e com outro. Fundou-se o padre Alvaro Lobo, no que lhe disseram, contára o nosso padre Francisco de Araujo, o qual consultado lhe respondeu em carta, que tenho na minha mão, feita em Fevereiro de 1606, que, como havia

trinta annos, tinha fallado com Thomé de Sousa em Alenquer, não estava tão firme no particular da cabeça do peixe, mas que, si elle o contára ou fôra por elle lh'o contar ou algum padre do Brasil.

No cartorio de Coimbra o achei escripto em um papel que denota boa antiguidade, pelas palavras seguintes: "O Padre Manuel da Nobrega, que morreu sendo Provincial no Brasil, foi homem de mui rara virtude e santidade: contou d'elle um cavalleiro chamado Pero de Góes, o qual sendo capitão ou governador em aquellas partes se confessava com o mesmo Padre e era mui devoto seu. Tinha este senhor superstição de não comer cabeça de cousa viva, á honra de S. João Baptista, porque neste dia lhe tinham acontecido alguns desastres. Andando elle de armada e indo o Padre a o visitar no mar, sendo horas de jantar, lhe fez o Capitão força que comesse com elle, como fez; e trazendo-lhe uma cabeça de um peixe estimado do Capitão, a poz elle e deu ao mesmo Padre, não a querendo comer; e fazendo o Padre força que a comesse elle, lhe fez saber o voto que tinha feito; e logo porfiou que a comesse e não curasse disso; o que não querendo fazer, lhe prometeu que dalli por deante o faria. Chegando-se o dia de S. João Baptista, que parece estava perto ou era isto em sua vespera, lançou o Governador um anzol ao mar, atando a linha no braço; e ferrando logo um peixe do anzol, o levava com grande furia ao mar; tanto que acudindo-lhe outra gente se embrulhou o cordél no pescoço de um marinheiro e o apertou de tal maneira que o houvera de affogar, mettendo-se-lhe pela carne dentro. Emfim que tirando suavemente o cordél, veiu no anzol a cabeça de um peixe, cortada como uma faca. E daqui entendeu ser vontade de Deus o que o Padre lhe tinha mandado, e ser superstição, o que fazia: e me contou isto por cousa milagrosa e que não podia acontecer acaso: e porque me contou isto e outras muitas cousas de virtude do mesmo Padre e eu assim lh'o ouvi, ponho aqui meu signal. *Diogo Guerreiro.*"

Estas as formaes palavras do papel. Bem sei que para a substancia do caso vai pouco, ser nesta ou naquella occasião, com este ou com aquelle homem; mas quando se encontram as cousas com a certeza individual, que em si tem, não ha porque a deixar. Este papel não veiu a mão dos ditos escriptores; e fique logo aqui este caso, posto que não seja deste logar, mas porque nelle o trazem succedido com Thomé de Sousa nesta viagem do Reino para o Brasil.

De sua chegada ao Brasil, diz assim em uma sua carta para o Padre Mestre Simão o padre Nobrega: "Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mez de Março de 1549. Andamos na viagem oito se-

VIDA DE NOBREGA

manas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cinquenta moradores na povoação que antes era. Receberam-n'os com alegria. Achamos uma maneira de igreja, juncto da qual logo nos aposentamos os Padres e Irmãos em umas casas a par della, que não foi pouca consolação para nós, para dizermos missas e confessarmos. E nisto nos occupamos agora. Confessa-se toda a gente da armada, digo, a que vinha nos outros navios; porque os nossos determinamos de os confessar na nau. O primeiro domingo que dissemos missa, foi a quarta dominga da Quadragesima. Disse eu missa cedo e todos os Padres e Irmãos confirmaram os votos que tinhamos feitos e outros de novo com muita devoção e conhecimento de Nosso Senhor, segundo pelo exterior é licito conhecer. Eu pereço ao Governador e a sua gente na nova cidade que se começa, e o padre Navarro á gente da terra. Espero em Nosso Senhor fazer-se fructo, posto que a gente da terra vive toda em peccado mortal. E não ha nenhum que deixe de ter muitas negras, das quaes estão cheios de filhos e é grande mal: nenhum delles se vem confessar ainda; queira Nosso Senhor que o façam depois." (1) Estas suas palavras, e vai dando conta dos Indios e do que em seu bem podia obrar.

Entrou o Padre Nobrega neste novo mundo com os padres Leonardo Nunes, João de Aspicuelta Navarro, Antonio Pires e com os Irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome, todos elles homens de singular virtude e dignos fundadores de uma tão santa e dilatada provincia. No que toca ao sitio da terra do Brasil, costumes dos naturaes, ainda que aqui pareciam pedir alguma noticia, por serem cousas, que andam escriptas de muitos, não ha, porque deter nisto. Só quero dizer de Santo Thomé a noticia que tem o Padre Nobrega; são suas palavras: "Dizem elles que Santo Thomé, a quem elles chamam Zome, passou por aqui. E isto lhes ficou por dito de seus passados e que suas pisadas estão signaladas junto de um rio, as quaes eu fui ver por ter mais certeza da verdade e vi com os proprios olhos quatro pisadas mui signaladas com seus dedos, as quaes algumas vezes cobre o rio quando enche. Dizem tambem que quando deixou estas pisadas, ia fugindo dos Indios, que o queriam frechar, e chegando alli se abrija o rio e passára pelo meio á outra parte sem se molhar e dalli foi para a India. Assim mesmo contam que quando o queriam frechar os Indios, as frechas se tornavam para elles e os matos lhe faziam caminho por onde passasse. Dizia tambem que lhes prometteu que havia de

(1) Este trecho e todos os mais reproduzidos adeante por Franco, acham-se nas cartas da presente collecção.

tornar outra vez a vel-os." Noutra carta diz: "Tambem me contou pessoa fidedigna que as raizes de que cá se faz pão, que Santo Thomé as deu, porque cá não tinham pão nenhum e isto se sabe da fama que anda entre elles." Até aqui o padre Nobrega.

Desta materia traz cousas mui curiosas o padre Vasconcellos na Historia do Brasil (2).

Houve nestes principios grande trabalho. Mudando-se a outro lugar fizeram os Padres com suas proprias mãos umas pobres casas de barro. Passaram muitas necessidades do temporal. Acudiam ao bem espiritual dos Portuguezes, em especial o padre Nobrega os começou a ajudar com suas pregações e conselhos. Tratava mui familiarmente ao Governador e a outros capitães e pessoas principaes: todos pelo muito respeito que lhe tinham, se aproveitavam de sua conversação, tendo alguma maneira de oração mental, fazendo exame de consciencia pela ordem que lhes dava. Todas as cousas de importancia tratavam com elle.

Tomou logo particular assumpto dos escravos naturaes, que tinham os Portuguezes moradores antigos da Bahia, fazendo-lhes ensinar a doutrina christã e dizer uma missa particular para elles todos os domingos e dias santos, o qual se introduziu por toda a costa, por quanto nem antes nem depois os Curas tratavam delles. Com isto se fez muito fructo em todo o Brasil. Por estes se começou a promulgação do Evangelho, porque em tanta cegueira estavam estes como os Indios que não eram captivos. A servidão os fazia estar mais á mão aos Padres, seus senhores se edificavam muito e ajudavam obra tão santa.

Porém, como o seu principal intento era a conversão dos Indios, de que havia infinitos no contorno da Bahia e tinham pazes com os Portuguezes, começou a tratá-los e denunciá-los a Fé. Vendo que os paes como troncos velhos estavam mui indomitos em suas barbarias, lançou mão dos filhos; foi ensinando-lhes a doutrina: pouco a pouco se affeçoaram e baptisaram alguns e depois delles tambem naquelle principio se baptisaram alguns dos paes, principalmente dos que moravam junto da cidade, onde chamam Monte Calvario (3), que foi nome posto pelos nossos, onde fizeram uma casa e igreja pequena, para os tratar mais familiarmente e lhes ganhar as vontades. Aqui se baptisaram muitos innocentes, que logo depois do baptismo morreram.

Era mui introduzido naquelles barbaros comer carne humana, e assim aos inimigos tomados na guerra cevavam e engordavam, e

(2) Refere-se a *Chronica da Comp. de Jesu no Estado do Brasil*.

(3) E' o lugar onde está assentado o Convento do Carmo.

depois, com grandes algazarras e festas a seu modo, os matavam e comiam. Houveram delles licença os Padres para instruirem na Fé a estas victimas da sua gula, e assim antes de os matarem, baptisaram a muitos. Não se podia por então evitar esta carniçaria, por isso se contentavam com lhes acudir ás almas. Não tardou muito o demonio em impedir este bem. Metteu na cabeça aos Indios que o baptismo tirava o gosto ás carnes. Levados desta imaginação, revogaram a sua licença, impedindo baptisar os seus presos. Então os padres buscaram outra traça. Tinham vigias de quando se haviam de celebrar as suas solemnidades; e como acaso procuravam achar-se no tal lugar, convidavam-se para assistir a estas suas festas, cousa de que os Indios tinham grande vaidade. Com este pretexto, quando elles andavam embebedos nos seus festejos e como descuidados de attentar ao preso, se chegava algum Padre, dava-lhe uma noticia da Fé, o que soffria o aperto, e era o preciso, e fazendo com que pedisse o baptismo, levando preparado o lenço, lh'o esprimia na cabeça e baptisava.

Um grande impedimento para a conversão dos Indios era certo feiticeiro, porque desta casta de homens vive aquella triste gente mui dependente. Fazia-se o feiticeiro filho de Deus, senhor das tempestades e trovões, das doenças e saude. Davam-lhe grandissimo credito e nenhum caso faziam do que era contra o seu dito: o medo que lhe tinha era extranho. Desafiou-o o padre Nobrega para o convencer em publico terreiro, onde se ajunctaram infinitos barbaros a ver o spectaculo. Sahiu elle mui arrogante, em companhia de muitos, batendo o pé, e fazendo outros meneios a seu modo. Sahiu pelo contrario o padre Nobrega e perguntou-lhe com imperio: quem lhe dera o poder que fingia, sendo elle um homem como os mais? Respondeu com soberba que elle tinha o poder de si mesmo, por ser filho de Deus, que morava lá sobre os ares, entre os trovões, onde seu pae lhe dizia o que havia de fazer. Entrou em fervor o padre Nobrega, deu-lhe um brado grande e lhe estranhou a blasphemia com tanta auctoridade, que o Indio lhe cahiu aos pés, confessando ser tudo mentira e rogando-lhe o fizesse seu discipulo.

Abraçou-o o padre Nobrega, fez uma pratica aos circumstantes do seu erro, do que resultou converterem-se 800 dos que o seguiam; depois de instruidos se baptisaram com grande solemnidade 100 d'elles. Invejoso o demonio, metteu em os baptisados taes enfermidades que pareciam peste. Logo os outros começaram a dizer que aquillo lhes viera de se deixarem molhar do Padre e que havia de durar muitos annos e que todos haviam de morrer; que o remedio estava em fugirem dos Padres. Acudiu a isto o padre Nobrega, empenhando sua palavra de que a doença em breve passaria:

ANTONIO FRANCO

e assim foi, porque, acudindo-se com o remedio da sangria, cousa nova entre os barbaros, cessou a doença e ficou mui acreditado o Padre.

Trabalhando o padre Nobrega com seus companheiros no districto da Bahia, teve novas de que na capitania de S. Vicente, distante 240 leguas, havia muita falta de doutrina, porque os Portuguezes viviam quasi como Gentios, captivavam por escravos os Indios, fazendo nesta materia grandes insolencia e infidelidades, pois, indo muitas vezes contratar com os Indios, vindo elles ás suas embarcações como amigos, tanto que os tinham dentro, davam á véla e nesta fórma os tomavam por escravos e disto havia muito.

Não obstante serem os nossos tão poucos, como era mui grande o coração do padre Nobrega, mandou áquella missão dois de seus companheiros, a saber: o padre Leonardo Nunes, natural da villa de S. Vicente, no bispado da Guarda, e ao irmão Diogo Jacome. Partiram da Bahia no dia de Todos os Santos de 1549. Alli foram recebidos e obrou o padre Leonardo cousas mui gloriosas, como se dirá em sua vida.

CAPITULO IV

De muitas obras do padre Manuel da Nobrega e como foi a diversas regiões do Brasil e do que nellas effectuou.

No seguinte anno de 1550 lhe chegou do Reino novo soccorro de operarios mandados por ordem do nosso santo Patriarcha, que fazia ao padre Nobrega Vice-Provincial do Brasil. Nesta occasião fez o Padre Nobrega algumas experiencias mui notaveis dos seus subditos: a mais admiravel foi no padre Manuel de Paiva, a quem mandou vender em publico, sendo pregoeiro o padre Vicente Rodrigues, tomando por pretexto da venda a pobreza, em que se achavam os nossos. Chegou isto a tal extremo, que o povo se persuadiu era deveras e houve lançadores; até que no dia, em que se havia de arrematar, o padre Nobrega o deixou ficar em casa e declarou aos amigos o espirito daquella fingida venda. Foi este padre Paiva homem de rara virtude, como em sua vida se dirá.

Uma das obras que o padre Nobrega fez neste tempo foi um Seminario, em que se criassem meninos filhos dos Indios. Os Padres com suas mãos fizeram de barro as casas em que os agasalhar. Alli eram ensinados a ler, escrever e contar, ajudar á missa e a doutrina christã.

Neste tempo, sendo muito a seara e os obreiros tão poucos, en-

VIDA DE NOBREGA

tre elles o padre Vicente Rodrigues ia continuando com doença de um anno. Vendo isto o padre Nobrega lhe disse um dia com grande espirito: "Padre Vicente, o bem das almas tem necessidade de vós; portanto vos ordeno em virtude de santa obediencia, lanceis fóra essa doença e vades acudir a nossos ministerios." Foi cousa estupenda que no mesmo ponto ficou o Padre são e com suas forças, e começou a trabalhar como si por elle não tivesse passado tão prolongada enfermidade.

No anno de 1551, tendo mandado dous obreiros á capitania do Espirito Santo, se determinou elle em pessoa a ir a Pernambuco, que é uma das principaes regiões do Brasil; levou por companheiro ao padre Antonio Pires. A terra estava mui estragada de vicios: para isto se entender melhor, bastam as palavras seguintes de uma carta do padre Nobrega: "Os clerigos d'esta terra têm mais officio de demonios que de clerigos; porque além de seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado com suas negras, pois que são suas escravas, e que podem ter os salteados, pois que são cães, e outras cousas semelhantes, por escusar seus peccados e abominações, de maneira que nenhum demonio temo agora que nos persiga, sinão estes. Querem-nos mal, porque lhes somos contrarios a seus maus costumes e não podem soffrer que digamos as missas de graça em detrimento de seus interesses. Cuido que, si não fóra pelo favor que temos do Governador e principaes da terra, e porque Deus não o quer permittir, que nos tiveram já tiradas as vidas."

Bem se vê destas palavras quaes eram os curas das almas e quaes seriam as almas curadas; pois a todos, segundo a opinião dos seus Curas, era licito usar mal de suas escravas e captivar os Indios. Estes dous pontos deram muito que fazer ao santo varão. Os que estavam enredados com peccados tão horrendos se defendiam com a doutrina dos seus clerigos, a qual julgavam elles lhes estava mais a conto, dizendo, que sem Indios e Indias ficavam perdidos e sem remedio.

Começou logo o Padre a batalhar contra estas enormidades, em que houve muita emenda. Dos clerigos teve o Padre tamanha perseguição e dos que se acostavam a elles, que, si não foram reprimidos dos homens principaes que o abrigavam, ou seria morto ou lançado fóra da terra. Os Indios das aldeias o convidaram para que os fosse fazer christãos. Instruiu bem e baptizou a cem delles que pudessem ser como mestres dos mais, por assim poder com melhor commodo acudir aos muitos que se queriam converter. Depois de assentar o melhor que pôde as cousas em Pernambuco,

ANTONIO FRANCO

deixando alli o Padre seu companheiro para conservar e levar adeante o que estava feito, se voltou á Bahia aonde chegou em Março de 1552.

Vendo elle que os Brasis se levavam muito do canto, fez ordenar em solfa as orações e mysterios da Fé, cousa de que os Indios muito gostavam e teve este santo artificio effeitos mui notaveis; e aos meninos do Seminario que as cantavam tinham os Indios tanto respeito que punham nelles os olhos como em cousa sagrada.

No anno de 1553, indo o governador Thomé de Sousa visitar a costa do Sul, foi com elle o padre Nobrega, assim para ajudar aos das naus, como para visitar os nossos Religiosos, que alli estavam em diversas partes. Indo para S. Vicente, não longe do porto, houve uma cruel tempestade, na qual se foi ao fundo o navio em que ia o padre Nobrega. Bem se vê o sentimento que haveria em todos, sendo tão amado e venerado por suas excellentes virtudes. Porém não quiz o Senhor que o tinha para cousas grandes que alli acabasse; com espanto de todos e do mesmo Padre, por andar elle mui fraco e não saber nadar, foi visto sobre as ondas, com grande socego, até que uns Indios nadadores cortando as ondas o tomaram em braços e puzeram em salvo em uma ilhota; onde o vieram buscar e foi levado a S. Vicente com alegria tão geral em todos, como si a cada um lhe resustára seu pae.

Sahindo o padre Nobrega desta tormenta no mar, teve outra na terra para elle muito mais brava e cruel.

Foi o caso que os Padres que alli assistiam, tinham recolhido em casa alguns mestiços para os ir provando e, si fossem capazes, mettel-os na Companhia; ou quando não, servir-se delles para interpretes. Estes, como não eram da Companhia, sahiam ás vezes fóra de casa e a partes de ruim suspeita. Certo João Ramalho, homem rico e perdido, grande inimigo dos Padres, e seus filhos taes como o pae, impuzeram, sem alma nem consciencia, aos nossos o crime dos mestiços. Divulgaram no povo grandes ruindades dos nossos. Foram accusal-os ao padre Nobrega. Ouviu o Padre coberto de pejo cousas tão fóra de caminho; e respondeu aos accusadores que faria justiça.

Não cria elle taes cousas de homens tão santos e sabia mui bem quão malvados eram os accusadores.

Querendo pois que o mundo visse a innocencia de uns e a malicia dos outros, mandou em primeiro logar sahir de casa os Religiosos. Eram estes os padres Manuel de Paiva, Francisco Pires, Manuel de Chaves e alguns Irmãos. Poz o caso deante do Vigarario Geral, que em todo o rigor tirasse devassa e sentenciasse; que si os da Companhia eram, quaes os accusadores diziam, nada

VIDA DE NOBREGA

era de lucro á Companhia e portanto se desfaria logo delles; e, si estavam innocentes, visse o mundo a maldade dos accusadores e não tivessem outros affoutesa para infamar os servos de Deus e impedir o fructo dos seus trabalhos. Feita exacta e juridica inquirição, se achou estarem os nossos innocentes e se publicou a malicia daquelles homens.

Fez tambem o padre Nobrega sua inquirição e achou que em verdade houvera culpa em um mestiço, ao qual deu um notavel castigo. Convencido elle, lhe encareceu o seu crime e aggravou, que fizera á pureza da Companhia, em cuja casa estava, e lhe disse: *Irmão, um tal peccado só se pôde satisfazer sendo enterrado vivo: confessai-vos, commungai e tende santa paciencia, que amanhã a taes horas vos hei de mandar abrir a sepultura; ha-se-vos de cantar o officio de finados, dizer missa dos defunctos e heis de ser enterrado vivo.* Como o Padre era tão efficaz e inteiro no que dizia, o moço se deu por concluido. Confessou-se e commungou para morrer. Fez-se signal com os sinos, celebrou-se o officio e a missa dos defunctos, estando amortalhado e presente o mestiço. Pasmavam os Portuguezes e Indios, de cousa tão nova.

Acabado o officio e dito o ultimo responsorio foi o triste estendido na cova e si lhe foi lançando alguma terra. Neste passo o Irmão Pedro Corrêa, que só em segredo sabia a intenção do padre Nobrega, pediu com muitas lagrimas ao Padre tivesse compaixão daquelle miseravel: ao Irmão seguiram todos os presentes, a cujos rogos o Padre, que só queria metter horror no culpado e aviso aos mais, se dobrou mostrando nisso grandes difficuldades. E logo dalli o deu por despedido de casa, ordenando que tal casta de gente nem para o serviço domestico se admitisse algum em nossas casas.

Compostas assim as cousas nesta capitania, determinou fazer uma entrada ao interior do sertão, para fundar alli christandade, que se criasse sem ter deante dos olhos os maus exemplos dos Portuguezes. Soube destes intentos o Governador e lh'os impediu com boas razões. Comtudo havendo uma boa lingua no irmão Antonio Rodrigues, que entrára na Companhia, e antes estivera entre os Carijós, entrou pela terra dentro cousa de 40 leguas até uma aldeia por nome Maniçoba; onde fez igreja e residencia, que continuou alguns annos e nella houve grande serviço de Deus, concorrendo alli os Indios ao bom nome do Padre, que se divulgou pelas nações do sertão, sendo chamado entre os barbaros com o nome de *Homem Santo* (4).

(4) V. *Esclarecimentos* no fim d'este volume.

ANTONIO FRANCO

Vendo o Padre quão grande porta se lhe abria nesta terra de S. Vicente, determinou deter-se nella mais tempo e fazer vir mais obreiros da Bahia. Acudiu o Senhor a estes seus designios, porque em Julho de 1553 com a frota e novo Governador D. Duarte da Costa, lhe vieram de Portugal sete sujeitos, dos quaes era Superior o padre Luiz da Grã, Reitor que fôra do Collegio de Coimbra, homem em tudo cabal. Nelles chegou o incomparavel varão e thaumaturgo do Novo Mundo Joseph de Anchieta, que ainda não era sacerdote.

Mandára o padre Nobrega á Bahia, para conduzir os novos obreiros ao padre Leonardo Nunes. Este trouxe consigo alguns dos quaes era um o Irmão Joseph de Anchieta. Nesta occasião veio ao Padre Nobrega patente de Santo Ignacio, em que o fazia Provincial do Brasil, porque até então só governára com titulo de Vice-Provincial, dependente do de Portugal. Tambem lhe chegou licença para que elle e o padre Luiz da Grã fizessem a profissão de quatro votos.

Achando-se o Padre com este novo soccorro, por boas razões e muitas conveniencias do bem das almas, que nisso havia, em Janeiro de 1554 mandou Padres e Irmãos, que déssem principio a um collegio nos campos de Piratininga, distante de S. Vicente 12 ou 13 leguas, mui abastados de viveres para o sustento humano, ainda que o caminho, por onde a elles se vai, é fragosissimo. Paderam alli muito os nossos Religiosos em fundar esta nova colonia, d'onde ao depois se recolheram fructos copiosos. Correu o padre Nobrega grandes perigos em querer tirar daquelles barbaros o insaciavel appetite de comer carne humana; no que teve mui gloriosas victorias. Nas partes de S. Vicente se deteve o padre Nobrega até os principios do anno de 1556, e deixando alli em seu logar ao padre Luiz da Grã, que lhe era collateral no governo com iguaes poderes, elle se voltou a ter cuidado com as cousas na Bahia.

CAPITULO V

De como foi causa de grandes augmentos da christandade: como por suas orações houve o Governador grandes victorias. Casa de uma fonte milagrosa. E outras cousas de grande serviço de Deus por meio deste seu servo.

CHEGOU o padre Manuel da Nobrega a tempo que o governador D. Duarte tinha aquietado uma grande guerra, que os Indios lhe tinham feito. Pediu-lhe que reduzisse a aldeias os Indios novamente sujeitos e aos que já eram christãos em logares accom-

VIDA DE NOBREGA

modados, onde os Padres pudessem levantar igrejas e assistir com elles, para nesta fórma ir adeante a christandade, sendo melhor e mais á mão o commodo de a cultivar. Fez o Governador quanto se lhe pediu. Formaram-se diversas aldeias. Poz nellas Padres e Irmãos e metteu escholâs em que se ensinasse os meninos. Cresceu com isto notavelmente o ensino, porque os filhos bem industriados ensinavam a seus paes.

O culto divino se adeantou muito, porque aprendiam solfa e todos os instrumentos, com que se formavam côros de musica mui suaves e concertados, com os quaes os officios divinos se faziam com devoção e acceio. Extinguiu-se o uso de comerem carne humana.

No anno de 1558, indo por Governador do Estado Men de Sá, teve com elle o padre Nobrega estreita amisade. Fez leis mui proveitosas ao bem dos Indios, como foram prohibir-lhe aos confederados comnosco comerem carne humana; que não fizessem guerra, sem que elle e seu conselho a approvasse; que vissem em aldeias grandes, fizessem igrejas e casas aos Padres, que os cultivassem. Estas leis attribuiram todos a influxo do padre Nobrega. Fizeram a ellas muita resistencia os Portuguezes, dando muitas razões em bem do Estado, chamando-as violentas e occasião de se pôem em guerra os Indios, pois lhe queriam tirar seus innatos appetites. Resistiu o padre Nobrega e despresadas todas as difficuldades, se viram os desejados effeitos. Formaram-se grandes aldeias, entrando os Padres a amansar estes tigres.

Tambem promulgou outra lei em favor dos Indios, que fossem postos em liberdade os que estavam em captivo injusto feitos escravos dos Portuguezes. Esta lei, executada muito á risca, causou nos Indios um retiro das cousas prohibidas nas outras leis, vendo como o Governador attentava por sua liberdade. Succedeu neste tempo que alguns Indios de outra nação mui poderosa mataram e comeram a tres dos nossos Indios das aldeias. Deram conta ao Governador que, ou os vingasse ou que os deixasse ir vingar tamanha affronta. Mandou logo Men de Sá pedir os criminosos; respondeu-se-lhe que os fosse elle buscar. Aqui cresceram as queixas do povo contra o padre Nobrega; porém elle animou ao Governador, com esperança certa da victoria. Foi em pessoa a esta guerra, em que ia tambem o nosso padre Antonio Rodrigues. Estavam innumeraveis inimigos entrincheirados em uma grande emi-nencia; alli os avançou Men de Sá e desapossou do sitio com morte de muitos.

No dia seguinte foram os nossos rompendo caminho em demanda do restante do inimigo, abrindo caminho por densissimos

arvoredos. Chegaram a certo posto em que o Principal de 200 aldeias se tinha guarnecido. Era o sitio formidavel, assim pelas aguas que o cingiam, como pela eminencia dos montes, quasi talhados a pique. Todas estas difficuldades se venceram. Foram entrados os inimigos, em que se fez brava matança. Estas victorias fizeram mui respeitado a Men de Sá de todo o sertão do Brasil e causaram veneração á pessoa do padre Nobrega; pois viam com seus olhos não ser vã a confiança, com que aos nossos promettêra sahiriam vencedores nesta guerra em que a honra e serviço de Deus eram tão interessados. Foi o gosto e a victoria completa; quando tres dias depois de recolhido Men de Sá, chegou á Bahia uma embarcação daquella gente, que vinha entregar os matadores que foram a causa da guerra, e a pedir pazes e que se reduziriam a aldeias, onde seriam ensinados dos Padres; cousa para o padre Nobrega de gosto inexplicavel.

Por este tempo padecia o santo varão muitos achaques, mas com nenhuns se rendia. Dava-lhe alento vêr que a gloria de Deus ia crescendo. Corria a pé com um bordão na mão estas aldeias de Indios. Em todos mettia fervor. Pelos fins do anno de 1559 chegou patente de nosso Padre Geral Diogo Laynes, em que fazia Provincial dos nossos ao padre Luiz da Grã. Achava-se mui enfermo o padre Nobrega e lançava sangue pela bocca. Ficou mui alegre por se vêr livre do governo, mas nem por isso se desobrigou de trabalhar, como si de todo estivera com suas forças.

Antes que passe adeante, quero dizer aqui uma grande mercê de Deus, que na residencia de Porto Seguro se alcançou do céu, em que teve boa parte a fé do padre Nobrega. Assistindo o nosso padre Francisco Pires com outros nossos em Porto Seguro, fabricavam em um monte uma capella de Nossa Senhora da Ajuda. Ficava-lhe mui longe a agua assim para obra como para beber. Era preciso irem por ella ao baixo do valle pelas terras de um morador, que nisso tinha paixão, dizendo que devastavam suas fazendas. Formava por esta causa queixas contra a obra e contra os nossos.

Affligiam-se os servos de Deus com o seu trabalho e com o desassocego do homem. Rogaram á Senhora lhes acudisse. Achava-se alli o Padre Nobrega. Animou-os, dizendo-lhe tivessem fé e se foi dizer missa na capella, que ainda estava por acabar. Cousa mui rara! no meio do sacrificio ouvem soar um borbohão d'agua debaixo do altar e d'alli por baixo da terra foi sahir juncto a uma arvore perto da ermida. Ficaram consolados e admirados com esta estranhesa. Esta fonte e ermida é no Brasil um perenne rio de fa-

VIDA DE NOBREGA

vores do ceu e o santuario de maior veneração naquellas terras até o tempo presente (*).

Corria o anno de 1560 e davam aos Portuguezes muito cuidado as cousas do Rio de Janeiro, porque tendo alli os annos antes entrado os Francezes, se iam fortificando e si não se acudisse a este mal, seguir-se-hia grande detrimento aos Portuguezes. Neste anno chegou ordem da Rainha D. Catharina que governava na menoridade de seu neto D. Sebastião, a Men de Sá, puzesse todo o esforço em lançar fóra do Brasil aos Francezes. Tinha a empresa muitas difficuldades, parecendo termos para ella pouco poder. Além de outras consultas, a de que Men de Sá fez mais caso, foi o conselho do padre Nobrega, que lhe persuadiu a empresa e quasi seguiu a victoria.

Aprestou logo Men de Sá uma armada de 11 vélas maiores, fóra muitos barcos, e se fez na volta do Rio de Janeiro, levando comsigo o padre Nobrega, cujo conselho era para elle como oraculo. Fôra tambem parecer dos medicos que o Padre mudasse de clima e entendiam lhe seria mais favoravel o da capitania de São Vicente. Chegou ao Rio a armada, e logo Men de Sá fez ir ao padre Nobrega para S. Vicente, por vir fraco e ter necessidade de remedios. O Padre alli fez artilhar um bergantim e preparou algumas canoas cheias de boa gente, que mandou ao Governador comboiadas por dous Irmãos da nossa Companhia.

Foi assaltada com muito valor uma fortaleza que tinham os Francezes chamada Villagailhon (5), obra por natureza e arte ao parecer inexpugnavel. Mas, o valor de Men de Sá foi tanto e tão poderosas as orações de seu amigo o padre Nobrega, que a entrou com morte de muitos inimigos e com a fugida de outros que nos bateis se passaram á terra firme. Arrasou-se o que era obra da arte. Por então com isto se contentaram, porque o presidiar tinha grandes inconvenientes.

Na volta decahiu o Governador com a armada em Santos, dis-

(*) Sobre a fonte milagrosa de Nossa Senhora da Ajuda, veja Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, 297 e 388, Rio, 1925. — Uma lista dos milagres encontra-se no escripto *De algumas cousas mais notaveis do Brasil*, in *Revista do Instituto*, XCIV, 372/373. — G.

(5) O Visconde de Porto Seguro escreve fortaleza *de Villegaignon*, acrescentando “o que, adulterado pela nossa gente, se ficou dizendo, mais aporтуguezadamente, *Villagalhão*”; e é de parecer que se deve conservar este antigo nome e orthographia. (*Hist. Ger do Bras.*, I, pg. 277).

Pedro Tacques diz: “Ilha que ficou tomando o nome de Villegaignon, que a pronunciação portugueza corrompeu pelo decurso do tempo em *Vergalhão*.” (*Hist. da cap. de S. Vicente*, 1772, in *Rev. do Inst. Hist.*, IX (1847), pagina 320).

ANTONIO FRANCO

tante duas leguas de S. Vicente, onde se viu com o padre Nobrega e lhe agradeceu o soccorro e, abaixo de Deus, a victoria. O Padre com extranha charidade agenciou provimento de mantimentos para a armada; acudiu aos soldados enfermos; tratou com Men de Sá sobre cousas dos soldados, como litigios e prisões; fez nisto taes obras de charidade com todos, que lhe não sabiam outro nome, si não o de *Pae dos Necessitados*. Tambem conseguiu em bem dos naturaes, da Companhia e d'El-rei, que o Governador mandasse mudar a villa de Santo André para Piratininga e que o Collegio da Companhia se passasse de Piratininga para S. Vicente; onde se abriram os estudos, que depois se passaram, e hoje perseveram, no Rio de Janeiro.

Nesta occasião com o favor de Men de Sá, fez o Padre abrir novo caminho de S. Vicente para Piratininga em uma espaçosa montanha, porque no ordinario eram os passageiros assaltados e comidos dos Tamoyos, inimigos crueis do nome Portuguez. Por agencia de dois Irmãos nossos engenhosos, se abriu com grande trabalho este caminho, de que todos receberam grande segurança e proveito.

Ainda que o padre Nobrega estava já neste tempo mui cortado dos trabalhos e achaques, nem por isso se desobrigava de trabalhar: discorria a pé encostado no seu bordão pelas aldeias, acudindo a todos com zelo incansavel. Andava a terra mui desinquieta com os continuos assaltos dos Tamoyos, amigos dos Francezes do Rio de Janeiro e inimigos capitaes do nome Portuguez. Servia este continuo açoute de Deus como de um aviso aos christãos, que andassem sempre preparados para a morte: a isso os exhortava o Padre e não sem fructo.

Estando elle em Piratininga, deram os nossos um assalto nos Tamoyos. Captivaram um dos seus Capitães, grande salteador e comedor dos nossos. Tendo receio alguns Portuguezes não escapasse, consentiram que os Indios o matassem e comessem; para este fim lhe deram uma casa dentro na villa. Soube o padre Nobrega em Piratininga esta desordem e a sentiu tanto que escreveu aos Padres da villa de S. Vicente, sahisses disciplinando-se pelas ruas publicas, em ordem a aplacar a ira de Deus. E que bradassem alto pedindo ao mesmo Senhor tivesse misericordia daquelle povo, porque não viesse sobre elle seu açoute.

Não eram estas cousas sómente para terror, mas como mostraram os effeitos, devia ter o servo de Deus algum aviso do céu, de quão indignado estava Deus contra os Portuguezes e christãos Brasis daquelle villa. Sobre ella veiu doença como peste, que fez cruel estrago e maior o fizera, si lhe não acudissem os nossos ainda com

VIDA DE NOBREGA

os remedios corporaes da sangria; exercicio que naquellas terras lhes ensinou a charidade; e perguntado sobre elle Santo Ignacio, respondeu que a tudo se estendia a charidade.

Além da sobredita disciplina, ordenou que houvesse oração nocturna continuada em casa, a qual era nesta fórma. Tinha um por relógio de areia sua hora; acabada ella tomava uma disciplina e logo entregava o relógio a outro; nesta fórma se iam succedendo em toda a noite. Durou a oração em todo o tempo da quaresma. Sobre-tudo houve procissões publicas pelas ruas. Com todas estas preces se entendeu que Deus aplacára muito sua ira.

CAPITULO VI

Da jornada que o padre Nobrega fez aos Tamoyos; do que alli passou, até fazer paz entre elles e os Portuguezes.

CONTINUAVA o padre Nobrega na capitania de S. Vicente, na qual havia muito desassocego por causa das invasões dos Tamoyos. Andavam estes em canoas mui equipadas de remeiros, faziam crueis assaltos e captiveiros. Entendia o Padre que tudo era castigo de Deus por muitos desmandos dos Portuguezes: gritava em pulpitos e praças, houvesse penitencias, porque Deus temperasse sua ira; pois os inimigos com os continuos assaltos tudo traziam assombrado e entravam em consideração de se fazer por uma vez senhores de todo o paiz.

O cuidado do Padre era ver como se podia divertir tanto mal. Instava com Deus e em suas orações sentia dentro de si grandes impulsos de se metter entre aquelles barbaros ou para fazer pazes entre elles e os nossos ou para alli acabar nesta demanda seus cansados dias. Tratou este seu sentimento com os do governo; a todos pareceu bem, porque sem perigo seu, poderiam conseguir o que unicamente desejavam; e quando não houvesse effeito, ficariam como estavam.

Não era isto tanto prudencia humana, quanto disposição divina. O santo padre Joseph de Anchieta disse que dois annos inteiros tratára o padre Nobrega com Deus este requerimento. Correndo pois o anno de 1563, depois de renovados os votos na oitava da Paschoa, se despediu dos mais Padres e Irmãos e tomando por companheiro ao padre Joseph de Anchieta, que ainda era Irmão, se pôz em caminho para os Tamoyos (6). Levou-os em uma sua embarca-

(6) Sobre esta viagem e empresa veja-se a interessante carta de Anchieta de 8 de Janeiro de 1565, publicada pelo Dr. Teixeira de Mello nos *Anaes da Bibliotheca Nacional*, vol. II, pp. 78-123.

ção Francisco Adorno (7), Genovez, homem rico da terra e grande amigo da Companhia. Tendo partido a 21 de Abril, a 4 de Maio do dito anno chegaram ás praias do principal logar dos Tamoyos.

Ao principio se assustaram, cuidando serem inimigos. Porém vendo os Padres, dos quaes entre elles era cousa sabida serem amigos dos Indios, fallando-lhes o padre Anchieta na sua lingua, tomaram confiança e entraram na barca sem algum sossobro (*). No dia seguinte acudiram os principaes, entendendo vinham a tratar de pazes. Deram por refens 12 mancebos, que foram na barca para S. Vicente e elles levaram para suas terras os Padres. Foram hospedados na casa de um Principal chamado Caoqueira.

Primeiro que tudo armaram entre um arvoredos uma igreja coberta de palmas: nesta se disse aos 9 de Maio a primeira missa que viram aquellas terras. Foi em acção de graças pelos beneficios recebidos e para pedir a Deus o bom successo de cousas tanto do seu serviço. Assim foram continuando com grande espanto dos Tamoyos: porque não havia sino, a vozes chamavam os meninos e mais gente, para ouvir a santa doutrina, que o padre Joseph lhes explicava com phrases e demonstrações da sua lingua, de que elles gostavam tanto, que si a terra fosse outra, segundo tomavam bem o que se lhes dizia, poderiam ser baptisados muitos delles. Fazia nelles grande impressão o terror dos castigos, que diziam estar apparelhados aos maus que comiam carne humana e faziam outras maldades.

A mesma doutrina pré-gavam nas aldeias circumvisinhas. Tinham os Tamoyos respeito aos Padres e como os reconheciam por paes dos Indios, lhes descobriram seus segredos, dizendo o modo com que tinham disposto a guerra, para acabar com os Portuguezes; era este pôr duzentas canôas por mar, e por terra no mesmo tempo muitos mil arcos dos que habitavam as margens do rio Parahiba. Aqui viram os Padres o perigo da capitania de S. Vicente, pois não havia nella poder que pudesse resistir a tanto apparatus de guerra.

Logo se divulgou pelos Indios da costa a chegada dos Padres e a causa de sua vinda. Com esta nova se alteraram os Indios do Rio de Janeiro, a quem a guerra servia mais que a paz. De diversas partes acudiram em suas canoas com intento de matar os Padres e impedir as pazes. Chegou em primeiro logar Ambiré, amigo dos Francezes e aparentado com elles, inimigo cruel do nome Portu-

(7) Segundo Anchieta, o capitão era José Adorno, tio de Francisco Adorno, Irmão da Companhia de Jesus.

(*) Deve ler-se *sobroço*, vocabulo decaido em Portugal, mas em pleno uso na linguagem popular brasileira, como synonymo de receio, medo, temor. — G.

guez. Trazia este bravo Tamoyo 10 canoas, todas a ponto de guerra. Em chegando tomou por melhor assaltar de noite os Padres, matal-os e tomar o barco que os trouxera, o qual ainda não era partido.

Estando o barbaro neste pensamento, se ajuntaram os Principaes da terra a tratar das pazes. Pareceu bem entrar no conselho Ambiré. Assistiu á junta com muitos Indios armados. Bem viram os Padres seu perigo, porém estavam mui confiados em Deus. Indo correndo os votos, o de Ambiré foi em primeiro logar que lhe haviam os nossos de entregar tres Indios seus, para os matar e comer, porque lhe tinham feito guerra com os christãos.

Depois de varios dares e tomares, se acabou com Ambiré, que este ponto dos tres que queria fossem entregues, se propuzesse aos Principaes da capitania de S. Vicente. Vindo elle neste partido, quiz ser o embaixador da proposta. Tomaram os Padres este conselho para metter tempo, o qual costuma em negocios intrincados desfazer grandes embaraços e descobrir novos caminhos. Os Padres escreveram aos Principaes de S. Vicente, que por nenhum caso fizessem o que Ambiré requeria, ainda que elles houvessem por isso de ser comidos dos Tamoyos, em cujo poder estavam. Fizeram-se em S. Vicente tão boas passagens a Ambiré, que depoz sua fereza e se contentou com as razões que lá se lhe deram.

Após este perigo, veiu outro mais apertado. Andando ambos na praia viram que vinha voando com trinta remeiros uma canoa e nella certo Indio, filho do Principal da aldeia, em que estavam os Padres; ficavam atraz outras oito canoas desta sua esquadra. Os intentos eram matar os Padres por serem, como dizia, perniciosos ao bem commum com as pazes que intentavam. Dera ordem aos seus que em chegando lançassem mão dos Padres, que elle os mataria.

Vendo os Padres o fio que trazia a canoa, suspeitaram o que poderia ser. A toda a pressa se foram recolhendo para a aldeia. Apressou-se o padre Nobrega quanto pode e mais do que pode até passar a praia; no fim da qual havia um ribeiro que dava pela einta. Não tendo o padre Nobrega tempo para descalçar as botas que trazia por causa de muitas chagas, o irmão Joseph de Anchietta o tomou ás costas, mas como ellas eram fracas, não o podendo acabar de passar, deu o Padre comsigo no meio do ribeiro e passou todo ensopado em agua. Apenas houve tempo de se encobrirem no matto.

Como a aldeia estava em um oiteiro alto e o Padre não podia ir por deante, tirou todo o fato, descalçou-se, até ficar em camisa. O Irmão que todo estava molhado, tomou ás costas o fato do padre Nobrega e começaram a andar: mas nem com isso o Padre podia ir,

sinão de vagar e lançando a alma pela boca. Vendo o Irmão seu trabalho e que era impossível daquela maneira chegar á aldeia, lhe disse, que se escondesse no matto. Neste aperto acudiu. Nosso Senhor, porque vindo da aldeia um Indio, a poder de promessas acabou o Irmão com elle, que lhe ajudasse a levar o Padre. Assim meio ás costas, meio puxando por um bordão, entrou na aldeia mui pouco antes que chegassem os da canôa (8).

Era isto em conjunção que ahi não estava o Principal, que os abrigava, por se ver mais o evidente favor de Deus. Entrou o da canoa em casa de seu pae, que estava ausente; um seu tio lhe deu conta das pazes. Não se deteve mais que emquanto o Padre resou vespuras de Corpus Christi, que era no dia seguinte. Dissimulou o barbaro seus intentos, fallou com os Padres sobre as pazes e se tornou quieto; confessou depois todo o proposito com que viera do Rio de Janeiro, mas que em vendo aquelle velho e ouvindo suas palavras, ficara fraco e sem forças e de todo mudado, dizendo que semelhantes pessoas não vinham com traição e bem se podiam fiar dellas.

Os Indios destas aldeias, principalmente o maioral desta chamado Pindobuçú, trataram largamente com o Padre e Irmão, assim das pazes como do seu modo de viver. Por tudo lhe perguntavam mui particularmente. Offereciam-lhes suas filhas e irmãs por mulheres como costumavam aos mais christãos, quando tratavam com elles de pazes, porque tinham este uso por mais firmeza das mesmas pazes. Porém entendendo o modo de vida continente, que os Padres guardavam, ficavam espantados. Quasi incredulos nisto lhe chegavam a perguntar pelos pensamentos e desejos, dizendo: *Nem quando vedes mulheres formosas não as desejas?* A isto respondeu o padre Nobrega, mostrando-lhes umas disciplinas e dizendo-lhes: *Quando vêm semelhantes pensamentos e tentações acudimos-lhe com este remedio* (9).

Ficaram com esta resposta mui espantados e tinham para si que os Padres fallavam com Deus e que elle lhes descobria tudo quanto passava. Este Principal pregava assim aos da sua aldeia como aos do Rio de Janeiro, que com seu filho iam a matar os Pa-

(8) Anchieta na sua carta de 8 de Janeiro de 1565 conta minuciosamente esta curiosa passagem da viagem. V *Ann. da Bibl. Nac.*, II, pp. 94 e 95.

(9) "Pindobuçú... y sabiendo que no teniamos Mugerres se espanto mucho preguntandonos, *ny las deseas, quando vejs algunas hermosas?* Nos otros por repuesta se mostramos las disciplinas, com que se domava la carne, quando se demandava a semejantes deseos malos." *Anchieta*, Carta citada.

dres, que os Padres eram muito amados de Deus; que si algum aggravo se lhes fizesse, logo havia de vir mortandade sobre elles. Com isto os maus se intimidavam e o bom Indio lhes rogava pedissem a Deus por elle, já que os defendia e fallava em seu favor.

Tratando das pazes, dizia o bom velho aos Padres: “Antigamente fomos vossos amigos e compadres; mas os vossos tiveram toda a culpa das nossas guerras, porque nos começaram a saltar e tratar mal. Quando nós começamos a ter guerra com os Temiminós, gente do Gato Grande, os nossos confiados na multidão de nossos inimigos, que eram muito mais do que nós e juntamente inimigos vossos, que tinham mortos muitos de vós outros, se metteram com elles contra nós; mas Deus ajudou-nos e pudemos mais.”

Como padre Nobrega sabia ser tudo verdade, cada vez folgava mais de ter tomado entre mãos esta empresa desejando aplacar a ira de Deus contra os Portuguezes. Por isso, quando tratava com elles nesta materia lhes dizia: “Porque sei que Deus está irado contra os meus pelos males que vos têm feito, sendo vós seus amigos, vim cá a fazer pazes com vós outros para aplacar a Deus e fazer que perdoe aos meus, os quaes da sua parte não hão de quebrar estas pazes; por isso trago eu cá minha cabeça e de meu irmão sem medo nenhum, porque trato verdade; mas si vós outros as quebrais, entendi que a ira de Deus se ha de virar contra vós outros e haveis de ser destruidos de todo.”

Dizia estas cousas não como ameaças e medo, que lhes quizesse metter, si não com tanta certeza e firmeza que parecia ter-lh’o Deus revelado. Elles assim o criam. Portanto estes fronteiros nunca tornaram atraz, antes quebrando as pazes os do Rio de Janeiro e Cabo Frio, que era toda a multidão dos Tamoyos, estes se foram para o sertão, pelos não ajudar contra os Portuguezes. A propheta do padre Nobrega ficou tão cumprida nos demais que toda aquella nação por tempos foi destruida, excepto alguns que no Rio de Janeiro se tornaram christãos e os descendentes dos Indios destas aldeias.

Esteve o padre Nobrega com os Tamoyos quasi dous mezes. Nelles dizia missa todos os dias. Ainda que o fazia muito ante manhã, sempre madrugavam muitos Indios e o iam ver. A estes se dava conta do que era, conforme sua capacidade e se lhes explicava a doutrina. Neste tempo já muitos do Rio de Janeiro caminhavam para S. Vicente e estavam lá alguns dias: portanto parecendo já ao Capitão que estavam as pazes fixas, mandou um bergantim ao padre Nobrega, em que se pudesse retirar.

Os Indios como estavam ainda tenros não consentiam em sua partida nem o Padre lhes fez instancia. Comtudo encommendou

ANTONIO FRANCO

a Deus o negocio e pareceu ser mais necessario sua presença em S. Vicente, ainda para as mesmas pazes, em ordem a agasalhar os Tamoyos que lá fossem e lhes tirar de todo algum resabio de medo. Portanto, consentiram os Indios que fosse só o padre Nobrega e ficasse o irmão Anchieta, sabendo que em quanto comsigo o tivessem não receberiam damno algum dos Portuguezes.

Não havia acabar com o padre Nobrega ir-se e deixar alli o Irmão só; mas emfim á instancia do mesmo Irmão se embarcou e partiu. No caminho padeceu uma noite tal tempestade, que já todos se davam por perdidos e dous valentes mestigos tratavam entre si de levar o Padre á praia sobre uma escotilha; porém abrandando a tormenta, no fim de Junho chegaram a S. Vicente. Com sua chegada se dava tal tractamento aos Tamoyos, que se deixavam estar lá muitos dias, como em suas casas. O padre Nobrega os levou ás aldeãs dos Indios nossos discipulos, onde se abraçavam uns aos outros sem lembrança das guerras passadas. O mesmo se fazia em Piratininga, indo os Tamoyos do sertão muito seguros, tractando com muita paz com os Portuguezes e com os nossos Indios.

O irmão Anchieta ficou entre os Tamoyos, dizendo-lhe o padre Nobrega que quantos meios se lhe offerecessem para se poder ir, todos lh'os deixava mandados. Deteve-se alli o Irmão quasi tres mezes, nos quaes lhe succederam cousas mui notaveis, que se contam em sua prodigiosa vida e não são d'este logar. Depois os mesmos Tamoyos o levaram a S. Vicente, onde chegou dia de S. Matheus. Estas tão proveitosas pazes quebraram depois os Tamoyos do Rio de Janeiro, do que se lhes originou sua destruição e o principio da cidade, que alli têm hoje os Portuguezes e o do nosso Collegio, que nella ha. Aquelle bom Indio, que foi o amparo dos Padres entre os Tamoyos, em premio desta sua obra o fez Deus filho seu pelo baptismo e veiu a morrer como bom christão.

CAPITULO VII

Do grande zelo que o padre Nobrega teve na conquista do Rio de Janeiro e do que nisso passou e como alli falleceu santamente.

HAVENDO em Portugal noticia do estado das cousas do Rio de Janeiro, entendendo os do governo, quanto convinha fazer alli cidade e fortificação, mandou a Rainha D. Catharina alguns galeões e por capitão delles a Estacio de Sá, sobrinho de Men de Sá, o qual sujeito em tudo ás ordens do tio fosse povoar o Rio de

VIDA DE NOBREGA

Janeiro e lançar de todo fóra os Francezes. Nada mais desejava Men de Sá. Aviou com presteza o sobrinho e o despediu para o Rio nos principios do anno de 1564, com regimento que em tudo se regeesse pelo conselho do padre Nobrega e lhe obedecesse como a elle em pessoa, tendo para si, que pelo grande ser que reconhecia no padre Nobrega, teriam as cousas o desejado acerto, como em verdade o tiveram.

Em chegando Estacio de Sá ao Rio, despediu um barco a São Vicente a chamar o padre Nobrega. Logo se embarcou com dous companheiros e chegou ao Rio em Abril, sexta-feira da Semana Santa (10), á meia-noite, com grande tempestade, onde correu evidente perigo de ser tomado dos Tamoyos, que tinham já quebrado as pazes. Acudiu Deus neste aperto, porque amanhecendo viu entrar no porto a armada de Estacio de Sá, que o padre Nobrega imaginára estar dentro. Fôra o caso que Estacio de Sá cuidando pelo que lhe dissera um Tamoyo, que a capitania de S. Vicente estava em guerra e que esta era a causa da tardança do padre Nobrega, se resolvêra o dia antes a partir para ella e quiz Deus que o mesmo vento tempestuoso que metteu ao padre Nobrega dentro no rio, obrigou os galeões a nella se recolherem. Em que bem se viu o favor que Deus fizera a todos, pois o Padre por não poder sahir para fóra, seria tomado dos Tamoyos e Estacio de Sá faria a jornada de balde, porque nem S. Vicente estava em guerra nem lá acharia ao padre Nobrega.

Em dia de Paschoa (11) se disse missa na ilha dos Francezes, onde o padre Nobrega fez uma pratica a todos, em que procurou tirar-lhes o grande medo que tinham dos Tamoyos, pelo que delles tinha experimentado. Exhortou-os a confiar em Deus, cuja vontade era que se povoasse o Rio. Ficaram todos mui animados. Houve comtudo muitas difficuldades em continuar a empresa, assim por falta de canoas sem as quaes nada si podia obrar, como de mantimentos; e de tudo estava o inimigo mui pujante como em paiz proprio. Portanto, assentaram ir-se refazer a S. Vicente, para onde se partiram com boa viagem.

Estava a capitania por causa das guerras passadas, falta de mantimentos; por isso foi necessario mais tempo do que se cuidava, para refazer a armada. Como os mais della tinham pouca vontade de tornar ao Rio e muitos de ir para suas casas, não cessavam requerimentos e inquietações dissuadindo ao Capitão-mór a em-

(10) 31 de Março, segundo o calendario Juliano; 11 de Abril, segundo o calendario Gregoriano.

(11) 2/12 de Abril.

presa. O padre Nobrega como tinha por mui certo ser vontade de Deus esta empresa e grandissima confiança, por não dizer certeza, que se havia de povoar o Rio, se poz contra todos com invencível constancia, assim nas pregações como em praticas particulares. Ia muitas vezes de S. Vicente a outra villa, que distava dahi duas leguas, onde estava o Capitão-mór, a esforçal-o e animal-o, ajudando em tudo. Por esta causa era murmurado de todos. Tanto que chegava, logo começavam quasi em sua presença a dizer: *Cá vem o tyranno, demonio, Pharaó, que nos tem quasi captivos.*

Estas cousas e ditos fazia o Padre que não ouvia, continuando sem affrouxar em nada; antes levou o Capitão-mór com alguns dos mais honrados á nossa casa de S. Vicente, onde os agasalhou com todo o necessario alguns dias, instruindo o Capitão-mór no que havia de fazer, dando-lhe animo, tanto assim, que dizendo uma vez o Capitão: *Que conta darei a Deus e a El-rei, se deitar a perder esta armada?* Lhe respondeu o Padre: *Eu darei conta a Deus de tudo e si fôr necessario, irei deante d'El-rei a responder por vós.*

Não contente com isso, levou-o com muitos dos seus a Piratininga, onde havia mais abundancia de mantimentos: alli os proveu muitos dias com o de casa e mandou mensageiros aos Principaes do sertão, que ainda estavam de guerra, dando-lhes seguro da parte do Capitão-mór que viessem a fazer pazes. Elles vieram e as fizeram e tornou a ficar o sertão quieto, como antes: d'onde se seguiu tambem virem muitos a receber o santo baptismo.

A todos os moradores que via com alento, incitava para esta empresa. A outros que pediam por terem gente e familia, emprestava dinheiros da esmola que dava El-rei á casa. A alguns grandes de outras capitancias que poderiam obrar muito na empresa, porque pretendiam escrupulos de consciencia com restituções que deviam antepor a outros gastos, levava-os á casa; alli os tinha com muito bom tratamento, confessava-os, dava-lhes remedio. Desta maneira andou o santo varão tendo mão em todos. Mandaram-se juntamente alguns barcos á Bahia e á capitania do Espirito Santo por mantimentos, fazendo-se outros na terra e tambem canôas. Esforçou os mancebos mestiços que eram valentes e aos Indios. Todos lhe obedeciam. Nesta fôrma se moveram muitos, uns para irem conquistar, outros para ficarem logo povoando.

Neste tempo não deixava de ajudar a todos os que tinham negocios e culpas deante do Ouvidor Geral, que tambem acompanhava o Capitão-mór, fazendo dar remedio a todos e promettendo perdões da parte do governador Men de Sá; tudo ao depois cumpria. Com ajuda de Deus e zelo incansavel, acabou de vencer todos

VIDA DE NOBREGA

os impedimentos que difficultavam a jornada: ella se veiu a pôr em effeito no Janeiro seguinte de 1565, dia de S. Sebastião, a quem logo tomaram por Padroeiro da empresa. Nesta armada mandou o padre Nobrega a dous nossos, o Padre Gonçalo de Oliveira e Irmão Joseph de Anchieta. Nos principios de Março lançou ancora junto as ilhas visinhas á barra do Rio de Janeiro, esperando até chegar a capitanea, que vinha mais devagar.

Houve nesta guerra cousas mui notaveis e toda ella foi cheia de prodigios e favores do ceu; em que bem se via pelevava alli Deus pelos Portuguezes, para desempenhar a seu servo. Podem vê-las os curiosos no livro terceiro da primeira parte da Historia de nossa Provincia do Brasil. Durante esta conquista mandou o padre Nobrega ao Irmão Joseph de Anchieta, que fosse tomar ordens á Bahia e elle em pessoa acudiu ao Rio de Janeiro; aonde de S. Vicente de continuo fazia acudir com bastimentos e canoas, que de novo por sua agencia se armavam, em fôrma que se pôde bem dizer que o muito que alli tem o Reino, se deve ao zelo deste santo Padre.

Havendo na Bahia muito miudas noticias de tôdas estas cousas por relação do padre Joseph de Anchieta, e que ainda que os successos eram prosperos da nossa parte (*), por ser muito o inimigo ajudado dos Francezes, a guerra se dilataria mais do que era conveniente, tomou resolução Men de Sá de passar com novo poder em pessoa e acabar de uma vez com o inimigo. Em 18 de Janeiro de 1567 entrou com uma boa armada pelo rio. Logo dia de S. Sebastião deu com tal furia nos inimigos, que estavam bem fortificados, que os entrou e desbaratou e poz fim a tão porfiada guerra. Como não ha gosto perfeito, houve geral sentimento na perda de Estacio de Sá, o qual no conflicto foi no rosto ferido com uma frecha, e desta ferida veiu a morrer dahi a um mez. Era homem de tanta christandade, que quando se trasladaram seus ossos despediam de si um cheiro suavissimo.

Achou-se nesta conquista o santo varão Ignacio de Azevedo, que viera de Portugal por Visitador do Brasil e passára a estas partes com Men de Sá e com grandes ancias de tratar ao padre Nobrega. Portanto, acabada a conquista, partiu para S. Vicente em companhia do bispo D. Pedro Leitão e dos padres Luiz da Grã, Pro-

(*) Os successos dessa guerra, dos quaes foi Anchieta testemunha presencial, vêm descriptos em uma sua carta, datada da Bahia, 9 de Julho de 1565, impressa na *Revista do Instituto*, III, 248/258. Dessa carta se infere que a cidade do Rio de Janeiro principiou a ser fundada no ultimo dia de Fevereiro, ou primeiro de Março daquelle anno, em que "começaram a roçar em terra e a cortar madeira para a cerca...". — G.

vincial, e do Padre Joseph de Anchieta. Não é explicavel o gosto que houve entre estes santos homens. Andava o padre Nobrega mui gastado de trabalhos, annos e enfermidades. Alli assentaram entre si a fundação de um Collegio no Rio de Janeiro, conforme a vontade e dote que para isso dava El-rei D. Sebastião.

De S. Vicente voltou o Padre Visitador ao Rio, levando consigo ao padre Nobrega, que pois era pae daquella Provincia, o fosse do novo Collegio e alli como em doce remanso, grangeado com suas fadigas e orações passasse o restante de sua cansada velhice. Nesta viagem succedeu junto a uma paragem chamada Britioga, que sahindo os quatro Padres a terra em um batel para dizerem missa, se chegou ao batel uma baleia assanhada e esteve a ponto de o metter no fundo; mas por orações de taes servos de Deus, a tempo que tinha a cauda levantada para descarregar no batel, se foi sahindo sem lhe fazer mal.

Chegando ao Rio, acharam a Men de Sá dando ordem á nova cidade. Deu sitio aos Padres para o Collegio no lugar que escolheram e em nome d'El-rei, cuja era a fundação, lhes assignou dote para cincoenta Religiosos. Ficou o padre Nobrega por Superior deste novo Collegio e das outras casas, que havia para aquellas partes. Men de Sá deixando por Capitão-mór a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá, lhe ordenou se governasse pelo conselho do padre Nobrega.

Andando o Padre dispondo as cousas do Collegio e ajudando a fundação da nova cidade, sentiu vir-se chegando sua ultima hora: padecia muitas enfermidades com todas ellas não affrouxava em seu zelo.

Acudia aos Portuguezes com pregações, dirigia ao governador Salvador Corrêa de Sá. Junto com isto teve cuidado de doutrinar os Indios, que da capitania do Espirito Santo tinham vindo á conquista. Fez que se ajuntassem em uma grande aldeia nas terras do Collegio, pelos ter mais quietos. Esta aldeia foi sempre em grande augmento e veiu a ser uma valente defensão da cidade contra Tamoyos, Francezes e Inglezes.

Passou no Rio o padre Nobrega o restante de sua vida, que foram tres annos, sempre com muito trabalho; porque como era muito doente e a terra nova, na qual se não ousavam os moradores ainda estender com medo dos inimigos, havia muita falta do necessario para o sustento corporal. Os maiores mimos que tinha eram alguma esmola que lhe mandava o Superior de S. Vicente. E assim quiz Nosso Senhor que o que toda a vida andou com tanto zelo e cuidado ajuntando sustentação para todos os Irmãos do Brasil no fim delles carecesse de tudo abraçado com a cruz da obediên-

VIDA DE NOBREGA

cia, que alli o deixou falto do corporal, mas mui cheio de consolações espirituaes.

Sentindo elle muito antes que se lhe acabavã a vida, assim o escreveu a S. Vicente. Quanto mais se lhe chegava o tempo, tanto mais se chegava a Deus, recolhendo-se com as meditações de Santo Agostinho e gastando muita parte do dia em colloquios e suspiros, porque era mui terno, devoto e facil nas lagrimas. Dois dias ou tres antes de seu fallecimento se andou pela cidade despedindo dos amigos e devotos da Companhia: perguntando-lhe elles onde queria ir, pois não havia no porto embarcação? Respondia: *A' nossa patria celestial*.

Sobrevieram-lhe umas grandes dôres causadas do sangue, que havia muito tempo se lhe não sangrava. Cahiu em cama, onde esteve só um ou dous dias. Logo se preparou com os Sacramentos que no tal aperto se costumam receber. Chamou um Padre dando-lhe muita pressa, para que logo o ungisse. Recebida a extrema unção, disse a um dos Padres que dissesse logo missa, antes que elle expirasse e o outro ficasse para depois.

D'ahi a pouco espaço de tempo, lançando um pouco de sangue corrupto pela bocca, deu seu espirito ao Senhor, em 18 de Outubro de anno de 1570, dia de S. Lucas, no qual dia elle nasceu. O santo padre Anchieta tem que nelle entrãra tambem na Companhia; mas o que disse no principio desta vida, é o que consta dos livros das entradas dos noviços do Collegio de Coimbra.

Foi sua morte mui sentida, porque era como pae de toda aquella nova cidade do Rio de Janeiro, em cujo Collegio falleceu e na sua Igreja foi sepultado, entre as lagrimas de seus filhos e dos seus Indios e Portuguezes, que muito o amavam. Era este grande homem como pae universal das christandades do Brasil, que viu copiosamente fundadas e feitas numerosas aldeias de gente bruta trazida dos matos, onde vivia a modo de feras e a viu cultivada com costumes christãos. Agora direi com mais especialidade os exemplos de suas virtudes.

CAPITULO VIII

Do amor e charidade que tinha a seus proximos e aos inimigos.

ARE agora fui seguindo um como discurso da vida do padre Nobrega, contando seus santos e virtuosos empregos; agora referirei os exemplos das virtudes christãs e religiosas que delle nos ficaram em memoria. Escreveu-as o admiravel padre Joseph de Anchieta.

Eu as quero contar em diversos capitulos com as palavras do mesmo Padre que, por serem suas, têm outro espirito mui diverso das minhas; e, como são cerceadas, não farão a lição molesta. Escreve, pois, as virtudes do padre Nobrega na fôrma seguinte:

“A vida do padre Manuel da Nobrega foi insigne e tanto mais quanto menos conhecida dos homens, os quaes elle amava intimamente, desejando e procurando a salvação de todos para gloria de Deus, que elle, cheio de seu amor, sobretudo tinha diante dos olhos: para dilatação do qual e conhecimento de seu nome, todo o Brasil lhe parecia pouco, o qual, como dava pouco de si ao principio, pretendia que fosse sua fé pregoada por outras regiões que pareciam dar mais de si. Fazendo, porém, grande caso do que tinha entre mãos, nisso se empregava todo, e além do principal, que era a conversão dos Brasis, em particular acudia a todas as necessidades espirituaes e temporaes dos proximos com quanto podia, como se viu claramente em dar sua vida pela de muitos, pondo-a nas mãos dos Tamoyos, confiando muito que a Divina Providencia tiraria disso para os Portuguezes e Brasis muito fructo que depois se seguiu.

Era pae de desamparados, fãzendo casar muitas orphãs com esmolos que lhes havia e tirando d'entre os Indios alguns filhos e filhas dos Portuguezes, que lá andavam perdidos do tempo antigo, e dando-lhes vida, além dos pequenos que tirava com tempo e os fazia criar por pessoas virtuosas. Tinha mui especial charidade com os enfermos, acudindo-lhes com a pobreza que havia em casa e quando os visitava parecia que se derretia com piedade, principalmente para os pobres Brasis. Uma noite, vindo chamar um Padre para um homem que estava quasi morto ás estocadas e sem falla, elle mesmo lhe foi acudir e fazendo-lhe coser as tripas que tinha rotas começando o ferido a fallar, tomou o Padre juramento de segredo ao cirurgião e a outro que lh'o ajudava a curar e logo diante delles o confessou, curando-lhe a alma, emquanto elles curavam o corpo, o qual depois viveu.

Disse-lhe uma vez um moço de casa que na villa de Santos, duas leguas de S. Vicente, havia pranto: cuidou o padre Nobrega, que seria fallecido um homem honrado e rico, que de ordinario andava mal disposto, o qual, posto que nos fazia algumas charidades, comtudo no tocante á sua consciencia era pouco nosso devoto e mui afastado da confissão. Logo no outro dia lhe fez um officio de defuntos de nove lições com muita solemnidade. Indo lá um homem da dita villa, perguntava quem morrêra, por quem faziam aquelle officio? E ouvindo que por aquelle homem, disse elle: *Agora o deixo eu vivo e são em sua casa.* Foi-lhe dizer o que o padre Nobrega fizera. Ao que elle respondeu: *Quem isso me faz*

VIDA DE NOBREGA

cuidando ser eu morto, sendo eu vivo, não quer herdar minha fazenda, mas deseja a salvação de minha alma.

D'alli por deante deu tal volta á vida que foi um exemplo para todos: tomou particular cuidado de prover os Padres, quando iam pregar e confessar áquella villa; ainda que se detivessem lá muitos dias, continuamente lhes mandava o jantar e a ceia de sua casa mui bem concertada e ás vezes por sua propria mão, porque era solteiro. Quando lhe parecia que eram horas, mandava logo um escravo que espreitasse os Padres quando vinham da igreja de confessar, para logo vir a provisão. (Outras muitas obras de charidade e virtude conta deste homem o padre Anchieta e não há porque aqui deter nellas; todas mostram bem a rara mudança que fez em sua vida.) Por morte deixou parte de sua fazenda para a nossa igreja, que alli então se edificava; parte á Misericordia e a outra parte aos pobres. Houve neste homem, emquanto se não deu a Deus, soltura no vicio da luxuria; mas por respeito de Nossa Senhora nunca quiz peccar com mulher que tivesse o nome de Maria.

Com esta charidade e benignidade com que abraçava a todos, era muito amado dos bons e mui severo e rigoroso contra os vicios e peccados.

Os publicos publicamente os reprehendia, assim nas pregações como em particular. Achou-se uma vez em uma grave tormenta no mar e um marinheiro, tomando a véla, começou: *Apesar de S. Lourenço*. Ouviu o Padre e sahindo do camarote o reprehendeu asperamente fallando-lhe por tu; e virando-se ao Santo, posto de joelhos, lhe disse: *Bemdito sejais vós, Senhor S. Lourenço. rogae a Deus que não nos castigue pelas blasphemias que disse contra vós este maldito*. Com que o homem ficou castigado e os mais que o ouviram, amedrontados e acudiu S. Lourenço á pressa em que estava com bonança.

Tendo avisado por vezes a um clerigo escandaloso, como se não emendasse, sabendo o Padre estar com a occasião do seu peccado, se foi á porta da casa, gritando a grandes vozes que acudisse gente, que estavam alli crucificando a Christo. Acudiu gente e ficaram tão espantados os dous peccadores que se apartaram e cessou o escandalo.

Era acerrimo defensor da liberdade dos Brasis, sem querer admittir á confissão algum que nisso fosse culpado. Sentia sumamente os roubos e assaltos que se faziam nelles: chorava-os, bradava sobre isso publicamente e para remediar o que podia da sua parte, se metteu com os Tamoyos, como dito é, para fazer pazes com elles e aplacar a justa ira de Deus contra os Portuguezes,

pelos muitos roubos e mortes que tinham feito nelles. Com este zelo, pregando diante do capitão-mór Estacio de Sá e de toda sua armada, que elle exhortava a povoarem o Rio de Janeiro e aplacarem com penitencia a ira de Deus pelos roubos feitos aos Indios da Bahia, que foram gravissimos, captivando-os e vendendo-os, trouxe a historia dos Gabaonistas, que pediam sete da geração de Saul, para enforcarem e com isso se aplacar a ira de Deus; concluiu com grande vehemencia: *Si agora tomasse sete destes ladrões salteadores que têm destruido os pobres Indios da Bahia e de toda a costa, Nosso Senhor se aplacaria e seria favoravel para esta empresa que queremos fazer.*

Estas e outras semelhantes reprehensões e desenganos sabiam mal aos culpados e cubiçosos, principalmente porque em nenhuma maneira queria consentir em nenhum modo de captiveiro dos Brasis, salvo nos que fossem tomados com guerra justa. E assim dizia muitas vezes: “Não posso acabar com minha sciencia e consciencia approvar os remedios que se buscam para captivar os Brasis, ainda que venha da Mesa da Consciencia, porque lá não são informados na verdade. Porque nunca se achou que pae no Brasil vendesse filho verdadeiro, porque os amam grandissimamente. Os que dizem que se vendem a si mesmos, fazem-no ou porque não entendem que cousa é vender a liberdade, ou induzidos com mentiras e enganos e ás vezes com muitos agoites (como confessam os mesmos linguas do Brasil) e assim os pobres, achando-se alcançados, fogem e antes querem ir morrer por esses mattos e a mãos de inimigos que soffrerão grave captiveiro que têm.

“Pois obrigar-os a servir toda a vida com o titulo de livres, é verdadeiro captiveiro, porque não tem mais que o nome de liberdade, pois os deixam em testamento aos filhos que os sirvam toda a sua vida e assim os avaliam e vendem como escravos, com titulo de lhes venderem sómente o serviço.” *Equidquid sit de jure*, dizia elle que *de facto* constava o contrario: pois os homens pervertiam os remedios que se lhes buscavam, usando delles para sua perdição, e, si dous timoratos cumpriam as condições que se punham, a maior parte as não guardava, e finalmente os Padres letrados nisso se vêm a resolver, ensinados pela experiencia.

Comtudo isto não deixava o Padre de buscar todo o remedio possivel a algumas pessoas que lhe pediam para restituição e satisfação do passado.

Porém para o futuro nunca de sua parte quiz abrir porta para se usar de semelhantes remedios, que se buscavam para os homens ter serviços com boa consciencia, comprando e vendendo Indios

VIDA DE NOBREGA

livres, dos quaes remedios dizia muitas vezes: *Praza a Deus que por remediar os homens não nos vamos nós com elles ao inferno.*

Era tão inteiro que, como se fundava diante de Deus em uma verdade, bem se podia pôr todo o mundo contra elle, como foi nisto da liberdade dos Brasis, em defender as fazendas dos collegios, por serem bens da Egreja, sobre o qual era muitas vezes affrontado por palavras e escripto em resposta de feitos muito feios, que elle deixava passar sem nenhum sentimento, proseguindo com muita paz a justiça dos collegios e orando pelos injuriadores e tratando-os com muito amor; em fazer com o governador Men de Sá, que usasse de força com os Indios da Bahia para se ajuntarem em aldêas grandes e igrejas para ouvirem a palavra de Deus, contra o parecer e vontade de todos os moradores, o qual depois se estendeu por toda a costa, que foi meio unico de salvação de tantas almas e propagação da Fé, e na constancia da povoação do Rio de Janeiro, que a experiencia tem mostrado ser elle movido com o espirito de Deus e puro zelo de seu serviço e salvação das almas.

Para estas cousas procurava o remedio com Deus por continua oração e dos reis, principalmente d'El-rei D. João o Terceiro, e de sua mulher D. Catharina, por cartas, e El-Rei lhe escrevia mui familiarmente, encommendando-lhe a conversão dos gentios e o mais tocante ao bom governo do Brasil e que o avisasse de tudo, e assim mais faziam por uma carta do padre Nobrega que por muitas outras informações e instrumentos.

Por este seu grande zelo e constancia era dos que mal viviam murmurado, perseguido e tido por tyranno, e algumas vezes affrontado com palavras, em ausencia e presença de pessoas ainda baixas e vis. Em um certo tempo, porque o Padre estranhava muito em particular e em publico um caso feio de um poderoso e então Ouvidor da Capitania, que tinha tomado a mulher a um pobre, comparando-o com o caso de Herodes, houve muito provavel suspeita e indicios que se lhe machinava a morte, e assim dizia elle aos Irmãos: *Eu, si houver de ser martyr, ha de ser á mão de nossos Portuguezes christãos e não dos Brasis.*

Com tudo isso, a todos acudia em suas necessidades, quando havia mister sua ajuda. Entre estes, foi o sobredito poderoso, que, estando preso e indo-lhe já o Padre de Santos para S. Vicente, despedido do governador Men de Sá, que se embarcara e o deixava por alguns casos em poder do Capitão da terra, de que elle, com razão, muito se temia, movido de compaixão, tornou de caminho e acabou com o Governador que lhe dêsse remedio, que depois de

sua partida nenhum lhe ficava sinão ser muito vexado do Capitão.

CAPITULO IX

Da charidade que o padre Nobrega tinha com os da Companhia, culto das cousas santas, devoção e lagrimas.

Do grande zelo da conversão dos Brasis ajuntava outro que lhe era consequente, convém a saber: grandissimo cuidado e diligencias de criar Irmãos da Companhia que pudessem ser instrumento desta conversão.

Por esta causa ajuntava em casa moços pequenos mestiços e outros de todo Portuguezes, nascidos na terra, por serem linguas. E trabalhava pelos fazer chegar até onde alcançasse sua habilidade, assim no espirito como no estudo, e por não deixar cousa por intentar para este fim, determinava mandar a Portugal alguns de melhor indole e habilidade, para que de lá viessem feitos bons obreiros, como em effeito mandou dois que morreram na Companhia, no Collegio de Coimbra.

Era para com os Irmãos muito benigno e piedoso e pelas entranhas de amor com que os amava, sempre conservou a santa sinceridade antiga de Coimbra, falando a todos por *vós*; e além de lhe ser muito trabalho só de pronunciar este nome *Padre*, pelo impedimento da lingua, parece que o nome de *Irmão* lhe excitava mais amor e assim aos mesmos Padres fallava por estes termos dizendo: *Irmão, vós tal e tal*. E posto que os homens de fóra cuidavam que tratava com os Irmãos asperamente, pelo zelo que nelle conheciam, comtudo a benignidade passava sempre pela severidade para com elles, assim nas reprehensões e penitências como nas praticas espirituas, que fazia a miudo com muita suavidade e lagrimas.

Com as mesmas entranhas de charidade procurava todo o possível de conservar um na Companhia depois de admittido, ainda que não tivesse tantas partes e outros tivessem diverso parecer, confiando sempre em que não estava abreviada a mão de Deus. Um moço de boa habilidade tinha elle admittido quando chegou a S. Vicente o Padre Visitador Ignacio de Azevedo, o qual querendo-o despedir com parecer do Padre Provincial e de outros, com tudo o padre Nobrega com sua charidade intercedeu por elle, resignado, porém, na vontade e parecer do Padre Visitador, e tratou com elle que o levasse para a Bahia, porque lhe dava Nosso Senhor

VIDA DE NOBREGA

particularmente boas esperanças delle. E assim foi, que procedeu sempre muito bem em tudo, assim na virtude como nas letras, chegando a ouvir o curso e alguma theologia e neste tempo lhe deu Nosso Senhor bom fim na Companhia com edificação, consolação e sentimento de todos.

Procurava que houvesse muito exercicio de oração mental e vocal e mortificação. Aos estudantes fazia resar o Officio Divino. Aos pequenos não faltavam disciplinas quando era necessario, que lhes mandava dar, as quaes acceitavam com muita humildade, e com ser a pobreza muita e o comer muito fraco, fazia-os jejuar os dias que a Igreja manda e ainda toda a quaresma e para tudo lhes dava força Nosso Senhor. Com o grande desejo que tinha de acrescentar a Companhia no Brasil, deitando os olhos ao longe com grande espirito de providencia, logo em chegando á Bahia houve terras e algumas vaccas para fundação de collegios e o mesmo fez em S. Vicente e depois no Rio de Janeiro, e ainda que a alguns dos nossos parecia sobeja solicitude, por serem poucos os Irmãos daquelle tempo, dizia: *Não sabeis, Irmãos, o que dizeis; eu faço isto para os que hão de vir, porque ainda ha de haver grande multidão de Padres e Irmãos no Brasil que ajudem as almas.*

E bem se pôde cuidar que além do espirito de providencia foi isto mais particular lume de Deus, com quem elle conversava muito na oração, como tambem se viu em outras cousas, principalmente no cumprimento do que disse os Tamoyos que, si quebrassem as pazes, haviam de ser todos destruidos. Tendo o padre Vicente Rodrigues grandissimas e quasi continuas dores de cabeça, muitos annos sem remedio algum, lhe disse o padre Nobrega: *Vós, Irmão, não haveis de sarar sinão quando vos faltar todo o necessario e então vos cahirão os dentes.* E assim se cumpriu, porque na missão em que veiu a acudir ao Rio de Janeiro no principio, onde se padeceu grandissima fome e falta de tudo, sarou da cabeça e começou a perder os dentes, sem lhe ficar sinão dous ou tres.

De maneira que com a certeza que tinha da multiplicação dos Irmãos no Brasil, no principio em Piratininga ainda que se padezia muita fome, mui raramente mandava matar alguma rez, emquanto eram poucas as vaccas, para que multiplicassem para os vindouros. Bem mostra a experiencia o espirito de Deus que o movia, porque ainda que os collegios da Bahia e Rio têm fundação d'El-Rei, comtudo era impossivel sustentarem-se com ella, si não fôram as terras e vaccas que o padre Nobrega com tanta charidade foi grangeando, que é a melhor sustentação que agora têm, com que se criam tantos Irmãos que fazem tantos serviços a Deus no Brasil.

No culto divino, ainda que faltavam ornamentos ricos, procurava houvesse toda a perfeição. Dizia as missas cantadas com toda a solemnidade, com canto de órgão e frautas, por amor dos Indios, cujos filhos as ajudavam a officiar. Nunca deixava de lavar os pés aos Irmãos á quinta-feira santa publicamente na igreja. Era tão zeloso de se pregar sempre a palavra de Deus que até aos Irmãos que lhe pareciam para isso, fazia pregar em portuguez e brasil, ainda que não fossem sacerdotes. Por este fim e por impedir alguns abusos que se faziam em autos nas igrejas, fez um anno com os principaes da terra que deixassem de representar um que tinham, e mandou-lhes fazer outro por um Irmão (12), a que elle chamava *Pregação Universal*, porque além de se representar em muitas partes da costa com muito fruto dos ouvintes que com esta occasião se confessavam e commungavam, em particular em S. Vicente, á fama d'elle, por ser parte na lingua do Brasil, se ajuntou quasi toda a Capitania vespera da Circumcisão, e estando se representando á noite no adro da igreja, sobreveiu uma grande tempestade, pondo-se uma nuvem muito negra e temerosa sobre o theatro e começou a lançar umas gottas de agua muito grossas, mas logo cessou a chuva, perseverando sempre a nuvem, até que acabou a obra com muito silencio e todos se recolheram quietamente á suas casas e então descarregou com grandissima tormenta de vento e chuva, e a gente movida com muita devoção ganhou o Jubileu, que era o principal intento da obra.

Dizia sempre missa e como era muito gago, gastava de ordinario nella uma hora e alli se lhe communicava muito Nosso Senhor. Era mui solícito no resar do Officio Divino, no qual usava sempre do companheiro pelo mesmo impedimento da lingua; mas não bastava isso para deixar o officio da pregação, o qual exercitava visitando as povoações dos Portuguezes a miudo, ouvindo juntamente suas confissões e remediando a todos; e as de suas mulheres, filhos, escravos e Indios livres ouvia por interprete, emquanto os Irmãos linguas não eram sacerdotes.

Era na pregação muito fervente e suave, e por uma parte movia muito á compaixão os ouvintes pelo trabalho que nella tinha, por outra á devoção. E não era muito a-branger aos outros, pois nelle era tanta, que bem se lhe sentia nas palavras affectuosas, nos suspiros e colloquios com Nosso Senhor e lagrimas, as quaes, assim

(12) Este Irmão é o proprio Anchieta. O manuscripto do auto não se sabe onde pára; talvez em Roma. V. Norberto, *Catechese e instr. dos selv. bras. pelos Jesuitas*, in *Rev. Popular*, t. 3º (1859), pp. 295/297.

VIDA DE NOBREGA

quando tratava com elle como compadecendo-se dos proximos em suas afflicções, facilmente derramava.

Algumas vezes, estando em Piratininga com poucos Irmãos, mais afastado de negocios, se mettia na sacristia com um devoto amigo, que lhe tangia uma viola ás portas fechadas, e elle entretanto se estava desfazendo em lagrimas com muita serenidade. Quando deixou o Irmão companheiro entre os Tamoyos, indo-se para São Vicente, os Tamoyos que lá estavam muito quietos, uma noite por lhe metter um escravo em cabeça que os queriam matar os Portuguezes, fugiram todos para suas terras. Sabendo-o o padre Nobrega, temendo-se que lhe matariam lá o Irmão, teve tanto sentimento e lagrimas que fez um grande pranto cheio de devoção diante de Nosso Senhor e dos Irmãos, afremessado sobre um leito, dizendo entre outras cousas: — *Ah! meu Irmão, que vos deixei só entre inimigos e não fui eu merecedor de morrer comvosco por amor de Christo.*

Isto era com tanta desconsolação que não bastára a o consolar sinão o mesmo Deus, que ordenou que daquella fugida se tornassem alguns principaes para S. Vicente, com o qual se assegurou da vida do Irmão, e cõmtudo lhe escreveu uma carta sobre isso, cujo principio era: *Irmão, si ainda estais vivo.* Nos derradeiros annos, que andava já muito fraco em S. Vicente, com as muitas doenças que levou da Bahia, dormia um pouco á noite e o mais della gastava em oração, resar o Officio Divino, em cuidar e traçar as cousas do governo, não somente as tocantes á Companhia, mas de tudo o que entendia pertencer ao bem commum, pretendendo em tudo o augmento da Christandade e salvação das almas, e assim diziam delle pessoas graves que era para governar todo o mundo.

CAPITULO X

Da exacção com que se houve na guarda dos votos religiosos.

No tocante ao voto de castidade tinha especialissima vigilancia, engrandecendo muito a integridade e pureza da Companhia, tão conhecida e louvada de todos nesta parte, e assim dizia muitas vezes com grande sentimento: *Mal aventurado será aquelle por quem se quebrar o sello virginal da castidade da Companhia.* Achando-se uma vez no mar em uma grave tormenta, dizia que uma das cousas que mais o consolavam naquelle perigo era a guarda do voto de castidade. Nisso todo resguardo lhe parecia pouco, procurando que toda a especie de mal, ainda em cousas mi-

nimas, se evitasse. E com isto fez e faz Nosso Senhor mui especiaes mercês aos verdadeiros filhos da Companhia nesta parte, com não pequena admiração e louvor dos seculares.

O padre Ignacio de Azevedo, vendo as muitas e mui propinquas occasiões pelas quaes, quasi por fogo e agua, passam os nossos por amor das almas com victoria pela graça divina, dizia que era milagre a castidade dos da Companhia no Brasil. (Neste lugar traz o padre Anchieta o castigo que acima dissemos fizera no mestiço que fingira quizera enterrar vivo. E logo dando graças a Nosso Senhor, dizia: *Irmãos, muito devemos a Deus, que nos não tocou sinão na roupa, sem chegar ao corpo, que são os Irmãos, membros da Companhia.*)

Como os Padres sacerdotes não sabiam a lingua da terra, serviam os Irmãos de interpretes para as doutrinas e pregações e confissões, ainda dos mestiços, mulheres e filhos dos Portuguezes, principalmente nas confissões geraes, para melhor se darem a entender e ficarem satisfeitos. Aconteceu que uma mulher casada das mais graves da villa, que fazia uma confissão geral com um Irmão que só então alli havia e tinha cargo da doutrina, veio um domingo á tarde perguntar algumas duvidas no confessorio e estando as tratando com elle, passou o marido pela egreja, acompanhado de muitos da villa, a tratar alguns negocios da republica com o padre Nobrega, e indo-se para fóra lhe disse o que o acompanhara: *Senhor, como consentis que vossa mulher esteja fallando com um mancebo no confessorio?* Como o credito do Irmão era mui grande para com todos, não fez elle caso disto. Com tudo deu disso conta á sua mulher, ficando muito satisfeito com sua resposta. Ella contou o que se passára ao mesmo Irmão e o Irmão sem mais detença ao padre Nobrega.

Posto que elle tinha tanta satisfação do Irmão nisto e em tudo o mais, como de sua propria pessoa, comtudo, pelo grande zelo que tinha da limpeza da Companhia nesta parte, alegrou-se muito e disse-lhe: "O' Irmão, veio-nos Deus a vêr com este aviso, não faleis mais com ella nem com outra no confessorio, sinão presente o sacerdote ou em publico na egreja, como costumais a fallar e a ensinar a todos."

Finalmente não soffria nesta parte cousa, por pequena que fosse, procurando, conforme a perfeição que elle nisto tinha, que vivessem os Irmãos com tanto resguardo quanto demanda a castidade angelica que nosso padre S. Ignacio de Loyola pede nas Constituições.

Não tinha menos zelo e cuidado que a obediencia dos subditos para com os superiores fosse exacta em tudo e da sua parte a en-

VIDA DE NOBREGA

sinava com o exemplo. Em cousas graves esperava, quanto era possível, resposta de Roma ou Portugal, ainda que lhe parecesse que as podia determinar por si. Quando, depois de muito tempo encommendar o negocio a Deus, se resolveu de ir ao rio da Prata por terra, estava tão dependurado de querer saber a vontade de nosso padre S. Ignacio de Loyola, que esperava lhe seria clara como o parecer do padre Luiz da Grã, seu collateral, que estava ausente, que tinha promettido 20 missas de alviçaras a quem lhe dêsse novas de sua chegada a S. Vicente, e posto que estava já para se partir, por não perder a occasião boa, que então tinha daquella gente castelhana, principalmente para que com sua presença e autoridade que tinha com os Indios, os ajudar a passar para suas terras a salvamento, comtudo deixava ordenado que si chegasse o padre Luiz da Grã o fossem chamar a muita pressa, ainda que fosse muitas leguas pelo sertão a dentro.

Como Nosso Senhor ordenou que no mesmo dia que estava para partir lhe chegasse a nova, logo desistiu de tudo, até se ver com elle. E chegando-lhe o recado a Piratininga ás 9 ou 10 horas antes do meio dia, logo no mesmo dia se partiu para o mar, sem querer deixar descansar o Irmão, que lh'o levava, e chegando a uma villa dahi a tres leguas a pousar, lhe mandou fazer a doutrina aos Indios da terra. Ao seguinte dia andou mui grande e aspero caminho a pé e mais do que pareciam soffrer suas forças e chegando quasi noite ao mar se embarcou em uma pequena canôa de casca, para passar umas tres leguas que havia até a villa. Sobreveiu a noite com grande escuridade, tormentas e chuva e foi forçado recolher-se á terra.

Estava alli um homem poderoso pouco bem affecto ao padre Nobrega e que então de fresco estava mui indignado contra elle; á casa deste se recolheu, atinando com a porta ás apalpadellas, confiando em Deus de o ganhar com isto e tornal-o a reconciliar e disse ao Irmão seu companheiro: *Ide vós adiante e dizei-lhe que estou aqui e faça elle o que quizer.* O homem, ouvindo o recado, esquecido de seus aggravos, sahiu logo acompanhado de seus escravos com muito lume e levou o Padre nos braços e o vestiu com seus proprios vestidos e o mesmo fez ao Irmão, agasalhando-os com muita charidade e queixando-se por querer passar o Padre com tal tempo, estando alli sua casa, e dalli por diante ficou grande amigo do Padre e da Companhia, na qual depois o mesmo Padre lhe recebeu um filho. Finalmente não descansou até o outro dia se ver com o padre Grã e tratando com elle o negocio desfez logo toda a traça de sua ida ao rio da Prata, deixando seu proprio parecer e

seguinto o do Padre, que logo se persuadiu seria mais conforme á vontade de nosso padre Santo Ignacio.

Ao padre Luiz da Grã, seu collateral, tratava com tanto respeito e reverencia como si fôra seu superior, não fazendo cousa de importancia sem seu parecer e conselho, o qual facilmente tomava e seguia. Depois que o Padre foi provincial, a todos dava exemplo de obediencia. Para elle bastava a minima significação da vontade do padre Luiz da Grã, provincial. Desejou muito e procurou que um Irmão pregasse em portuguez: o Irmão excusava-se; finalmente vendo-se apertado, lhe respondeu: *O padre Luiz da Grã me disse á sua partida que não era nada dos Irmãos pregarem sem ordens por falta de autoridade.* Com isto se calou o padre Nobrega, sem insistir mais, como que fôra obediencia expressa, posto que tinha para si que nada faltava ao Irmão para isso. Dahi a algum tempo foi necessario acudir o mesmo Irmão a pregar uma paixão, ao qual depois de a pregar, disse o Padre: *Vós haveis de dar conta a Deus, porque não quizestes pregar até agora.* E comtudo nunca mais o convidou para isso, pelo que tinha dito do padre Luiz da Grã.

Não era muito ter elle esta obediencia aos superiores, porque era tão humilde que aos mesmos subditos se sujeitava facilmente, seguinto o parecer delles, quando lhe davam boa razão, e deixando o proprio. Estava elle muito determinado, quando se começou a povoação do Rio de Janeiro, de mandar um Padre e com elle um Irmão por superior; dissimulou o Irmão com isso por alguns dias e depois de encommendar a cousa a Deus, disse ao padre Nobrega que não devia mandal-o por superior por algumas razões que lhe deu. Ouviu-o o Padre e cuidando nisso mudou logo o parecer despachando-os para aquella missão, juntos os mais de casa, disse: *O Padre, por ser sacerdote será superior; mas lembrar-se-á, pois o Irmão foi seu mestre, do respeito e reverencia que se lhe deve ter e de tomar seus conselhos (*).*

Tomava muito bem e folgava que os Irmãos fossem avisados de outros Padres e Irmãos, que lhe parecia o podiam fazer ainda que fosse deante d'elle mesmo. Uma vez, queixando-se o Irmão mestre da grammatica de si mesmo, porque diante d'elle os reprehendia algumas vezes, respondeu-lhe o Padre: *Fazei-o assim, Irmão, fazei, folgo muito que nisso me ajudais.* Quando se achava alguns tempos só sem sacerdote, confessava-se com algum Irmão, desejando descobrir suas faltas e ser reprehendido e recebia della a absolvição geral da missa. Uma vez com este espirito de humil-

(*) O irmão era Anchieta e o padre Gonçalo de Oliveira, que já era sacerdote, quando entrou para a Companhia. — G.

VIDA DE NOBREGA

dade praticando com os Padres e Irmãos em um repouso, disse: "D'aquí por diante quero ter dous confessores, um Padre que me absolva e um Irmão que me reprehenda."

No tratamento pessoal era necessario terem cuidado delle, porque elle o não tinha de si. Seguia sempre a communitade sem singularidade alguma, salvo para mais estreiteza. Era de pouco comer; e ainda que de compleição delicada, nenhum trabalho receiava, como andar sempre a pé por caminhos muito asperos de mattos e serras, com grandes frios, chuvas e alagadiços. E ás vezes, por não poder com o peso da roupeta, caminhava sem ella, por excusar ser levado ás costas alheias. Seu vestido era o peor e não podia trazer roupa nova, sinão velha e remendada e sem uso de mantéo, porque então pela muita pobreza o não havia.

Quando andava fóra de casa, de toda pessoa que lhe offerecia a pousada a accitava de boa vontade, e jantava e dormia ahi todo o tempo que era necessario, assim por ser esmola, como porque com isso ganhava a vontade a todos; a uns para se tirarem do mau estado e a outros para no seu viverem conforme a lei de Deus e serem mais promptos para boas obras. Em especial usava disto com um vigario muito velho e honrado, que conformava pouco com o proceder da Companhia no governo de suas ovelhas, que achavam nellé refugio para suas consciencias, com pouco escrupulo da verdade que dos Padres ouviam e criam. Com este pousava muitas vezes e recebia suas esmolas, advertindo-o do que tocava á sua consciencia e de suas ovelhas. E tendo elle alguns tempos impedimentos de enfermidade e outros, suppria o padre Nobrega por si e pelos Padres nas missas e em tudo mais por elle e depois pondo-lhe embargo em sua paga pelos officiaes d'El-Rei lhe fez pagar tudo.

Com estas boas obras o vigario se chegava cada vez mais aos Padres, até que já no cabo da vida fez uma confissão geral com um delles e por seu conselho deixou muitos mezes de dizer missa, por ser tremulo pela muita velhice e fazer o mais do seu officio, deixando tudo aos Padres, e com isto acabou em paz, com muita edificação de todas as suas ovelhas, que com esta occasião se deixavam tambem reger pelos da Companhia. Era o padre Nobrega em suas enfermidades muito paciente, dando pouca occupação e trabalho aos Irmãos e como sua ultima idade foi uma continua doença, esta passou alguns annos com muita falta de remedios temporaes. E abraçado com esta pobreza deu com muita paz seu espirito ao Senhor."

Até aqui a narração das virtudes do padre Nobrega, com as mesmas palavras do santo padre Anchieta, dignissimo discipulo de tal mestre.

Na materia de sua pobreza traz o nosso padre Simão de Vascon-

cellos que na Bahia não tendo muitas vezes camisa que vestir e succedendo nesse tempo vir a nossa casa o Governador Men de Sá, o padre Nobrega punha no pescoço um lenço, com que dissimulava a falta da camisa, e costumava chamar por graça a este lenço a sua hypocrisia. As alfaias do seu uso todas eram a mesma pobreza. Em tudo foi este santo Padre homem grande. Sua vida escrevem muitos auctores, e em especial o nosso padre Simão de Vasconcellos na primeira parte da Historia da nossa Provincia do Brasil e o santo varão Joseph de Anchieta na Relação dos principios daquella provincia, cujo traslado trazido a este Reino pelo padre Fernão Cardim, temos em o nosso cartorio de Coimbra, onde tambem ha muitas cartas do padre Nobrega, que escrevia a esta Provincia das cousas do Brasil. De todos estes documentos me aproveitei para esta narração, a qual é só um como indice de quão grande foi o padre Manuel da Nobrega.

Quero acabar com um paragrafo de uma carta do Irmão Ambrosio Pires sobre o que lhe dissera certo homem que lhe trouxera carta do Padre Nobrega, quando assistia em S. Vicente, que certo me fez devação a primeira vez, que o li: é o seguinte: “Quem me estes dias passados deu a carta do Padre, em que me manda ir á Bahia, é uma pessoa devota e conversava com os Padres mysticamente. Quiz-me informar delle da vida dos Irmãos e Padres. El contou-m’a elle de maneira com não ser mui rhetorico, que eu desejei mais, que o ouviram a elle contar que escrever o que elle me disse. Eu lhe perguntava por sua maneira de vida e elle me contou sua maneira de morte; disse-me que os Irmãos eram umas mortes vivas ou umas vidas mortas. Disse-me: O’ Padre, si visseis os Padres que andam em S. Vicente por esses matos e campos. Si visseis o Nobrega que é o seu Superior, verieis um homem que o não parece e um homem de engonços e de pelle e ossos; um rosto de cera amarella, ainda que muito alegre sempre e cheio de riso; uns olhos sumidos, com um vestido que não sabeis si o foi alguma hora; os pés descalços, esfolados do sol. Seu comer são suspiros, seu beber lagrimas pela conversão dos infieis e pela má vida dos Christãos, mais infieis nas obras que elles. Para sustentar o corpo, seu manjar é aboboras de Guiné cosidas em agua e quando lhe fazem alguma festa deitam-lhe summo de laranja: a farinha vem-lhe de longe, primeiro é podre que comida. Si com isto visseis sua affabilidade, alegria espiritual e charidade dentro e fóra de casa; si visseis seus compridos caminhos com poucos alforges e borçoletes, porque a sua mula não póde com elles ainda que vasios: o passar dos rios, alagoas, lamas, matos sem caminho, fomes, sedes nos despovoados, os perigos das onças e bichos, e bichos que suspiram mais

VIDA DE NOBBEGA

por carne humana que lobos por cordeiros; o cuidado de visitar agora a uns e agora a outros Irmãos, que tem postos entre os Indios tão longe uns dos outros e que elle tanto ama e com que tanto se consola, O' Padre, vós verieis quão boa vida cá levais ao longo do mar e rogarieis a Deus que vos fizesse companheiro dos trabalhos, pois é certo que o quereis ser das consolações e da gloria."

P. ANTONIO FRANCO.

I

AO PADRE MESTRE SIMÃO RODRIGUES DE AZEVEDO

(1549)

Chegada á Bahia. — Estado da terra. — Occupações dos Padres e Irmãos. — Padre Navarro, irmão Vicente Rodrigues. — Caramurú. — Um Indio christão. — Leonardo Nunes, Diogo Jacome. — Os sacerdotes da terra. — O Governador.

A GRAÇA e amor de Nosso Senhor Jesus Christo seja sempre em nosso favor e ajuda. Amen.

Sómente darei conta a Vossa Reverendissima de nossa chegada a esta terra, e do que nella fizemos e esperamos fazer em o Senhor Nosso, deixando os fervores de nossa prospera viagem aos Irmãos que mais em particular a notaram.

Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mez de Março de 1549. Andamos na viagem oito semanas (1). Achamos a terra de paz e quarenta ou cincoenta moradores na povoação que antes era; receberam-nos com grande alegria e achamos uma maneira de egreja, junto da qual logo nos aposentamos os Padres e Irmãos em umas casas a par della, que não foi pouca consolação para nós para dizermos missas e confessarmos. E nisso nos occupamos agora.

Confessa-se toda a gente da armada, digo a que vinha nos outros navios, porque os nossos determinamos de os confessar na nau.

(1) Nobrega veiu com o 1º Governador do Brasil Thomé de Sousa, que partiu de Lisboa a 1 de Fevereiro de 1549. Seus companheiros foram os padres Leonardo Nunes, João de Aspicuelta Navarro e Antonio Pires e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome.

O primeiro domingo que dissemos missa foi a quarta dominga da quadragesima (2). Disse eu missa cedo e todos os Padres e Irmãos confirmamos os votos que tínhamos feito e outros de novo com muita devoção e conhecimento de Nosso Senhor, segundo pelo exterior é licito conhecer. Eu prégo ao Governador e á sua gente na nova cidade (3) que se começa, e o padre Navarro á gente da terra. Espero em Nosso Senhor fazer-se fructo, posto que a gente da terra vive em peccado mortal, e não ha nenhum que deixe de ter muitas negras das quaes estão cheios de filhos e é grande mal. Nenhum delles se vem confessar; ainda queira Nosso Senhor que o façam depois. O Irmão Vicente Rijo (4) ensina a doutrina aos meninos cada dia e tambem tem eschola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os Indios desta terra, os quaes têm grandes desejos de aprender e, perguntados si querem, mostram grandes desejos.

Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem habeis para o baptismo. Todos estes que tratam connosco, dizem que querem ser como nós, sinão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm. Si ouvem tanger á missa, já acodem e quanto nos vêm fazer, tudo fazem, assentam-se de giolhos, batem nos peitos, levantam as mãos ao Ceu e já um dos Principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado e em dous dias soube o A, B, C todo, e o ensinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão e não comer carne humana, nem ter mais de uma mulher e outras cousas; sómente que ha de ir á guerra, e os que captivar, vendel-os e servir-se delles, porque estes desta terra sempre

(2) 31 de Março.

(3) A primitiva cidade, fundada por Francisco Pereira Coutinho, 1º donatario da Bahia, ficava no sitio da Victoria, segundo Jaboatão (*Novo Orbe*, part. 2ª, vol. I, pg. 18), e chamou-se depois Villa Velha. A nova cidade era comprehendida entre o logar que depois tomou o nome de Terreiro de Jesus e o largo do Theatro, actual praça Castro Alves. Esta estabeleceu-se no dia 1º de Novembro, tomando posse o Governador, ao que accusa Jaboatão (l. c., pg. 21).

(4) Aliás Rodrigues. Viveu no Brasil 49 annos, fallecendo no Rio de Janeiro a 9 de Junho de 1598. Seu irmão o padre Jorge Rijo foi quem educou Joseph de Anchieta no Collegio de Coimbra. V. Franco, *Imag. da virt. do Coll. de Coimbra*, I, pg. 551.

CARTA DO BRASIL (1549)

têm guerra com outros e assim andam todos em discordia, comem-se uns a outros, digo os contrarios. E' gente que nenhum conhecimento tem de Deus. Têm idolos (5), fazem tudo quanto lhes dizem.

Trabalhamos de saber a lingua delles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos (6). Temos determinado ir viver com as aldeias, como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingua e il-os doutrinando pouco a pouco. Trabalhei por tirar em sua lingua as orações e algumas praticas de Nosso Senhor e não posso achar lingua que m'o saiba dizer, porque são elles tão brutos que nem vocabulos têm. Espero de as tirar o melhor que puder com um homem (7) que nesta terra se criou de moço, o qual agora anda mui occupado em o que o Governador lhe manda e não está aqui. Este homem com um seu genro (8) é o que mais confirma as pazes com esta gente, por serem elles seus amigos antigos.

Tambem achamos um Principal delles já christão baptisado, o qual me disseram que muitas vezes o pedira, e por isso está mal com todos os seus parentes. Um dia, achando-me eu perto delle, deu uma bofetada grande a um dos seus por lhe dizer mal de nós ou cousa semelhante. Anda muito fervente e grande nosso amigo; demos-lhe um barrete vermelho que nos ficou do mar e umas calças. Traz-nos peixe e outras cousas da terra com grande amor; não tem ainda noticia de nossa Fé, ensinamo-lh'a; madrugua muito cedo a

(5) E' o que se lê no cód. msc. da Bibl. Nac.; mas os Indios da costa não tinham idolos, como se vê da 9ª carta e de muitos outros documentos contemporaneos. Houve, pois, erro de cópia.

(6) "Foi o primeiro que poz na lingua brasilica algumas orações e dialogos da nossa santa Fé." S. de Vasc., *Chron.*, l. I, nº 48.

(7) Diogo Alvares, o Caramurú.

(8) Provavelmente Paulo Dias Adorno. V a carta publ. por Porto Seguro, *Hist. Ger. do Brasil*, pg. 236 e a nota 2 da pag. 239. [Tomo I, pg. 297/298, 4ª ed.]. A noticia do achado do doc. foi publ. no *Diario Official* de 13 de Dezembro de 1872 e não Novembro, como diz a nota 1 da pag. 237 da *Hist. Geral*. Jaboatão já o conhecia e o transcreve no seu *Catalogo genealogico*, 1768, [Publ. na *Revista do Instituto*, LII, parte 1ª], declarando á margem: "Acha-se no Liv. 4 de Servicos da Camera da Bª. fol. 24, e ahi as certidões dos Tabeliães, que as reconhecerão." Candido Mendes (*Rev. do Inst.*, XL, 1877, p. 2ª, pg. 20) duvida da sua authenticidade.

Segundo Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Bras.*, liv. 3º, cap. 10), Paulo Dias era commendador de Santiago e esteve na conquista do Rio de Janeiro com Estacio de Sá. [Ed. de 1918, pg. 178]. — G.

tomar lição e depois vai aos moços a ajudal-os ás obras. Este diz que fará christãos a seus irmãos e mulheres e quantos puder. Espero em o Senhor que este ha de ser um grande meio e exemplo para todos os outros, os quaes lhe vão já tendo grande inveja por verem os mimos e favores que lhe fazemos. Um dia comeu conosco á mesa perante dez ou doze ou mais dos seus, os quaes se espantaram do favor que lhe davamos.

Parece-nos que não podemos deixar de dar a roupa que trouxemos a estes que querem ser christãos, repartindo-lh'a até ficarmos todos eguaes com elles, ao menos por não escandalisar aos meus Irmãos de Coimbra, si souberem que por falta de algumas ceroulas deixa uma alma de ser christã e conhecer a seu Creador e Senhor e dar-lhe gloria; *ego, Pater mi, in tanto positus igne charitatis non tremor*. Certo o Senhor quer ser conhecido destas gentes e communicar com elles os thesouros dos merecimentos da sua Paissão, *sicut aliquem te audivi prophetantem*. E por tanto, *mi Pater, compelle multas intrare naves et venire ad hanc quam plantat Dominus vineam suam*. Cá não são necessarias lettras mais que para entre os Christãos nossos, porém virtude e zelo da honra de Nosso Senhor é cá mui necessario.

O padre Leonardo Nunes mando aos Ilheos e Porto Seguro, a confessar aquella gente que tem nome de Christãos, porque me disseram de lá muitas miserias, e assim a saber o fructo que na terra se póde fazer. Elle escreverá a Vossa Reverendissima de lá largo. Leva por companheiro a Diogo Jacome, para ensinar a doutrina aos meninos, o que elle sabe bem fazer; eu o fiz já ensaiar na nau, é um bom filho. Nós todos tres confessaremos esta gente; e depois espero que irá um de nós a uma povoação grande, das maiores e melhores desta terra, que se chama Pernambuco (9) e assim em muitas partes apresentaremos e convidaremos com o Crucificado. Esta me parece agora a maior empresa de todas, segundo vejo a

(9) E' palavra tupi já então alterada. Veja-se a sua orthogr. e etymologia nos *Ann. da Bibl. Nac.*, vol. VIII, pg. 215. Ahi escaparam dous erros typographicos que ora se corrigem: na interpretação do Dr. Baptista Caetano em vez de *paranãmburú* e *purú-mburú* leia-se *paranãmbukú* e *purú-mbukú*.

CARTA DO BRASIL (1549)

gente docil. Sómente temo o mau exemplo que o nosso Christianismo lhe dá, porque ha homens que ha sete e dez annos que se não confessam e parece-me que põem a felicidade em ter muitas mulheres. Dos sacerdotes ouço cousas feias. Parece-me que devia Vossa Reverendissima de lembrar a Sua Alteza um Vigario Geral, porque sei que mais moverá o temor da Justiça que o amor do Senhor. E não ha oleos para ungir, nem para baptisar; faça-os Vossa Reverendissima vir no primeiro navio, e parece-me que os havia de trazer um Padre dos nossos (*).

Tambem me parece que mestre João (10) aproveitaria cá muito, porque a sua lingua é semelhante a esta e mais aproveitar-nos-hemos cá da sua theologia.

A terra cá achamol-a boa e sã. Todos estamos de saude, Deus seja louvado, mais sãos do que partimos.

As mais novas da terra e da nossa cidade os Irmãos escreverão largo e eu tambem pelas naus quando partirem. Crie Vossa Reverendissima muitos filhos para cá, que todos são necessarios. Eu um bem acho nesta terra que não ajudará pouco a permanecerem depois na Fé, que é ser terra grossa, e todos têm bem o que hão mister, e a necessidade lhes não fará prejuizo algum. Estão espantados de ver a magestade com que entramos e estamos, e temem-nos muito, o que tambem ajuda. Muito ha que dizer desta terra; mas deixo-o ao commento dos charissimos Irmãos. O Governador é es-

(*) A carencia de oleo foi depois supprida pelo da arvore *cabureiba*, que o Summo Pontifice declarou por "materia legitima da santa unção e chrisma, e como tal se mistura e sagra com os santos oleos onde falta o da Persia", Frei Vicente do Salvador, *Historia do Brasil*, 30, ed. de 1918. — G.

(10) Refere-se provavelmente ao padre Misser João, aragonez. D'elle diz Franco: "Foi capellão das Infantas de Castella D. Maria, Imperatriz, e D. Joanna, mãe d'El-Rei D. Sebastião; foi recebido pelo padre Pedro Fabro em Lovayna e d'ali mandado ter seu noviciado em Coimbra no anno de 1544. Sempre deu mostras de muita virtude, em especial sendo companheiro do padre mestre Simão, quando sendo mestre do Principe D. João o acompanhava á côrte, na qual a todos era exemplo de rara santidade. Era amparo de pobres, viuvas e necessitados, zeloso do bem das almas, incansavel em confessar; tinha particular graça para trazer a gente ás confissões. Morreu em Lisboa na Casa de Santo Antão o Velho aos 2 de Março de 1553." (*Imag. da virt. do Coll. de Coimbra*, II, pg. 572).

MANUEL DA NOBREGA

colhido de Deus para isto, faz tudo com muito tento e siso. Nosso Senhor o conservará para reger este seu povo de Israel. *Tu autem, Pater, ora pro omnibus et presertim pro filiis quos enutristi.* Lance-nos a todos a benção de Christo Jesu Dulcissimo.

Desta Bahia, 1549.

Esta carta não traz mez nem dia; mas foi escripta depois de 31 de Março e antes de 15 de Abril, como se deduz da 2ª carta escripta em continuação. No códice msc. da Bibl. Nac. lê-se á margem *No mez de Abril*. Barbosa Machado (*Bibl. Lus.*, III, pg. 324) tambem diz que é de Abril, e que o autographo se conservava no archivo do Collegio de S. Roque de Lisboa.

Publicou-se pela primeira vez em 1843 no tomo V da *Rev. do Inst. Hist.*, pp. 429/432 [3ª ed., 457/460]; foi reproduzida no 2º vol. da *Chron. da Comp. de Jesu* de Simão de Vasconcellos, ed. de Lisboa de 1865, pp. 289/292.

II

PARA O PADRE MESTRE SIMÃO

(1549)

Os sacerdotes da terra. — Conversão de um contrario. — S. Thomé e suas pegadas. — Espanto dos Indios. — O Governador. — Necessidade de Vigario Geral.

A GRAÇA e amor de Nosso Senhor Jesus Christo seja sempre em nosso favor. Amen.

Depois de ter escripto á Vossa Reverendissima, posto que brevemente, segundo meus desejos, succedeu não se partir a caravella, e deu-me logar para fazer esta e tornar-lhe a encommendar as necessidades da terra e o apparelho que tem para se muitos converterem. E certo é muito necessario haver homens *qui quærant Jesum Christum solum crucifixum*. Cá ha clerigos, mas é a escoria que de lá vem; *omnes quærunnt quæ sua sunt*. Não se devia consentir embarcar sacerdote sem ser sua vida muito approvada, porque estes destroem quanto se edifica; *sed mitte, Pater, filios tuos in Domino nutritos fratres meos, ut in omnem hanc terram exeat sonus eorum*.

Hontem que foi domingo de Ramos (11), apresentei ao Governador um para se baptisar depois de doutrinado, o qual era o maior contrario que os Christãos até agora tiveram: recebeu com amor. Espero em Nosso Senhor de se fazer muito fructo.

(11) 14 de Abril.

MANUEL DA NOBREGA

Tambem me contou pessoa fidedigna que as raizes de que cá se faz o pão, que S. Thomé as deu, porque cá não tinham pão nenhum. E isto se sabe da fama que anda entre elles, *quia patres eorum nuntiaverunt eis*. Estão d'aqui perto umas pisadas figuradas em uma rocha, que todos dizem serem suas. Como tivermos mais vagar, havemol-as de ir ver.

Estão estes Negros (12) mui espantados de nossos officios divinos. Estão na egreja, sem ninguem lhes ensinar, mais devotos que os nossos Christãos. Finalmente perdem-se á mingua. *Mitte igitur operarios quia jam satis alba est messis*.

O Governador nos tem escolhido um bom valle para nós; parece-me que teremos agua, e assim m'ò dizem todos. Aqui deviamos de fazer nosso valhacouto, e d'aqui combater todas as outras partes. Ha cá muita necessidade de Vigario Geral para que elle com temor e nós com amor procedendo, se busque a gloria do Senhor. O mais verá pelas cartas dos Irmãos.

Vale semper in Domino, mi Pater, et benedic nos omnes in Christo Jesu.

Da Bahia, 1549.

Continuação da antecedente, não traz expresso o dia em que foi escripta, mas do contexto vê-se que é de segunda-feira, 15 de Abril. Segundo Barbosa Machado, o original conservava-se tambem no archivo do Collegio de S. Roque. Imprimiu-se pela primeira vez em 1843 no tomo V da *Rev. do Inst. Hist.*, pg. 433 [3ª ed., 461/462]; transcripta no 2º vol. da *Chron.* de S. de Vasconcellos, ed. citada, pp. 300/301.

(12) Assim eram ás vezes chamados os que mais tarde ficaram conhecidos, não menos propriamente, pelo nome de Indios.

III

AO PADRE MESTRE SIMÃO

(1549)

Falta de mulheres. — Saltos dos Indios. — Causa da guerra da Bahia. — Carijós. — Padres em S. Vicente. — Necessidade de Bispo. — Logar escolhido para o Collegio. — Pedido de officiaes. — Os degradados. — Falta de roupa. — Antonio Pires. — Leonardo Nunes, Diogo Jacome, Navarro, Vicente Rodrigues. — Missa cantada. — Procissão de Corpus Christi. — Agradecimentos ao Governador e outros. — Pedidos.

A GRAÇA e amor de Nosso Senhor Jesus Christo seja sempre em nosso favor. Amen.

Pela primeira via escrevi a Vossa Reverendissima e aos Irmãos largo, e agora tornarei a repetir algumas cousas, ao menos em somma, porque o portador desta, como testemunha de vista, me escusará de me alargar muito, e algumas cousas mais se poderão ver pela carta que escrevo ao Doutor Navarro.

Nesta terra ha um grande peccado, que é terem os homens quasi todos suas Negras por mancebas, e outras livres que pedem aos Negros por mulheres, segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres. E estas deixam-n'as quando lhes apraz, o que é grande escandalo para a nova Igreja que o Senhor quer fundar. Todos se me escusam que não têm mulheres com que casem, e conheço eu que casariam si achassem com quem; em tanto que uma mulher, ama de um homem casado que veiu nesta armada, pelejavam sobre

ella a quem a haveria por mulher, e uma escrava do Governador lhe pediam por mulher e diziam que lh'a queriam forrar. Parece-me cousa mui conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá têm pouco remedio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, com tanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casarão mui bem, porque é terra muito grossa e larga, e uma planta que se faz dura dez annos aquella novidade, porque, assim como vão apanhando as raizes, plantam logo ramos, e logo arrebetam. De maneira que logo as mulheres terão remedio de vida, e estes homens remediariam suas almas, e facilmente se povoaria a terra.

E estes amancebados tenho mostrado, por vezes, assim em pré-gaões em geral, como em particular, e uns se casam com algumas mulheres si se acham, outros com as mesmas Negras, e outros pedem tempo para venderem as Negras, ou se casarem. De maneira que todos, gloria ao Senhor, se põem em algum bom meio: sómente um que veio nesta armada, o qual como chegou logo tomou uma Índia gentia pedindo-a a seu pae, fazendo-a christã, porque este é o costume dos Portuguezes desta terra, e cuidam nisto *obsequium se prestare Deo*, porque dizem não ser peccado tão grande, não olhando a grande irreverencia que se faz ao sacramento do Baptismo, e este amancebado, não dando por muitas admoestações que lhe tinha feito, se poz a permanecer com ella, o qual eu mostrei no pulpito; que dentro daquella semana a deitasse fóra, sob pena de lhe prohibir o ingresso da igreja; o que fiz por ser peccado mui notorio e escandaloso, e elle pessoa de quem se esperava outra cousa e muitos tomavam occasião de tomarem outras. O que tudo Nosso Senhor remediou com isto que lhe fiz, porque logo a deitou de casa, e os outros que o tinham imitado no mal o imitaram tambem nisto, que botaram tambem as suas, antes que mais se soubesse e agora ficou grande meu amigo. Agora ninguem de que se presuma mal merca estas escravas. Neste officio me metti em ausencia do Vigario Geral, parecendo-me que em cousas de tanta necessidade, Nosso Senhor me dava cuidados destas ovelhas.

Alguns blasphemadores publicos do nome do Senhor havia, os

Alta de
mulheres

amancebados

blasphemia

CARTA DO BRASIL (1549)

quaes admoestamos por vezes em os sermões, lendo-lhes as penas do direito, e admoestando ao Ouvidor Geral (13) que attentasse por isso. Gloria ao Senhor, vai-se já perdendo este mau costume e, si acontece cabir alguém pelo mau costume, vem-se a mim pedir-me penitencia. Nestes termos está esta gente. Agora temo que, vindo o Vigario Geral que já é chegado a uma povoação aqui perto, se ousem a alargar mais. Eu ladrarei quanto puder.

Escrevi a Vossa Reverendissima acêrca dos saltos que se fazem nesta terra, e de maravilha se acha cá escravo que não fosse tomado de salto, e é desta maneira que fazem pazes com os Negros para lhes trazerem a vender o que têm e por engano enchem os navios delles e fogem com elles; e alguns dizem que o podem fazer por os Negros terem já feito mal aos Christãos. O que posto que seja assim, foi depois de terem muitos escandalos recebidos de nós. De maravilha se achará cá na terra, onde os Christão não fossem causa da guerra e dissensão, e tanto que nesta Bahia, que é tido por um Gentio dos peiores de todos, se levantou a guerra por os Christãos, porque um Padre (14), por lhe um Principal destes Negros não dar o que lhe pedia, lhe lançou a morte, no que tanto imaginou que morreu, e mandou aos filhos que o vingassem.

De maneira que os primeiros escandalos são por causa dos Christãos, e certo que, deixando os maus costumes que eram de seus avós, em muitas cousas fazem vantagem aos Christãos, porque melhor moralmente vivem, e guardam melhor a lei da natureza. Alguns destes escravos me parece que seria bom juntal-os e tornal-os á sua terra e ficar lá um dos nossos para os ensinar, porque por aqui se ordenaria grande entrada com todo este Gentio.

Entre outros saltos que nesta costa são feitos, um se fez ha dous annos muito cruel, que foi irem uns navios a um Gentio, que chamam os Carijós (15), que estão além de S. Vicente, o qual todos

(13) Dr. Pero Borges, que veiu com Thomé de Sousa.

(14) Provavelmente o Bezerra, a quem se refere Porto Seguro, *Hist.*, pg. 200. — [Veja a carta de Pero Borges a D. João III, de 7 de Fevereiro de 1550, *op. cit.*, tomo I, 234, da 4ª ed.]. — G.

(15) No msc. da Bibl. Nac. lê-se *Chajios*, evidentemente erro de cópia. Os Carijós dos Portuguezes e os Cariões e Carios dos Hespanhoes são os Guaranis. V. Gusman, *Argentina* (1624), publ. por Angelis em 1835, Liv. I, Cap. V, pg. 17 Já em 1527 Diego Garcia os conhecia com o nome de *Guara-*

Costumes

dizem que é o melhor gentio desta Costa, e mais aparelhado para se fazer fructo: elle sómente tem duzentas leguas de terra: entre elles estavam convertidos e baptisados muitos. Morreu um destes clerigos, e ficou o outro e proseguiu o fructo: foram alli ter estes navios que digo, e tomaram o Padre dentro em um dos navios com outros que com elle vinham e levantaram as velas; os outros que ficaram em terra vieram em paus a bordo do navio, que levassem embora os Negros e que deixassem o seu Padre, e por não quere-rem os dos navios, tornaram a dizer que, pois levavam o seu Pa-dre, que levassem tambem a elles, e logo os recolheram e os trouxe-ram, e o Padre puzeram em terra, e os Negros desembarcaram em uma capitania, para venderem alguns delles, e todos se acolheram á egreja, dizendo que eram christãos, e que sabiam as orações e ajudar a missa, pedindo misericordia.

Não lhes valeu, mas foram tirados e vendidos pelas capitancias desta costa. Agora me dizem que é lá ido o Padre a fazer quei-xume; delle poderá saber mais largo o que passa. Agora temos assentado com o Governador, que nos mande dar estes Negros, para os tornarmos á sua terra, e ficar lá Leonardo Nunes para os en-sinar.

Desejo muito que Sua Alteza encommendasse isto muito ao Go-vernador, digo, que mandasse provisão para que entregasse todos os escravos salteados para os tornarmos a sua terra, e que por parte da Justiça se saiba e se tire a limpo, posto que não haja parte, pois disto depende tanto a paz e conversão deste Gentio. E Vossa Re-verendissima não seja avarento desses Irmãos e mande muitos para socorrerem a tantas e tão grandes necessidades, que se perdem estas almas á mingua, *petentes panem et non est qui frangat eis*. Lá bem abastam tantos Religiosos e pregadores, muitos Moysés e Prophetas ha lá.

Esta terra é nossa empresa, e o mais Gentio do mundo. Não deixe lá Vossa Reverendissima mais que uns poucos para aprender,

nies (*Rev. do Inst.*, XV, 1852, pg. 13); Luiz Ramirez na carta do Rio da Prata de 10 de Juho de 1528 (*Ibi, ibi*, pp. 21 e 27) tambem os chama *Guaranis y por otro nombre Chandis II*. Ainda em 1556 Bartholomeu Garcia os chamava em Assumpção do Paraguay de *Guaranies*. (*Cartas de Indias*, Madrid, 1877, pg. 606).

CARTA DO BRASIL (1549)

os mais venham. Tudo lá é miseria quanto se faz: quando muito ganham-se cem almas, posto que corram todo o Reino; cá é grande manchêa. Será cousa muito conveniente haver do Papa ao menos os poderes que temos do Nuncio e outros maiores, e podermos levantar altar em qualquer parte, porque os do Nuncio não são perpetuos, e assim que nos commetta seus poderes acerca destes saltos, para podermos commutar algumas restituções e quietar consciencias e ameaços que cada dia acontecem, e assim tambem que as leis positivas não obriguem ainda este Gentio, até que vão aprendendo de nós por tempo, *scilicet*: jejuar, confessar cada anno e outras cousas semelhantes; e assim tambem outras graças e indulgencias, e a bulla do Santissimo Sacramento para esta cidade da Bahia, e que se possa communicar a todas as partes desta costa, e o mais que a Vossa Reverendissima parecer.

E' muito necessario cá um Bispo para consagrar oleos para os baptisados e doentes e tambem para confirmar os Christãos que se baptisam, ou ao menos um Vigario Geral para castigar e emendar grandes males, que assim no ecclesiastico como no secular se commettem nesta costa, porque os seculares tomam exemplo dos sacerdotes e o Gentio de todos; e tem-se cá que o vicio da carne que não é peccado, como não é notavelmente grande e consente a heresia que se reprova na egreja de Deus. *Quod est dolendum*. Os oleos que mandamos pedir nos mande, e vindo Bispo, não seja dos que *quærent sua, sed quæ Jesu Christi*. Venha para trabalhar e não para ganhar.

Eu trabalhei por escolher um bom logar para o nosso Collegio dentro na cerca e sómente achei um, que lá vai por mostra a Sua Alteza, o qual tem muitos inconvenientes, porque fica muito junto da Sé e duas egrejas juntas não é bom, e é pequeno, porque onde se ha de fazer a casa não tem mais que dez braças, posto que tenha ao comprido da costa quarenta, e não tem onde se possa fazer horta, nem outra cousa, por ser tudo costa mui ingreme, e com muita sujeição da cidade. E portanto a todos nos parece melhor um teso que está logo além da cerca, para a parte d'onde se ha de estender a cidade, de maneira que antes de muitos annos podemos ficar no meio, ou pouco menos da gente, e está logo ahi uma aldêa perto,

onde nós começamos a baptisar, em a qual já temos nossa habitação (16). Está sobre o mar, tem agua ao redor do Collegio, e dentro delle tem muito logar para hortas e pomares; é perto dos Christãos, assim velhos como novos. Sómente me põe um inconveniente o Governador: não ficar dentro na cidade e poder haver guerra com o Gentio, o que me parece que não convence, porque os que hão de estar no Collegio hão de ser filhos de todo este Gentio, que nós não temos necessidade de casa, e posto que haja guerra, não lhes póde fazer mal; e quando agora nós andamos, lá dormimos e comemos, que é tempo de mais temor, e nos parece que estamos seguros, quanto mais depois que a terra mais se povoar. Quanto mais que primeiro hão de fazer mal nos engenhos, que hão de estar entre elles e nós, e quando o mal fôr muito, tudo é recolher á cidade, mórmente que eu creio que ainda que façam mal a todos que a nós nos guardarão, pela affeição que já nos começam a ter; e ainda havendo guerra, me pareceria a mim poder estar seguro entre elles neste começo, quanto mais depois. De maneira que cá todos somos de opinião que se faça alli, e Vossa Reverendissima devia de trabalhar por lhe fazer dar logo principio, pois disto resulta tanta gloria ao Senhor e proveito a esta terra.

A mais custa é fazer a casa, por causa dos officiaes que hão de vir de lá, porque a manança dos estudantes, ainda que sejam duzentos, é muito pouco, porque com o terem cinco escravos que plantem mantimentos e outros que pesquem com barcos e redes, com pouco se manterão; e para se vestir farão um algodoal, que ha cá muito. Os escravos são cá baratos, e os mesmos paes hão de ser cá seus escravos. E' grande obra esta e de pouco custo; nos vindo agora o Vigario nos passamos para lá, por causa dos convertidos, onde estaremos, Vicente Rodrigues, eu e um soldado que se metteu comnosco para nos servir, e está agora em exercicios, de que eu estou muito contente. Faremos nossa igreja, onde ensinaremos os nossos novos Christãos; e aos domingos e festas visitarei a cidade e prégarei.

O padre Antonio Pires e o padre Navarro estarão em outras

(16) No monte Calvario.

CARTA DO BRASIL (1549)

aldêas longe, onde já lhes fazem casas. E portanto, é necessario Vossa Reverendissima mandar officiaes, e hão de vir já com a paga, porque cá diz o Governador, que, ainda que venha alvará de Sua Alteza para nos dar o necessario, que não o haverá hi para isto. Os officiaes que cá estão têm muito que fazer, e que o não tenham estão com grande saudade do Reino, porque deixam lá suas mulheres e filhos, e não acceitarão a nossa obra, depois que cumprirem com Sua Alteza, e tambem o trabalho que têm com as viandas e o mais os tira disso. Portanto me parece que haviam de vir de lá, e, si possivel fosse, com suas mulheres e filhos, e alguns que façam taipas, e carpinteiros. Cá está um mestre para as obras, que é sobrinho de Luiz Dias (17), mestre das obras d'El-rei, o qual veiu com 30\$ de partido; este não é necessario, porque basta o tio para as obras de Sua Alteza, a este haviam de dar o cuidado de nosso Collegio; é bom official.

Serão cá muito necessarias pessoas que teçam algodão, que cá ha muito e outros officiaes. Trabalhe Vossa Reverendissima por virem a esta terra pessoas casadas, porque certo é mal empregada esta terra em degradados, que cá fazem muito mal, e já que cá viessem havia de ser para andarem aferrolhados nas obras de Sua Alteza. Tambem peça Vossa Reverendissima algum petitorio de roupa, para entretanto cobrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada mulher, pela honestidade da Religião Christã, porque vêm todos a esta cidade á missa aos domingos e festas, que faz muita devoção e vêm resando as orações que lhes ensinamos e não parece honesto estarem nuas entre os Christãos na igreja, e quando as ensinamos. E d'isto peço ao padre mestre João tome cuidado, por elle ser parte na conversão destes Gentios, e não fique senhora nem pessoa a que não importune por causa tão santa, e a isto se haviam de applicar todas as restituções que lá se houvessem de fazer, e isto agora sómente no começo, que elles farão algodão para se vestirem ao deante.

Os Irmãos todos estão de saude, e fazem o officio a que foram

(17) Este veiu com Thomé de Sousa. (Porto Seguro, *Hist.*, pg. 235). — [O sobrinho de Luis Dias chamava-se Diogo Peres, *op. cit.* tomo I, 296, da 4ª ed.]. — G.

enviados: sómente Antonio Pires se acha mal das pernas que lhe arreventaram depois das maleitas que teve, e não acaba de ser bem são.

Leonardo Nunes mandei aos Ilhéos, uma povoação daqui perto, onde dá muito exemplo de si e faz muito fructo, e todos se espantam de sua vida e doutrina; foi com elle Diogo Jacome, que fez muito fructo em ensinar os moços e escravos. Agora pouco ha vieram aqui a consultar-me algumas duvidas, e estiveram aqui por dia do Anjo (18), onde baptisamos muitos; tivemos missa cantada com diacono e subdiacono; eu disse missa, e o padre Navarro a Epistola, outro o Evangelho. Leonardo Nunes e outro clerigo com leigos de boas vozes regiam o côro; fizemos procissão com grande musica, a que respondiam as trombetas. Ficaram os Indios espantados de tal maneira, que depois pediam ao padre Navarro que lhes cantasse como na procissão fazia. Outra procissão se fez dia de *Corpus Christi* (19), mui solemne, em que jogou toda a artilharia, que estava na cerca, as ruas muito enramadas, houve danças e invenções á maneira de Portugal. Agora é já partido Leonardo Nunes com Diogo Jacome, e lá me hão de esperar quando eu fôr com o Ouvidor, que irá daqui a dous mezes pouco mais ou menos. O padre Navarro fez muito fructo entre estes Gentios, lá está toda a semana. Vicente Rodrigues tem cuidado de todos baptisados. Antonio Pires e eu estamos o mais tempo na cidade para os Christãos, e não para mais que até chegar o Vigario. Todos são bons e proveitosos, sinão eu que nunca faço nada; e assás devoção ha, pois meu mau exemplo os não escandalisa.

Temos muita necessidade de baptisterios, porque os que cá vieram não valiam nada e hão de ser romanos e bracharenses, porque os que vieram eram venezianos, e assim de muitas capas e ornamentos, porque havemos de ter altares em muitas partes, e imagens e crucifixos, e outras cousas semelhantes, o mais que puder; tudo o que nos mandaram que lá ficava, veiu a muito bom recado.

Folgariamos de ver novas do Congo; mande-nol-as Vossa Re-

(18) 19 de Julho.

(19) 13 de Junho.

CARTA DO BRASIL (1549)

verendissima. A todos estes senhores devemos muito, pelo muito amor que nos têm, posto que o de alguns seja servil.

O Governador nos mostra muita vontade. Pero de Góes (20), nos faz muitas charidades. O Ouvidor Geral é muito virtuoso e ajuda-nos muito. Não fallo em Antonio Cardoso (21), que é nosso pae. A todos mande Vossa Reverendissima os agradecimentos.

Antonio Pires pede a Vossa Reverendissima alguma ferramenta de carpinteiro, porque elle é nosso official de tudo; Vicente Rodrigues, porque é ermitão, pede muitas sementes; o padre Navarro e eu, os livros, que já lá pedi, porque nos fazem muita mingua para duvidas que cá ha, que todas se perguntam a mim. E todos pedimos sua benção e ser favorecidos em sua orações com Nosso Senhor.

Agora vivemos de maneira que temos disciplina ás sextas-feiras, e alguns nos ajudam a disciplinar; é por os que estão em peccado mortal e conversão deste Gentio, e por as almas do Purgatorio, e o mesmo se diz pelas ruas, com uma campainha, segundas e quartas-feiras, assim como nos Ilhéos. Temos nossos exames á noite, e ante-manhã uma hora de oração, e o mais tempo visitar o proximo e celebrar, e outros serviços de casa. Resta, *mi Pater*, que rogue a Nosso Senhor por seus filhos e por mim, *ut quos dedisti non perdam ex eis quemquam*. Pedimos sua benção.

Desta Bahia á 9 de Agosto de 1549.

Publicada pela primeira vez em 1843 na *Rev. do Inst. Hist.*, t. V., pp. 435/442 [3ª ed., 463/470]; depois reproduzida no vol. 2º da *Chronica de Simão de Vasconcellos*, ed. de Lisboa de 1865, pp. 293/300.

Barbosa Machado diz que o autographo egualmente se conservava no archivo do Collegio de S. Roque.

(20) O desafortunado donatario de Campos dos Goytacazes, irmão do chronista Damião de Góes, segundo Varnhagen, *Hist.*, pg. 13. [A versão desse parentesco entre o chronista e o donatario está completamente arredada por Pedro de Azevedo, *Hist. da Col. Portuguesa do Brasil*, III, 212/213]. — G. — Veiu ainda uma vez ao Brasil com Thomé de Sousa como capitão-mór da costa.

(21) de Barros, que veiu com o Governador como provedor-mór da Fazenda. Foi um dos primeiros donatarios do Brasil, mas a respeito da sua donataria quasi nada se sabe.

IV

AO DR. NAVARRO, SEU MESTRE EM COIMBRA

(1549)

Cidade do Salvador. — Clima. — Os naturaes. — Anthropophagia. — Immortalidade da alma. — Noção do Demonio. — Noticia do Diluvio. — S. Thomé. — Pregações e baptismos. — Padre Navarro. — Morte de um Christão. — Uma execução. — Medo dos Indios. — Apêgo aos Padres. — O nome de Jesus popularizado. — Um Indio revela ter estado com Deus no Paraiso. — Conversão de um feiticeiro.

GRATIA et pax Domini Nostri Jesu Christi sit semper nobiscum.
Amen.

Pensando eu muitas vezes na graça que o Senhor me fez, mandando-me á estas terras do Brasil, para dar principio ao conhecimento e louvor do seu santo nome nestas regiões, fico espantado de ter sido para esse fim eleito, sendo eu a escoria de toda a Universidade; mas, além da divina graça, cuido que o ter sido discípulo da doutrina e da virtude de Vossa Reverendissima e as suas orações me impetraram esta misericórdia de Deus, *qui potens est de lapidibus istis suscitare Abraë*; e porém é de razão que eu dê contas a Vossa Reverendissima do que o Senhor começa a obrar nesta sua nova vinha, a qual talvez queira estender *a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos orbis terrarum*; para que Vossa Reverendissima louve por sua parte ao Senhor, á quem só se deve toda a gloria e honra.

CARTA DO BRASIL (1549)

Depois que partimos de Portugal, o que foi em 1º de Fevereiro de 1549, toda a armada trouxe-a Deus a salvamento; sempre com ventos prosperos e de tal arte que chegamos á Bahia de Todos os Santos dentro de 56 dias (22), sem que sobreviesse nenhum contratempo e antes com muitos outros favores e graças de Deus, que bem mostrava ser sua a obra que agora se principiou.

Desde logo se fez a paz com o Gentio da terra e se tomou conselho sobre onde se fundaria a nova cidade, chamada do Salvador (*), onde muito ainda obrou o Senhor, deparando logo muito bom sítio sobre a praia em local de muitas fontes, entre mar e terra e circumdado das aguas em torno aos novos muros. Os mesmos Indios da terra ajudam a fazer as casas e as outras cousas em que se queira empregal-os; pode-se já contar umas cem casas e se começa a plantar cannas de assucar e muitas outras cousas para o mister da vida, porque a terra é fertil de tudo, ainda que algumas, por demasiado pingues, só produzam a planta e não o fructo. E' muito salubre e de bons ares, de sorte que sendo muita a nossa gente e mui grandes as fadigas, e mudando da alimentação com que se nutriam, são poucos os que enfermam e estes depressa se curam. A região é tão grande que, dizem, de tres partes em que se dividisse o mundo, occuparia duas; é muito fresca e mais ou menos temperada, não se sentindo muito o calor do estio; tem muitos fructos de diversas qualidades e mui saborosos; no mar igualmente muito peixe e bom. Similham os montes grandes jardins e pomares, que não me lembra ter visto panno de raz tão bello. Nos ditos montes ha animaes de muitas diversas feituraz, quaes nunca conheceu Plinio, nem delles deu noticia, e hervas de differentes cheiros, mui-

(22) O Visconde de Porto Seguro (*Hist. Ger.*, pg. 237), diz que sendo assim Thomé de Sousa chegaria a Bahia a 26 de Março. Esqueceu-se que Fevereiro tem 28 dias e que o anno não era bissexto. Nobrega na primeira carta diz que gastaram na viagem 8 semanas, que são exactamente 56 dias.

(*) Do que se infere de Jaboatão, *Novo Orbe Serafico Brasilico*, I, 124, Rio, 1858, Thomé de Sousa trazia ordens reaes para dar o titulo do Salvador á cidade que fundasse. Uma provisão de 7 de Janeiro de 1549, anterior á partida do primeiro governador geral para o Brasil, mandava dar 72\$000 a Luis Dias, "que hia por mestre das obras da fortaleza do Salvador." — Conf. *Cartas, Alvarás e Provisões*, na Bibl. Nacional, II-30, 27, 42. — G.

tas e diversas das de Hespanha; o que bem mostra a grandeza e belleza do Creador na tamanha variedade e belleza das creaturas.

Mas é de grande maravilha haver Deus entregue terra tão boa, tamanho tempo, a gente tão inculta que tão pouco o conhece, porque nenhum Deus têm certo, e qualquer que lhes digam ser Deus o acreditam, regendo-se todos por inclinações e appetites sensuaes, que está sempre inclinado ao mal, sem conselho nem prudencia. Têm muitas mulheres e isto pelo tempo em que se contentam com ellas e com as dos seus, o que não é condemnado entre elles. Fazem guerra, uma tribu a outra, a 10, 15 e 20 leguas, de modo que estão todos entre si divididos. Si acontece aprisionarem um contrario na guerra, conservam-o por algum tempo, dão-lhe por mulheres suas filhas, para que o sirvam e guardem, depois do que e matam com grande festa e ajuntamento dos amigos e dos que moram por alli perto, e si delles ficam filhos, os comem, ainda que sejam seus sobrinhos e irmãos, declarando ás vezes as proprias mães que só os paes e não a mãe, têm parte nelles (*). E' esta a cousa mais abominavel que existe entre elles. Si matam a um na guerra, o partem em pedaços, e depois de moqueados os comem, com a mesma solemnidade; e tudo isto fazem com um odio cordial que têm um ao outro, e nestas duas cousas, isto é, terem muitas mulheres e matarem os inimigos, consiste toda a sua honra. São estes os seus desejos, é esta a sua felicidade. O que tudo herdaram do primeiro e segundo homem, e aprenderam daquelle *qui homicida erat ab initio*. Não se guerreiam por avareza, porque não possuem de seu mais do que lhes dão a pesca, a caça e o fructo que a terra dá a todos, mas sómente por odio e vingança, sendo tão sujeitos à ira que, si acaso se encontram em o caminho, logo vão ao pau, á

mulheres por o
a principio

autropifagia

(*) Anchieta, *Informação dos casamentos dos Índios do Brasil*, in *Revista do Instituto*, VIII, 259/260, diz que "o parentesco verdadeiro vem pela parte dos paes, pois são os agentes, e que as mães não são mais que uns *saccos* em respeito aos paes, em que se criam as crianças, e por esta causa os filhos dos paes, posto que havidos de escravas e contrarias captivas, são sempre livres e tão estimados como os outros; e os filhos das femeas, se são filhos de captivos, os têm por escravos e os vendem, e ás vezes matam e comem, ainda que sejam seus netos, filhos de suas filhas, e por isso tambem usam das filhas das irmãs sem nenhum pejo *ad copulam*." — G.

pedra ou á dentada, e assim comem diversos animaes, como pulgas e outros como este, tudo para vingarem-se do mal que lhes causam, o que bem deixa ver que não tomaram ainda aquelle conselho evangelico de pagar o mal com o bem. Quando morre algum delles, enterram-o em posição de quem está assentado, em frente lhe põem de comer com uma rede e ahi dormem, e dizem que as almas vão pelos montes e alli voltam para comer. Têm grande noção do Demonio e têm delle grande pavor e o encontram de noite, e por esta causa sahem com um tição, e isto é o seu defensivo.

Sabem do diluvio de Noé, bem que não conforme a verdadeira historia; pois dizem que todos morreram, excepto uma velha que escapou em uma arvore.

Têm noticia egualmente de S. Thomé e de um seu companheiro e mostram certos vestigios em uma rocha, que dizem ser delles, e outros signaes em S. Vicente, que é no fim desta costa. Delle contam que lhes dera os alimentos que ainda hoje usam, que são raizes e ervas e com isso vivem bem; não obstante dizem mal de seu companheiro, e não sei porque, sinão que, como soube, as frechas que contra elle atiravam voltavam sobre si e os matavam. Muito se admiravam de ver o nosso culto e veneração que temos pelas cousas de Deus. Entre elles, os que são amigos vivem em grande concordia e amor, observando bem aquillo que se diz: *Amicorum omnia sunt communia*. Si um delles mata um peixe, todos comem deste e assim de qualquer animal. Nesta terra alguns ha que não habitam casas, mas vivem pelos montes; dão guerra a todos, e de todos são temidos. Isto é o que me occorre sobre a terra e sobre a gente que a habita e que é cousa muito para lastimar e se ter compaixão dessas almas.

Fallarei agora da porta que Nosso Senhor se dignou de abrir nestes poucos mezes para escolher dentre elles os que foram predestinados; porém começamos a visitar as suas aldeias, quatro companheiros que somos, a conversar familiarmente, e a annunciar-lhes o reino do Ceu, si fizerem aquillo que lhes ensinarmos; e são estes aqui os nossos bandos. Convidamos os meninos a ler e escrever e conjunctamente lhes ensinamos a doutrina christã e lhes pre-

gamos para que com a mesma arte com que o inimigo da natureza venceu o homem dizendo: *Eritis sicut Dii scientes bonum et malum*, com arte egual seja elle vencido, porque muito se admiram de como sabemos ler e escrever e têm grande inveja e vontade de aprender e desejam ser christãos como nós outros. Mas sómente o impede o muito que custa tirar-lhe os maus costumes delles, e nisso está hoje toda a fadiga nossa.

E já por gloria do Senhor nestas aldeias que visitamos em torno á cidade, muitos se abstêm de matar e de comer carne humana; e si algum o faz, fica segregado daqui.

Onde quer que vamos somos recebidos com grande boa vontade, principalmente pelos meninos, aos quaes ensinamos. Muitos já fazem as orações e as ensinam aos outros. Dos que vemos estarem mais seguros, temos baptisado umas cem pessoas pouco mais ou menos: começou isto pelas festas do Espírito Santo, que é o tempo ordenado pela Egreja: e devem haver uns 600 ou 700 catechumenos promptos para o baptismo, os quaes estão bem preparados em tudo.

E alguns vêm pelos caminhos a nosso encontro, perguntando-nos quando os havemos de baptisar, mostrando grande desejo e promettendo viver conforme o que lhes aconselhamos; costumamos baptisar marido e mulher de uma só vez, logo depois casando-os, com as admoestações daquillo que o verdadeiro matrimonio reclama; com o que se mostram elles muito contentes, prestando-nos muita obediencia em tudo quanto lhes ordenamos. D'entre muitas cousas referirei uma que bastante me maravilhou, e foi que ensinando um dia o padre João de Aspilcueta os meninos a ler e a fazer o signal da cruz, e tendo os ditos meninos certas pedras de varias côres nos labios, que é uso trazer furados, e muito estimam, embaraçando as pedras de fazer-se o signal da cruz, veiu a mãe de um delles e para logo tirou a pedra dos labios de seu filho e atirou ao telhado; de repente os outros fizeram o mesmo: e isto foi logo quando começamos de ensinar. Outra vez descobriu o mesmo Padre em uma aldeia, que cozinhavam o filho de um inimigo, afim de comerem-n'o: e porque fossem reprehendidos, soubemos mais tarde que o enterraram e o não quizeram comer.

CARTA DO BRASIL (1549)

Outras cousas semelhantes se têm dado, que seria longo enumerar, e a maior parte dellas com o dito Padre que anda sempre pelas aldeias e ahi dorme e come para ter mais facilidade em pregar á noite, porque a esta hora é que estão juntos na aldeia e mais descansados: e já sabe a lingua delles que, ao que parece, muito se conforma com a biscainha, de modo que com elles se entende; e a todos nos leva vantagem, que parece Nosso Senhor ter feito especial graça á nação de Navarra, em acudir aos infieis como fazem Mestre Francisco (23) nas outras Indias do Rei de Portugal, e este Padre nas terras do Brasil: onde corre com tanto fervor de uma terra á outra, que parece abraçar os montes com o fogo da charidade.

Em duas das principaes aldeias de que tem cargo, fizeram-lhe uma casa onde esteja e ensine aos cathecumenos; em outra aldeia, tambem proximo a esta cidade, fizemos uma casa a modo de ermida, onde um de nós está incumbido de ensinar e pregar aos baptisados de pouco, e a outros muitos cathecumenos, que nella vivem.

Os Principaes da terra baptisaremos em breve, que outra cousa não se espera sinão que tornem á suas mulheres, que têm esperança em que conservem a fidelidade: porque é costume até agora entre elles não fazerem caso do adultério, tomarem uma mulher e deixarem outra, como bem lhes parece e nunca tomando alguma firme. O que não praticam os outros infieis de Africa e de outras bandas, que tomam mulher para sempre e si a abandona é mal visto: o que não se usa aqui, mas ter as mulheres simplesmente como concubinas.

De muitas partes somos chamados, para irmos ensinar as cousas de Deus e não podemos chegar, porque somos poucos; e certo, creio que em todo o mundo não se nos depara terra tão disposta para produzir o fructo como esta, onde vemos almas perecerem, por se não poder remedial-as: em falta, vamos lhes accendendo a vontade de ser christãos, para que se morrerem, neste comenos, em-

(23) São Francisco Xavier, Apostolo das Indias, fallecido a 2 de Dezembro de 1552.

adultério

quanto dura o cathecismo, delles Deus haja misericordia. Aos que amam a Deus e desejam a sua gloria não sei como lhes soffre a paciencia de se não embarcarem logo e virem cavar nesta vinha do Senhor que tão espaçosa é, e que tão poucos operarios possui. Poucas lettras bastariam aqui, porque tudo é papel branco, e não ha que fazer outra cousa, sinão escrever á vontade as virtudes mais necessarias e ter zelo em que seja conhecido o Creador destas suas creaturas.

Estando tudo nestes termos e em tão bom principio, pelos poucos mezes que aqui estamos, esforçou-se o inimigo da natureza humana (como sóe sempre fazer) em impedir o bom successo da obra: e assim determinou que a 7 ou 8 leguas daqui matassem um Christão da armada em que viemos: o que nos poz em perigo de guerra e nos acharia, á nossa gente, em má occasião, desprevenidos e mal fortificados em a nova cidade. Mas quiz o Senhor, que do mal sabe tirar o bem, que os mesmos Indios trouxessem o homicida e apresentaram-n'o ao Governador: o qual logo o mandou collocar á bocca de uma bombardarda e foi assim feito em pedaços (*): isto pôz grande medo aos outros todos que estavam presentes; e os nossos Christãos se abstiveram de andar pelas aldeias, o que foi serviço de Deus, por evitarem os escandalos que aos Indios davam, andando pelas suas terras.

Quando viajamos nós outros da Companhia, nunca nos abandonam, e antes nos acompanham para onde se queira, maravilhados com o que pregamos e escutando com grande silencio.

Dentre outras coisas, recordo-me que por meio de um menino lingua eu lhes dizia, uma noite em que eu pregava ao luar (não lhes podendo ensinar mais), que tivessem fé em Jesus Christo, e que ao deitar e ao levantar o invocassem dizendo: *Jesus, eu te encomendo a minh'alma*, e depois que delles me parti, andando pelos caminhos, notei a alguns que diziam em voz alta o nome de Jesus, como lhes havia eu ensinado, o que me dava não pequena consola-

(*) Conf. Carta de Thomé de Sousa a El-rei, de 18 de Junho de 1551, in *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*, III, 362, Porto, 1924. — G.

CARTA DO BRASIL (1549)

ção. E cousa admiravel, é quanto por sua bondade e consolação, o Senhor todos os dias nos communica e ainda mais avantajadamente aos outros Irmãos, porque visitam mais vezes aldeias que eu, e mais o merece a sua virtude.

Um dos que baptisamos veiu a nós, dizendo por acenos e de modo que o comprehendiamos, que naquella noite estivera com Deus no Paraiso, com grande alegria; e assim nos vinha contar muito contente.

Uma cousa nos acontecia que muito nos maravilhava a principio e foi que quasi todos os que baptisamos, cahiram doentes, quaes do ventre, quaes dos olhos, quaes de apostema: e tiveram occasião os seus feiticeiros de dizer que lhes davamos a doença com a agua do baptismo e com a doutrina a morte; mas se viram em breve desmascarados, porque logo todos os enfermos se curaram. Quiz por ventura o Senhor a estes seus filhos perfilhados em seu sangue, provar-lhes desde cedo e ensinar-lhes que é preciso soffrer e que esta é a mesinha com que se purgam os eleitos do Senhor. Procurei encontrar-me com um feiticeiro, o maior desta terra, ao qual chamavam todos para os curar em suas enfermidades; e lhe perguntei em virtude de quem fazia elle estas cousas e se tinha communicação com o Deus que creou o Ceu e a Terra e reinava nos Ceus ou acaso se communicava com o Demonio que estava no Inferno? Respondeu-me com pouca vergonha que elle era Deus e tinha nascido Deus e apresentou-me um a quem havia dado a saude, e que aquelle Deus dos céus era seu amigo e lhe apparecia frequentes vezes nas nuvens, nos trovões e raios; e assim dizia muitas outras cousas. Esforcei-me vendo tanta blasphemia em reunir toda a gente, gritando em altas vozes, mostrando-lhe o erro e contradizendo por grande espaço de tempo aquillo que elle tinha dito: e isto, com ajuda de um lingua, que eu tinha muito bom, o qual fallava quanto eu dizia em alta voz e com os signaes do grande sentimento que eu mostrava. Finalmente ficou elle confuso, e fiz que se desdisse de quanto havia dito e emendasse a sua vida, e que eu pediria por elle a Deus que lhe perdoasse: e depois elle mesmo pediu que o baptisasse, pois queria ser christão, e é agora um dos cathecumenos. Vi entre os que estavam presentes alguns homens e mulheres como

doença

além de...

MANUEL DA NOBREGA

attonitos daquillo que eu fallava, das grandezas de Deus. Estas e outras cousas obra o Senhor por nosso ministerio *inter gentes*. Vossa Reverendissima, pois que tem o zelo da Divina honra, nos ajude com as suas orações e escrevendo-nos o que Deus lhe faça sentir.

E assim fico pedindo a benção do Pae e Mestre em Jesu Christo Senhor Nosso.

Deste porto e cidade do Salvador a 10 de Agosto de 1549.

De V. R. P. servo no Senhor.

Foi publicada em italiano no 1º vol. (1558) dos *Diversi avisi*, ed. de Veneza, de ff. 32 v. a 37 v., e agora traduzida em brasileiro pelo Sr. João Ribeiro Fernandes, digno official da Bibliotheca Nacional. [Sabio professor do Collegio Pedro II, philologo, historiador e membro da Academia Brasileira]. — G.

INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO BRASIL

(1549)

Clima, fructos e mantimentos. — Goyanazes, Carijós, Gaimares, Topiniquins e Topinambás. — Frades Castelhanos. — Pae Tupane. — Os feiticeiros. — Morte dos prisioneiros. — Agouros. — Liberalidade dos Indios. — O diluvio. — Perguntas sobre Deus. — S. Thomé.

A INFORMAÇÃO que destas partes do Brasil vos posso dar, Padres e Irmãos charissimos, é que tem esta terra mil leguas de costa, toda povoada de gente que anda nua, assim mulheres como homens, tirando algumas partes mui longe donde estamos, onde as mulheres andam vestidas á moda de ciganas, com pannos de algodão, pela terra ser mais fria que esta, a qual é aqui mui temperada, de tal maneira que o inverno não é frio nem quente, e o verão, ainda que seja mais quente, bem se póde soffrer; porém é terra mui humida, pelas muitas aguas que chovem em todo o tempo mui a miudo, pelo qual as arvores e as hervas estão sempre verdes, e por esta causa é a terra mui fresca. Em partes é mui aspera, por causa dos montes e mattas, que sempre estão verdes.

Ha nella diversas fructas, que comem os da terra, ainda que não são tão boas como as de lá, as quaes tambem creio se dariam cá, si se plantassem, porque vejo que se dão uvas, e ainda duas vezes no anno, porém são poucas por causa das formigas, que fa-

zem muito damno, assim nisto como em outras coisas. Cidras, laranjas, limões, dão-se em muita quantidade, e figos tão bons como os de lá. O mantimento commum da terra é uma raiz de pau, que chamam mandioca, da qual fazem uma farinha de que comem todos, e dá também vinho, o qual misturado com a farinha, faz um pão que escusa o de trigo (*).

Ha muito pescado e também muito marisco, de se que se mantêm os da terra e muita caça de matto e patos que criam os Indios; bois, vaccas, ovelhas, cabras e gallinhas se dão também em a terra e ha dellas grande quantidade.

Os Gentios são de diversas castas, uns se chamam Goyanazes, outros Carijós. Este é um Gentio melhor que nenhum desta costa. Os quaes foram, não ha muitos annos, dous Frades Castelhanos ensinar e tomaram tão bem sua doutrina que têm já casas de recolhimento para mulheres, como de Freiras e outras de homens, como de Frades. E isto durou muito tempo até que o diabo levou lá uma nau de salteadores e captivaram muitos delles. Trabalhamos por recolher os tomados e alguns temos já para os levar á sua terra, com os quaes irá um Padre dos nossos. Ha outra casta de Gentios que chamam Gaimares (24); é gente que mora pelos mattos e nenhuma communicação tem com os Christãos, pelo que se espantam quando nos vêm e dizem que somos seus irmãos, porque trazemos barbas como elles, as quaes não trazem todos os outros, antes se rapam, até as pestanas e fazem buracos nos beiços e nas ventas dos narizes e põem uns ossos nelles, que parecem demonios. E assim alguns, principalmente os feiticeiros, trazem todo o rosto cheio delles. Estes Gentios são como gigantes, trazem um arco mui forte na mão e em a outra um pau mui grosso, com que pelejam com os contrarios e facilmente os espedaçam e fogem pelos mattos e são mui temidos entre todos os outros.

(*) Para Gabriel Soares, *Tratado descriptivo do Brasil*, 170, Rio, 1851, a mandioca era mais sadia do que o trigo, por ser de melhor digestão. "E por se averiguar por tal, os governadores Thomé de Sousa, D. Duarte e Men de Sá não comiam no Brasil pão de trigo, por se não acharem bem com elle, e assim fazem outras muitas pessoas." — G.

(24) Mais tarde conhecidos com o nome de Aymorés, de quem descendem, segundo se diz, os actuaes Botocudos, que entretanto não são barbados.

CARTA DO BRASIL (1549)

Os que communicam com nós outros até agora são de duas castas, uns se chamam Topinaquis e os outros Topinambás. Estes têm casas de palmas mui grandes, e dellas em que pousarão cincoenta Indios com suas mulheres e filhos. Dormem em redes d'algodão junto do fogo, que toda a noite têm aceso, assim por amor do frio, porque andam nús, como tambem pelos Demonios que dizem fugir do fogo. Pela qual causa trazem tições de noite quando vão fóra. Esta gentildade nenhuma cousa adora, nem conhece a Deus; sómente aos trovões chama Tupane, que é como quem diz cousa divina. E assim nós não temos outro vocabulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pae Tupane.

Sómente entre elles se fazem uma ceremonias da maneira seguinte: De certos em certos annos vêm uns feiticeiros de mui longes terras, fingindo trazer santidade e ao tempo de sua vinda lhes mandam limpar os caminhos e vão recebê-los com dansas e festas, segundo seu costume; e antes que cheguem ao logar andam as mulheres de duas em duas pelas casas, dizendo publicamente as faltas que fizeram a seus maridos umas ás outras, e pedindo perdão dellas. Em chegando o feiticeiro com muita festa ao logar, entra em uma casa escura e põe uma cabaça, que traz em figura humana, em parte mais conveniente para seus enganos e mudando sua propria voz em a de menino junto da cabaça, lhes diz que não curem de trabalhar, nem vão á roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará que comer, e que por si virá á casa, e que as enxadas irão a cavar e as frechas irão ao matto por caça para seu senhor e que hão de matar muitos dos seus contrarios, e captivirão muitos para seus comeres e promete-lhes larga vida, e que as velhas se hão de tornar moças, e as filhas que as dêem a quem quizerem e outras cousas semelhantes lhes diz e promete, com que os engana, de maneira que crêm haver dentro da cabaça alguma cousa santa e divina, que lhes diz aquellas cousas, as quaes crêm. Acabando de fallar o feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem demônhadas (como de certo o são), deitando-se em terra, e escumando pelas bocas, e nisto lhes persuade o feiticeiro que então lhes en-

feiticeiros

tra a santidade; e a quem isto não faz tem-lh'o a mal. Depois lhe offercem muitas cousas e em as enfermidades dos Gentios usam tambem estes feiticeiros de muitos enganos e feitiçarias. Estes são os móres contrarios que cá temos e fazem crer algumas vezes aos doentes que nós outros lhes mettemos em corpo facas, tesouras, e cousas semelhantes e que com isto os matamos. Em suas guerras aconselham-se com elles, além dos agouros que têm de certas aves.

Quando captivam algum, trazem-n'o com grande festa com uma corda pela garganta e dão-lhe por mulher a filha do Principal ou qual outra que mais o contente e põem-n'o a cevar como porco, até que o hajam de matar, para o que se ajuntam todos os da comarca a ver a festa, e um dia antes que o matem lavam-n'o todo, e o dia seguinte o tiram e põem-n'o em um terreiro atado pela cinta com uma corda, e vem um delles mui bem ataviado e lhe faz a pratica de seus antepassados; e, acabada, o que está para morrer lhe responde, dizendo que dos valentes é não temer a morte, e que elle tambem matára muitos dos seus e que cá ficam seus parentes que o vingarão e outras cousas semelhantes. E morto, cortam-lhe logo o dedo pollegar, porque com aquelle tirava as frechas, e o demais fazem em postas para o comer, assado e cozido.

Quando morre alguns dos seus, põem-lhe sobre a sepultura bacias cheias de viandas e uma rêde, em que elles dormem, mui bem lavada; e isto porque crêm, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sepultura. Deitam-nos em umas covas redondas e, si são Principaes, fazem-lhe uma choça de palma. Não têm conhecimento de Gloria nem Inferno, sómente dizem que depois de morrer vão descansar a um bom logar, e em muitas cousas guardam a lei natural. Nenhuma cousa propria têm que não seja commum e o que um tem ha de partir com os outros, principalmente si são cousas de comer, das quaes nenhuma cousa guardam para o outro dia, nem curam de enthesourar riquezas.

A suas filhas nenhuma cousa dão em casamento, antes os genros ficam obrigados a servir a seus sogros. Qualquer Christão que entra em suas casas dão-lhe de comer do que têm, e uma rêde lavada, em que durma. São castas as mulheres a seus maridos. Têm

memoria do diluivio, porém falsamente, porque dizem que cobrindo-se a terra d'agua, uma mulher com seu marido subiram em um pinheiro e, depois de mingoadas as aguas, se desceram, e destes procederam todos os homens e mulheres. Têm mui poucos vocabulos para lhes poder bem declarar nossa Fé. Mas, comtudo, damos-lh'as a entender o melhor que podemos, e algumas cousas lhes declaramos por rodeios. Estão mui apegados com as cousas sensuaes. Muitas vezes me perguntam si Deus tem cabeça e corpo e mulher, e si come e de que se véste e outras cousas similhantes.

Levedo

Dizem elles que S. Thomé, a quem elles chamam Zomé (25), passou por aqui, e isto lhes ficou por dito de seus passados e que suas pisadas estão signaladas juncto de um rio; as quaes eu fui ver por mais certeza da verdade e vi com os proprios olhos, quatro pisadas mui signaladas com seus dedos, as quaes algumas vezes cobre o rio quando enche; dizem tambem que quando deixou estas pisadas ia fugindo dos Indios, que o queriam frechar, e chegando ali se lhe abriera o rio e passara por meio d'elle a outra parte sem se molhar, e dalli foi para a India. Assim mesmo contam que, quando o queriam frechar os Indios, as frechas se tornavam para elles, e os mattos lhe faziam caminho por onde passasse: outros contam isto

(25) O conego Fernandes Pinheiro (nota 10 da *Chron.* de S. de Vasconcellos, ed. brasileira de 1867, suggere que a tradição de S. Thomé é criação dos Jesuitas; entretanto a *Copia der Newen Zeytung auss Presillg Landt*, que deve ter sido impressa em 1508, segundo Wieser (*Magalhaes-Strasse*, 1881, pg. 92), diz: "Sye haben auch auff der se selbigen Costa oder lanndt gedechtnüss von sant Thomas, Sye haben auch den Portugalesern die schrit im landt dynnen wöllen zaygen, Zaygen auch an das Creütz im lannd dynnen steen. Vnd wann sie von sant Thomas reden, So sagen sie er sey der kleyn got. Doch es sey ein ander got der grösser sey. Es ist wol zuglauben, das sie gedechtnüss von sant Thomas haben, dann wissenlich ist, das sant Thomas hyndter Malaqua leibhefftig leyt, auf der Cost Siramatl, jm Golffo de Celon. Sie haissen auch im land Ire kynder fast Thomas." (O. c., pg. 102).

Accresce ainda que Thevet encontrou a mesma tradição entre os Tamoyos do Rio de Janeiro, ainda não visitados pelos Jesuitas.

"O nome (Zomé), diz Southey, segundo todas as probabilidades, é uma corrupção do Zemi do Hayti, divindade ou pessoa divinizada. No Paraguay chamavam-no Payzume, palavra composta, com que designavam os seus sacerdotes." (*Hist. do Bras.*, trad., I, pg. 324).

"*Sumé*, diz Candido Mendes (*Rev. do Inst.*, XLI, 1878, p. 2ª, pg. 97), segundo a interpretação do padre Vasconcellos, é S. Thomé, mas parece-nos mais natural Noé."

MANUEL DA NOBREGA

como por escarneo. Dizem tambem que lhes prometteu que havia de tornar outra vez a vel-os. Elle os veja do Ceu e seja intercessor por elles a Deus, para que venham a seu conhecimento e recebam a santa Fé como esperamos.

Isto é o que em breve, charissimos Irmãos meus, vos posso informar desta terra; como vier a mais conhecimento das outras cousas que nella ha, não o deixarei mui particularmente de fazer.

Não traz data; mas deve ser de 1549. Balthasar da Silva Lisboa, publicando-a no vol. VI dos *Annaes do Rio de Janeiro*, assignalou-lhe o anno de 1550. Com data de 1552 appareceu em italiano, traduzido do hespanhol, no vol. I dos *Diversi avisi*, ed. cit., ff. 38/40. Em latim tambem sahio com data de 1552 nas *Epistolæ Japonicæ*, ed. de 1569, ff. 177/186, e na de 1570, ff. 396/401. [Impressa na *Revista do Instituto Historico*, t. VI, 91/94]. — G.

VI

AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (26)

(1550)

Padre Navarro. — Caramurú. — Odio aos Christãos. — Sublevação. — Vicente Rodrigues e Simão Gonçalves. — Antonio Pires. — Feitiçarias. — Anthropophagia. — Leonardo Nunes e Diogo Jacome. — Ilhéos. — Porto Seguro. — Padres Hespanhoes. — Tupiniquins. — Padres mandados por D. Manuel. — Maus exemplos dos Christãos. — Um sacerdote de má vida. — Padres de Santo Antonio em Porto Seguro. — Necessidade de mulheres. — Escravos. — Preguiça dos senhores. — Pedidos. — Clima da terra. — Fumo. — Ouro.

A GRAÇA e o amor eterno de Jesu Christo Senhor Nosso seja sempre em ajuda e favor nosso. Amen.

Pelas naus da Bahia escrevi acerca de nossas occupações nesta terra e de quanto se serve o Senhor Deus dos filhos de Vossa Reverendissima que aqui estão. Agora, passarei adeante. Partidas as naus da Bahia, fiquei com os Irmãos dous mezes ou mais, tempo que foi distribuido deste modo.

O padre Navarro estava (como ainda está) em suas aldeias, prégando aos grandes e ensinando a ler e a fazer orações aos pequenos e ajudando a se afervorarem no amor de Deus e no desejo do baptismo alguns homens e cathecumenos, entre os quaes al-

(26) Não declara a quem é dirigida, mas deve ser a este Padre.

guns o pedem com muita instancia. Esperamos por todas as vias fazer-lhes deixar os muitos maus costumes que têm, e desejamos congregiar todos os que se baptisam apartados dos mais, e por isso ordenamos que Diogo Alvares fique entré elles como pae e governador, estando em bons creditos e muito na graça delles todos.

Ainda não podemos cumprir esta intenção, pela se ter demorado com receio de guerra, pois certo é que alguns povos de mais longe têm em muito odio os Christãos e um escravo que em outro tempo fôra christão tem sublevado a maior parte delles, dizendo que o Governador os quer matar a todos ou fazel-os escravos, e que nós procuramos os enganar, e a todos queremos vêr mortos, e vêr mortos, e que baptisar-se é fazer-se uma pessoa escravo dos Christãos e outras cousas semelhantes; juntamente com elle ainda fizeram pressão os peccadores portuguezes, e não ha muito tempo que mataram em uma aldeia o filho de um Christão nascido de uma Negra da terra, o que trouxe muito resentimento ao Governador, e pensamos que será origem de um bom castigo e de grande exemplo aos outros Gentios, e talvez por medo se convertam mais depressa do que o fazem por amor; tanto vivem corrompidos nos costumes e apartados da verdade.

Fizemos construir em logar mais conveniente uma igreja onde os Christãos ouvem missa e junto uma casa onde o irmão Vicente Rodrigues e Simão Gonçalves (27) ensinam os meninos, e existe entre a cidade e a aldeia ao pé de um rio um logar, segundo o parecer de todos os Irmãos, muito a proposito e conveniente para se fazer um collegio, como já escrevi a Vossa Reverendissima.

Os meninos christãos e egualmente as mulheres sabem já muito bem fazer as orações e assim os filhos dos cathecumenos, os quaes não baptisaremos sinão quando esteja a terra mais pacifica.

O padre Antonio Pires está na cidade em outra casa que temos, e cura do ensino da doutrina christã e dos pobres nos hospitaes, e diz missa e confessa, de modo que nos envergonha a todos nós com ser muito diligente em trabalhar na vinha do Senhor e em procurar soffrer por amor de Christo.

(27) Este Irmão foi admittido no Brasil (Anchieta, *Cart. quadr.* de Maio a Set. de 1554, publ. nos *Ann. da Bibl. Nac.*, I, pg. 62).

CARTA DO BRASIL (1550)

Na lingua deste paiz alguns somos muito rudes e mal exercitados, mas o padre Navarro tem especial graça de Nosso Senhor nesta parte, porque andando pelas aldeias dos Negros, em poucos dias que aqui estamos, se entende com elles e prêga na mesma lingua e finalmente em tudo parece que Nosso Senhor lhe presta favor e graça para mais poder ajudar as almas. A' sexta-feira quando fazemos a disciplina, juntamente com muitos da terra e depois da predica sobre a Paixão de Christo, ainda elle se reúne a nós, nos outros dias visita ora um, ora outro logar da cidade e á noite ainda faz cantar aos meninos certas orações que lhes ensinou em sua lingua delles, em logar de certas canções lascivas e diabolicas que d'antes usavam. Remettendo-me aos Irmãos, não escreverei muitas cousas que aqui obra o Senhor por meio d'elles e que são, todavia, bastantes.

Não calarei, porém, esta que eu vi: o filho do senhor de uma aldeia que estava *in extremis*, de modo que estavam todos desesperados de que voltasse á vida e o pae chorava-o já, vendo que nem mêsinhas nem encantamentos ou feitiços davam proveito; sabendo o que, o padre Navarro foi vê-lo e achando-o no meio daquellas feitiçarias, começou de o reprehender e tirou-o d'alli para fóra, pedindo ao pae do mancebo que conviesse em deixal-o baptisar, e que só puzesse a esperança em Jesus Christo, o qual podia curar o seu filho.

Suspeitando o Negro que o Padre antes viera ajudal-o a morrer, como lhe haviam dito os feiticeiros, não quiz estar por nada e poz-se a fazer mofa.

E assim o Padre procurou-me para me perguntar si podia baptisar sem consentimento do pae, e porque São Thomaz diz que não se deve deixar de fazel-o quando de ante-mão se emprega diligencia em fazer que consinta, tal como fez com muitas e mui efficazes exhortações, e assim foi baptisado e aprouve depois ao Senhor restituir-lhe a saude com muita edificação dos outros e grande credito do padre Navarro; de maneira que todos se querem baptisar e aprendem a doutrina e o mesmo Chefe com toda a aldeia nada fazem sinão o que lhes manda o Padre, e porque d'antes costumavam por pouca cousa matarem-se uns aos outros e comerem

MANUEL DA NOBREGA

carne humana, ao encontrar o Padre em qualquer casa, logo se excusam dizendo que não mataram pessoa alguma e muito menos da gente em cujo logar elle está. Em outra aldeia de Christãos que tinhamos, baptisados, um dia os Gentios comeram uma perna de um inimigo que tinham trazido da guerra, mas secretamente e sem fazer as festas do costume; e porque nunca o soubessemos e porque ahi se achava uma mulher christã, foi esta muito espancada pelo marido, o qual veiu a ter connosco, excusando-se com declarar que não comia carne humana. Fiz por esta razão congregar os Christãos todos para exhortal-os a abandonar esses costumes tão brutaes, e porque muito se envergonhava aquella mulher de vir á nossa presença, serviu isto de edificante exemplo.

deu
Quando alguns enfermam mandam-nos chamar para que lhes demos remedio e desta sorte muitos têm recobrado a saude por graça de Deus, pelo que muito se tem nelles augmentado a Fé christã.

O padre Leonardo Nunes fez muito fructo em Ilhéos, juntamente com o irmão Diogo Jacome, não só em predicas, mas em ensinar aos meninos. No dia de Todos os Santos (28) partimos, elles e eu, e com a armada que veiu visitar a costa, e chegando a Ilhéos encontrámos o irmão Diogo Jacome (29) doente de febre, mas ligeiramente, depois poude rehaver a saude por graça de Deus. Dahi seguimos até á fortaleza e guarnição de Porto Seguro, onde achamos toda a terra revirada por muitas inimizades que ahi havia, e quiz o Senhor que por taes voltas conhecessemos todos, que elle veiu para trazer a paz á terra, porque muitos se reconciliaram com seus inimigos, perdoando todas as injurias. Aqui ficaram o padre Leonardo e irmão Diogo Jacome, buscando accrescer o fructo nas almas, começado antes por alguns Padres Hespanhoes, como já escrevi a Vossa Reverendissima.

Para S. Vicente foram-se dez ou doze (30) com o padre Leonardo, não podendo ir mais por ser a embarcação pequena. Quan-

(28) 1º de Novembro de 1549.

(29) Como se vê, aqui ha engano; provavelmente deve ser outro.

(30) Meninos.

de vier o Governador mandaremos os outros. Neste comenos fará o padre Leonardo algum fructo e sabe Vossa Reverendissima que elle é forte na prégação, e quando vamos juntos os dous, elle me parece o meu Aarão e eu o seu Moysés.

Diogo Jacome e eu ficamos neste Porto Seguro. Eu prégo os domingos e festas, elle ensina a doutrina christã e já os meninos estão bem adiantados nella. Esta festa de Natal confessamos muita gente por graça do Senhor, de modo que se faz ainda assim algum fructo, bem que a tudo impidam os meus peccados. Neste Porto Seguro e em Ilhéos encontrei uma certa gente que é casta de Topinichins, entre os quaes existem muitos dos nossos e dos naturaes, ainda que dos Christãos tenham muitos maus exemplos e escandalos, e me parece gente mais mansa que a da Bahia e se mostram sempre amigos; e entre esses ha cerca de 20 ou 30 christãos e alguns que foram baptisados por certos Padres que mandou a boa memoria d'El-rei Dom Manuel á este paiz, os quaes Padres foram mortos por culpa dos mesmos Christãos, segundo ouvi. Vivem elles á maneira de Gentios, por carencia de quem lhes apontte a verdade, e posto venham alguns á missa na matriz, seria necessario que alguns Irmãos houvessem por ajudar os Christãos e mesmo converter os Gentios. Visitei algumas aldeias delles e acho-lhes bons desejos de conhecer a verdade; e instavam para que ficasse no meio delles, e si bem que seja difficil fazer desarraigal-os aos mais velhos as suas más usanças, com os meninos, porém, se póde esperar muito fructo, porque não se oppõem quasi nada á nossa lei e assim me parece que esteja aberta a porta para muito ajudar as almas nesta terra (ainda que aquelles que *dicunt bonum, malum, et malum bonum*, pensem diversamente), pois que não têm feito resistencia nem matado aos que queriam fazel-os christãos e se deixam arrastar para a Fé, comquanto não sejam induzidos pelos Christãos que aqui vêm com o exemplo ou com a palavra ao conhecimento de Deus, mas antes os chamam cães e fazem-lhes todo o mal. E toda intenção que trazem é de os enganar, de os roubar, e por isso permittem que vivam como Gentios sem a sciencia da lei e têm praticado muitos desacatos e assassinios, de sorte que quanto mais males fazem *vident obsequium se præstare*

Deo e assim é de todo perdido nesta terra o zêlo e a charidade para com as almas que tanto ama o Senhor.

E dahi vem o pouco credito que gozam os Christãos entre os Gentios, os quaes não estimam mesmo nada, sinão vituperam aos que de primeiro chamavam santos e tinham em muita veneração e já tudo o que se lhes diz acreditam ser manha ou engano e tomam á má parte. Esses e outros grandes males fizeram os Christãos com o mau exemplo de vida e a pouca verdade nas palavras e novas crueldades e abominações nas obras. Os Gentios desejam muito o commercio dos Christãos pela mercancia que fazem entre si do ferro e disto nascem da parte destes tantas cousas illicitas e exorbitantes que nunca as poderei escrever, e não pequena dôr sinto n'alma, maxime considerando em quanta ignorancia vivem aquelles pobres gentios e que pedem o pão de Deus e da santa Fé, sem haver *qui frangat eis*.

A Vossa Reverendissima direi uma cousa mais para se lastimar do que se escrever; um sacerdote da religião, communicado do Diabo, levou um dia o principal de uma aldeia ao seu adversario para fazel-o matar e comer, o que não querendo pôr em pratica o adversario, allegando que para tal effeito quizera apanhal-a guerra e não por astucia, o sacerdote começou de incital-o chamando-o vil e pusillanime por não matar o seu inimigo, tanto que o fez e o comeu, sem outro proveito daquelle Religioso sinão que teve não sei que pouca de fazenda. Eguaes casos frequentes vezes acontecem e por isto digo que quanto mais longe estivermos dos velhos Christãos que aqui vivem maior fructo se fará.

Chegaram aqui dous Padres de Santo Antonio, os quaes estiveram alguns mezes neste Porto Seguro e deixaram de si muito bom exemplo e grande nome pelas suas virtudes e eram Italianos, mas querendo passar para além para os Gentios, desejosos de soffrerem pela Fé, a umas dez milhas d'aqui um delles se affogou em um rio (que eu já atravesssei com muito pouco perigo) e por isso voltou o outro a procurar um companheiro (*) e onde pareça que

(*) Conf. Jaboatão, *Novo Orbe Serafico Brasilico*, II, 16/17, Rio, 1858. — O rio ficou sendo chamado do Frade. — G.

Nosso Senhor com esses signaes nos chame a nós para tal empresa, elle nos dê as forças e a graça de servil-o em toda parte.

Visitando estas aldeias encontrei um menino de tres ou quatro annos, que alguns o tendo tirado aos adversarios queriam matar e comer, cousa na verdade digna de grande lastima, e é tão difficil fazer o resgate com esta geração de Tupiniquins como nunca se poderia imaginar, de modo que não nos foi possivel re-havel-o, mas por graça de Deus, de tal sorte obrei que consegui baptisal-o e a outros que haviam na prisão, para o mesmo fim. Visitando os povos visinhos desta terra, confessei a muitos e grande fructo se fez, porque muitos deixaram os peccados e tomaram por mulheres as concubinas ou as abandonaram, posto que entre estes se vêm muitos Christãos que estão aqui no Brasil, os quaes têm não só uma concubina, mas muitas em casa, fazendo baptisar muitas escravas sob pretexto de bom zelo e para se amancebar com ellas, cuidando que por isso não seja peccado, e de par com estes estão alguns Religiosos que cahem no mesmo erro de modo que podemos dizer: *Omnes commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum.*

comu sinato

Muitos Christãos, por serem pobres se têm casado com as Negras da terra, mas bastantes outros tencionam voltar ao Reino e não queremos absolvel-os (ainda que tenham filhos) por se terem casado em Portugal e antes muito os reprehendemos nas predicas. Si El-Rei determina augmentar o povo nestas regiões, é necessario que venham para se casar aqui muitas orphãs e quaesquer mulheres ainda que sejam erradas, pois tambem aqui ha varias sortes de homens, porque os bons e ricos darão o dote ás orphãs. E desta arte assaz se previne a occasião do peccado e a multidão se augmentará em serviço de Deus.

Nesta terra, todos ou a maior parte dos homens, têm a consciencia pesada por causa dos escravos que possuem contra a razão, além de que muitos, que eram resgatados aos paes não se isentam, mas ao contrario ficam escravos pela astucia que empregam com elles e por isso poucos ha que possam ser absolvidos, não querendo abster-se de tal peccado nem de vender um a outro, posto que nisto muito os reprehenda, dizendo que o pae não póde ven-

der o filho, salvo em extrema necessidade, como permittem as leis imperiaes, e nesta opinião tenho contra mim o povo e tambem os confessores daqui e assim Satanaz tem de todo presas as almas desta maneira e muito difficil é tirar este abuso, porque os homens que aqui vêm não acham outro modo sinão viver do trabalho dos escravos, que pescam e vão buscar-lhes o alimento, tanto os domina a preguiça e são dados a cousas sensuaes e vicios diversos e nem curam de estar excommungados, possuindo os ditos escravos.

Pois que nenhum escrupulo fazem os sacerdotes d'aqui, o melhor remedio destas cousas seria que o Rei mandasse inquisidores ou commissarios para fazer libertar os escravos, ao menos os que são salteados e obrigar-os a ficar com os Christãos até que larguem os maus costumes do Gentio já baptisado e que a nossa Companhia houvesse delles cuidado, amestrando-os na Fé, da qual pouco ou nada podem aprender em casa dos senhores e antes vivem como Gentios, sem conhecimento algum de Deus. E com esta base poderemos principiar a igreja do Senhor na capital onde se casariam e viveriam junto de nós Christãos.

Vossa Reverendissima faça encommendar isto a Deus pelos Padres e Irmãos, conseguindo tambem de Sua Alteza que ponha aqui qualquer ordem conveniente. Seria ainda muito a proposito e de grande proveito, haver licença da Sé Apostolica para fazer-se regulamento e outras cousas necessarias sobre a restituição dos ditos escravos salteados, porque já passaram as terceiros, e sobre os salarios que lhes devem e sobre outras cousas injustas, pelo que não se póde mais restituir aos mesmos e cousas eguaes que todos os dias acontecem, por amor das quaes bom expediente seria que tivessesmos da Sé Apostolica a faculdade de absolver e consolar muitas almas, maxime não havendo aqui Bispo ou Vigario Geral, bem que tenhamos esperança de que o haja em breve.

Deus queira que nos venha de tal edificação que delle se possa dizer: *Qui episcopatum desiderat, id est bonum onus*, e não que venha para enriquecer, porque a terra é pobre, sinão para alcançar as ovelhas desencaminhadas do rebanho de Jesu Christo e ainda que muitas ha aqui, que *nondum sunt ex ejus ovili, tamen oportet illas adducere ut sit unus Pastor et unum ovile et recum-*

CARTA DO BRASIL (1550)

bant cum Abraham, Isaac et Jacob in regno caelorum si quidem multi filii Regni se indignos faciunt. E si, entretanto, por meus peccados não se puder introduzir aqui a justiça ecclesiastica, de-veria ao menos Sua Alteza conter a esses amancebados sob as penas que merecem, e com maior razão isto se alcançaria, como disse, mandando para cá mulheres, e tão mau exemplo se deixaria de dar aos Gentios que vêm estas cousas.

Recebemos aqui tudo segundo nos haveis escripto, isto é, duas caixas com os livros e ornamentos para as egrejas, os quaes eram muito necessarios, porque com a ajuda do Senhor se farão egrejas em muitos logares. Quizeramos que nos mandasseis mais algumas campainhas pequenas e grandes e egualmente calices, ainda que sejam de metal, não podendo mais ser, e tudo o que é preciso para a missa, como o vinho e farinha, mas acima de tudo, muitos Irmãos para plantarem esta nova vinha do Senhor.

Esperamos tambem resposta de Vossa Reverendissima para começar o collegio do Salvador na Bahia, no qual não tanto gastaremos como pensaes, porém com cem crusados se poderão fazer moradias de taipa que bastem para principiar.

Os estudantes com pouco se manterão. Poder-se-hia até fazel-as de pedra, si assim parece a Vossa Reverendissima, porque agora ha muito boa cal.

Alguns Padres d'aqui nos inquirem sobre a faculdade que temos de confessar e absolver, por isso desejaria poder-lhes mostrar. Vossa Reverendissima veja si o faz pelos primeiros que para cá venham, interpondo-nos a auctoridade do legado ou de outros quaesquer que portem fé.

Esta terra, como já escrevi a Vossa Reverendissima, é muito sã para habitar-se e assim averiguamos, que me parece a melhor que se possa achar, pois que desde que aqui estamos nunca ouvi dizer que morresse alguém de febre, mas sómente de velhice, e muitos de mal gallico; para a hydropisia não é boa por serem humidos os alimentos. A agua é muito boa, a terra é naturalmente quente e humida. Para se estar de saude, é preciso trabalhar e suar como faz o padre Navarro. Todas as comidas são muito dif-

ficeis de desgastar, mas Deus remediou a isto com uma herua (31), cujo fumo muito ajuda á digestão e a outros males corporaes e a purgar a fleuma do estomago. Nenhum de nossos Irmãos a usa e nem assim os outros Christãos por não se conformarem com os Infieis, que muito a apreciam. Teria della precisão por causa da humidade e do meu catarrho, mas abstenho-me considerando *non quid mihi utile est sed quod multis ut salvi fiant*.

Até agora os negociantes e forasteiros não têm feito fazendas com medo de serem salteados pelos Gentios. Si vier mais gente e tiver segura a terra, espero em Jesus Christo que muitos e não perdidos fructos se farão em serviço de Deus com os Gentios os quaes se hão de baptisar.

Dizem que aqui se encontrará grande quantidade de ouro que pelas poucas forças dos Christãos não está descoberto, e egualmen-

(31) Damião de Goes (*Chron. de D. Manoel*, ed. de Lisboa, 1566-67, p. 1^a, cap. 56, ff. 52), tratando das hervas do Brasil, diz: "E a que chamamos do fumo e eu chamaria Herva Santa, a quem dizem que elles (Indios) chamam *Betun*... Esta herua trouxe primeiramente a Portugal Luiz de Goes, que depois sendo viuvo se fez na India dos da Companhia do nome de Jesu."

Thevet, que escreve *Petun*, foi quem o introduziu em França e não Nicot (V. Gaffarel, na *Not. biogr.* que precede a nova ed. das *Singularitez de la France Antarctique*).

Hans Staden, escreve *Bittin*; Lery, *Petun*; Cardim (*Do prin. e orig. dos Ind. do Brasil*, 1881, pg. 11), *Petigma*, e observa o Dr. Baptista Caetano na nota correspondente a esta palavra: "Muito frequentemente o *y* guttural é expresso pelos portuguezes (inclusive Anchieta) por *ig* em vez de o ser por *y*, como posteriormente se tornou mais usado (até em Guarani). *Pety* ou *petym* ou *petyma* e tambem *petum*, é nome indigena da Nicotiana (tabaco) e o verbo brasiliense *pitár* vem evidentemente de *pety ar* (tomar ou chupar o *petym*). A palavra *pito*, exprimindo "cachimbo", evidentemente vem do verbo *pitár* por um processo de derivação inteiramente á portugueza, tal e qual "cambio" de "cambiar", "mando" de "mandar", "castigo" de "castigar", etc. E' de notar-se que no Chillidugu ha *pùthem* tabaco, *pùthemm* pitár, fumar, (tomar o tabaco) e *putyen* queimar-se. O *ù* do Chillidugu creio que é exactamente o *y* do Abañeenga." Gabriel Soares diz: "*Petuma* é a herua a que em Portugal chamam santa." No Vocabulario guarani do XVI seculo, ainda inedito, lê-se: *Petigma* (*petyma*), e no *Dicc. Port. Bras.*, *Petyma*. Montoya escreve *Pety*.

Porto Seguro (Comm. á G. Soares, pg. 392), referindo-se a Luiz de Goes, acrescenta: "E de quem nenhum botanico tem feito caso até hoje, apesar do serviço que fez, muito maior do que Nicot."

Luiz de Goes era irmão de Pero de Goes, com quem veio ao Brasil para a donataria de Campos (P. Seg., *Hist.*, pg. 194).

CARTA DO BRASIL (1550)

te pedras preciosas. Deus queira que o verdadeiro thesouro e as verdadeiras joias, isto é, as almas suas que estão nas trevas, comecem a ver a luz como esperamos que será, mediante a sua misericordia.

Os nossos Irmãos estão todos de saude. Dois que admitti em Porto Seguro foram para a Bahia e são de muito boas partes. Queira Deus Nosso Senhor que para cá venham muitos Irmãos plantar esta sua vinha e nos dê tambem graça abundante e força para servir a Sua Magestade e sem dizer mais nada sobre isto, pedindo a benção de Vossa Reverendissima nos recommendamos ás orações de todos os Padres e carissimos Irmãos nossos em Jesus Christo.

Deste Porto Seguro, a 6 de Janeiro de 1550.

Indigno filho de Vossa Reverendissima em Christo Nosso Senhor.

Foi publicada em italiano no 3º vol. (1565) dos *Diversi avisi*. Não existindo aqui esta collecção completa, o illustrado e prestimoso Sr. Conselheiro J. M. da Silva Paranhos [Barão do Rio-Branco] enviou-me a cópia de que me servi, extrahida do exemplar da Bibl. Nacional de Paris.

A traducção brasileira é devida ao Sr. João Ribeiro Fernandes.

VII

AOS PADRES E IRMÃOS

(1551)

Gentios e Christãos. — Casamentos. — Padre Navarro. — Os orphãos de Lisboa. — Pernambuco. — Perda de dois barcos de Indios na Bahia. — O Governador determina correr a costa. — Estado de Pernambuco. — Maus costumes dos clérigos. — Obras da casa da Bahia.

EM estas partes depois que cá estamos, charissimos Padres e Irmãos, se fez muito fructo. Os Gentios, que parece que punham sua bemaventurança em matar os contrarios e comer carne humana e ter muitas mulheres, se vão muito emendando, e todo o nosso trabalho consiste em os apartar disto; porque todo o demais é facil, pois não têm idolos, ainda que ha entre elles alguns que se fazem santos, e lhes promettem saude, e victoria contra seus inimigos.

Com quantos Gentios tenho fallado nesta costa em nenhum achei repugnancia ao que lhe dizia. Todos querem e desejam ser christãos; mas deixar seus costumes lhes parece aspero. Vão comtudo pouco a pouco cahindo na verdade.

Os escravos dos Christãos e os mesmos Christãos muito se têm emendado e certo que as capitancias que temos visitado têm tanta differença do que dantes estavam, assim no conhecimento de Deus, como em obrar virtude, que parece uma Religião. Fa-

CARTA DO BRASIL (1551)

zem-se muitos casamentos entre os Gentios, os quaes em a Bahia estão junto á cidade, e têm sua egreja junto a uma casa, onde nos recolhemos, em a qual reside agora o padre Navarro. Estes determinamos tomar por meio de outros muitos, os quaes esperamos com a ajuda do Senhor fazer christãos. Nosso Senhor se sirva de tudo, e nos ajude com sua Graça que trabalhemos, que todos venham ao conhecimento de nossa Santa Fé, e a todos a ensinemos que a queiram ouvir, e della aproveitar-se. Principalmente pretendemos ensinar bem os moços, porque estes bem doutrinados e acostumados em virtude, serão firmes e constantes, os quaes seus paes deixam ensinar e folgam com isso, e por isso nos repartiremos pelas capitánias, e com as linguas que nos acompanham nos occupamos nisto; aprendendo pouco a pouco a lingua, para que entremos pelo sertão dentro, onde ainda não chegaram os Christãos, e tenho sabido de um homem Gentio que está nesta terra, que vivem em obediencia de quem os rege e não comem carne humana, andam vestidos de pelles, o que tudo é uma disposição para mais facilmente se converterem e sustentarem. Isto será o primeiro que commetteremos, como Vossa Reverendissima mandar quem sustente est'outras partes, e as quaes por cada uma das capitánias tenho ordenado que se façam casas para se recolherem e ensinarem os moços dos Gentios, e tambem dos Christãos: e para nellas recolhermos algumas linguas para este effeito.

Os meninos orphãos, que nos mandaram de Lisboa, com seus cantares attrahem os filhos dos Gentios e edificam muito os Christãos. Em esta capitania de Pernambuco, onde agora estou, tenho esperança que se fará muito proveito, porque, como é povoada de muita gente, ha grandes males e peccados nella. Andam muitos filhos dos Christãos pelo sertão perdidos entre os Gentios, e sendo Christãos vivem em seus bestiaes costumes. Espero em Nosso Senhor de os tornar a todos á virtude christã, e tiral-os da vida e costumes gentilicos, e o primeiro que tenho tirado é esse que lá mandado, para que, si acharem seu pae, lh'o dêm. Os Gentios aqui vêm de muito longe a ver-nos pela fama, e todos mostram grandes desejos. E' muito para folgar de os ver na doutrina, e, não conten-

tes com a geral, sempre nos estão pedindo em casa que os ensinemos, e muitos delles com lagrimas nos olhos.

Escreveram-me agora da Bahia que á partida se haviam perdido dous barcos de Indios que iam a pescar, em os quaes iam muitos, assim dos que eram já christãos, como dos gentios. E aconteceu que todos os Gentios morreram e escaparam os christãos todos, até os meninos que levavam consigo. Parece que Nosso Senhor faz tudo isto para mais augmentar sua Santa Fé.

O Governador determina de ir cedo a correr esta costa e eu irei com elle, e dos Padres que Vossa Reverendissima mandar levarei alguns commigo, para deixar as capitánias providas. El-Rei Nosso Senhor escreveu ao Governador que lhe escrevesse si havia já Padres em todas, as quaes, sem ficar nenhuma, temos visitado, e em todas estão Padres sinão em esta de Pernambuco, que é a principal e mais povoada, e onde mais aberta está a porta, á qual até aqui não tinhamos vindo por falta de embarcação, e por sermos poucos.

Os clerigos desta terra têm mais officio de demonios que de clerigos: porque, além de seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado com suas negras, pois que são suas escravas, e que podem ter os salteados, pois que são cães, e outras cousas semelhantes, por escusar seus peccados e abominações, de maneira que nenhum Demonio, temo agora que nos persiga, sinão estes.

Querem-nos mal, porque lhes somos contrarios a seus maus costumes e não podem soffrer que digamos as missas de graça, em detrimento de seus interesses. Cuido que, si não fôra pelo favor que temos do Governador e principaes da terra, e assim porque Deus não o quer permittir, que nos tiveram já tiradas as vidas. Esperamos que venha o Bispo, que proveja isto com temor, pois nós outros não podemos com amor.

A casa da Bahia, que fizemos para recolher e ensinar os moços, vai muito adeante, sem El-Rei ajudar a nenhuma cousa, sómente as esmolas do Governador e de outros homens virtuosos.

é letargo
mau escu
plo

CARTA DO BRASIL (1551)

Quiz-nos o Senhor deparar um official pedreiro, e este a vai fazendo pouco a pouco; tem já feito grande parte da casa e têm também cercadas as casas de uma taipa mui forte.

Christo Nosso Senhor nos cerque com sua graça nesta vida, para que na outra sejamos recebidos em sua gloria. Amen.

(De Pernambuco, 1551).

No cód. da Bibl. Nac. traz no fim — 1549, data errada e que está em desaccôrdo até com a que vem no titulo — 1551. Foi escripta em Pernambuco nesse anno e, segundo Barbosa Machado, a 11 de Agosto.

No original foi publicada pela primeira vez no t. VI (1844) da *Rev. do Inst.*, pp. 104/106, e d'ahi transcripta no *Ostensor Brasileiro*, t. I (1844-46), pp. 228/229, e na *Chron.* de S. Vasconcellos, ed. de Lisboa de 1865, vol. 2º, pp. 309/311.

Em italiano anda sem o nome do auctor nem data no vol. 1º (1558) dos *Diversi avisi*, ed. de Veneza, ff. 48/50.

O original conservava-se no archivo do Collegio de S. Roque, diz Barbosa Machado.

VIII

PARA OS IRMÃOS DO COLLEGIO DE JESUS DE COIMBRA

(1551)

Chegada a Pernambuco. — Padre Antonio Pires. — Fructo feito entre Indios e Christãos. — Odios reconciliados. — Maus exemplos dos sacerdotes. — Uma India meirinha. — Casamentos. — Predicas e confissões. — Duarte Coelho.

PORQUE me quero consolar escrevendo-vos, charissimos Irmãos, escrevo esta e não por ter novas que vos escrever, porque vossos Irmãos que cá estão têm este cuidado. De cá vos estou contemplando e pelos cubiculos visitando e com o coração amando e sómente em os Ceus vos desejo ver e lá vos aguardar. E isto porque o Senhor Jesu Christo é bom e vós, charissimos, muitas vezes lhe rezaes por mim. Porque, segundo crescem meus peccados e descuidos, já tudo se perdera si tantos Moysés não tiveram de continuo cuidado de mim.

Haverá um mez pouco mais ou menos que chegamos a esta capitania de Paranambuco (32) o padre Antonio Pires e eu, a

(32) O padre Antonio Pires em carta aos Irmãos da Companhia datada de Pernambuco a 2 de Agosto de 1551, diz: "Desta capitania de Pernambuco, onde haverá poucos dias que o padre Nobrega e eu somos chegados." Ainda na mesma carta acrescenta: "O padre Nobrega e eu partimos haverá 15 dias ou 20 para esta capitania de Pernambuco, onde ha 6 ou 7 dias que somos chegados." [*Rev. do Inst.*, VI, 95/103]. — G.

Assim os Jesuitas entraram pela primeira vez em Pernambuco entre 27 e 28 de Julho de 1551.

CARTA DO BRASIL (1551)

qual nos faltava por visitar e tinha mais necessidade que nenhuma outra por ser povoada de muito e ter os peccados mui arraigados e velhos. E' feito muito fructo, gloria ao Senhor, por meio destes dois pobres, ou, por melhor dizer, por meio de vossas orações e pela fama da Companhia, a qual é cá tida em muita veneração. Em somente verem que somos membros della (posto que eu podre e prouvesse a Nosso Senhor que não cortado) isto faz em todos abalo, a emendar-se de suas vidas. Os mais aqui tinham Indias de muito tempo de que tinham filhos e tinham por grande infamia casarem com ellas. Agora se vão casando e tomando vida de bom estado. São feitas muitas amisades porque esta capitania estava em bandos com os principaes da terra, e os fizemos amigos á porta da igreja com que já todos estão em paz. Havia muitas moças filhas de Christãos dadas á soldada a solteiros, com que publicamente peccavam e dava-lh'as a Justiça; fil-as ajuntar em casa de casados virtuosos e agora se vão casando e amparando. Pelo sertão ha muitos, assim machos como femeas e algumas já mulheres, filhos de Brancos. Damos ordem a se tirarem todos e já são fóra alguns, dos quaes já lá mandei um mancebo que estava perdido e comia carne humana com o Gentio para lá servir e ter alguma noticia da Christandade.

Havia cá mui pouco cuidado de salvar almas; os sacerdotes que cá havia estavam todos nos mesmos peccados dos leigos, e os demais irregulares, outros apostatas e excommungados. Alguns conheceram seu peccado e principalmente um pediu perdão a todo o povo com muita edificação. Alguns que foram contumaces não dizem missa e andam como encartados sem apparecerem, por seus erros serem mui publicos e escandalosos; os outros nos amam de muito. Estavam os homens cá em grande abusão que não commungavam quasi todos por estarem amancebados, e todavia os absolviavam sacramentalmente, de maneira que pelas Constituições ficavam excommungados e homens que havia 20 annos que estavam nesta terra sem commungarem. Tudo se vai remediando como Nosso Senhor ensina. As Indias forras que ha muito que andam com os Christãos em peccado, trabalhamos por remediar por não se irem ao sertão porque são christãs e lhes ordenamos uma casa á

MANUEL DA NOBREGA

custa dos que as tinham para nella as recolher e d'alli casarão com alguns homens trabalhadores pouco a pouco. Todas andam com grande fervor e querem emendar-se de seus peccados e se confessam já as mais entendidas e sabem-se mui bem accusar. Com se ganharem estas se ganha muito, porque são mais de 40 só nesta povoação, afora muitas outras que estão pelas outras povoações, e acarretam outras do sertão, assim já christãs como ainda gentias. Algumas destas mais antigas prégam ás outras. Temos feito uma dellas meirinha, a qual é tão diligente em chamar á doutrina que é para louvar a Nosso Senhor: estas, depois de mais arraigadas no amor e conhecimento de Deus, hei de ordenar que vão prégar pelas aldeias de seus parentes e certo que em algumas vejo claramente obrar a virtude do Altissimo. Ganharemos tambem que estas nos trarão meninos de Genticio para ensinarmos e criarmos em uma casa que para isso se ordena e já fazem nella com muita pressa e fervor todo o povo assim homens como mulheres. Muitos casamentos tenho acertado com estas forras: quererá Nosso Senhor por esta via accrescentar sua Fé Catholica e povoar esta terra em seu temor e será facil cousa casar todas porque com os não absolverem e lhes mandarem tomar estado, hão-se de casar como puderem os homens, como a experiencia das outras capitancias nos tem ensinado, onde se casaram todas quantas negras forras havia entre Christãos.

Ha cá muita somma de casados em Portugal que vivem cá em graves peccados: a uns fazemos ir, outros mandam buscar suas mulheres. Porém de tudo o que me alegra mais o espirito é ver por experiencia o fructo que se faz nos escravos dos Christãos, os quaes com grande descuido dos seus senhores, viviam gentilicamente em graves peccados. Agora ouvem missa cada domingo e festa e têm doutrina e prégação na sua lingua ás tardes. Andam taes que assi festas como pela semana o tempo que podem furtar vêm a que lhes ensinemos as orações e muito antes de irem pescar ou a seus trabalhos hão de ir resar á egreja e o mesmo da tornada antes que entrem em casa. E destes é a multidão tanta que não cabem na egreja e muitas vezes é necessario fazerem duas esquipações delles, de ma-

CARTA DO BRASIL (1551)

neira que assi nós como os meninos orphãos, é necessario o mais do tempo gastal-o com elles.

Os que estão amancebados com suas mesmas escravas, fazemos que casem com ellas e, por ser costume novo a seus senhores, hão medo que casando lhes fiquem forras, e não lho podemos tirar da cabeça. Isto é cousa mui proveitosa para estas partes; e para São Thomé e outras partes onde ha fazendas de muitos escravos, devia El-Rei de mandar desenganar aos senhores, que não ficam forros, porque isto arreceiam; que d'outra maneira todos os casariam.

Destes escravos e das prégações corre a fama ás aldeias dos Negros, de maneira que vêm a nós de mui longe a ouvir nossa pratica. Dizemos-lhes que por seu respeito principalmente viemos a esta terra e não por os Brancos. Mostram grande vontade e desejos de os conversarmos e ensinarmos. Mui facil cousa é serem todos christãos si houver muitos obreiros que os conservem em bons costumes, porque d'outra maneira far-se-á a grande injuria ao Sacramento.

Vinde, charissimos Irmãos, ou chorai tanto que Nosso Senhor vol-o outorgue. Em todas as capitancias se ordenam casas para os filhos do Gentio se ensinarem, de que se crê resultar grande fructo e para mais em breve o Senhor ajuntar seus escolhidos que nesta gentilidade tem. Eu prégo domingos e festas duas vezes a toda a gente da villa que é muita e ás sextas-feiras tem pratica com disciplina com que se muito aproveitam todos. Vão-se confessando e juntamente fazendo penitencia. Assi em Brancos como nos Indios ha grande fervor e devoção. O Capitão desta Capitania (33) e sua mulher são mui virtuosos e sómente por ignorancia se deixavam de fazer muitas cousas do serviço de Nosso Senhor; muito nos favorecem e ajudam em tudo.

Isto vos quiz escrever assim em breve para que vejaes, charissimos, quanta necessidade cá temos de vossas orações. *Non solum nobis nati estis*: um corpo somos em Jesus Christo; si lá não sustentades, este vosso membro perecerá.

(33) Duarte Coelho, a quem coube a donataria. Sua mulher chamava-se Brites de Albuquerque, mas Fr. Vicente de Salvador (*Hist. do Bras.*, l. 2º, c. 8º e 10º) chama-lhe Beatriz. [Ed. de 1918, pg. 107 e 116]. — G.

MANUEL DA NOBREGA

Com as novas e cartas que recebemos nos alegramos muito no Senhor. Queira elle sempre augmentar o fervor com que se obra, pois é por seu amor: e grande cousa é a India e o fructo della, e eu em muito tenho tambem o que se cá fará, si vós vierdes, charissimos. Lá converter-se-ão muitos reinos e cá salvar-se-ão muitas almas, e das mais perdidas que Deus tem em todas as gerações. Até agora pouco podemos conversar o Gentio, porque os Christãos estavam taes que nos occupam muito suas confissões e negocios com elles. Das outras partes creio que vos terão escripto os Irmãos. *Valete, mi fratres.*

Desta capitania de Pernambuco, a 13 de Setembro de 1551.

Inedita. O original, segundo Barbosa Machado, conservava-se no archivo do Collegio de S. Roque.

IX

A' EL-REI (D. João III)

(1551)

Maus costumes de Pernambuco. — Os ecclesiasticos. — Odios. — Reconciliações. — Duarte Coelho. — Prégações. — O Gentio da terra. — Necessidade de Padres e Irmãos. — Os escravos. — O Collegio da Bahia. — Pedido de escravos de Guiné. — Thomé de Sousa. — Noticias de ouro.

JESUS

A GRAÇA e amor de Christo Nosso Senhor seja com Vossa Alteza sempre. Amen.

Logo que a esta capitania de Duarte Coelho chegamos, outro Padre e eu, escrevi a Vossa Alteza dando-lhe alguma informação das cousas desta terra, e por ser novo nesta capitania e não ter tanta experiencia della, me ficara por escrever alguma cousa que nesta supprerei.

Nesta capitania se vivia muito seguramente nos peccados de todo genero, e tinham o peccar por lei e costume; os mais ou quasi todos não commungavam nunca e a absolvição sacramental a recebiam perseverando em seus peccados. Os ecclesiasticos que achei, que são cinco ou seis, viviam a mesma vida e com mais escandalo e alguns apostatas, e por todos assim viverem não se estranha peccar. A ignorancia das cousas da nossa Fé Catholica é

cá muita e parece-lhes novidade a prêgação d'ellas. Quasi todos têm negras forras do Gentio e quando querem se vão para os seus.

Fazem-se grandes injurias aos Sacramentos que cá se ministram.

O sertão está cheio de filhos de Christãos, grandes e pequenos, machos e femeas, com viverem e se criarem nos costumes do Gentio. Havia grandes odios e bandos. As cousas da Igreja mui mal regidas, e as da Justiça pelo consequinte; finalmente *commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum*. Começamos com a ajuda de Nosso Senhor a entender em todas estas cousas e faz-se muito fructo e já se evitam muitos peccados de todo genero, vão-se confessando e emendando e todos querem mudar seu mau estado e vestir a Jesus Christo Nosso Senhor. Os que estavam em odio se reconciliaram com muito amor, vão-se ajuntando os filhos dos Christãos que andam perdidos pelo sertão e já são tiradós alguns e espero no Senhor que os tiraremos todos. E posto que por todas as outras capitánias houvesse os mesmos peccados e, porém, não tão arraigados, como nesta, e deve ser a causa por que foram já mui castigados de Nosso Senhor, e peccavam mais a medo, e esta não.

Duarte Coelho e sua mulher são tão virtuosos quanto é a fama que têm, e certo creio que por elles não castigou a justiça do Altissimo tantos males até agora e, porém, é já velho e falta-lhe muito para o bom regimento da Justiça e por isso a jurisdicção de toda a costa devia de ser de Vossa Alteza.

Com os escravos que são muitos se faz muito fructo, os quaes viviam como gentios sem terem mais que serem baptisados com pouca reverencia do Sacramento. Das prêgações e doutrina que lhes fazem corre a fama a todo o Gentio da terra e muitos nos vêm ver e ouvir o que de Christo lhes dizemos e, segundo o fervor e vontade que trazem, parecem dizer o que outros Gentios diziam a São Felippe: *Volumus Jesum videre*; esperam-nos em suas aldeias e promettem fazer quanto lhes dissermos.

Este Gentio está mui aparelhado a se nelle fructificar por estar já mais domestico e ter a terra Capitão, que não consentiu fazerem-lhe agravos como nas outras partes. O converter todo

CARTA DO BRASIL (1551)

este Gentio é mui facil cousa, mas o sustental-o em bons costumes não pôde ser sinão com muitos obreiros, porque em cousa nenhuma crêm e estão papel branco para nelles escrever á vontade, si com exemplo e continua conversação os sustentarem. Eu quando vejo os poucos que somos, e que nem para acudir aos Christãos bastamos, e vejo perder meus proximos e creaturas do Senhor á mingua, tomo como remedio clamar ao Creador de todos e a Vossa Alteza que mandem obreiros e a meus Padres e Irmãos que venham.

Damos ordem a que se faça uma casa para recolher todas as moças e mulheres do Gentio da terra que ha muitos annos que vivem entre os Christãos e são christãs e têm filhos dos homens brancos e os mesmos homens que as tinham ordenem esta casa porque alli, doutrinadas e governadas por algumas velhas dellas mesmas; pelo tempo em diante muitas casarão e ao menos viverão com menos occasião de peccados, e este é o melhor meio que nos pareceu por se não tornarem ao Gentio. Entre estas ha muitas de muito conhecimento e se confessam e sabem bem conhecer os peccados em que viveram e as que mais fervor têm prégam ás outras, e assim destas como dos escravos somos importunados de continuo para os ensinar, de maneira que assim os meninos orphãos que conosco temos como nós, o principal exercicio é ensinal-os. Com estas forras se ganharão muitas já christãs que pelo sertão andam e assim muitos meninos seus parentes do Gentio para em nossa casa se ensinarem, além de outros muitos proveitos, que disto a gloria de Nosso Senhor resultará e a terra se povoará em temor e conhecimento do Creador.

Por toda esta costa ha muitos homens casados em Portugal e vivem cá em grandes peccados com muito prejuizo de suas mulheres e filhos, e devia Vossa Alteza mandar aos Capitães que nisto tenham muito cuidado.

Nestas partes ha muitos escravos e todos vivem em peccado com outras escravas: alguns dos taes fazemos casar, outros receiam ficarem seus escravos forros e não ousam a casal-os. Seria serviço de Nosso Senhor mandar Vossa Alteza uma provisão em que declare não ficarem forros casando, e o mesmo se devia prover em

MANUEL DA NOBREGA

Santo Thomé e outras partes, onde ha fazendas com muitos escravos. Com a vinda do Bispo o esperavamos remediar, e agora me parece ser necessario Vossa Alteza prover nisso por se evitarem grandes peccados.

Os moradores destas capitancias ajudam com o que podem a fazerem-se estas casas para os meninos do Gentio se criarem nellas, e será grande meio e breve para a conversão do Gentio.

O Collegio da Bahia seja de Vossa Alteza para o favorecer porque está já bem principiado e haverá nelle vinte meninos pouco mais ou menos, e mande ao Governador que faça casas para os meninos, porque as que têm são feitas por nossas mãos e são de pouca duração e mande dar alguns escravos de Guiné á casa para fazerem mantimentos, porque a terra é tão fertil que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos, si tiverem alguns escravos que façam roças de mantimentos e algodoaes, e para nós não é necessario nada, porque a terra é tal que um só morador é poderoso a manter a um de nós.

Para as outras capitancias mande Vossa Alteza mulheres orphãs, porque todas casarão. Nesta não são necessarias por agora, por haverem muitas filhas de homens brancos e de Indias da terra, as quaes todas agora casarão com a ajuda do Senhor, e si não casavam d'antes, era porque consentiam viver os homens em seus peccados livremente, e por isso não se curavam tanto de casar, e alguns diziam que não peccavam, porque o Arcebispo do Funchal lhes dava licença.

O governador Thomé de Sousa me pediu um Padre para ir com certa gente que Vossa Alteza manda a descobrir ouro: eu lh'o prometti, porque tambem nos releva descobri-lo para o thesouro de Jesus Christo Nosso Senhor, e ser cousa de que tanto proveito resultará á gloria do mesmo Senhor e bem a todo o Reino e consolação a Vossa Alteza, e porque ha muitas novas delle e parecem certas, e parece-me que irão (34). Seja isto tambem em ajuda para

(34) Esta empresa parece que só se realizou em 1553 e foi nella o padre Aspilcueta Navarro, que em carta de Porto Seguro, de 24 de Junho de 1555 dá conta da expedição, dizendo que passava de anno e meio que andava nella. Vasconcellos (*Chron.*, l. I, n° 122) e Franco (*Imag. do Coll. de*

CARTA DO BRASIL (1551)

Vossa Alteza mandar Padres, porque qualquer que fôr fará muita falta no começado, si não vierem Padres para o sustentar, e porque por outra tenho dado mais larga conta, e com a vinda do Bispo, que esperamos, a quem tenho escripto, o mais aguardamos ser soccorridos.

Cesso pedindo a Nosso Senhor lhe dê sempre a conhecer sua vontade santa para que, cumprindo-a, seja augmentada sua Fé Catholica para gloria do nome santo de Jesu Christo Nosso Senhor *qui est benedictus in sæcula.*

Destá villa de Olinda a 14 de Setembro de 1551 annos.



Manoel Janobrega

O original desta carta conserva-se na Torre do Tombo de Lisboa (O. Chron. Part. 1ª Maç. 86. D. 125) e o Instituto Historico possui cópia extrahida delle.

Publicada pela primeira vez no t. II (1840) da *Rev do Inst.*, pp. 277/280 [Pg. 279/282 da 2ª ed.], foi reproduzida no vol. 2º da *Chron.* de Vasconcellos, ed. de Lisboa de 1865, pp. 301/308.

Havendo duvida si a data era 14 de Setembro, como está na cópia do Inst. Hist., ou 17, como sahiu na citada *Rev.*, foi consultado a este respeito o Snr. Lino de Assumpção, que escreve: "A data da carta de Nobrega é 14. Está bem visível *xiiiij* e para não haver duvida está escripta duas vezes no sobrescripto em algarismo 14. São duas folhas de papel almaço amarelado do tempo com boa letra do seculo muito firme." Ainda ao Snr. Lino de Assumpção devemos o fac-simile da assignatura que aqui se vê; a gravura é do distincto xylographo Snr. Manoel J. da Costa Pinheiro.

Coimbra, II, pg. 201) dizem ter ella sido em 1552 e acrescenta este: "Chegados ao fim da viagem ás minas, só as descobriu o padre Aspilcueta em grande multidão de Indios, que em sua companhia o vieram seguindo até Porto Seguro."

A carta de Navarro foi publ. em hespanhol no mesmo anno de 1555 na pequena colecção (*Copia de vnas Cartas de algunos Padres y Hermanos de la Comp. de Jesus que escr. de la India, Japon, y Brasil... transl. de port. en cast.*) de Coimbra; entretanto S. de Vasconcellos (no n. 124 do l. I da *Chron.*) dá a expedição terminada em principio de 1553 e diz que Nobrega partindo da Bahia em Janeiro do mesmo anno estivera em Porto Seguro com o Padre Navarro. — [A expedição só partiu em Março de 1554, Anchieta, *Annaes da Bibl. Nacional*, XIX, 54, no governo de D. Duarte da Costa] — G.

X

PARA O PADRE PROVINCIAL DE PORTUGAL

(1552)

Chegada do Bispo. — P. Antonio Pires. — O Collegio. — O Governador. — Pedido de Padres e meninos. — Necessidade de escravos de Guiné. — Vicente Rodrigues, Salvador Rodrigues, Navarro, Affonso Braz, Leonardo Nunes, Diogo Jacome, Paiva, Antonio Pires, Francisco Pires. — Dois meninos da terra prégadores. — Francezes. — Thomé de Sousa. — O sertão.

UMA recebi de Francisco Henriques, escripta por mandado de Vossa Reverendissima; alegrou-nos muito com as mais que dos Irmãos recebemos.

Vespera da vespera de S. João (35), chegou o Bispo a esta Bahia, com toda a náu e gente de saude, posto que trouxeram pro-luxa viagem, e cá parecia a todos que não viria, de que a cidade era muito triste, e muito nos tememos querer Nosso Senhor castigar os peccados desta terra com não nol-a trazer, *sed tristitia nostra versa est in gaudium*, com a trazer, com tanto trabalho, que, como todos dizem, foi muita obra de Nosso Senhor. O Bispo veio pousar

(35) D. Pedro Fernandes Sardinha, que, como se vê, chegou a 22 de Junho de 1552 e não em 1551, como diz o Visconde de Porto Seguro na sua *Hist. do Bras.*, pg. 251. O Bispo partiu de Lisboa a 24 de Março e não em fins de Setembro de 1551, como diz o mesmo auctor. Esta data nos dá o proprio Bispo na carta escripta a D. João III da ilha de S. Thiago de Cabo Verde a 11 de Abril de 1551 (aliás 1552), existente na Torre do Tombo e da qual possui cópia o Inst. Hist. O prelado assigna-se *O Bispo do Salvador*.—[A carta do bispo está publicada na *Hist. Geral*, I, 332/333] — G.

CARTA DO BRASIL (1552)

comnosco, até que lhe cercaram umas boas casas, em que agora está; e muito benigno e zeloso, e mostra-se nelle bem ter amor, e sentir as cousas da Companhia; prégou dia de S. Pedro e S. Paulo com muita edificação, com que muito ganhou os corações de suas ovelhas; eu trabalharei sempre por lhe obedecer em tudo, e elle não mandará cousa, que prejudique a nosso Instituto e bem da Companhia.

O Bispo determina occupar-nos na visitação das capitánias, e agora neste navio encarrega ao padre Antonio Pires, que está em Pernambuco (36), até elle ir visitar; e, considerando eu a obediencia que lhe devo ter, e não nos occupar mais que inquerir e admoestar, a não julgar ninguem nem tomar conhecimento de coisas, e a falta que disso ha de homens, e assim esta primeira vez ha de ser tudo por amor, me determino fazel-o por me parecer muito serviço de Deus Nosso Senhor; si Vossa Reverendissima lhe não parecer bem, escreva-lhe que não nol-o mande; porque diz que Vossa Reverendissima lhe disse que nós o ajudariamos nisto.

Este collegio dos meninos de Jesus vai em muito crescimento, e fazem muito fructo; porque andam pelas aldeias com prégações e cantigas de Nosso Senhor pela lingua, que muito alvoroga a todos, do que largamente se escreverá por outra via; o mantimento e vestiaria, que nos El-Rei dá, todo lh'ó damos a elles, e nós vivemos de esmolos, e comemos pelas casas com os criados desta gente principal, o que fazemos por que se não escandalizem de fazermos roças e termos escravos, e para saberem que tudo é dos meninos.

O Governador ordenou de dar a dez (37) que viemos de Portugal um cruzado em ferro cada mez, para a mantença de cada um, e cinco mil e seiscentos réis para vestir cada anno, com o qual nenhuma roupa se poderá fazer nesta terra; e porém eu não lhe puz groza, porque nem ainda esse merecemos.

Já tenho escripto sobre os escravos que se tomaram, dos quaes

(36) Nobrega deixou Pernambuco em Janeiro de 1552, como declara Antonio Pires em carta de 5 de Julho do mesmo anno. Chegou á Bahia em Março, segundo Franco (*Imag. do Coll. de Coimbra*, II, pg. 17).

(37) Os seis primeiros já ficaram indicados; os outros quatro vieram em 1550 e foram os padres Salvador Rodrigues, Manuel de Paiva, Affonso Braz e Francisco Pires.

um morreu logo, como morreram outros muitos, que vinham já doentes do mar; tambem tomei doze vaquinhas para criação, e para os meninos terem leite, que é grande mantimento; em toda maneira este anno tragam os Padres provisão d'El-Rei, assim de escravos como destas doze vaccas, porque tenho dado fiador para dentro de um anno as pagar a El-Rei, e será grande fortuna si deste anno passar; nas vaccas se montaram pouco mais de trinta mil réis, e tambem os outros collegios das capitancias querem fazer os moradores, e escrevem-me cartas sobre isso, e querem dar escravos e muita ajuda.

D'aqui a dous mezes irá o Governador correr a costa e irei com elle visitando as casas, e darei ordem, como me Nosso Senhor ensinar, para que se comecem a fazer; posto que algumas estão já bem principiadas.

Mande Vossa Reverendissima Padres, e com elles alguns meninos de bom exemplo e boas fallas, para lhes darem bom principio. Nesta terra, custa muito pouco fazer-se um collegio e sustentar-se, porque a terra é muito farta, e os meninos da terra sustentam-se com pouco, e os moradores muito affeigoados a isso, e as terras não custam dinheiro: este da Bahia foi mais trabalho, porque se fez sem ajuda dos moradores em terra povoada de pouco, e os mais della serem degradados e gente pobre; si El-rei favorecer a este e lhe fizer igreja e casas, e mandar dar os escravos, (que digo); me dizem que mandam mais escravos a esta terra, de Guiné, si assim fôr, podia vir logo provisão para mais tres ou quatro, além dos que a casa tem, antes de um anno se sustentarião bem meninos e mais; porque, assim como ella está agora, mantém a 30 pessoas, e mais agora mando fazer algodoes para mandar lá muito algodão, para que mandem pannos, de que se vistam os meninos, e não será necessario que o collegio de Coimbra cá nos ajude sinão com orações, antes de cá lhe sermos bons em alguma cousa.

Vicente Rodrigues era muito doente e enfermo, sempre se queixava da cabeça; mandei-lhe que não fosse mais doente, e assim o fez, já o não é, de um anno para cá, e nos ajuda mui bem em tudo (*);

(*) Vicente Rodrigues teve quartans muito tempo, carta de Antonio Pires, *Revista do Instituto*, VI, 96. — G.

Salvador Rodrigues tem cuidado dos meninos, e fal-o muito bem, e tambem se acha já melhor; o padre Navarro está em Porto Seguro, faz seu officio; Affonso Braz tem cuidado do Espirito Santo, tem grande collegio, manda-me pedir meninos para o principiar; Leonardo Nunes e Diogo Jacome estão em S. Vicente, ha dias que não tenho novas delles; este anno mandei o padre Paiva (38) e alguns meninos a visital-os, por eu não poder ir agora; irei cedo com a armada; a fama delles é grande; Antonio Pires está em Pernambuco; Francisco Pires está agora nesta Bahia, todos servem a Nosso Senhor, e empregam bem seus talentos: *Pater, quos dedisti mihi non perdidisti*... por suas virtudes, e pelas orações de Vossa Reverendissima, posto que meu mau exemplo bastava bem a destruir tudo, e, quando regidos por mim, são tão bons, que fará, si Vossa Reverendissima mandar um bom, que delles e de mim tenha cuidado: *Veniat, pater, veniat, si amat Jesum Christum*.

Eu tinha dous meninos da terra para mandar a Vossa Reverendissima, os quaes serão muito para a Companhia; sabem bem lêr e escrever, e cantar, e são cá prégadores, e não ha cá mais que aprender, e mandava-os para aprenderem lá virtudes um anno e algum pouco de latim, para se ordenarem como tiverem idade, e folgará El-Rei muito de os vêr, por serem primicias desta terra; e por não ter embarcação boa, e ser já tarde, e andarem Francezes, os não mando este anno; para outro irão com o Governador, si Vossa Reverendissima me não escrever o contrario.

O Governador Thomé de Sousa eu o tenho por tão virtuoso e entende tão bem o espirito da Companhia, que lhe falta pouco para ser della; não creio que esta terra fôra avante com tantos contrastes, como teve, si houvera outro Governador; dizem que se vai este anno que vem, que tememos muito vir outro, que destrua tudo; de quantos lá vieram nenhum tem amor a esta terra: só elle, porque todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja á custa da terra, porque esperam de se ir; parece-me que si El-Rei lhe der lá o que tem á sua filha, e a casar, e lhe mandar sua mulher, que folgará muito de viver cá, não por Governador, sinão

(38) Manuel de Paiva, que falleceu no Espirito Santo a 21 de Dezembro de 1584. (*Anchieta, Mat. e Ach.*, I, pp. 14 e 72).

MANUEL DA NOBREGA

por morador, com o que cá tem; digo de sua criação e seus escravos; porque é muito contente desta terra, e acha-se muito bem nella, e muitas vezes conheci isto d'elle, nem quererá ordenado de El-Rei mais que qualquer favor de honra em sua vida; e si este homem cá assentar, será grande favor da terra, e com elle se ganharão muitos moradores; dê Vossa Reverendissima disso conta a El-Rei, e veja-se o espirito de suas cartas; Vossa Reverendissima lhe escreva os agradecimentos de muitos favores que nos cá faz, porque certo nos ama muito em o Senhor.

Muito desejosos andamos todos de ir pelo sertão, porque a nenhuma parte iremos onde não haja apparelho melhor para se fazerem bons christãos que nas capitánias, os quaes para bem nos crerem é necessario que por tempo nos experimentem e venham a conhecimento da verdade; porque inda agora a medo nos querem, por razão das muitas maldades dos Brancos, até agora o porque o dilatamos é por dar principio a estas casas das capitánias onde fique fundamento da Companhia, a que nos matem e comam a todos os que formos; mande Vossa Reverendissima logo muitos para que haja para deixar nos collegios, e levar dous ou tres, e com elles e com o Bispo teremos logar a ir ganhando terra adiante, porque temos novas de Gentios, onde acharemos alguns escolhidos para o reino dos Ceus.

A nossa egreja, que fizemos, se nos cahe; porque era de taipa de mão e de palha, agora ajuntarei estes senhores mais honrados que nos ajudem a reparal-a, até que Deus queira dar outra egreja de mais dura, si a Vossa Reverendissima parecer bem fallar nisso a El-Rei; sinão, os Padres que vierem farão outra; que virão com fervores, que dure outros tres annos, porque nossas mãos já não poderão fazer outra, sinão si fôr daqui quinhentas leguas pelo sertão.

(Da Bahia, 1552).

Sem data. Candido Mendes (*Rev. do Inst.*, XL, p. 2^a, pg. 365) assignala-lhe o mez de Agosto.

Publicada pela primeira vez no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1^a, pp. 100/104.

XI

A' EL-REI D. JOÃO

(1552)

O Bispo. — Pedido de mulheres. — Desaffeição dos moradores á terra. — Thomé de Sousa. — Pedido de Padres. — Necessidade de moradores.

JESUS

Nosso Senhor Jesus Christo dê muita graça e consolação a Vossa Alteza sempre. Amen.

De Pernambuco escrevi a Vossa Alteza mais largo, do que agora farei, porque de lá não havia tantos, que informassem a Vossa Alteza como ha de cá; o Bispo nos trouxe Nosso Senhor tão desejado de todos, posto que com muitos trabalhos e prolixa viagem, apezar do principe das escuridades, que bem quizera estorvar sua vinda, pois com ella *efficientur foras*, e darão muitas almas gloria ao Senhor.

Já que escrevi a Vossa Alteza a falta que nesta terra ha de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos peccados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas orphãs, e si não houver muitas, venham de mistura dellas e quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem á terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-hão do peccado.

mulheres

MANUEL DA NOBREGA

Esta terra é tão pobre ainda agora, que dará muito desgosto aos officiaes de Vossa Alteza que lá tem com terem muito gasto, e pouco proveito ir de cá, maiormente aquelles, que desejam mais irem de cá muitos navios carregados de ouro, que para o Ceu, muitas almas para Christo; si se não remediar em parte, com Vossa Alteza mandar moradores que rompam e queiram bem á terra, e com tirar officiaes tantos e de tantos ordenados, os quaes não querem mais que acabar seu tempo e ganhar seus ordenados, e terem alguma acção de irem importunar a Vossa Alteza; e como este é seu fim principal, não querem bem á terra, pois têm sua affeição em Portugal; nem trabalham tanto para favorecer como por se aproveitarem de qualquer maneira que puderem; isto é geral, posto que entre elles haverá alguns fóra desta regra.

Accrescentam-se agora gastos de Bispo e Cabido, o que a terra neste principio não poderá sustentar juntamente com os officiaes: bastava cá um Governador com um Ouvidor Geral, sem assignaturas para não haver muitas demandas, e pouco mais para tudo o que ao presente na terra ha por fazer, porque não sei que parece haver officiaes de 200\$000, com fazerem pouco mais de nada, dos dizimos da Egreja, e os Padres morrerem de fome, com rezarem todo o dia; o mais do que aproveitaram até agora foi de representarem gente, elles e seus criados, o qual bem se excusára, si vieram moradores: algumas vezes cuidou quão bem empregada seria, entretanto que a terra ajuda mais dar, Vossa Alteza uma igreja ao Bispo e Cabido do mestrado de Christo ou Santiago, pois é tanto para serviço do mesmo Christo.

Temos por nova que manda Vossa Alteza ir para o anno a Thomé de Sousa; obriga-me Nosso Senhor a dizer o muito que temo vir outro, que destrua isso pouco que está feito, e que favoreça mais os peccados, vicios que este, e que queira ir aproveitado á custa da terra; sei que folgará muito de viver nesta terra si cá tivesse sua mulher, ainda que não fosse Governador, si uma filha que tem a tivesse casada. Isto tudo não sei como possa ser; os meus desejos em Nosso Senhor são que ou elle se não vá, ou façam lá outro por elle: porque o maior mal que lhe achamos é ser mais amigo da Fazenda um pouco de Vossa Alteza do que deve; ao menos,

CARTA DO BRÁSIL (1552)

lembro a Vossa Alteza que não mande a esta terra Governador solteiro nem mancebo, si a não quer ver destruida, e grande bem seria si fosse casado, e viesse com sua mulher por darmos principio e fundamento a estas casas das capitánias, que começamos a fundar.

Não somos já idos a descobrir a terra, segundo as novas que temos, posto que com todos os meus Irmãos muito o desejamos já; e certo que o espirito do Senhor nos compelle e força já muito. Mandc Vossa Alteza muitos da Companhia, que sustentem este pouco que está ganhado, para que nós possamos ir buscar thesouro d'almas para Nosso Senhor, e descobrir proveito para este Reino e Rei que tão bem o sabe gastar em serviço e gloria do Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores.

As mais novas da terra, haverá muitos que as dirão a Vossa Alteza; o que me a mim occorre para dizer é que vai tudo em crescimento, assim no espirital como temporal; alguns se fazem christãos, depois de muito provados, e vai-se pondo em costume de, ou serem bons christãos, ou apartarem-se de todo da nossa conversação; e os que se agora baptisam os apartamos em uma aldêa, onde estão os Christãos, e têm uma igreja e casa nossa, onde os ensinam; porque não nos parece bem baptisar muitos em multidão, porque a experiencia ensina que poucos vêm a lume, e é maior condemnação sua, e pouca reverencia do Sacramento do Baptismo; o temporal tambem vai em crescimento, posto que de vagar, porque Vossa Alteza não manda moradores, que aproveitem a terra.

Para mim tenho por averiguado que, si vierem moradores, que este Gentio se senhareará facilmente, e serão todos christãos, si vindo elles se defender resgatar com os Gentios, permittindo-se sómente resgatar com os Christãos e cathecumenos, que viverem apartados dos outros, debaixo da obediencia de um pae que os reja, e de um Padre nosso que os doutrine, e desta opinião acho cá a todos os que da terra mais sabem, porque gente que não tem Deus, por quem morram, e tem tanta necessidade de resgate, sem o qual não terão vida, ainda que muito a salvo nos pudessem botar da terra, não lhes convinha, e si os obrigarem a serem christãos para poderem resgatar facilmente o farão, e já agora o fariam, si lh'o defendessem; e, porém, a necessidade que temos delles e de seus serviços e manti-

MANUEL DA NOBREGA

mentos o não permite, e si vierem moradores, que rompam a terra, escusar-se-ha o trato com elles, e a terra de todo se assegurará.

A terra recebe muito bem ao Bispo, e já se começa de ver a olho o fructo, o qual esperamos que cada vez mais irá em crescimento, porque da primeira prégação que fez já, cada um começa a cobrir e dar roupas a seus escravos, e vêm vestidos á igreja, o que faz a auctoridade e magestade de um Bispo! Espero no Senhor que, com sua vinda e doutrina, se faça nesta terra um bom povo christão; favoreça Vossa Alteza de lá, e não bastem friezas e desgostos de estorvadores a estorvarem o santo zelo e proposito de augmentar a Fé catholica, que Deus Nosso Senhor tem dado a Vossa Alteza.

(Da Bahia, 1552).

Sem data; mas é de 1552, depois da chegada do Bispo, que foi a 22 de Junho.

Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1ª, pp. 96/100.

XII

AO PADRE MESTRE SIMÃO

(1552)

*O estado da terra. — Carijós. — O Governador. — O Bispo. —
Duvidas a respeito dos Gentios. — Diogo Alvares, o Caramurú.*

POR todas as vias, que posso, escrevo a Vossa Reverendissima, *quia amo patrem meum, qui et ipse amat me*; e porque me parece que tenho já bastantemente escripto, nesta sómente darei conta a Vossa Reverendissima de algumas cousas, que nas outras fui falto.

Todos os Padres e Irmãos estamos de saude, gloria a Nosso Senhor, corporal, e quietos no espirito; cada um trabalha segundo seu talento e graça, que Nosso Senhor lhe dá.

Já tenho escripto por vezes a Vossa Reverendissima como nestas partes pretendiamos criar meninos de Gentio, por ser elle muito, e nós poucos, e sabermos-lhe mal fallar em sua lingua, e elles de tantos mil annos criados e habituados em perversos costumes, e por este nos parecer meio tão necessario á conversão do Gentio: trabalhamos por dar principio a casas, que fiquem para emquanto o mundo durar, vendo que na India isso mesmo se pretende, e em outras partes muitos collegios, em que se criem soldados para Christo. Confirmou isto mandarem de lá meninos, os quaes, como não

MANUEL DA NOBREGA

fossem para este fim, e para darem principio á casa, não sei para que cá eram; o que tudo praticando com o Governador, e vendo a difficuldade de manter os meninos que de lá vieram, por razão da terra ser nova, e pouca gente nella, que lhes pudesse dar esmolas, por serem os mais degradados e outra gente pobre e miseravel: assentamos com o parecer dos mais Padres nossos de tomarmos terra, e ordenarmos casas de meninos, e logo assim, nós, por nossas mãos, como rogando aos Indios da terra, como os escravos dos Brancos, e elles mesmos, por sua devoção, começamos a rogar, e fazer mantimentos aos meninos; e, entretanto que não eram para se comerem, suppriu o Governador com todo o necessario aos meninos, como zeloso e virtuoso que é, porque as esmolas que se pediam não bastavam a um só comer. Depois que de lá mandaram o alvará de El-Rei para nos darem mantimentos e vestuario, ordenaram os officiaes de darem a dez que viemos, um cruzado em ferro a cada um, que sahia pouco mais de dois tostões em dinheiro, para a mantença nossa, e cinco mil e seiscentos réis para vestido de cada Padre, cada anno; o que tudo applicamos á casa para os meninos, e nós no vestido remediamo-nos com o que ainda do Reino trouxemos; porque a mim ainda me serve a roupa com que embarquei, que Vossa Reverendissima por especial mandado me mandou trazer, a qual já tinha servido no Collegio, em São Fins (39): e, no comer, vivemos por esmolas.

Depois que vieram os escravos d'El-Rei, de Guiné a esta terra, tomaram os Padres fiados por dous annos tres escravos, dando fiadores a isso, e acaba-se o tempo agora cedo. Desta vestiaria fiz mercar outros escravos da terra; este anno, que vieram vaccas d'El-Rei, tambem tomei doze fiadas a El-Rei, dando fiadores para d'ahi a um anno se pagar, para criação e leite para os meninos; tenho principiado casas para os meninos conforme a terra; até agora passamos muito trabalho para os manter; já agora que os mantimentos se vão comendo vai a casa em mui crescimento, e os meninos têm

(39) Residencia jesuitica na provincia de Entre Douro e Minho. (Franco, *Imag. da virt. em o nov. da Comp. de Jesus na côrte de Lisboa*, pg. 92).

CARTA DO BRASIL (1552)

o necessario cada vez melhor, de maneira que d'onde antes com muita fortuna mantinhamos a sete ou oito, agora mantém a casa cincoenta e tantas pessoas, sem o sentir; tem a casa um barco e escravos, que matam peixe.

Alguns escravos destes, que fiz mercar para a casa, são femeas, as quaes eu casei com os machos e estão nas roças apartados todos em suas casas, e busquei um homem leigo, que delles todos tem cuidado e os rege e governa, e nós com elles não temos conta, e com o homem nos entendemos, e o homem com elles. A causa por que se tomaram femeas é porque d'outra maneira não se pôde ter roças nesta terra, porque as femeas fazem a farinha, e todo o principal serviço e trabalho é dellas; os machos sómente roçam, e pescam e caçam, e pouco mais; e como nesta terra os mais homens sejam solteiros e têm escravas com que peccam, os quaes não absolvemos sem que primeiro as não apartam de si, e elles acham outros Padres que os absolvem, tomam occasião de dizerem que tambem nós temos escravas, que se não escusam.

Acerta-se tão bem algumas vezes sermos causa de se forrarem Negros salteados; porque d'outra maneira não absolvemos, no que lhes não fallam os outros Padres; ajunta-se tudo para lançarem mão de murmurarem, e principalmente os Carijós, que fizemos forrar por serem salteados, sendo christãos já na sua terra; e os puzemos no Espirito Santo casados os machos com as femeas em sua liberdade, e sómente recolhi comnosco dois moços para aprenderem comnosco a serem bons christãos. Tambem nos pediam dizimos do peixe e mantimentos dos meninos, o qual, por eu não consentir que se pagassem, se queixaram alguns: estas cousas e outras, que por serem de pouca substancia as não digo, e ver que me desinquietava muito porque esta casa fosse avante e quanto mais a nosso sabor viveramos si fôramos e vivêramos sós, e com se fallar menos que temos terras e escravos, posto que se fizera menos, e ganhára menos para Christo, me determinei com meus Irmãos de darmos a entender ao mundo que desta casa não queriamos nada para nós sinão para os meninos, por todas as vias que pudessemos, e assim ordenamos de ir pedir de comer pelas casas, e os mais dos dias,

MANUEL DA NOBREGA

dois que estamos na cidade, imos comer com os criados do Governador, o qual dá de comer com seus criados a todos que o não têm e querem alli ir tomar, e entre outros somos nós destes, e em parte nos foi bom o murmurarem de nós, porque d'antes as mais das vezes passavamos como Nosso Senhor bem sabe, e não sei a vida que levavamos com tanto trabalho, si pudéra muito durar; e agora uma vez ao dia comemos de maneira que é melhor que duas, que antes comiamos em casa; e nos tiramos de negocios temporaes, quando podemos, commettendo-os a leigos.

Neste comenos chegou o Bispo tanto de nós e de toda a terra desejado, ao qual chegaram logo as vozes dos murmuradores e elle como zeloso e pae m'o disse, aconselhando-me o que devia de fazer, o que tudo posto em seu parecer e communicando com o Governador e outros, que muito em Christo nos amam, determinamos escrever assim tudo largo a Vossa Reverendissima, e entretanto que em nenhuma maneira desabrisse mão da casa, a qual eu dava á Misericordia desta cidade, e que tivessem cuidado dos meninos, o que nem elles, nem ninguem quizeram acceitar; casas de meninos nestas partes são muito necessarias, não se podem ter sem bens temporaes e de maneira que esta casa está fundada, e sendo assim ha de haver estes e outros escandalos; para a Companhia se lançar de todo disto não se podem sustentar estas casas nem ha zelo, nem virtude, nem homens para isto, que baste, podem-se reger no temporal por homens leigos, com ser a superioridade de tudo da Companhia, e do Padre dos meninos no espirital haver cuidado; si lá houvessem homens ou Padres do espirito e virtude do padre Domenico (40), a quem isto tudo encarregassem, tudo estaria em seu logar. Agora veja Vossa Reverendissima e dê conta disso mui larga a Nosso Senhor, e mande-nos o que façamos desta casa e das outras; tambem me parece que o Bispo dará conta a Vossa Reverendissima.

Com a vinda do Bispo, foi a terra mui alegre, e estão todos mui edificados de suas pregações; é muito zeloso da gloria e honra de Nosso Senhor, e tal qual esta terra havia mister, porque a vir um

(40) Pedro Domenico.

Bispo passeiro, fleumatico e negligente, como tenho visto outros, eu morrera de triste, e por ventura fôra ao Inferno com ter pouca paciencia. Disse missa em pontifical, dia de Nossa Senhora de Agosto, coisa tão nova e de tanto espanto nesta terra, e eu e outros Padres ministramos alli com capas, e folgára muito Vossa Reverendissima de nos ver por quão bem o faziamos, não o havendo feito nunca. E' mui desconsolado, a terra tão pobre que nem seu ordenado lhe podem pagar, e elle tem obrigações de manter a muitos, e sua idade não soffre já os desamparos desta terra; é necessario que Vossa Reverendissima tome nisto a mão, pois lá não tem ninguem, que suas cousas lembrem, e fazendo a elle fal-o-ha á toda terra, e á honra do nome de Christo, e á Companhia e a todos; cá nos parecia bem a todos que dêsse El-Rei alguma commenda de Christo ou Santiago grossa a esta terra, ou pensão em outro bispado para o Bispo e Cabido, até esta terra dar de si mais amor, porque até agora ha nella pouco mais de matos, e boas aguas, e bons ares, e alguma miseria si de lá vem, e para mim, que nunca me fartei de pão e bom, porque me farto nella cada dia de farinha, sem haver medo a que venha anno de fome, nem muita chuva, nem muita sêcca, o que a idade do Bispò não soffre, e doutra maneira nem nós teremos prelado, nem a terra poderá ir avante. Pois Vossa Reverendissima foi principio de tão grande bem, apparelhe-se aos trabalhos de o levar avante.

Com a vinda do Bispo se moveram algumas duvidas, nas quaes eu não duvidava porque sam soberbo e muito confiado em meu parecer, as quaes nos pareceu bem communicar-as com Vossa Reverendissima para que as ponha em disputa entre parecer de lettrados e me escreva o que devo fazer.

Primeiramente: si se poderão confessar por interprete a gente desta terra que não sabe fallar nossa lingua; porque parece cousa nova, e não usada em a Christandade, posto que *Caiet. in summam, 11ª condit.*, e os que allega *Nau. c. fratres nº 85, de penit. dest. 5ª*, digam que pode, posto que não seja obrigado.

Item: ha costume nestas partes de se permittirem os Gentios nas egrejas, á missa juntamente com os Christãos, e não os deitam

fóra por os não escandalisar: si se guardará o direito antigo ou si se permittirá estarem todos de mistura?

Item: si nos abraçarmos com alguns costumes deste Gentio, os quaes não são contra a nossa Fé Catholica, nem são ritos dedicados a idolos, como é cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingua pelo seu tom e tanger seus instrumentos de musica, que elles em suas festas, quando matam contrarios, e quando andam bebados, e isto para os attrahir a deixarem os outros costumes essenciaes, e, permittindo-lhes e approvando-lhes estes, trabalhar por lhes tirar os outros, e assim o prégar-lhes a seu modo em certo tom, andando, passeando e batendo nos peitos, como elles fazem, quando querem persuadir alguma cousa, e dizel-a com muita efficacia, e assim tosquiare-se os meninos da terra, que em casa temos, a seu modo, porque a similhaça é causa de amor, e outros costumes similiaes a estes?

Item: como nos haveremos ácerca dos Gentios que nos vêm a pedirem o baptismo, e não têm camisas nem roupas para se vestirem: si, sómente por razão de andarem nús, tendo o mais apparelhado, lhes negaremos o baptismo e a entrada na egreja, á missa e doutrina; porque parece que andar nú é contra a lei de natura, e, quem a não guarda pecca mortalmente, e o tal não é capaz de receber Sacramento, e por outra parte eu não sei quando tanto Gentio se poderá vestir, pois tantos mil annos andou sempre nú, não negando ser bom persuadir-lhes, e prégar-lhes, que se vistam e mettel-os nisto quanto puder ser?

Item: si é licito fazer guerra a este Gentio e captival-os, *hoc nomine et titulo* que não guarda a lei de natura por todas vias?

Isto e as mais duvidas que o anno passado escrevi, as quaes ainda me não satisfizeram, faça Vossa Reverendissima pôr em disputa no collegio de Coimbra e mande-me o parecer dos principaes letrados da Universidade, porque, assim como para cá, como para a India e outras partes de Infieis, será proveitoso saber-se, ou por melhor dizer, mande Vossa Reverendissima quem de todos nós tenha euidado, ensinado, ensaiado e amestrado no que cá devemos de fazer em tudo.

O Bispo mostra grande fervor de se entender na conversão des-

CARTA DO BRASIL (1552)

tes Genticos, ordena um pae dos que se converterem, o qual é muito para isto, que é Diogo Alvares, muito acreditado entre este Genticio; andará comnosco pelas aldeias prégando; favoreça Vossa Reverendissima de lá com fazer que El-Rei lh'o escreva e agradeça, e lhe ordene algum pobre ordenado por isso, pois tão bem empregado será.

(Da Bahia, 1552).

Não traz data; mas, como se vê, foi escripta da Bahia pouco depois de 15 de Agosto de 1552.

Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1^a, pp. 105/111.

XIII

PARA EL-REI D. JOÃO

(1554)

Gentio do sertão. — Orphãos da terra. — Povoação de João Ramalho. — Martim Affonso de Sousa. — Piratininga. — Guerras da Bahia. — O Bispo.

A GRAÇA e consolação do Espirito Santo seja com Vossa Alteza sempre. Amen.

Porque mando este anno um Padre de cá a dar conta a Vossa Alteza e á Companhia das cousas destas partes (41), e por Thomé de Sousa, haver pouco, que de cá partiu, pelos quaes de tudo será bem informado, não tinha eu para que escrever; mas para cumprir com a devoção de Vossa Alteza, e com os desejos, que em Nosso Senhor eu tenho, destas partes serem favorecidas delle, sómente lhe darei alguma conta desta capitania de S. Vicente, onde a maior parte da Companhia residimos, por ser ella terra mais aparelhada para a conversão do Gentio que nenhuma das outras, porque nunca tiveram guerra com os Christãos, e é por aqui a porta e o caminho mais certo e seguro para entrar nas gerações do sertão, de que temos boas informações; ha muitas gerações que não comem carne humana, as mulheres andam cobertas, não são crueis

(41) Foi Leonardo Nunes, que naufragando na viagem, morreu a 30 de Junho de 1554. Segundo Simão de Vasconcellos, em S. Vicente o chamavam *Abarébehé*, "Padre que vóa"

CARTA DO BRASIL (1554)

em suas guerras, como estes da costa, porque sómente se defendem; algumas têm um só Principal, e outras cousas mui amigas da lei natural, pela qual razão nos obriga Nosso Senhor a mais presto lhes socorrermos, maiormente que nesta capitania nos proveu de instrumentos para isso, que são alguns Irmãos linguas, e por estas razões nesta capitania nos occupamos mais que nas outras.

Está principiada uma casa na povoação de S. Vicente, onde se recolheram alguns orphãos da terra e filhos do Gentio; e dō mar dez leguas, pouco mais ou menos duas leguas de uma povoação (42) de João Ramalho (43), que se chama Piratinin (44), onde Martim Affonso de Sousa primeiro povouo, ajuntamos todos os que Nosso Senhor quer trazer á sua Igreja, e aquelles que sua palavra e Evangelho engendra pela prégacao, e estes de todo deixam seus costumes e se vão estremando dos outros, e muita esperança temos de serem verdadeiros filhos da Igreja, e vai-se fazendo uma formosa povoação e os filhos destes são os que se doutrinam no collegio de S. Vicente.

Na Bahia não se entende agora com o Gentio por falta de linguas, que não temos; sómente se sustenta aquella casa e se doutrinam alguns moços, e assim tambem por que andam elles agora todos baralhados em tão crueis guerras (*) que visinhos com visinhos e casa com casa se comem, que é grande juizo de Nosso Senhor, e é agora o mais conveniente tempo para a todos sujeitarem e os imporem

(42) Esta povoação chamava-se Santo André. — [Della fez Thomé de Sousa capitão a João Ramalho, “naturall do termo de Coimbra, que Martim Afonso ya achou quando ca veyo. Tem tantos filhos, netos, bisnetos e descendentes delle ho nom ouso de dizer a V. A., não tem cãa na cabeça nem no rosto e anda nove leguoas a pe antes de yantar...” — Carta de Thomé de Sousa a El-rei, de 1 de Junho de 1553, in *Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*, III, 364/366] — G.

(43) E’ o famoso povoador de S. Paulo sobre quem tanto se tem escripto. Delle terei occasião de tractar nas *Cartas avulsas dos Jesuitas*, pois de uma destas cartas se collige que elle ainda vivia em Abril de 1568. E’ á que se refere o Visconde de Porto Seguro na sua *Hist.*, pg. 605.

(44) Chamavam tambem Piratininga; é a actual cidade de S. Paulo.

(*) Sobre a guerrá do gentio da Bahia, veja a carta de D. Duarte da Costa a El-rei, de 10 de Junho de 1555, in *Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*, III, 377/379. — G.

MANUEL DA NOBREGA

no que quizerem; e já agora a terra estava honestamente segura e cheia de gente para se poder fazer, si os Indios o quizessem contradizer, quanto mais que por certo se tem, que assim uns como os outros, que dentro daquella geração de dez ou doze leguas estão, lhes viriam bem, e folgariam aceitar qualquer sujeição moderada, antes que viverem nos trabalhos em que vivem; e, porém, os homens commumente vivem e buscam *quæ sua sunt, non quæ Jesus Christi*, e querem mais qualquer repouso seu que o muito que Nosso Senhor ganharia, e não querem aventurar qualquer paz sua, por ganharem muito para Christo e para o bem da terra, e por isso se permite que junto das portas da cidade se espedacem corpos humanos e se comam, o que é opprobrio de Christo e deshonra da nobreza portugueza, e todos dizem: *pax, pax, et non erat pax; curavimus Babilonem, et non est curata*. Parece razão deixarmos esta parte e quinhão ao Bispo e a seus Padres, o qual quer levar outro estilo com elles differente do nosso proceder, e o seu deve ser o melhor, pois é muito virtuoso, zeloso e lettrado e em tudo muito experimentado.

(Da capitania de S. Vicente, [de S. Paulo de Piratininga?], 1554).

Sem data; mas é de 1554, porque foi em Janeiro deste anno que os Jesuitas se passaram a Piratininga: e como se vê do contexto, Nobrega já falla do fructo feito na nova povoação. V. Anchieta (*Ann. da Bibl. Nac.*, I, 63 e *Mat. e Ach.*, I, pg. 15). Candido Mendes (*Rev. do Inst.*, XL, p. 2ª, pg. 371), diz que esta carta é de 1553, o que não póde ser, porque ella mostra ter sido escripta em Piratininga.

Publicada no t. XLIII (1880) da mesma *Rev.*, p. 1ª, pp. 94/96.

XIV

PARA O PADRE IGNACIO [DE AZEVEDO]

(1556)

Chegada do padre Luiz da Grã a S. Vicente. — Nova da ida do Bispo ao Reino. — Os Gentios da Bahia. — O Gentio da terra. — Os mestiços.

A SUMMA graça, &c.

Depois de ter escripto a Vossa Paternidade o anno passado de 1555 por duas, veiu o padre Luiz da Grã no mez de Maio, com cuja vinda nos alegamos todos e tomamos novo fervor e esforço para o serviço do Senhor, e eu me determinei com seu conselho em algumas duvidas que tinha.

Por este navio que veiu soubemos como El-Rei mandava ir o Bispo de cá; e creio que já o não acharei na Bahia, e portanto nos determinamos, o Padre e eu, de fazermos nossa profissão desta maneira: elle a fez em minhas mãos, como Provincial, por não haver outro prelado na terra, o qual eu depois nas suas, como professo e, porque as embarcações nesta terra são difficultosas, e não nos esperamos ver tão cedo, o padre Luiz da Grã e eu, m'a acceitou com tal intenção, que V. P. o haja por bem e com vontade de elle e eu a tornarmos a fazer, quando na feita houvesse alguma duvida.

Si eu achar o Bispo na Bahia, ou outro Provincial, como espero, lá a tornarei a ratificar, e o mesmo fará o padre Luiz da Grã, quando tiver quem lh'a acceite; si nisso acertamos, ou si o podiamos fazer, e si a acceita, nos faça escrever V. P.

Da Bahia tenho novas estarem os Gentios subjugados por guerra, e mui aptos para receberem lá doutrina; levo de cá alguns Irmãos para nisso se entender de proposito, e o mesmo quererá Nosso Senhor que seja por toda a costa.

O Gentio desta terra, como não tem matrimonio verdadeiro, com animo de perseverarem toda a vida, mas tomam uma mulher e apartam-se quando querem, de maravilha se achará em uma povoação, e nas que estão ao derredor perto, quem se possa casar, dos que se convertem legitimamente á nossa Fé, sem que haja impedimento de consanguinidade ou affinidade, ou de publica honestidade, e este nos é o maior estorvo que temos não os poder pôr em estado de graça, e por isso não lhe ousamos a dar o Sacramento do Baptismo, pois é forçado a ficarem ainda servos do peccado. Será necessario haver de Sua Santidade nisto largueza destes direitos positivos, e, si parecer muito duro ser de todo o positivo, ao menos seja de toda affinidade e seja tio com sobrinha, que é segundo grau de consanguinidade, e é cá o seu verdadeiro casamento, a sobrinha, digo, da parte da irmã, porque a filha do irmão é entre elles como filha, e não se casam com as taes (*); e, posto que tenhamos poder de dispensar no parentesco de direito positivo com aquelles que, antes de se converterem, já eram casados, conforme as nossas bulas, e ao direito canonico, isto não pôde cá haver logar; porque não se casam para sempre viverem juntos, como outros Infieis, e si disto usamos alguma hora é fazendo-os primeiro casar, *in lege naturæ*, e depois se baptisam.

Nestas cousas estamos mui atados e desejamos ver a clareza e um largo poder; e o mesmo é dos mestiços da terra, que nisto são eguaes com o Gentio; e tambem ha destes impedimentos entre os Christãos que cá vivem, e muitos não podem ter recursos a Roma, e apartarem-se seria escandalo.

Saberá V. P. como me embarco para a Bahia (45), muito che-

(*) Conf. nota pg. 90. — G.

(45) Nobrega partiu a 3 de Maio de 1556 e chegou a Bahia a 30 de Junho. (Blasques, Carta de 4 de Agosto de 1556, publ. no t. XLIX da *Rev. do Inst.*, p. 1^a, pg. 1).

CARTA DO BRASIL (1556)

gado á morte de uma enfermidade de que nesta terra não tenho visto escapar nenhum, que é inchação do estomago; vou mui confiado de achar na Bahia Provincial, assim por se me acabar os tres annos, como por ser já razão que me deixe já refrigerar algum pouco, como por vezes já tenho escripto a V. P. e creio que já deve de ter ouvida a petição deste seu pobre filho.

(Da capitania de S. Vicente, 1556).

Sem data; mas como se vê, foi escripta em 1556, antes de 3 de Maio. Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1ª, pp. 111/113.

XV

PARA O PADRE IGNACIO [DE LOYOLA]

(1556)

Padre Luiz da Grã. — Orphãos. — Meninos da terra doutrinados em S. Vicente. — Occupações dos Padres. — Matheus Nogueira. — Informações do estado da Companhia.

SABERÁ Vossa Paternidade como a estas partes me mandaram os Padres e Irmãos que viemos, e até agora vivemos sem lei nem regra mais que trabalharmos de nos conformar com o que havíamos visto no Collegio, e, como nelle havíamos estado pouco, sabíamos pouco.

Chegámos á Bahia onde começámos de exercitar-nos com o Gentio, e com os Christãos, vivendo de esmolás; o anno logo seguinte vieram outros quatro Padres e com estes sete ou oito meninos orphãos da Casa de Lisboa, com uma procuração do padre Pedro Domenico, que delles tinha cuidado, para eu poder fazer casas e confrarias da mesma maneira que em Lisboa se fizera, e com elles não veiu nenhum aviso, mas estes vinham encarregados aos Padres. Vendo eu isto, determinei-me com os mais Padres e Irmãos que aqui nos achamos, parecendo-nos ser cousa de que a Companhia se encarregava, fazer-lhes casa, e pedi terras ao Governador, ovelhas, alguns escravos d'El-Rei e umas vaccas para criação, determinando, com aquelles que vieram, metter outros orphãos da terra, que havia muito perdidos e faltos de criação e doutrina, e dos filhos do Gentio quan-

CARTA DO BRASIL (1556)

tos se pudessem manter na casa. E entendendo-se nisso, chegou o padre Luiz da Grã e os mais Padres e Irmãos, que com elle vieram (46), com a vinda dos quaes soubemos, como se a Companhia

(46) Chegou a Bahia em 1553, na armada de D. Duarte da Costa, trazendo em sua companhia, segundo Anchieta (*Inform. do Bras.*, 1584, nos *Mat. e Ach.*, I, pg. 14), o padre Braz Lourenço e os irmãos João Gonçalves, Antonio Blasques, Gregorio Serrão e Joseph de Anchieta, e segundo Vasconcellos (*Chron.*, l. I, n. 134) e Franco (*Synopsis ann. Soc. Jesu*, 1726), mais o padre Ambrosio Pires.

Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Bras.*, l. 3º, c. 3º), que diz que a armada partiu de Lisboa a 8 de Maio, dá além do padre Grã, mais dous Padres sacerdotes e quatro Irmãos da Companhia, cujos nomes não declara, a não ser o de Anchieta.

O proprio padre Ambrosio Pires, em carta da Bahia de 15 de Junho de 1555 (vol. I dos *Diversi avisi*) diz: "Dois annos ha que viemos para estas terras do Brasil", e ainda accrescenta: "Como eu chegasse, mandaram-me logo para este logar que chamam Porto Seguro e commigo veiu o nosso irmão Antonio Blasques."

Entretanto, Anchieta é muito explicito, dá a vinda de seis Padres na armada de D. Duarte, omitta o nome de Ambrosio Pires, e accrescenta que, excepto o padre João Gonçalves, todos cinco ainda viviam (1584). Nas suas *Cartas quadr. de Maio a Setembro* de 1554 todavia allude ao padre Ambrosio Pires, como residindo em Porto Seguro com o irmão Blasques (*Ann. da Bibl. Nac.*, I, pg. 61, onde em vez de "Antonio Pires", que ahi se lê, corrija-se "Ambrosio" como está no msc. que serviu para a publicação).

Ambrosio Pires voltou ao Reino em companhia de D. Duarte da Costa, como se sabe pelo testemunho do padre Antonio Pires, na carta da Bahia de 19 de Junho de 1558.

Quando, porém, foi D. Duarte, em 1557 ou em 1558? E' o que agora parece ficar apurado; ainda que pareça pouco provavel que elle voltasse em 1558, demorando-se tanto tempo depois da vinda de Men de Sá, que foi pouco depois de 14 de Agosto de 1557, o que entretanto é exacto.

Nobrega (pg. 170), quando allude a demora da armada de Men de Sá, diz: "Si N. S. trouxer a armada, que cada hora esperamos e ella se tornar este anno..." D'aqui se vê que não havia certeza da armada voltar no mesmo anno de 1557.

Na *Quadr. de Janeiro até Abril* de 1557 diz Nobrega: "O Padre Ambrosio Pires fez muito fructo esta quaresma, com suas pregações." E' prova que na quaresma de 1557 o padre Ambrosio estava na Bahia.

Blasques na carta do ultimo de Abril de 1558 (*Rev. do Inst.*, XLIX, p. 1ª, pg. 29) escreve: "Esta quaresma (de 1558) não houve aqui sermão na cidade, porque nesta casa o padre Ambrosio e o padre Nobrega estiveram sempre doentes"; e logo adiante: "E havia nisto muitas particularidades que dizer, mas bastará o que o padre Ambrosio d'isso poderá contar, pois vai lá"

Ora, si Ambrosio Pires se achava na Bahia na quaresma de 1558 e como elle foi com D. Duarte, segundo está provado, é certo que o ex-Governador voltou em 1558, provavelmente pouco depois do ultimo de Abril, por todo o mez de Maio. E pelo dizer de Blasques referindo-se a Ambrosio Pires — "pois vai lá" — é tambem certo que este foi o proprio portador da carta, que diz

lançára de ter cargos dos taes orphãos; todavia escreveu-me o padre Mirão (47), que dos filhos do Gentio tivessemos, como tinhamos, até sabermos recado de V. P.; e quanto aos orphãos, de que o padre Domenico tinha cargo, trabalharia que não mandassem mais; todavia este anno passado de 555 annos, mandaram 18 ou 20 á Bahia, que não foi pequena oppressão para os Padres que ahi estavam, para lhes buscarem a sustentação, porque o que elles tinham não lhes bastava.

Agora que eu vou á Bahia (48), trabalharei quanto fôr possível para apartar a elles, e a outros da terra, dando cargo delles e de seus bens temporaes a quem delles tenha cuidado, ficando-nos o ensinál-os e doutrinal-os sómente; V. P. me avise disto o que lhe parecer mais gloria de Nosso Senhor.

Nesta capitania de S. Vicente o padre Leonardo Nunes fez o mesmo, ajuntou muitos meninos da terra do Gentio, que se doutrinavam nesta casa, e estavam de mistura com alguns Irmãos, que elle recolheu nesta terra; a todos era muito difficultosa, e obrigavamos-nos a cousas que não eram de nosso Instituto, porque a manutenção delles e na terra haver poucas esmolos para tanta gente, foi-me forçado, des que á esta capitania vim, a passar os meninos a uma povoação de seus paes, donde era a maior parte delles, e com elles passei alguns Irmãos e fizemos casa e igreja, e tivemos conosco sómente alguns que eram de outras partes. Esta casa servia de doutrinar os filhos e os paes e mães, e outros alguns, como pelas cartas dos quadrimestres veja; daqui se visitam outros logares do Gentio, que estão ao redor.

Nesta casa se lê grammatica a quatro ou cinco da Companhia e lição de casos a todos, assim Padres como Irmãos, e outros exercicios espirituaes; a mantença da casa, a principal, é o trabalho de

“tractará de Maio” (de 1557) em deante, “até a partida dos navios” para o Reino.

Ainda a carta de Ambrosio Pires de 19 de Julho de 1588 serve de bom argumento, porque mostra que a ida do Padre tinha sido recente.

E’ provavel que Ambrosio Pires voltasse por doente.

(47) Diogo Mirão, que foi Provincial.

(48) Partiu a 3 de Maio de 1556.

CARTA DO BRASIL (1556)

Indios, lhe dão de seus mantimentos, e é á boa industria de um homem leigo que, com tres ou quatro escravos da Casa e outros tantos seus, faz mantimentos, criação, com que mantém a Casa, e com algumas esmolas, que alguns fazem á casa, e com a esmola que El-Rei dá; tem tambem esta casa umas poucas de vaccas, as quaes, por nossa contemplação, se deram aos meninos, quando estavam em S. Vicente, e do leite dellas se mantém a casa; a casa um Irmão ferreiro (49), que, por concertar as ferramentas dos de S. Vicente se ficou para se viver de esmolas, os que se nella pudessem sustentar, que serão dois ou tres sómente.

Desta maneira vivemos até agora nesta capitania, onde estavam seis Padres de missa e quinze ou dezeseis Irmãos por todos; e aos mais sustentava aquella casa de S. Paulo de Piratinin com alguns meninos do Gentio, sem se determinar si era collegio da Companhia, si casa de meninos, porque nunca me responderam a carta que escrevesse sobre isto, e nestes termos nos tomaram as Constituições, que este anno de 56 nos fez Nosso Senhor mercê de nol-as mandar, pelas quaes entendemos não devermos ter cargo nem de gente para doutrinar na Fé; ao menos em nossa conversação conhecemos tambem não poderem os Irmãos ter bens temporaes nenhuns, si não fôr collegio; vemos que, para se fazer daquella casa de S. Paulo collegio, não tem mais que a grangearia daquelles homens com aquelles escravos, os quaes morreram, e nós não buscamos outros; assim mesmo o Irmão ferreiro é doente e velho: não sei quanto durará (50).

As vaccas foram adquiridas para os meninos da terra e são suas; a esmola d'El-Rei é incerta; para não ser collegio, sinão casa, que viva de esmolas, é impossivel poderem se sustentar os Irmãos daquella casa em toda esta capitania, nem com eu agora levar cinco ou seis que imos, delles para o Espirito Santos, delles para a Bahia, porque as povoações dos Christãos são muito po-

(49) Matheus Nogueira, recebido no Espirito Santo pelo padre Leonardo Nunes.

(50) Morreu em S. Vicente a 10 de Janeiro de 1561. (Anchieta, Carta de 12 de Junho de 1561, publ. nos *Annaes do Rio de Janeiro* de B. da Silva Lisboa, t. VI, pg. 61).

bres, e, si nesta casa de S. Vicente se não podem manter mais de dois ou tres, que é a principal villa, quanto mais nas outras partes! Vendo-nos, o padre Luiz da Grã e eu, nesta perplexidade, dando conta aos Padres, que nos aqui achamos, nos pareceu escrever estas cousas todas a V. P. e ao padre-mestre Ignacio (51), para que com o que lá se assentarem, se tomar resolução nas cousas seguintes.

Primeiramente, si nos convém que aquella casa de Piratinin seja de meninos; a nós cá parecia-nos que não, e que é melhor andal-os doutrinando por suas povoações, a paes e a filhos; e, si todavia El-Rei quizesse casa delles, e os quizesse manter, nós não termos mais que a superintendencia espiritual sobre elles; e já que El-Rei os não queira manter, nem nos convenha tel-os, si será bom fazermos daquella casa collegio da Companhia; e nisto o nosso voto é que, si Sua Alteza quizesse dar áquella casa alguns dizimos de arroz e miunças, já que alli hão de estar Padres e Irmãos, applicando áquella casa para sempre, e tirar de nós toda a esmola que cá nos dão, que era muito bem fazer-se collegio e se serviria muito Nosso Senhor delle, e á Sua Alteza custaria menos dos que lhe custa o que nos agora dá, e podia dar-nos alguns moios de arrôz do dizimo, e o dizimo da mandioqua da villa de S. André, que creio que tudo é menos do que nos cá dão; e a nós escusar-nos-ia de mandarmos fazer mantimentos, nem termos necessidade de ter escravos, e com isto e com o mais que a casa tem, seria collegio fixo, porque já tem casas e egrejas e cêrca em muito bom sitio, posto o melhor da terra, de toda abastança, que na terra póde haver, em meio de muitas povoações de Indios, e perto da villa de Santo André, que é de Christãos e todos os Christãos desejam alli viver, si lhes déssem licença: alli foi a primeira povoação de Christãos, que nesta terra houve em tempo de Martim Affonso de Sousa e vieram a viver ao mar, por razão dos navios, de que agora todos se arrependem, e, todavia, a alguns deixaram lá ir viver; assim tambem ensina-se já alli grammatica a alguns estudantes nossos, e lição de casos a todos: e, sendo collegio, alargando-se de

(51) Provavelmente Ignacio de Azevedo.

CARTA DO BRASIL (1556)

todo o cuidado dos meninos da terra, será necessario haver trespassação do Nuncio ou de quem o poder fazer, para aquellas vacas, que são dos meninos, ficarem ao collegio nosso, no qual não haverá escandalo nenhum; porque como se houveram por contemplação do nosso Irmão Pero Corrêa (52), todas as têm por dos Irmãos, mas ellas, na verdade, dellas foram doadas com umas terras, assim mesmo do irmão Pero Corrêa.

Na Bahia, si El-Rei ordena de fazer collegio da Companhia, deve-lhe de dar cousa certa e dotar-lh'o para sempre, que seja man-tença para certos estudantes da Companhia, e não deve aceitar V. P. dada de terras com escravos, que façam mantimento para o collegio, sinão cousa certa, ou dos dizimos, ou tanto cada anno de seu thesouro, salvo si lá acharem maneira com que nós em nada nos occupemos nisso, o qual eu não sei como possa ser, e ordene V. P. que não nos dêem cá nada aos Padres, que entendemos com os proximos; porque parece que é dar-nos renda e como salario de nossos trabalhos; mas o que nos Sua Alteza havia de dar, se devia repar-tir por estes dois collegios; *scilicet*: o da Bahia e este de S. Paulo de Piratinin, que está principiado, de tal maneira, que a maior parte fosse para a Bahia, e os mais Padres, que não estiverem nos collegios viverão de esmolas; nisto assentamos o padre Luiz da Grã e eu.

(De Piratininga, 1556).

Sem data; mas foi escripta entre Janeiro e 3 de Maio de 1556.
Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1^a, pp. 113/118.

(52) Este Irmão foi admittido em S. Vicente pelo Padre Leonardo Nunes. Morreu a 8 de Junho de 1555.

XVI

QUADRIMESTRE DE JANEIRO ATÉ ABRIL DE 1557,
AO PADRE IGNACIO

(1557)

Indios e Christãos. — Anthropophagia. — Padres Navarro, Antonio Pires e João Gonçalves. — Um feiticeiro. — Confissões de Gentios e escravos dos Christãos. — Ambrosio Pires. — Falta de mantimento.

ESTE quadrimestre de Janeiro até Abril relatará cousas que muito aos de cá nos hão consolado, e outras que nos hão entristecido; porque á maneira de lavradores nos havemos que se vêm suas sementeiras ir bem, se alegram, e si tempo contrario lhes succede, se entristecem: de um e de outro será Vossa Paternidade informado, para que lhe caiba parte das consolações e assim das desconsolações de seus filhos, para que, apresentando tudo a sua divina magestade em seus sacrificios e orações, negoceie com a divina misericordia o que cumpre a estes seus filhos desterrados, e para este povo que em Christo e para Christo se começa a criar.

A estes Indios, que ficaram aqui junto com os Christãos, posto que lhes defenderam o comer carne humana, não lhes tiram o irem á guerra e lá matarem, e por conseguinte comerem-se uns a outros, o que bem se podera defender a estes visinhos dos Christãos, segundo estão amedrontados, mas é a pratica commum de todos os Christãos fazerem-nos guerrear e matar, e induzirem-nos a isso, por di-

CARTA DO BRASIL (1557)

zerem, que assim estarão mais seguros; o que é total estorvo de sua conversão, e por esta causa e outras, não ousaram os Padres a baptisal-os, até se nisso não prover. Aconteceu, pois, que vespera dos Reis (53), na aldêa do Tubarão, onde residia o padre Navarro, sendo ido o Principal com sua gente á guerra aos contrarios, que está além da Bahia, os mesmos contrarios vieram por outra parte, e deram em uns poucos, que estavam fazendo sal para o Governador (54), menos de meia legua d'esta cidade, e mataram muitas mulheres da aldeia do Tubarão, e outros feriram e levaram; a vinda, que este Principal vinha, deu com os que haviam tomado os seus, e depois de muita peleja, tomou a alguns dos mesmos que haviam dado o salto, dos quaes lhe coube um ao quinhão da aldêa do Tubarão; pediu elle licença ao Governador para matar aquelle, pois era dos que haviam mortos aos seus, para consolar o nojo, que tinha, dos que lhe haviam mortos; deu-lhe o Governador licença para o matarem fóra da aldêa; fizeram-no assim, e mataram-no, e comeram-no, porque lh'o acharam a coser; mostraram os Padres muito sentimento de tão grande abominação, e veiu-se o padre Navarro da aldêa, que muito sentiu a aldêa toda, queixaram-se ao Governador, por haver dado tal licença, o que elle muito sentiu; mas Nosso Senhor, que sabe do mal tirar bem, o permittiu assim pelo bem, que disso se seguiu, porque o Governador fez nisso grandes ameaças aos Indios e mandou apregoar por sua aldêas, sob pena de morte, que ninguem comesse carne humana; de maneira que os Indios ficaram atemorizados, e comtudo isto não quizeram os Padres tornar á aldêa até o Principal mostrar signaes de muito arrependimento, e os que comeram da carne fizeram penitencia e não entraram na igreja por certo tempo. Nisso verá Vossa Paternidade o piadoso coração a crueldade dos Christãos d'esta terra, que, podendo defender a uns e a outros que não guerreem, e todos obedeceriam, pelo grande medo que têm depois da guerra passada; todavia lhes consentem que junto ás portas da cidade venham matar aos que estão em serviço dos mesmos Christãos, e aprendem a doutrina com desejos de se bap-

(53) 5 de Janeiro de 1557.

(54) D. Duarte da Costa.

sarem; estas e outras semelhantes são cá as angustias dos que zelam a honra e casa de Deus.

Nesta igreja de S. Sebastião, povoação do Tubarão, tornou a residir o padre Navarro com o padre Antonio Pires, e d'aqui visitavam a outra aldêa do Simão, de que nos outros quadrimestres faço menção; o trabalho que se com elles leva é dispol-os e fazel-os capazes do baptismo, para quando parecer bem, dar-lh'o; aqui ha 30 moços de eschola nesta aldêa, e na de Simão haverá 60 ou mais, aprendem muito bem e ha muitos entre elles de muito bom engenho; os mais d'elles sabem a doutrina toda e sabem o essencial da Fé, que em perguntas, á maneira de dialogo, lhes ensinam na sua lingua; têm grande obediencia aos Padres, ninguem da aldêa vai fóra sem pedir licença aos Padres, e si algum faz alguma travessura, faz a penitencia, que lhe dão, e ás vezes é disciplinar-se na igreja; os que nesta aldêa residem, se mantêm das esmolas dos Indios, porém não deixam de padecer muita falta, porque esta aldêa não está junto do mar, mas pelo sertão um pedaço, está a pescaria longe, e por amor dos contrarios que alli os costumam de esperar, não ousam de ir pescar, sinão todos juntos, o que é causa de muitas vezes elles e seus mestres padecerem muita fome.

No casa de Nossa Senhora, que está no rio Vermelho, se continuou o exercicio acostumado de doutrinar aquellas duas aldêas, no que se passou muito trabalho, por estarem mais espalhados e os meninos terem alli a pescaria, onde todo o dia andam, ora uns, ora outros, de maneira que, si os não iam a buscar, não vinham, por mais que lhes tangesse a campainha, nem seus padres eram mais diligentes em vir, si primeiro não lh'o rogavam, importunavam, no que experimentava grande trabalho e afflicção de espirito, até que Nosso Senhor quiz abrir mais caminho para nos consolar, e foi que, na povoação, perante o padre João Gonçalves, foram muitos ou todos da aldêa a fazer offerta das raizes de seu mantimento a um seu feiticeiro, para que lhes fizesse crescer a que tinham plantada, dando-lhe chuva e tempo conveniente; outras muitas offertas destas haviam feito, quando partiam para a guerra, mas era em secreto, posto que não faltava quem os descobrisse dos mesmos seus, a quem aquillo parecia mal e haviam sua reprehensão, mas esta foi em pu-

CARTA DO BRASIL (1557)

blico perante o Padre seu mestre, e sobre isso se ajuntou blasphemarem da nossa doutrina e desprezarem-na, o que sabido pelo Governador, mandou prender ao feiticeiro e a outro que contra a doutrina fallava, estiveram presos sete ou oito dias, até que pelos rogos dos Padres, os soltaram, de que ficaram todos amedrontados, que dahi por deante se começaram a encher as egrejas; favoreceu a isto muito mandar o Governador por sua lingua prégar-lhes e auctorisar-lhes, que nós ensinávamos, de maneira que subitamente vimos ó notavel proveito que nasceu de se castigar áquelle feiticeiro, porque d'onde antes nem com rogos nem com importunações queriam vir á igreja, depois logo, como ouviam a campainha acudiam todos, e logo os meninos, que antes vinham á eschola com tanto trabalho de os irem buscar, vinham todos, como os chamavam com a campainha os domingos e festas, em que se ajunta a gente de duas povoações, não cabiam na igreja; e d'onde antes offereciam a seus feiticeiros, trazem a offerecer á igreja; e vêm já a pedir saude a igreja a Nosso Senhor para si e para os seus, si estão doentes, antes si tinham algum filho pequeno para morrer, não queriam que lhe o baptisassem, por lhe dizerem seus feiticeiros, que morreriam logo, nem elles, si adoeciam, negavam estarem doentes por lhes não fallarem no baptismo, mas já agora de boa vontade dão seus filhos, antes que morram, ao baptismo, e d'estes mandamos bom quinhão de innocentes regenerados com o santo baptismo aos Ceus.

O Governador vendo que succedia tão bem á prisão do feiticeiro e que tanto fructo disso sahiu, *apposuit ut apprehenderentur alii malefactores*, os que impediam a palavra do Evangelho do Senhor; do que resultou muito maior bem, e os Indios se sujeitaram com isso mais, e se fizeram muito nossos obedientes; assim que por experiencia vemos que por amor é mui difficultosa a sua conversão, mas, como é gente servil, por medo fazem tudo, e posto que nos grandes por não concorrer sua livre vontade, presumimos que não terão fé no coração; os filhos creados nisto ficarão firmes christãos, porque é gente que por costume e criação com sujeição farão d'ella o que quizerem, o que não será possivel com razões nem argumentos. Já agora dão os filhos de boa vontade para lh'os ensinarem, e lhes levam disso que têm para ajuda de sua mantença, mas destes

se acceitam poucos, por causa da sustentação que não temos para lhes dar; nesta egreja do rio Vermelho se começam já alguns a extremar dos seus e vieram a fazer casa junto da egreja, com desejos de em tudo se conformarem com a vida christã; escolheram uma só mulher, são mui continuos, e quanto parece ao de fóra não pode ser melhor exterior, porque mostram sentir no coração o que dizem pela boca; mas todavia não se baptisam até mais serem provados, porque como estes Indios têm tantas occasiões para tornarem atraz e muitos tornarão, não ousam os Padres a baptisar, sem primeiro muito os provarem: as occasiões que tem são terem outras aldêas perto, e tão perto que uma está a uma legua da cidade, e outras a duas, e outras a mais, e onde se come carne humana, e são importunados e convidados para taes festas: assim mesmo os seus das outras aldêas tem-nos em pouco si se fazem Christãos, e ficam deshonorados para com os seus além das occasiões dos outros peccados, como é seu beber e luxurias, nos quaes vicios, como se nelles criaram e nelles viveram, sempre é mui difficultoso tirar-lh'o.

A um d'estes, que estão junto da egreja, nasceu um filho, e fez muito que lh'o baptisassem logo como a um filho de Christão com solemnidade, o que se fez em um domingo, com festa e solemnidade; fizeram-lhe o officio solemne e cantado, os meninos fizeram procissão com todos pela aldêa, cantando a ladainha; alli se fez uma bôa prégação a todos, que eram mais de tresentas pessoas; offereceu este com seu filho uma offerta de peixe assado e farinha; com este se baptisaram outros innocentes, por serem filhos de Indios, que crêm estarão quedos sem se mudarem dalli por terem obrigação ao logar.

Esta quaresma nos quiz Nosso Senhor muito consolar com as confissões dos Gentios: maiormente dos escravos dos Christãos, no que se conheceu tanto fervor e devoção, quando nós não cuidavamos; o padre Navarro confessava por si só, os outros Padres por interpretes; e foi de maneira, posto que todos confessassem, sempre sobejavam muitos, que não se podiam confessar; foram tão proveitosas estas confissões, que enxergamos muita emenda de seus vicios e maus costumes, e temos alcançado, que si os senhores puzessem qualquer cuidado em os fazer viver em bom estado, casando os que fossem para isso e fazel-os ir domingos e festas á missa e doutrina,

que seriam melhores christãos que seus amos, porque tirados do vicio da carnalidade, todo o mais nelles é muito venial.

Disto havia muitas particularidades que dizer; mas basta o dito; uma só direi, pela qual conhecerão as outras: poucos dias ha que veiu uma velha com uma offerta á egreja do rio Vermelho, rogando ao padre João Gonçalves que sarasse a um seu neto, que trazia, que tinha muito doente; e quiz o Senhor, por virtude de suas palavras, que sarasse, para confusão do Demonio, que lhes mette em cabeça que lhes deitamos a morte com o baptismo; outras crianças trazem á egreja enfermas, e com lhes rezar o padre João Gonçalves o Evangelho, quer o Senhor que sarem por sua bondade e misericordia.

Acham-se já Indias escravas dos Christãos, que admoestadas nas confissões, que não pequem com seus senhores, nem outrem ninguém, antes se deixam espancar e se offerecem a matarem-nas antes que tornarem ao peccado passado.

O padre Ambrosio Pires fez muito fructo esta quaresma, com suas prégãos, as quaes fazia todos os domingos e festas e alguns dias outros da semana; é mui acceito a todos. Os Christãos nos têm muito credito e amor, o que bem vimos esta quaresma, que succedeu a terra estar necessitada de mantimentos, porque os Indios não o tinham e padecem inda agora muita fome; a causa disso foi não quererem os Indios plantar, por terem para si, que os haviam de deitar da terra, e lhes haviam de dar guerra, no que elles tinham muita razão de cuidarem; porque em pratica de muitos maus Christãos, por qualquer cousa que lhes não queriam dar os Indios, ou fazer-lhes, os ameaçavam com o Governador, dizendo que logo os haviam de matar e deitar fóra da terra, pelo qual não ousavam a fazer nada de novo, mas sómente comiam o mantimento que tinham feito, depois que estas duas egrejas se fizeram entre elles e os Padres os seguraram, começaram a fazer roças, depois que aos Indios se lhes acabou mantimento velho e o que tinham feito de novo não eram ainda de vez, veiu-lhes grande trabalho de fome, de maneira que, nem a si nem a seus mestres podiam soccorrer.

No Collegio da cidade tambem houve grande necessidade por haver muita gente e não haver remedio de sua mantença, porque

MANUEL DA NOBREGA

nem tinha com que mercar mantimentos aos Christãos, por não ter dinheiro, nem o haver d'El-Rei para lh'o darem, o que sabido pelos que regem a cidade, determinaram de nos manter a todos, sem ninguem lh'o pedir, nem nisso nenhum de nós intervir; mas elles, vendo nossa necessidade e falta tão manifesta, soccorreram com muito mantimento, que abasta a esta casa da cidade, e daqui se provêm tambem os Padres e Irmãos, que estão nas outras egrejas com os Índios (Da Bahia).

Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1ª, pp. 118/125

XVII

AOS MORADORES DE S. VICENTE

(1557)

*Exhortações aos moradores. — Padre Antonio Pires.
— Falta de Bispo.*

MUITO amados em Jesus Christo Irmãos, aquelle Nosso Senhor, que já se nos vai á dextra de seu Padre, tenha por bem enviar-nos seu Santo Espirito, amen.

Obrigou-me o amor que em o Senhor Nosso vos tenho a escrever estas regras a todos, já que com cada um particularmente não posso cumprir: porque como a todos eu tenho escriptos em meu coração com o sangue do Novo Testamento, que o Cordeiro, poucos dias ha crucificado, derramou por toda a cidade de Jerusalém com grande e egual amor por todo o mundo, assim tambem me pareceu bem com todos juntamente me alegrar, escrevendo a todos, pois o amor é todo um, e a todos igual.

Muito me alegrei no mesmo Senhor que caminhavam bem muitos para a vida eterna, e não lhes esqueceu logo de todo a doutrina que por boca d'este peccador pobre ouviram; quererá o Senhor dar graça para se acabar, pois a deu para se começar algum fructo. porque aproveitára doutra maneira correr um pouco após dos unguentos cheirosos do Senhor, após dos quaes corriam as que diz a esposa nos cantares, sinão achegardes á botica onde elles estão, que é a vida eterna, assim como diz o apostolo S. Paulo que chegueis,

não como gente que açouta o ar, e que corre, e não sabe para d'onde nem a que fim, mas como gente a quem espera Jesus Christo para dar a corôa e fogaça da vida eterna, que os dias passados apparelhôu a todos aquelles que o amam, padecendo e resuscitando, e agora subirá aos céus apparelhar o logar, assentado á dextra de seu Padre, que sómente faltava, e para dalli nos mandar o seu espirito consolador a todos aquelles que, com as portas de seus sentidos fechadas, por medo das tentações diabolicas, estão com o discipulo do Senhor juntos em oração, e conformidade de vontade; porque, assim como é fogo de amor do Padre e do Filho, que é um Deus verdadeiro, assim tambem não obra sua infinita virtude sinão onde acha uns mesmos corações, uns mesmos desejos, uma paz, uma opinião, um amor, uma bondade, uns propositos, uns mesmos servidores de Christo, o qual na oração que no horto fazia, quando nossos peccados lhe doeram tanto que obrigou a charidade sua infinita, com que amava sua creatura, a suar gottas de sangue que de seu corpo aos vestidos corria, e dos vestidos a terra regava, por ser muito para o tal tempo guardou pedir a seu Padre, que, assim como elles eram uma mesma cousa, todos os seus escolhidos fôsem uma mesma cousa com elles, porque tambem na vida eterna tudo será un com Deus; pois está escripto que os que querem bem a Deus, um mesmo espirito serão com elle: esta é aquella cousa só, que o Senhor Jesus Christo dizia ás suas amigas Martha e Magdalena que lhes era necessaria, porque todo o mais perturba muito, e faz lograr a este mundo ainda em suas maldades com pouco gosto, e faz perder o outro, porque arruidos, nem odios, nem presumpções, nem murmurações, nem desinquietações, e outras cousas semelhantes, não moram na casa de Christo, a qual, posto que tenha muitas moradas, em nenhuma se recolhem as taes obras, pois que já tem a potencia e justiça deputados outros aposentos no centro da terra para os taes, onde para responder uma cousa com outra ha chôro e bater de dentes, e outros trabalhos, os que queira o Senhor por sua bondade ordenar de maneira que nunca os experimenteis; porque grande mal é de trabalhos deste mundo ir a possuir outros maiores no outro, e já que é posta a lei no mundo que os filhos de Adão padeçam trabalhos, sejam antes os da penitencia proveitosa, os quaes o Senhor,

CARTA DO BRASIL (1557)

com sua graça de consolação e alegria espiritual, faz mui pequenos, pois o seu jugo é sempre suave e leve, e é fiel senhor e bom, que nol-o ajuda a levar, ainda agora por sua parte, e sempre quer levar o maior peso, des que se avezou uma vez a levar a cruz ás costas para o Calvario, elle de uma parte, e Simão Cirineu da outra: com tal companheiro, com tão amoroso Senhor, quem poderá ser tão fraco, que não possa fazer penitencia de seus peccados, com tanto sangue derramado, que é verdadeira mesinha de nossas chagas? Quem não se curará? Curai-vos, Irmãos, curai-vos, si ainda não abastou a quaresma, nem padecer Christo, nem resuscitar, nem abrirem-nos lá o thesouro todo da santa Egreja, para pagardes com elle todas as vossas dividas, porque, mui coitado será aquelle por quem passaram estas cousas todas, e ficar ainda por curar, e muito mais coitado aquelle, do qual se despede Jesus Christo, subindo-se á dextra do Padre, e o deixa ainda em peccado mortal, e sobretudo muito mais mal aventurado aquelle a quem, nem com tudo isto, nem com o Senhor nos mandar o seu espirito de vida abrasador de todos os corações de Jesus Christo, pôde acabar comsigo apparellhar-se para recolher seu quinhão; pois tanto de graça se dá, e em tanta abundancia muitas vezes cuido eu, e é para mim grande signal do mundo durar pouco, pois Nosso Senhor vejo que quer desperdiçar tanto sua gloria, e busca tantas maneiras para andar e a dá, e promette tão barata, como cousa que muito já deseja encher o numero dos escolhidos e recolher os chamados e convidados ás bodas de seu filho; porque, quando eu vejo que a um Abrahão, Isaac e Jacob, tanto seus servidores, não lhes dava mais que muito gado e muitos filhos, e destes outros muitos, que direi agora de um Deus tão largo e liberal, que, não contente com dar-nos a seu unigenito filho para trinta e tantos annos nos servir e ensinar, e por derradeiro morrer por nós, agora nestes tempos derradeiros não deixa nada por trazer á praça, para cada um, com sómente uma pouca de contricção, merque o que lhe fizer mister: vós, Irmãos, a quem eu nas entranhas de Jesus Christo desejo ver salvos, mercai muita perseverança, muita temperança, grande castidade, e si não puderdes guardar tanta cousa dos ladrões, que por nossos sentidos entram a roubar, enchei vossa alma de charidade, e nisto empregai todo o vosso mealhei-

ro, porque é fogo tão forte que fogem d'elle os demonios, e não ousam a entrar na casa onde se elle accende; e, porque sempre traz todas as virtudes após si, logo tereis tudo, si a elle tiverdes. O meu amado irmão e padre Antonio Pires vol-o dirá lá de mais perto, com mais charidade do que o eu escrevo: ouvi-o, que creio que lhe dará o Senhor lingua para vol-o dizer, pois deu muitas de fogo a uns pobres e ignorantes pescadores, e tambem lhe dará coração para chorar vossos peccados, juntamente com os seus e meus.

Muito desejo saber a vantagem que achais da confissão continuada, a qual conhecereis da emenda da vida, com o qual rogo a Nosso Senhor me queira consolar, vindo-me disso boas novas, e folgaria muito que muitos me escrevessem mui particularmente; porque, posto que eu a todos não escreva, com todos fallo muitas vezes, e em minha alma os converso, e ás vezes, passeando com elles por essas ruas, e em minhas pobres orações e sacrificios, cada um tem seu quinhão; queira o Senhor, por quem é, acceitar meus desejos, os quaes são fazer-vos Nosso Senhor taes quaes eram os da primitiva Igreja; porque, si ahi não houver grande fogo de charidade, como será possivel encenderem-se os corações do Gentio? Primeiro accendeu o Espirito Santo fogo de linguas em seus doze apóstolos, dos quaes se ateou toda a Europa e Asia e Grecia e Palestiná e Africa, quasi todo o mundo, o qual fogo se apagou já muita parte d'elle por meus peccados e por não achar corações limpos e puros em que ardesse, porque esses que havia quiz o grande pater-familias recolhel-os á sua gloria, para que já lh'o merecia, e porque sómente destas partes, de Nosso Senhor tão esquecidas tantos mil annos ha, nunca se accendeu, nem se conheceu tal fogo; muito desejo eu que aquelles a quem Nosso Senhor o der, tenham tambem grande cuidado que não se lhe apague, mas antes, atiçando com a communição dos sacramentos, com as orações ferventes, com as conversações castas e puras, com grande contricção do passado, e propositio constante do que está por vir, com a frequente meditação dos tempos passados, dos presentes e dos que esperamos, que serão sem fim, com muita guarda dos sentidos, e muito mais do coração, o qual não é razão, que seja senhor d'elle sinão o mesmo que o criou á sua imagem e similhaça: com estas cousas, e outras muitas que o mesmo

CARTA DO BRASIL (1557)

espírito de vida sabe mui bem ensinar nos corações, onde entra, que-ria eu que de tal maneira ardesseis em charidade que até os matos se queimassem com elle.

Oh! Irmãos de Jesus Christo, herdeiros com elle da sua gloria, filhos perfilhados do Padre Eterno, vós sois as plantas, a nova semente, que o Senhor nestas partes pôz e plantou! Quem vos de-tem que não dais fructo digno de se apresentar na mesa do Rei Celestial? Estas são as fazendas principaes que haveis de fazer no Brasil; este é o trato, que deveis de ter com os cidadãos da cidade de Jerusalem celestial, mandardes lá muitos gemidos, muitas set-tas de fogo; o portador, que leva e traz, é o mesmo Espirito Santo; o trato bemdito não é de assucar corruptivel, mas de graça, mais saborosa que favo de mel: quão poucos ha que te queiram ter? Quão poucos mercadores da vida eterna se acham? Si os mercadores de pedras preciosas topassem comtigo, venderiam tudo por te mercar, e em ti tratar; trato sem perigo, porque o piloto, que governa, não pôde errar! trato de tanto ganho, no qual não se ganha um por cento, e sobretudo vida eterna em contrapeso! trato que neste mun-do enriquece de graça, e no outro de gloria! trato sem desassocego, antes quanto mais se trata, quanto mais de quietação se ganha! trato onde nunca se perdeu ninguem, e todos possuem suas rique-zas em paz! trato sem perigos, mas antes elle livra de perigos! trato onde onzenar é merecer, e não peccar! trato, finalmente, com o qual se afermosenta a cidade de Deus celestial de almas que louvam a seu Senhor, e a terra dos desterrados filhos de Adão, recebe por re-torno mercadorias espirituaes de graça, de virtudes, de consolações! Desse trato quero eu, e desejo que haja muito nessa terra, ao menos entre aquelles que bem sabem chorar seus peccados, deixando o trato maldito de peccar, pois por retorno não têm sinão fogo de en-xofre, que queima, e nunca acaba de queimar; porque, assim como por fogo de concupicencia da carne e dos olhos e da soberba da vida, se paga no inferno est'outro fogo infernal, assim tambem por fogo de charidade e amor se paga na cidade de riba moeda de ou-tro fogo de gloria, o qual é daquella grande fogueira da essencia di-vina, que a todos abraza e incende em si quantos ao derredor estão; porque, como diz S. Paulo, desta cousa pouca que o Espirito San-

MANUEL DA NOBREGA

to reparte, iremos a outro grande e perfeito: o repartidor, que d'onde quer espira, e que repartiu muito aos Apostolos, reparta tambem com essa terra seu quinhão, porque querendo elle e querendo vós ouvil-o, tenho por certo que alegrareis a cidade de Deus com o impeto do rio de lagrimas, e com a emenda de vossos peccados, e por mim rogareis todos ao Senhor, pois vol-o digo com entranhas de amor, e muito mais o desejo.

Agora esperamos pastor (55), e tambem Padres da Companhia, o que tudo nos ajudará.

Desta Bahia.

Sem data, mas deve ser de 1557, depois de 27 de Abril e antes de 27 de Maio, isto é, depois da Paschoa, e antes da Ascenção, como se vê do contexto. Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1^a, pp. 81/87.

(55) Porque tinha sido morto o Bispo em Junho de 1556.

XVIII

PARA O PROVINCIAL DE PORTUGAL

(1557)

Novas de Men de Sá. — Morte do padre Navarro. — Antonio Pires, Ambrosio Pires, Antonio Blasques. — Orphãos. — Antonio Rodrigues, João Gonçalves. — Christãos e Indios. — Estado da terra. — Carijós. — Capitania de S. Vicente. — Martim Affonso de Sousa. — Castelhanos e Portuguezes. — Luiz da Grã, Manuel de Chaves.

POR via de Pernambuco escrevi duas cartas, uma a Vossa Reverendissima e outra ao padre Dom Leão (56), a qual tambem servia de informação a Vossa Reverendissima; por outro navio, dos Ilhéos, escrevemos por diversas vezes, *scilicet*: uma carta com as do governador D. Duarte e outras por via de um Francisco d'Andrade, porque esteve nos Ilhéos, e outras em que iam os quadrimestres, com as da mulher de Antonio Cardoso (57), que Deus haja.

Agora o faço tambem por via de Porto Seguro, para que não vá de cá navio sem carta nossa, e isso mesmo deviam lá de usar, de mandarem sempre por todos os navios alguma carta, para qualquer destas capitancias que venha, porque em todas se achará quem as encaminhe á esta Bahia.

(56) Henriques, o confessor d'el-rei D. Henrique.

(57) de Barros.

Agora não ha que escrever, porque temos já escripto muito e de nada temos visto resposta, e em muitas cousas estamos suspensos, por tardar tanto o recado que esperamos.

No fim de Julho (58) chegou aqui uma caravella d'El-Rei que trazia gado; esta deu nova, como Men de Sá, governador, partira de Cabo Verde, vespera da Ascensão (59), primeiro que este navio tres dias; espantam-se todos não ser já aqui, e tememos haver arribado, ou permittir Nosso Senhor algum desastre, para que venha sobre esta terra toda a perdição e desconsolação possível, porque até a feitura desta, não é chegada; presumimos virem alli Padres, posto que ninguem nol-os saiba certificar; estas trabalhosas e venturosas viagens causam partirem navios de lá tão tarde e virem tão fóra de tempo, que, si da vinda escapam, ás vezes não escapam da tornada, e será muita parte, tanta perda de navios, para ganhar total aborrecimento á esta terra, o qual creio, que todos lhe têm ganhado, si não é Sua Alteza, cuj|o coração christianissimo está nas mãos de Deus.

O que ao presente ha que escrever, direi brevemente, porque si Nosso Senhor trouxer a armada, que cada hora esperamos, e ella se tornar este anno, por ella o faremos mais largamente.

Os Padres e Irmãos estão de saude, *in utroque homine*, salvo o padre Navarro, que Nosso Senhor levou para si (60), como já lá

(58) de 1557.

(59) 27 de Maio de 1557.

(60) Simão de Vasconcellos (*Chron.*, l. I., n. 195), diz que Navarro morreu no Collegio da Bahia em 1555, e Franco (*Imag. da virt. em o nov. do Coll. de Coimbra*, II, pp. 199 e 202) acrescenta que a 17 de Janeiro.

Quanto ao dia, não é possível accetar-se a data, porque a 24 de Junho do mesmo anno escrevia Navarro em Porto Seguro a carta em que descreve a sua jornada ao sertão em 1553, ao que parece, publ. no proprio anno de 1555 em Coimbra, e d'ahi traduzida pela Visconde de Porto Seguro na *Hist. Ger.*, 1ª ed., t. I, pg. 460; será reproduzida nas *Cartas avulsas de Jesuitas*.

Quanto ao anno, tambem não se póde admittir: 1º, porque sabe-se (*Rev. do Inst.*, XLIII, 1880, p. 1ª, pg. 154) que Nobrega assistiu á sua morte no Collegio da Bahia, quando este só ahi chegou de S. Vicente a 30 de Julho de 1556; 2º, porque pelas *Lettras quadr. de Setembro*, (de 1556) a Janeiro de 1557 e pela *Quadrimestre* de Nobrega de Janeiro até Abril de 1557, vê-se que Navarro ainda vivia; 3º, porque Navarro só chegou de Porto Seguro á Bahia em 1556, antes da partida da nau do Bispo que se perdeu (em Junho) em viagem para o Reino (Blasques, *De alg. cousas que iam em a nau do Bispo*, na *Rev. do Inst.*, LXIX, p. 1ª, pg. 7).

CARTA DO BRASIL (1557)

saberão; todos procedem bem no que lhes é mandado. Na cidade reside o padre Antonio Pires, como Reitor da Casa, com o padre Ambrosio Pires, o qual agora tem cuidado de lêr uma classe aos que mais sabem de latim, e tem tambem a seu cargo as prégações da cidade; ficaram com Antonio Blasques os que menos sabiam; ha na mesma Casa, assim mesmo, eschola de lêr a alguns meninos do Gento, e com elles se ensinam outros da cidade, e de todos tem cuidado um Irmão; os estudantes de fóra, não são mais que tres ou quatro moços capellães da Sé; mas de casa são onze ou doze, d'elles irmãos, e outros moços orphãos, d'aquelles que pareceu mostrarem e terem melhor habilidade para estudarem e melhores partes para poderem ser da Companhia; todos os mais orphãos são dados a officios, salvo dous ou tres, que nem são para serem da Companhia, por serem mal dispostos, nem para se darem a officios, por não serem para isso; a estes não vemos outro remedio, salvo tornal-os lá a mandar.

Nesta Casa de Nossa Senhora do Rio Vermelho residio eu agora com o irmão Antonio Rodrigues (61), e d'aqui visito, quando posso, aos Irmãos, porque a falta do padre Navarro me obriga a isso. Na Igreja de S. Sebastião reside o padre João Gonçalves com um Irmãosinho mal disposto.

A mantença de todos agora é as esmolos da cidade, a qual to-

Na carta a Thomé de Sousa de 5 de Julho de 1559, diz Nobrega: "Neste tempo nos levou Nosso Senhor ao padre Navarro... e concedeu-nos que d'ahi a pouco tempo viesse Men de Sá." A vinda do 3º Governador, foi em 1557, depois de 14 de Agosto, como em outro lugar direi.

Em appendice á *Quadrimestre* de Nobrega de Janeiro a Abril de 1557, dá-se noticia da morte de Navarro, sem declaração de mez nem dia, mas vê-se que foi logo depois da quaresma, pois ainda era vivo na quinta feira santa (15 de Abril). Este additamento (*Rev. do Inst.*, XLIII, p. 1ª, pp. 152/155) escripto em hespanhol, provavelmente pelo padre Blasques, começa: "Por el cabo desta me parecio conveniente poner el bienaventurado transito del padre Navarro, &."

Blasques na carta da Bahia do ultimo de Abril de 1558, que tracta de Maio de 1557 em deante, não diz palavra sobre Navarro, prova que já não existia nesse periodo.

A morte do padre Navarro foi pois provavelmente entre 15 e 30 de Abril de 1557. [Quanto á data da expedição em que foi o padre Navarro, conf. nota 34]. — G.

(61) Este Irmão foi admittido no Brasil; era interprete dos Indios (*Ann. da Bibl. Nac.*, I, pg. 63).

mou a cargo manter-nos até havermos algum remedio com a vinda dos mais, que esperamos; porque d'El-Rei não nos dão nada, nem ha que dar, e, si Nosso Senhor não abrija este caminho, não sei que fôra de nós, porque nem com vender os ornamentos, e calices da Igreja, fôra possivel manter-se toda a gente. Esperamos maneira de sustentação.

Com os Christão fazemos cá pouco, porque aos mais temos cerradas as portas das confissões, e de milagre achamos um, que seja capaz da absolvição, como por vezes lá é escripto, e não sinto poder-se a estes dar remedio; sinão o que me parece, que não se ha de pôr, é para nós grande desconsolação; com o Gentio tambem se faz pouco, porque a maior parte delles, que eram freguezes d'estas duas egrejas, fugiram; a causa d'isto foi tomarem-lhes os Christãos as terras em que têm seus mantimentos, e, por todas as maneiras que podem, os lançam da terra, usando de todas as manhas e tyrannias que podem, dizendo-lhes, que os hão de matar, como vier esta gente, que se espera, e esta é a commum pratica de maus Christãos, que com elles tratam, e de todos os seus escravos; e cuidam que salvam a alma em os deitar d'aqui e fazer-lhes mal pelo grande odio que todos lhes têm.

E porque alguns se asseguravam com as nossas palavras, inventaram a dizer-lhes que nós os queriamos ter juntos para os melhor matarem, e com este medo de os matarem e com lhes tomarem as roças e terras, que é outro genero de os matar, se foram muitos, outros ficaram ainda, que tambem esperamos se irão si a causa vai como vai; o Governador nisso não póde fazer nada, nem sei si o que vier fará alguma cousa; para nós é grande dôr esta, porque vemos que são forçados irem-se onde não poderemos ter conta com elles, e levam-nos os filhos, que já estavam doutrinados, e, si não os baptisamos é porque sempre tememos de se irem, ou por sua vontade ou forçados da necessidade, pela má visinhança dos Christãos, assim que nenhuma ajuda nem favor temos nisto dos Christãos, mas antes muitos estorvos, assim de suas palavras, como do exemplo de sua vida, dos quaes muitos lhes não ensinam, sinão a furta, e adulterar e fornicar com as Infieis, e outros males, de que o Gentio se escandalisa, e estamos fartos de ouvir ao Gentio contar cousas ver-

Antes ex. emp. do outais

gonhosas dos Christãos; e certo que nos envergonham e tapam a boca, que não ousamos de lhe extranhar os seus peccados que nelles são muito menos.

De maneira que por todas as vias está esta terra mui perdida e desbaratada, nem ha nisso Justiça nem remedio, porque acharam que Infieis não pôdem testemunhar nada contra Christãos, e por isso, quem quer, se atreve a viver como quizer, ainda que seja pecar notoriamente perante o Gentio; sómente se guardam que Christão que os não veja fazer peccado e fazer muitos aggravos ao Gentio e tomar-lhe o seu, porque não ha justiça contra elle, que attente nisso, e ainda que queira attentar, como não ha prova de Brancos ficam absoltos, como aconteceu os dias passados, que um barco que estava ao resgate da banda d'além da Bahia, porque se botou ao mar um escravo que lhes haviam vendido, porque teria saudade da mulher e filhos que lhe ficavam, podendo haver o seu por o mesmo Senhor, que lh'o havia vendido, que estava ainda no navio; movidos os Christãos de raiva diabolica, mataram a sete ou oito pessoas, *scilicet*: ao mesmo senhor do escravo, velho tolhido, e os mais, mulheres e moços, pelo qual se levantaram todos os d'aquella parte, de guerra, e têm feito já muito mal, e se quebraram as pazes, que tinham com os Christãos, prenderam alguns, que fizeram isto, e por não haver provas, sinão de Indios, sahiram soltos.

E, todavia, com estes poucos, que nos ficaram, trabalhamos, e a muitos baptisariamos e casariamos já, si as cousas se puzessem em seu lugar; a ordem que desejamos era fazerem ajuntar ao Gentio, este que está sujeito em povoações convenientes, e fazer-lhes favores em favor de sua conversão e castigar nelles os males que forem para castigar e mantel-os em Justiça e verdade entre si, como vassallos d'El-Rei, e sujeitos á Egreja, como nesta parte são, e fazer-lhes tambem justiça nos aggravos, escandalos dos Christãos, o que se faria bem, si a Justiça secular e ecclesiastica fosse mais zelosa, como convém á honra de Nosso Senhor e bem commum da terra; e d'esta maneira podiam ir cada dia ganhando gente e sujeitando-a ao jugo da razão.

E os que não quizessem recebê-los, sujeital-os e fazê-los tributarios ao serviço d'El-Rei e dos Christãos, que os ajudassem a senho-

rear, como se fez em todas as terras novas que são conquistadas, como do Perú e outras muitas.

Com a escravaria se faz muito agora mais fructo em sua doutrina e prégãos na sua lingua e confissões, maiormente as do artigo da morte, de que cremos resultar muito proveito a muitas almas. Creio que pelas movermos á contricção dos seus peccados, são salvas. Muitos meninos Gentios mandamos a Nosso Senhor regenerados com o baptismo, e muitos que parecem que querem morrer, depois de baptisados, vivem, que é causa de os virem já trazer á igreja a offerecer a Nosso Senhor com suas offertas, d'isso que têm. De S. Vicente e do Espirito Santo não temos ainda cartas, mas temos novas que estão todos bem, e trabalham o que podem no serviço de Nosso Senhor com edificação dos proximos.

Des que fui entendendo, por experiencia, o pouco que se podia fazer nesta terra na conversão do Gentio, por falta de não serem sujeitos, e ella ser uma maneira de gente de condição mais de feras bravas que de gente racional, e ser gente servil, que se quer por medo, e conjuntamente vêr a pouca esperança de se a terra senho-rear, e vêr a pouca ajuda e os muitos estoryos dos Christãos d'estas terras, cujo escandalo e mau exemplo bastára para não se convencer, posto que foi gente de outra qualidade, sempre me disse o coração que devia mandar aos Carijós, os quaes estão senhoreados e sujeitos dos Castelhanos do Paraguay e mui dispostos para se nelles fructificar com outras gerações que tambem conquistam os Castelhanos, e junctamente com isto fazerem-me de lá instancia grande por muitas vezes, *scilicet*: o Capitão e os principaes da terra, tendo todo o favor e ajuda necessaria para bem empregar nossos trabalhos assim entre os Christãos como Gentios; tive tambem cartas de pessoas que esperavam nossa ida com bons desejos de servirem a Nosso Senhor nesta Companhia, de muito boas partes para isso, e com isto vêr, que a capitania de S. Vicente se vai pouco a pouco despovoando, pela pouca conta e cuidado que El-Rei e Martim Affonso de Sousa têm, e se vão lá passando ao Paraguay pouco a pouco, e considerar eu os muitos Irmãos que ha em S. Vicente e o pouco que se faz ahi e parecer-me que seria bom ter a Companhia lá um ninho onde se recolhesse, quando de todo S. Vicente se despovoas-

CARTA DO BRASIL (1557)

se; ajuntava-se a isto parecer-me que estando lá os da Companhia se apagariam alguns escandalos que os Castelhanos têm dos Portuguezes, e a meu parecer, com muito razão, porque usaram mui mal com uns que vieram a S. Vicente, que se perderam de uma armada do Rio da Prata; vivendo eu com este desejo, o deixei de pôr por obra, por não ter quem mandar, e algumas vezes estive determinado de eu mesmo sahir a saber o que se poderia fazer; nisto chegou (62) o padre Luiz da Grã, o qual desejei muito que fosse, mas porque o achei de opinião contraria *adquiesc concilio ejus*, e tive o meu espirito por suspeito; depois, vindo eu agora ha um anno á esta Bahia (63), achei cartas do Provincial, o Dr. Torres (64), em resposta do que sobre isto lhe tinha escripto, depois de as ler aos Padres, que aqui estavamos, pedi a todos seu parecer, os quaes mandei com as cartas ao padre Luiz da Grã, tirando-me a mim afóra, sem dar parecer, de sim nem de não, dizendo-lhe que fizesse fazer oração, e aconselhando-se com as cartas, que lhe mandava de Portugal, e com parecer dos Padres e Irmãos si lá parecesse bem, entrasse *in nomine Domini*: agora recebi carta sua, em como feito o que lhe escrevi, todos os Padres e Irmãos, tirando um só, eram de opinião que fossem áquella terra; e por isso estava determinado de ir, si o caminho, que aquelle tempo estava perigoso, se assegurasse mais; o que sempre nos deteve foi parecer-nos que Sua Alteza poderia ter d'isto algum desgosto, e esta foi a principal razão que isto estorvou até agora; si lá o sentirem podem o escusar, como lhes parecer melhor, e além de tal ida ser muito de serviço de Nosso Senhor, convinha para se ordenar cinco ou seis Irmãos de S. Vicente, com o Bispo, que já lá é, e é muito conveniente ordenarem-se lá, que virem á Bahia, quanto mais que não ha Bispo, nem sabemos quando o haverá nesta costa.

Escreve-me o padre Luiz da Grã que agora não póde levar mais que um Irmão lingua por companheiro, para se lá ordenar, que é

(62) Luiz da Grã chegou a S. Vicente em Maio de 1555 (Nobrega, pg. 109) e a 15 (Franco, *Imag. do Coll. de Coimbra*, II, pg. 221).

(63) Como já se viu (nota 45), Nobrega chegou á Bahia de S. Vicente a 30 de Julho de 1556, e pelo seu dizer esta carta foi escripta em Agosto: como se vê do contexto, ainda não tinha vindo Men de Sá.

(64) Miguel de Torres.

MANUEL DA NOBREGA

o irmão Chaves (65), uma boa cousa, e pede-me que mande quem d'aquelles Irmãos tenha cuidado, pelo qual será forçado de quatro que aqui estamos, que aqui ha de fazer muita falta; portanto se deve lá trabalhar por nos mandarem soccorro logo, ao menos de um Provincial, e de alguns Padres e Irmãos, que ajudem, porque a mim me devem já ter por morto, porque, ao presente, fico deitando muito sangue pela boca; o medico de cá ora diz que é veia quebrada, ora que é do peito, ora que póde ser da cabeça; seja d'onde fôr, eu o que mais sinto é ver a febre ir-me gastando pouco a pouco.

(Da Bahia, 1557).

Sem data; provavelmente escripta em Agosto, antes do dia 14.
Publicada no t. XLIII (1880) da *Rev. do Inst.*, p. 1^a, pp. 125/132.

(65) Manuel de Chaves, admittido em S. Vicente; era interprete dos Indios (*Ann. da Bibl. Nac.*, I, pg. 61).

XIX

AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL

(1559)

Egreja de S. Paulo. — Os feiticeiros. — Punição de um crime. — Christovão da Costa. — Officios da Semana Santa. — Simão da Gama. — Sebastião da Ponte. — Grande secca. — Os Indios. — O melhor Indio da terra. — Vasco Rodrigues de Caldas. — Egreja de S. João. — Mirangaoba. — Novas dos Ilheos. — Egreja do Espirito Santo. — Morte do padre João Gonçalves. — Antonio Rodrigues, Francisco Pires, Antonio Pires. — Demonios. — Uma conversão. — Feitiçarias. — Má vida dos Christãos.

A PAZ e amor de Christo, &c.

As novas que de nós ha escreverei a V. R. e a nossos dilectissimos Padres e Irmãos para que, como verdadeiros membros, se alegrem no Senhor comnosco de nossa consolação e se compadeçam tambem comnosco de nossas tristezas e trabalhos.

Pelos derradeiros navios que desta Bahia partiram o anno passado, escrevi largo do que até aquelle tempo passava; agora direi o que depois succedeu. E espante-se V. R. e meus Irmãos como tenho entendimento, nem mãos para o fazer, por a desconolação que cá temos de não podermos ter resposta das muitas cartas que são escriptas, porque as que trazia este navio de João Gomes não nos deram porque o principal maço em que deviam de vir se perdeu ou alguem as tomou, de maneira que não vieram á nossa mão; as que

trazia o navio de Domingos Leitão tão pouco, porque o navio não aportou cá. A armada d'El-Rei que esperavamos já tarda tanto que não se espera este anno, e por isso não poderei contar as cousas com todas suas circumstancias, mas contentar-me-hei com as dizer de qualquer maneira que puder.

Depois da vindã de Men de Sá (66), o Governador, se fizeram

(66) Ainda não está averiguado o mez em que chegou Men de Sá á Bahia. Quanto ao anno agora fica de uma vez assentado.

Na carta 18ª diz Nobrega (pg. 170): "No fim de Julho (de 1557) chegou aqui uma caravella d'El-Rei, que trazia gado; esta deu nova como Men de Sá, governador, partira de Cabo Verde, vespera da Ascensão (27 de Maio de 1557), primeiro que este navio tres dias; espantam-se todos não ser já aqui e tememos haver arribado ou permittir Nosso Senhor algum desastre"; e mais adeante accrescenta: "Si Nosso Senhor trouxer a armada, que cada hora esperamos, e ella se tornar este anno..."

Blasques, na carta da Bahia do ultimo de Abril de 1558 (*Rev. do Inst.*, XLIX, p. 1ª, pg. 27) que tracta de Maio de 1557 em deante "até a partida dos navios", diz: "Esperando toda a terra navios de Portugal, por haver muito tempo que não vinham, chegou uma caravella e vinha para ir d'aqui a S. Thomé; esta deu novas como Men de Sá havia tres dias que tinha partido da ilha do Cabo Verde em uma nau, em companhia de uma caravella, quando esta mesma partia e que de razão não havia de tardar muito. Estando assim todos com grande alvoroço esperando, vespera de Nossa Senhora de Agosto (14 de Agosto de 1557) chegou uma nau mui formosa da India, que era a capitaina, em que ia D. Luiz, filho do Arcebispo de Lisboa, por capitão-mór e veiu com elle a caravella que vinha com Men de Sá, e disse que se havia separado delle por acaso antes da Linha... D'ahi a alguns dias e quando estavamos receiosos com a tardança de Men de Sá, chegou outra caravella, que vinha carregada de escravos de Guiné, da ilha do Principe. Esta disse como a nau de Men de Sá fôra aportar áquella ilha com grande aperto e falta d'agua e que d'alli tinha já partido no mesmo dia que esta partiu, mas contudo não podia chegar, que cansava os espiritos de esperar, até que Nosso Senhor por sua misericordia a trouxe."

Men de Sá chegou pois em 1557, depois de 14 de Agosto.

Anchieta (*Mat. e Ach.*, I, pg. 3) e Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Bras.*, l. 3º, c. 6º), accusam a vinda no referido anno. Simão de Vasconcellos porém, tanto na *Chron.* como na *Vida de Anchieta*, dá o anno de 1558, que tem sido aceito pelos historiadores. O Visconde de Porto Seguro assignala a posse em Maio de 1558 (*Hist.*, pg. 1204); entretanto publicou (*Hist. Ger.*, 1ª ed., I, pg. 463) a carta de Men de Sá a El-Rei datada da Bahia ao 1º de Junho de 1558, na qual já dá noticia da morte de seu filho Fernão de Sá na conquista do Espirito Santo. E não era esta a primeira carta de Men de Sá a El-Rei, porque por Duarte da Costa escreveu outras, cujas datas não declara a resposta (da Rainha), publ. pelo proprio Porto Seguro (*Hist.*, pg. 284), sem data, mas que deve ser posterior a 10 de Setembro de 1558; porque accusa-lhe uma carta desta data. — [A carta de nomeação de Men de Sá foi registada a 3 de Janeiro de 1558. Quanto a sua viagem, chegada á Bahia e mais pormenores, conf. Varnhagen, *Hist. Geral*, I, 378, 4ª ed.]. — G.

tres egrejas em tres povoações de Indios e muitas mais se fizeram, si houvera Padres e Irmãos para nellas residirem; outras duas ou tres junctas de Indios estão junctas esperando por Padres para os doutrinarem: estas são visitadas de nós quando podemos por se deterem assim até serem soccorridos. A primeira igreja que se fez, a uma legua desta cidade, chama-se S. Paulo; a segunda, S. João, tres leguas; a outra Sancti Spiritus sete leguas; mas será razão dizer o que em cada uma aconteceu em particular.

Em começando em S. Paulo que foi a primeira, direi primeiramente a ordem que teve e tem em proceder aqui a escola de meninos que são para isso cada dia uma só vez porque tem o mar longe e vão pelas manhãs pescar para si e para seus paes que não se mantêm d'outra cousa e as tardes têm escola tres horas ou quatro. D'estes ha hi cento e vinte por rol, mas continuos sempre ha de oitenta para riba. Estes sabem bem a doutrina e cousas da Fé, leem e escrevem, já cantam e ajudam já alguns a missa. Estes são já todos baptisados com todas as meninas da mesma idade e todos os innocentes e lactantes. Depois da escola ha doutrina geral a toda gente e acaba-se com *Salve* cantada pelos meninos e as *Ave Marias*.

Depois uma hora, de noite, se tange o sino e os meninos têm cuidado de ensinarem a doutrina a seus paes e mais velhos e velhas, os quaes não podem tantas vezes ir á igreja e é grande consolação ouvir por todas as casas louvar-se Nosso Senhor e dar-se gloria ao nome de Jesus.

Aos domingos e santos têm missa e prégação na sua lingua e de continuo ha tanta gente que não cabe na igreja, posto que é grande; alli se toma conta dos que faltam ou dos que se ausentam e lhes fazem sua estação: o meirinho, que é um seu Principal delles, préga sempre aos domingos e festas pelas casas de madrugada a seu modo. A obediencia que têm é muito para louvar a Nosso Senhor, porque não vão fóra sem pedir licença, porque lh'o temos assim mandado por sabermos onde vão para que não vão communicar ou comer carne humana ou embebedar-se a alguma aldêa longe; e, si algum se desmanda, é preso e castigado pelo seu merinho e o Governador faz delles justiça como de qualquer outro Christão e com maior liberdade. Si algum adoecer, é obrigado a mandar-nos cha-

mar e é de nós curado e remediado assim no corpo como na alma, o melhor que podemos, e assim poucos morrem que não sejam baptisados no artigo da morte quando elles mostram signaes de fé e de contricção, e assim destes como dos innocentes regenerados com a agua do baptismo se salvam muitos.

Os feiticeiros são de nós perseguidos e outras muitas abusões que tinham se vão tirando, mas nos casos particulares que contarei poderão entender melhor o que digo. Aconteceu que um irmão do meirinho e Principal da villa se foi a uns matos onde uma velha estava guardando a fructa e a matou, dizendo que esta velha e o seu espirito o fizera estar doente muito tempo; este foi preso e por ser a primeira justiça e por amor de seu irmão o meirinho, foi açoitado e lhe cortaram certos dedos das mãos, de maneira que pudesse ainda com os outros trabalhar: disto ganharam tanto medo que nenhum fez mais delicto que merecesse mais que estar alguns dias na cadêa.

Em um engenho se levantou uma Santidade (*) por um escravo que desinquietou a toda a terra, porque os escravos dos Christãos são os que nos fazem cá a principal guerra por o descuido de seus senhores. Aconteceu que vindo um Indio de outra aldêa á pregar a Santidade que andava, um o recolheu e lhe ajuntou gente em terreiro para ouvir e a Santidade que pregava era que aquelle Santo fizera bailar o engenho e ao senhor com elle, e que converteria a todos os que queria em passaros, e que matava a lagarta das roças que entoncez havia, e que nós não eramos para a matar e que havia de destruir a nossa egreja, e os nossos casamentos que não prestavam, que o seu Santo dizia que tivessem muitas mulheres e outras cousas desta qualidade; e estando em esta pratica não pôde ser tão secreta que alguns não o viessem dizer ao irmão Christovão da Costa (67) que alli residia com outro, o qual mandou lá o meirinho que o tomasse e o levasse ao Governador, mas elle fugiu pelos matos des que viu que era sentido; mas prendeu o que o recolheu, e ou-

(*) A santidade era uma assimilação grosseira de ritos catholicos com tradições e praticas gentilicas. A' tal abusão não faltam referencias em cartas dos primeiros Jesuitas, como tambem, e principalmente, nos documentos sobre a visitação do Santo Officio ás partes do Brasil, na ultima decada do seculo XVI. — Conf. Varnhagen, *Historia Geral*, I, 443, 4ª ed. — G.

(67) Este Irmão provavelmente foi admittido no Brasil.

CARTA DO BRASIL (1559)

tros culpados nisso, os quaes se soltaram e fugiram de noite. Sabendo o Governador onde estava, o mandou buscar; mas elle tambem fugiu dos homens brancos, ferido em um braço; depois tomou por seu conselho vir pedir misericordia e foi-lhe dada penitencia que se disciplinasse em um domingo na egreja e pedisse perdão a Deus e ao povo do escandalo que dera em recolher ao que trazia a feitiçaria, o que elle fez melhor do que lhe foi mandado, não sómente elle mas tambem os outros culpados; e metteu nos outros tanto fervor e devoção assim verem-no como se açoitava cruamente com a pratica que fez que moveu a muitos, que se sentiam culpados em suas consciencias, a virem confessar seu peccado secreto e a disciplinarem-se tambem com elle em publico, que foi auto de muita devoção a todos e alguns Brancos que ahi estavam ficaram pasmados de verem o que viram; o que trouxe a Santidade fugiu para longe e não se pôde mais haver.

Na semana santa me fui para esta egreja de S. Paulo com alguns Irmãos para ahi fazermos os officios daquelle tempo; achou-se ahi todos estes dias Simão da Gama e sua mulher e filhas e seu cunhado Bastião da Ponte, os quaes com seu exemplo muito nos ajudaram. Fizemos a procissão de Ramos mui solemne e todos os mais officios das Trevas e encerramos o Senhor, porque Simão da Gama tomou por sua devoção cuidado de a armar muito bem e de acompanhar o Senhor com toda a sua casa e criados; mas o que aconteceu em a noite das Trevas é muito para louvar ao Senhor porque, quando vão ao *Miserere mei Deus*, que se diz por derradeiro, os Irmãos se disciplinaram todos quando o diziam ás escuras; os Indios que da Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo já tinham alguma noticia, *irruit spiritus Domini in eis*, e movidos de grande compunção se davam de bofetadas mui asperamente, derramando muitas lagrimas, segundo soube de todos os Christãos brancos que na egreja estavam. Ao seguinte das Endoenças vieram todos ou a maior parte da gente, assim pequenos como grandes, disciplinando-se á cidade e chegaram a tempo que entraram na procissão que os Christãos faziam, o que foi de muita edificação de todos os christãos.

Mas sempre nossas consolações desta qualidade se bebem com mistura de fezes amargosas, porque aconteceu no mesmo dia de En-

doenças estando eu para encerrar o Senhor, mandou o Cabido um monitorio a mim e a todos os Christãos que presentes estavam que não encerrasse ahi o Senhor, e a Simão da Gama e a Bastião da Ponte, sob pena de excommunhão e de vinte crusados, que logo se viessem a cidade; mas eu declinando o foro não deixei de o encerrar, nem Simão da Gama se quiz ir, mas demos gloria a Deus, posto que com desconolação e turbação; na cidade tambem lançaram fama que eram descommungados quem viesse visitar o Senhor a São Paulo. Estes são os favores e ajudas que dos Padres desta terra recebemos na conversão do Gentio.

Ao Sabbado Santo logo seguinte, fizemos o officio das Fontes mui solemne e baptisamos naquelle dia a muitos, os quaes estavam confessados e aparelhados assim para o baptismo como para o casamento que haviam de receber depois da Resurreição. Houve muitos desposados e fizemos a procissão mui solemne, porque veiu folia da cidade que Simão da Gama ordenou a Bastião da Ponte, seu cunhado, os meninos cantando na lingua, em portuguez, cantigas a seu modo, dando gloria a Nosso Senhor, e foram todos os Irmãos em procissão, assim homens como mulheres, tendo as ruas limpas e bem enramadas, de que muito se alegrou meu espirito em o Senhor.

Dia de *Corpus Christi* (68) seguinte se fez outra procissão solemne da mesma maneira e muitas vezes se faz, pelas necessidades que occorrem, com sua ladainha, a qual dizem os meninos e respondem todos; principalmente uma fizeram pedindo chuva pela grande secca que havia, de maneira que seccavam os mantimentos e foram ouvidos de Nosso Senhor; todos têm já por costume quando seus filhos adoecem trazerem-nos á egreja com suas pobres offer-tas a offerecer e dos que morrem fazemol-os enterrar com pompa funeral, e dizem-lhes seus officios de que se elles muito edificam; quando podemos têm missas cantadas em festas principaes.

A carne humana que todos comiam e mui perto da cidade é agora tirada e muitos tomam já por injuria lembrar-lhes aquelle tempo, e si em alguma parte se comem, são admoestados e castigados por isso; isto em partes onde não pode chegar a doutrina, como

(68) 18 de Maio de 1559.

CARTA DO BRASIL (1559)

foi pela bahia á dentro sete ou oito leguas desta cidade, um Principal não quiz senão comel-a com festas. Mandou o Governador prendel-o e teve-o um anno preso por isso e por desobedecer e é agora o melhor Indio que ha na terra; outros foram á guerra e mataram contrarios e deixaram-nos de trazer por medo do Governador; e estes são os de Apacé (69) e de Cerigipe (70) e da ilha de Taparica (71), entre os quaes se fariam já egrejas si houvesse Padres para as sustentarem. Os do Paraçu (72) estavam mui soberbos e não queriam paz com os Christãos, mas antes vinham assaltam os barcos e tomaram um sem gente, porque se lhe acolheu a gente, mas pagaram-no muito bem, porque foram tres vezes a guerra a elles e mataram muitos e captivaram grande somma queimando-lhes suas casas e tomando-lhes seus barcos, pelo qual pediram paz e lh'a deram, com tributo de certa farinha e gallinhas e que não comerão carne humana e serão christãos quando lhes mandarem Padres e estarão á obediencia do Governador.

O mesmo quizeram os de Tinharé (73), que são da mesma geração, por estarem bem com os Christãos, e é esta uma cousa tão grande, que nunca os Christãos desta terra souberam desejar nem querer tanto, porque tinham por impossivel poderem-se domar aquelles, nem poderem se lhes dar guerra em suas aldeias, por serem os caminhos de muitos matos e aguas e serras fragosas, e fez isto um mancebo que se chama Vasco Rodrigues de Caldas, por mandado do Governador, com bem pouca gente, que não eram oitenta pessoas, mas ajudaram mui bem os nossos cathecumenos destas tres povoações, os quaes, com muita fedelidade e diligencia, servem nestas guerras e a sua custa, e pelejam já de outra maneira, porque vão armados com o nome de Jesu, e quando partem se en-

(69) Hoje diz-se Passé.

(70) Hoje diz-se Sergipe (do Conde).

(71) Itaparica.

(72) Em outros logares lê-se Paraaçú; hoje diz-se Paraguaçú.

(73) Ilha da costa da Bahia que já em 1531 era conhecida com esse nome que parece indigena. A 24 de Março deste anno foi visitada por Martin Affonso de Sousa; Pero Lopes no seu *Diario* chama-lhe *Tynhaáréa*. Em Julho de 1535 a armada de Simon de Alcazaba tambem ahi esteve e Alonso Vehedor na sua *Relacion (Arch. de Indias, V, pg. 144)*, escreve *Tenereques*. E' o actual morro de São Paulo.

MANUEL DA NOBREGA

commendam a Deus e pedem-nos que roguemos a Deus por elles, e Nosso Senhor ouve a elles e a nós, porque sempre, até agora, lhes tem dado vencimentos grandes com não lhes matarem lá ninguém, posto que vêm delles feridos e são curados de nós, com a charidade que pudemos.

Um Principal, dez ou doze leguas daqui, tendo dez ou doze contrarios para matar, sendo admoestado pelo Governador não quiz sinão comel-os com muita soberba e queria sobretudo vir dar guerra a uma fazenda dos Christãos; mas logo lhe foi socorrer em breve e elles não ousaram chegar, antes todos os daquella comarca e parentes daquelles que se acharam nas festas, de medo despovoaram e deixaram roças e casas e foram se fazer todos fortes no sertão com este; estava determinado darem nelles por ser terra para cavallos lá poderem ir, e fazendo-se prestes a gente sobreveiu a nova dos Ilheos, que estava em guerra, e quatro engenhos que ahi havia despovoados e roubados do Gentio: foi necessario acudir lá o Governador levando comsigo alguns Christãos e os nossos Cathecumenos e outros Gentios; mas este Indio e todos estão amedrontados e pedem pazes e peitam escravos aos Christãos para que os façam amigos do Governador.

Na villa de S. João se procede da mesma maneira, posto que com menos fervor, porque o Principal delles, que tambem servia de meirinho, não ajudava, mas estorvava e desobedecia muitas vezes ao Governador e aos Padres e, sendo contrario dos do Paraaçú, eutrava com elles desobedecendo nisso ao mandado do Governador, do qual se temia alguma traição por ser Indio mui sabio e mui estimado e por isso mui soberbo; este se chama Mirãgaoba, pelo qual de conselho dos Christãos que todos suspeitavam mal delle fazer pazes com seus contrarios; foi preso e humilhado, e agora foi ajudar ao Governador com todos os seus e dizem que o faz tão bem que vai merecendo soltarem-n'o de todo. Nesta villa de S. João me achei dia de Santo Antonio, onde me deram novas das victorias que o Governador houve nos Ilhéos, e fizemos com os Indios procissão solemne, dando graças a Nosso Senhor, onde se acharam alguns Christãos e suas mulheres presentes, por estar

CARTA DO BRASIL (1559)

esta casa perto de algumas fazendas e alguns domingos e festas irem alli á missa.

D'esta egreja se visita outra villa de tanta gente e mais, que está uma legua pequena, a qual ajuntamos de outros Indios que eram contrarios d'estes de S. João, que ainda quando se foi o padre Ambrosio Pires se comiam com grande crueldade, a que não podemos fazer mais que baptisar os lactantes e saber dos doentes, para que não morram sem lhes offerecer a Jesu Christo Nosso Senhor.

A terceira egreja que se chama Sancti Spiritus, sete leguas d'esta cidade, principiou o padre João Gonçalves e em ella começou a lançar os primeiros fundamentos em companhia do irmão Antonio Rodrigues, o qual, como é lingua e mui fervente obreiro, vai sempre deante a esmoitar a terra; aqui se ajuntou mais gente que em nenhuma; aqui ha cento e cincoenta moços de escola, afóra outros muitos que ainda se não puderam ajuntar, aqui baptisou o padre João Gonçalves grande numero de meninos lactantes, dos quaes falleceram muitos. Este é um fructo grande e seguro de almas regeneradas que a Nosso Senhor mandamos de todas estas tres povoações e de outras visinhas. Mas antes que vá adeante quero contar do transito glorioso do padre João Gonçalves. Sendo mandado, como digo, a Sancti Spiritus a doutrinar aquellas almas e baptisar os habitantes, porque a estes baptisamos logo pelo perigo que correm, elle o acceitou com muita alegria, como acceitava tudo o que lhe era mandado, e de lá escrevia cartas de sua consolação grande, por ser logar onde juntamente com doutrinar se podia dar á oração, de que elle era mui zeloso, e por ser o sitio muito aprasivel, e como era devoto de Nossa Senhora da Conceição, determinou em aquelle dia baptisar os innocentes e fazer aquellas almas limpas á honra da pureza de Nossa Senhora, e escreve-me que me pedia que pregasse em seu dia as grandezas desta Senhora e que dissesse que soubessem negociar com Nosso Senhor por meio della que não podia haver outro melhor negociar e outras palavras, o que eu fiz o melhor que soube por que o amava e reverenciava muito por suas virtudes.

Aconteceu que no mesmo dia de Nossa Senhora, acabando de

MANUEL DA NOBREGA

baptisar os meninos, havendo sido largo o Officio e solemne, lhe deu grande febre e, todavia, acabou a missa de Nossa Senhora da Conceição, a derradeira que disse com muito trabalho, e des que disse a primeira missa até aquella nunca deixou dia por dizer missa, por mais trabalho e mais fraco e doente que estivesse. Foi tão grande a febre e trazia tão grande febre a chamal-o, que em 13 ou 14 dias expirou neste Collegio onde foi trazido já mui mortal, e dia de Nossa Senhora ante Natal esteve tão bom e resou comigo e fallamos louvores de Nossa Senhora, que me parecia a mim que m'ò queria Nosso Senhor dar; mas logo sobre a noite entrou em tranguia de somno no qual expirou a noite de S. Thomé (74). Foi levado á igreja para lhe fazerem os officios, onde por ser dia santo e porque era amado de todos, concorreu toda a cidade a seu enterramento e faziam todos grande pranto não cessando de lhe beijar os pés e as mãos e com trabalho lh'o tiramos para lhe dar sepultura; mas eu a mim chorava e não deixo de chorar quando me acho sem elle, porque de todas as partes fiquei orphão; elle era meu exemplo, minha columna que me arrimava e consolava, seus conselhos sempre me foram saudaveis, tão fiel companheiro nunca ninguem perdeu como eu; elle me descansava e me fazia dormir meu somno quieto porque tomava todos meus trabalhos sobre si, por elle e pela graça que Nosso Senhor lhe deu; vivia eu assim no espirito como no corpo *qui amplius de fratre nostro*, nos trabalhos o primeiro, no descanso o derradeiro, na conversão dos Gentios servente e zeloso com os Christãos, muita charidade e humildade no serviço de seus Irmãos e dos pobres, mui diligente na obediencia, mui prompto nos conselhos, mui maduro na governança da casa que teve, mui vigilante na observancia das regras, mui cuidadoso: *O' frater, quis mihi daret ut pro te morerer!* por que assim acabara um mau de escandalisar e ficara uma candeia de luz e bom exemplo nesta casa e nesta terra.

Mas pois já comecei de contar o castigo com que Nosso Senhor me castigou a mim e a meus Irmãos levando-nos tal companheiro, proseguirei esta materia até acabar. Foram este anno tantas

(74) 21 de Dezembro de 1558.

CARTA DO BRASIL (1559)

doenças e trabalhos que houve nesta casa que não saberei contar, porque todos os Padres chegaram ás portas da morte e passaram *per ignem et aquam*.

O padre Francisco Pires, depois do fallecimento do padre João Gonçalves, adoeceu tambem muito.

O Irmão Antonio Rodrigues da mesma maneira, e porque não foi sangrado, foi sua enfermidade mais prolixa, porque lhe sahiu aquelle sangue em apostemas e sarna por todo o corpo e durou muito tempo; mas assim não deixava de fallar e tratar com os Indios o negocio de Nosso Senhor, estando em S. Paulo.

O padre Antonio Pires veiu de S. João, onde residia, ajudou as confissões da Quaresma, mas no fim della adoeceu, estando eu em S. Paulo a semana santa, e foi tão grande e perigosa sua enfermidade que eu o tive por morto, e permittiu Nosso Senhor porque, já que eu não sentia a morte a meu Senhor Jesu Christo por si, siquer assim atribulado me lembrasse della. Não vinha portador nem escripto da cidade que eu não fosse sobresaltado, maiormente por ser em tempo de Endoenças, não havendo quem armasse a egreja nem quem fizesse os officios e encerrasse o Senhor, porque ainda a este tempo Francisco Pires não era bem são, e eu desejava que na cidade e em S. Paulo se glorificasse Nosso Senhor naquelles dias e via-me eu só, tambem com minhas manqueiras de tal maneira que com muito trabalho podia andar si me não levavam. Mas tudo Nosso Senhor ordenou de maneira que tudo se cumprisse, posto que com muito trabalho.

Deixo de contar de outras enfermidades e gente d'esta casa que seria nunca acabar por tornar a contar da casa de Sancti Spiritus, na qual se procede com a mesma ordem que nas outras. Esta casa trabalhou o Inimigo mais por estorvar que nenhuma, porque aconteceu, depois do fallecimento do padre João Gonçalves, que os officiaes que lá trabalhavam adoeceram alguns e punham-n'ó ao sitio, sendo elle o melhor que ha na terra, pelo que ninguem lá queria ir trabalhar. E ao Governador e a todos parecia que do sitio viria e queriam impedil-a o passar-se d'alli, o que nunca me pareceu, antes mui confiado em Nosso Senhor, mandei lá Antonio Rodrigues, mal são, com ter os mais dos dias febres, e foi são. O padre Anto-

MANUEL DA NOBREGA

nio Pires, que tambem não podia reconvalescer e recahia muitas vezes, foi-se lá e deu-lhe Nosso Senhor saude perfeita, de maneira que d'onde os outros fugiram por não adoecer, mandava eu os enfermos a sarar, no que se viu ser aquillo estorvo do Inimigo, porque d'esta casa é elle mui conquistado.

Aqui aconteceram casos mui notaveis que eu não poderei dizer todos, mas sómente me contentarei com alguns poucos. Uma creança esteve morta chorada de seu pae e mãe e, estando para expirar, foi baptisada do Irmão e logo sarou, de que todos ficaram espantados e mui edificados com o credito de baptismo.

Estando eu lá um dia aconteceu que estando os meninos na eschola dizendo as orações *Pater Noster*, chegando aquelle passo de *et ne nos inducas in tentationem*, foi arrebatado do espirito do maligno, segundo que todos julgamos pelos signaes que fez naquella hora e tres dias continuos, e elle mesmo como assombrado das visões que via, bramava e não queria estar sinão com os olhos tapados, dizendo que via demonios, e foi mui cruelmente atormentado de tal maneira que parecia que morria e tornei a baptisal-o e sarou, pela misericordia de Nosso Senhor.

Aconteceu que dalli me fui á outra povoação adeante, que está duas leguas desta, onde não podemos residir por não haver quem, onde chamam o Chorão, e baptisei os lactantes pelo perigo que passam e fizemos rol de aquella gente toda: algumas creanças doentes se escondiam, porque os feiticeiros dizem que com o baptismo as mataremos, mas pela muita diligencia do Irmão e porque sempre ha alguns bons que ajudam, baptisamos todas, mandando-as buscar onde as escondiam e depois de baptisadas muitos destes enfermos viveram, outros entraram no Ceu.

Aconteceu um dia que estando um feiticeiro tirando uma palha a um doente, um menino da eschola se chegou e estando o feiticeiro gloriando-se de haver tirado a palha, que era a doença daquelle, o moço movido por Nosso Senhor e com zelo da Fé, porque era já christão, lh'a arrebatou da mão, dizendo que era grande mentira e lança a fugir e mostral-a ao irmão Antonio Rodrigues, que não levava folego para lhe contar daquillo; mandou chamar aquelle feiticeiro e os principaes e depois de feita practica e reprehender

feiticeiro

CARTA DO BRASIL (1559)

aquillo, disse aos principaes que levassem o feiticeiro ao Governador preso; elle ouvindo isto rompeu a casa de palha e foi-se e andou pelos matos maltratado, mas tomando bom conselho se veiu a humilhar e pedir penitencia e deram-lhe que trabalhasse nas obras da egreja que se fazia.

A um Principal morreu um filho pequeno sem baptismo por não chamarem ao Irmão, porque estes meninos de Sancti-Spiritus ainda não são baptisados até não serem mais instruidos na Fé, mas tem-se tento que não morram sem baptismo: foi logo chamado a juizo perante todos os principaes e depois de bem reprehendido mandou aos principaes que em ferros o levassem ao Governador e obedeceram-lhe, mas juntaram-se todos os moradores da villa e postos de giolhos pediram ao Irmão que o não mandasse, mas alli lhe dêsse penitencia e prometteram que nunca nenhum morreria sem o chamarem; e desta maneira se vai tirando seu costume e vão tomando obediencia e aborrecendo os feiticeiros e tomando credito ao baptismo.

Passando nós por uma aldeia onde nunca se ensinou, achamos um menino muito doente, e na casa onde estava, muitas feitiçarias e laços armados para prender a morte se alli viesse, e fallando em Nosso Senhor não queria o pae nem a mãe que lhe baptisassem seu filho, porque um feiticeiro seu, que alli estava, dizia que não; fiz o chamar, e perguntado por manha quem lhe ensinara a sciencia, disse que seu pae e começou-se a vangloriar de sua sciencia e que dava saude aos doentes. Depois de tomada sua confissão, fiz ajuntar a gente da aldeia toda e disse-lhes o Irmão: *Vinde a ver o vosso feiticeiro e o vosso Deus em quem credes*, e sobre isso lhes fallou largo e depois disse que cada um levasse seu tição de lume e a lenha que pudessem e que o queimassem no meio do terreiro: que assim o mandava o nosso Deus verdadeiro. El todos rogavam-lhe pela vida e vendo que não aproveitavam dizia que o queimassem fóra da aldeia por não feder: uns christãos que se alli acharam, o puzeram no terreiro e achegavam-lhe lume já, o que se fazia para fazer medo aos outros até que vieram uns principaes velhos e postos os giolhos em terra lhe pediam a vida e que o levasse comsigo para taipar nas taipas de Sancti Spiritus, que se fazia,

feiticeiro

MANUEL DA NOBREGA

e eu o levei, não para taipar mas para se doutrinar na Fé e doutrina com os outros. Desta maneira está a terra agora e esta é a condição do Gentio e todavia o pae e a mãe do menino consentiram depois que lhes baptisassem o filho.

Com os Christãos desta terra se faz pouco, porque lhes temos cerrada a porta da confissão por causa dos escravos que não querem sinão ter e resgatar mal e porque geralmente todos ou os mais estão amancebados das portas á dentro com suas negras, casados e solteiros, e seus escravos todos amancebados, sem em um caso nem no outro quererem fazer consciencia e acham lá outros Padres liberaes da absolvição em que vivem da mesma maneira, mas com tudo não deixei o Advento passado e a quaresma e festas e os mais dos domingos, de lhes pregar e alebrar a lei de Deus; somente as mulheres e gente pobre que não alcançam escravos são confessados de nós.

Eschola de ler e escrever se tem em casa, estudo houve muito tempo até que os estudantes, que era gente da Sé, não quizeram vir; espera-se pelo Bispo (75) para pôr tudo em seu logar. Isto é, amado Padre, o que agora se pôde escrever de pressa e com tristeza pôr tardar tanto a consolação e remedio que esperamos nas orações e sacrificios de Vossa Reverendissima, e de nossos charissimos Padres e Irmãos queremos ser encommendados em Christo Jesu Nosso Senhor. De S. Vicente não são chegados navios nem temos novas que escrever; aguarda-se cada dia. Novas do Espirito Santo saberão pela cópia (76) que com esta vai.

Desta Bahia a 5 de Julho de 1559.

Inutilissimo filho de V. R.

Inedita.

(75) D. Pedro Leitão, que, segundo S. de Vasconcellos, chegou a 9 de Dezembro de 1559.

(76) Fica reservada a sua publicação para as *Cartas avulsas de Jesuitas*.

XX

A THOMÉ DE SOUSA

(1559)

JESUS

Christãos e Gentio. — Morte do Bispo. — Maus exemplos dos clérigos. — Fructo feito em S. Vicente. — Odio dos Christãos ao Gentio. — Uso da anthropophagia. — Tupiniquins de São Vicente. — Gentio do Gato. — Peccados da terra. — Capitania do Espirito Santo. — Men de Sá. — Mirangaoba. — Maus tratos aos Indios. — Indios e Christãos. — O melhor Indio da terra. — O Governador e o povo. — Garcia d'Avila. — O Gentio do Paraguaçu. — Vasco Rodrigues de Caldas. — Destroços de Indios. — Pazes. — A gente do Brasil. — Guerra dos Ilhéos e Porto Seguro. — Castelhanos do Paraguay. — Tupis e Carijós de S. Vicente.

A PAZ e amor de Christo Nosso Senhor seja sempre em seu continuo favor e ajuda. Amen.

Razão é que, pois Vossa Mercê por sua boa condição se tanto communica commigo tão indigno, e me dá conta com tanto amor de si, de seus gostos e desgostos, por suas cartas, pelas quaes Nosso Senhor me muito consola, que eu tambem não deixe cousa de consolação ou desconsoação de que lhe não dê parte. E, si fôr mais largo e prolixo do necessario, Vossa Mercê o attribua á charidade com que o amo, a qual está mui desejosa de se dilatar por carta, pois

MANUEL DA NOBREGA

mais não póde, sendo certo que a muita que em Vossa Mercê ha, terá paciencia e folgará de ler carta prolixa, ainda que nisso se perca algum tempo.

E primeiramente quero fazer pranto sobre esta terra e dar-lhe conta d'ella particular de cousas que mais tenho na alma des o tempo que a Vossa Mercê deixou, e, ainda que isto não sirva de mais que de mover as orações de Vossa Mercê a que com mais fervor e piedade roguem a Nosso Senhor por ella, com isso me contentarei porque devem ellas agora ser muito acceptas deante o divino acatamento, como de viuvo, velho e prudente, que cada dia espera pela conta que lhe ha de tomar cedo, cujos desejos sou eu certo que serão os do outro Simeão, que desejava *lumen ad revelationem gentium, et gloriam plebis tuæ, Israel: defeceruntur præ lacrymis oculi mei, conturbata sunt viscera mea, effusum est in terra jecur meum*, porque vejo o mau caminho que esta terra leva, cada vez vai merecendo a Nosso Senhor os grandes castigos, porque cada vez se faz mais incorrigivel e lança maiores raizes em sua obstinação.

Des que nesta terra estou que vim com Vossa Mercê, dous desejos me atormentaram sempre: um, de ver os Christãos d'estas partes reformados em bons costumes e que fossem boa semente transplantada nestas partes, que dêsse cheiro de bom exemplo; e outro, ver disposição no Gentio para se lhe poder prégar a palavra de Deus e elles fazerem-se capaces da Graça e entrarem na egreja de Deus, pois Christo Nosso Senhor por elles tambem padeceu, porque para isso fui com meus Irmãos mandado a esta terra, e esta foi a intenção do nosso Rei, tão christianissimo, que a estas partes nos mandou, e porque para ambas estas cousas eu via sempre por esta costa toda mau apparelho. O' quantos calices de amargura e de angustia bebia a minha alma sempre! E disto alguma cousa alembrará a Vossa Mercê porque eu communicava com elle sempre na minha dôr, posto que ainda naquelle tempo não me amargavam tanto as fezes d'este calix, por não entrar tanto nellas.

Destes dois desejos que digo, me nasciam outros, que era desejar os meios para que isto tivesse effeito, e d'estes escolhia dous que me pareciam melhores: um, era desejar Bispo, tal qual Vossa

CARTA DO BRASIL (1559)

Mercê e eu o pintavamos cá para reformar os Christãos; e outro, vêr o Gentio sujeito e mettido no jugo da obediencia dos Christãos, para se nelles poder imprimir tudo quanto quizessemos, porque é elle de qualidade que domado se escrevera em seus entendimentos e vontades muito bem a fé de Christo, como se fez no Perú e Antilhas, que parece Gentio de uma mesma condição que este, e nós agora o começamos de ver a olho por experiencia, como abaixo direi, e, si o deixam em sua liberdade e vontade, como é gente brutal, não se faz nada com elles, como por experiencia vimos todo este tempo que com elle tratamos com muito trabalho, sem d'elle tirarmos mais fructo que poucas almas innocentes que aos céus mandamos.

Trouxe Nosso Senhor o bispo D. Pedro Fernandes, tal e tão virtuoso qual o Vossa Mercê conheceu, e mui zeloso da reformação dos costumes dos Christãos, mas quanto ao Gentio e sua salvação se dava pouco, porque não se tinha por seu Bispo, e elles lhes pareciam incapazes de toda doutrina por sua bruteza e bestialidade, nem as tinha por ovelhas de seu curral, nem que Christo Nosso Senhor se dignaria de as ter por taes; mas nisto me ajude Vossa Mercê a louvar a Nosso Senhor em sua providencia, que permittiu que fugindo elle dos Gentios e da terra, tendo poucos desejos de morrer em suas mãos, fosse comido d'elles, e a mim que sempre o desejei e pedi a Nosso Senhor, e mettendo-me nas occasiões mais que elle, me foi negado. O que eu nisso julgo, posto que não fui conselheiro de Nosso Senhor, é que quem isto fez, porventura quiz pagar-lhe suas virtudes e bondade grande, e castigar-lhe junctamente o descuido e pouco zelo que tinha da salvação do Gentio. Castigou-o, dando-lhe em pena a morte que elle não amava, e remunerou-o em ella ser tão gloriosa como já contariam a Vossa Mercê que ella foi, pois foi em poder de Infieis com tantas e tão boas circumstancias como teve.

O Bispo, posto que era muito zelador da salvação dos Christãos, fez pouco porque era só, e trouxe comsigo uns clerigos por companheiros que acabaram com seu mau exemplo e mal usarem e dispersarem os Sacramentos da Igreja de dar com tudo em perdição. Bem alembra a Vossa Mercê que antes que esta gente

*Padres
a usucios*

viesse, me dizia: está esta terra uma religião, porque peccado publico não se sabia que logo por o zelo de Vossa Mercê e diligencia de meus Irmãos não fosse tirado, e dos secretos retinhamos absolvição a alguns, até tirarem toda occasião e perigo de tornar a peccar. Mas como elles vieram, introduziram na terra estarem clerigos e dignidades amancebados, com suas escravas, que para esse effeito escolhiam as melhores e de mais preço, que achavam, com achaque que haviam de ter quem os servisse, e logo começaram a fazer filhos, e fazer-se criação, porque convinha muito ao Brasil haver cá este treslado de dignidades e conegos, como os ha em outras egrejas da Christandade, e não sem muito descuido dos prelados, a quem Nosso Senhor castigará a seu tempo. E este lhe sei dizer que têm cá por o melhor proceder e mais quieto, porque quando elles não tinham escravas nem com que as comprar era peor, porque eram forçados de seus peccados a buscarem-nas com escandalo da terra e de seus visinhos, e porque já disto no tempo de Vossa Mercê (77) havia muito e muito notorio, me dizia muitas vezes. Melhor nos fôra que não vieram cá. Começaram tambem de usar de suas ordens e dispensar os sacramentos e desatar as ataduras com que nós detinhamos as almas, e a dar jubileus de condemnação e perdição ás almas, dando o santo a cães e as pedras preciosas a porcos que nunca souberam sahir do lodo de seus peccados, pelo qual não sómente os maus, mas algum bom, si o havia, tomou liberdade de ser tal qual sua má inclinação lhe pedia. E assim está agora a terra nestes termos que, si contarem todas as casas d'esta terra, todas acharão cheias de peccados mortaes, cheias de adulterios, fornicacões, incestos, e abominações, em tanto que me deito a cuidar si tem Christo algum limpo nesta terra, e escassamente se offerece um ou dous que guardem bem seu estado, ao menos sem peccado publico. Pois dos outros peccados que direi? Não ha paz, mas tudo odio, murmurações e detracções, roubos e rapinas, enganos e mentiras; não ha obediencia nem se guarda um só mandamento de Deus e muito menos os da Egreja. Bem se alembrará a Vossa Mercê que, vendo eu isto logo em seu princi-

(77) 1549-1553.

CARTA DO BRASIL (1559)

pio, cuidei de dôr perder o sizo, e assim como desesperado de poder na terra nem com Christãos, nem com Gentio, fazer fructo, me fui com Vossa Mercê a S. Vicente, correndo a costa (78), desabrindo a mão de tudo, encommendando a Deus a Bahia e a seu Prelado, e sómente ficou um Padre (79) na casa com um Irmão ou dous, para ensinarem dous meninos e olharem por ella.

Pela costa que corremos achamos assaz de miserias e peccados que chorar, até chegar a S. Vicente, onde por eu ahi achar Irmãos da Companhia (80) e muitos meninos do Gentio em casa e algum pouco melhor apparelho para com o Gentio entender, por

(78) Por ora não se sabe ao certo quando Thomé de Sousa partiu a correr a costa até S. Vicente. Anchieta (*Mat. e Ach.*, I, pg. 15) diz: "Nobrega indo áquella capitania no anno de 1553." Simão de Vasconcellos (*Chron.*, l. I, n. 124) escreve que o Governador partiu em Janeiro de 1553, levando consigo Nobrega e Francisco Pires. Franco dá o mesmo anno. O Visconde de Porto Seguro (*Hist.*, pg. 253) diz que a viagem só se verificou no fim de 1552. Hans Staden (ed. franc. Ternaux-Compans, pg. 78) esteve com Thomé de Sousa em S. Vicente, mas não declara em que mez e anno.

Si a armada em que foi Thomé de Sousa era dirigida por Pero de Góes, o que é muito provavel, porque este era então o Capitão-mór da costa, é certo que o Governador partiu da Bahia em fins de 1552, como se deduz de Fr. Gaspar da Madre de Deus (*Mem. da cap. de S. Vicente*, pg. 42) quando diz: "Tornou (Pero de Góes) a estas partes por capitão-mór de uma armada, que estava surta no porto de Santos aos 8 de Fevereiro de 1553"; citando documento do Cart. da Prov. de S. Paulo. — [Em sua carta de 1 de Junho de 1553, *Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*, III, 364/366, Thomé de Sousa escreveu a El-rei: "Eu cheguei a esta cidade do Sallvador de correr a costa como tinha espirito a V. A. no primeiro de mayo deste presente ano...]. — G.

(79) Este Padre era Salvador Rodrigues, o primeiro Jesuita que morreu no Brasil, a 15 de Agosto de 1553. Nobrega o deixou doente e lhe disse que não morresse até que voltasse. "Recebeu elle isto como mandado da Obediencia (diz Anchieta) e estando depois á morte parecia-lhe que não podia morrer contra aquelle mandado; até que o padre Luiz da Grã lhe tirou o escrupulo e lhe disse que bem podia, porque elle o desobrigava daquella obediencia e com isso se determinou de morrer com muita alegria." (*Mat. e Ach.*, I, pg. 72). Um dos Irmãos era Vicente Rodrigues e o outro Domingos Pecorella, segundo affirma Simão de Vasconcellos (*Chron.*, l. I, n. 137). Anchieta nas *Cartas quadr. de Maio a Setembro* de 1554 (*Ann. da Bibl. Nac.*, I, 61), escriptas de Piratininga, diz que Pecorella, recebido no Brasil, era interprete dos Indios e que havia morrido "não ha muito" "privado do uso da razão pouco antes da morte." Simão de Vasconcellos (*Chron.*, l. I, ns. 188/192) diz que este Irmão foi um dos primeiros admittidos na Bahia pelo padre Nobrega e que morreu no Collegio desta cidade a 24 de Dezembro de 1554; data que parece ser exacta á vista do testimonho de Anchieta.

(80) Já ahi se achavam os padres Leonardo Nunes, Diogo Jacome e Manuel de Paiva e alguns Irmãos admittidos no Brasil.

achar ahí Irmãos que entendiam a lingua e o Gentio menos escandalizado dos Christãos, me deixei ficar, e Vossa Mercê se tornou em paz (81).

Nesta capitania se fez algum fructo, posto que muito á força de braço, porque Nosso Senhor favorecia a salvação de alguns predestinados que tinha, que outra ajuda nenhuma não tinhamos, porque geralmente nesta terra todos são para estorvar o serviço de Nosso Senhor, e um só se não acha para favorecer o negocio de salvar almas.

Em todas estas capitancias, além d'estes peccados que tenho dito, notei outros, que muito mais que todos offendem a Divina Bondade e mais lhe atiram de rosto, porque são contra a charidade, amor de Deus e do proximo. E estes peccados têm sua raiz e principio no odio geral que os Christãos têm ao Gentio, e não sómente lhe aborrecem os corpos, mas tambem lhe aborrecem as almas, e em tudo estorvam e tapam os caminhos que Christo Nosso Senhor abriu para se ellas salvarem, os quaes direi a Vossa Mercê, pois já comecei a lhe dar conta de minha dôr.

Em toda a costa se tem geralmente por grandes e pequenos que é grande serviço de Nosso Senhor fazer aos Gentios que se comam e se travem uns com os outros, e nisto têm mais esperanza que em Deus vivo, e nisto dizem consistir o bem e segurança da terra, e isto approvam capitães e prelados, ecclesiasticos e seculares, e assim o põem por obra todas as vezes que se offerece, e d'aqui vem que, nas guerras passadas que se tiveram com o Gentio, sempre dão carne humana a comer não sómente a outros Indios, mas a seus proprios escravos. Louvam e approvam ao Gentio o comem-se uns a outros, e já se achou Christão a mastigar carne humana, para darem com isso bom exemplo ao Gentio.

Outros matam em terreiro á maneira dos Indios, tomando nomes, e não sómente o fazem homens baixos e Mamalucos, mas o mesmo Capitão, ás vezes! O' cruel costume! O' deshumana abominação! O' Christãos tão cegos! que, em vez de ajudarem ao Cor-

(81) Tambem se ignora o mez em que voltou Thomé de Sousa em 1553 e ainda o em que chegou á Bahia; suppõe-se porém que em Julho entregou o governo ao seu successor D. Duarte da Costa.

CARTA DO BRASIL (1559)

deiro, cujo officio foi (diz S. João Baptista) tirar os peccados do mundo, elles, por todos os modos que podem, os mettem na terra, seguindo a bandeira de Lucifer homicida e mentiroso desde o principio do mundo! E não é muito que sigam a seu Capitão gente, que não sei si alguma hora do anno está sem peccado mortal! Lembra-me que o anno passado disputei em direito esta opinião, e mostrei sua falsidade por todas as rezões que soube, e o mandei a meus Irmãos para se ver por lettrados.

D'este mesmo odio que se têm ao Gentio, nasce não lhe chamarem sinão cães, tratarem-nos como cães, não olhando o que dizem os Santos que a verdadeira justiça tem compaixão e não indignação, e quanto maior é a cegueira e bruteza do Gentio e sua erronia, tanto se mais havia o verdadeiro Christão apiadar a ter delle misericordia, e ajudar a remediar sua miseria quanto nelle fosse, á imitação daquelle Senhor, *qui venit quærere ovem quæ perierat* deixando as noventa e nove no deserto *et manducabat cum peccatoribus et publicanis*, o que veio a buscar não justos, mas peccadores para salvar, *et venit quærere et salvum facere quod perierat*, e disse: *beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur* e apiadou-se do roubado e ferido dos ladrões, deixado d'elles meio morto na deserto, o qual estes sacerdotes e Levitas d'esta terra deixam, passando sem d'elle fazer caso nem usarem de misericordia com elle. Outro peccado nasce tambem d'esta infernal raiz, que foi ensinarem os Christãos aos Gentios a furtarem-se a si mesmos e venderem-se por escravos. Este costume, mais que em nenhuma capitania, achei no Espirito Santo, capitania de Vasco Fernandes (82), e por haver allí mais disto se tinha por melhor capitania.

Em S. Vicente não usam isto aquelles gentios Tupinachins; mas os Christãos de S. Vicente no Rio de Janeiro haviam do Gentio do Gato muitas femeas que pediam por mulheres dando a seus paes algum resgate, mas ellas ficavam escravas para sempre. Em Pernambuco ha tambem muito trato d'este, principalmente depois das guerras passadas, que os Indios, por mais não poderem, davam.

(82) Coutinho, que, segundo Fr. Vicente do Salvador, chamava a sua capitania pela abundancia de viveres, *O meu Villão farto*.

O mesmo se introduziu nesta Bahia em tempo de D. Duarte (83), porque ainda em tempo de Vossa Mercê não havia disto nada, e isto depois da guerra passada, da qual os Indios ficaram medrosos, e por medo e sujeição dos Christãos, e tambem por cobiça do resgate, vendem os mais desamparados que ha entre elles. Os de Porto Seguro e Ilhéos nunca se venderam, mas os Christãos lhes ensinaram que aos do sertão, que vinham a fazer sal ao mar, os salteassem e vendessem, e assim se pratica lá os do mar venderem aos do sertão quanto podem, porque lhes parece bem a rapina que os Christãos lhes ensinaram e porque isto é geral trato de todos, me conveiu cerrar as confissões, porque ninguem quer nisto fazer o que é obrigado e têm toda outra cleresia que os absolve e lh'o approva.

Desta mesma raiz nasce darem-se pouco os Christãos pela salvação dos escravos que têm do Gentio, deixando-os viver em sua lei, sem doutrina nem ensino, em muitos peccados; e si morrem os enterram nos monturos, porque delles não pretendem mais que o serviço e para terem mais quem os sirva, trazem Gentios á casa para se contentarem de suas escravas, e assim estão amancebados Christãos com os Gentios. E porque não haja peccado que nesta terra não haja, tambem topei com opiniões lutheranas e com quem as defendesse, porque, já que não tinhamos que fazer com o Gentio em lhe tirar suas erronias por argumentos, tivessemos hereges com quem disputar e defender a Fé Catholica. Pois que direi das tyrannias, agravos e sem razões que se fazem aos Indios, maiormente nesta capitania e outras d'onde os Christãos têm algum dominio sobre os Indios? Vossa Mercê as poderá julgar, pois já cá esteve: de maneira que a sujeição do Gentio não é para se salvarem e conhecerem a Christo e viverem com justiça e razão, sinão para serem roubados de suas roças, de seus filhos e filhas e mulheres, e dessa pobreza que têm, e quem disso usa mais, maior serviço lhe parece que faz a Nosso Senhor, ou, por melhor dizer, a seu senhor, o principe das escuridades. Mui mal olham que a intenção do nosso Rei santo (84), que está em gloria, não foi povoar tanto por esperar da terra ouro nem

(83) 1553-1557.

(84) D. João III; morreu a 11 de Junho de 1557.

CARTA DO BRASIL (1559)

prata, que não a tem, nem tanto pelo interesse de povoar e fazer engenhos, nem por ter onde agasalhar os Portuguezes que lá em Portugal sobejam e não cabem, quanto por exaltação da Fé Catholica e salvação das almas.

Mas, pois Vossa Mercê ouviu os peccados da terra, ouça agora o cuidado que teve a Divina Justiça de os castigar. A capitania do Espirito Santo, onde mais reinava a iniquidade dos Christãos e onde os Indios estavam mais travados entre si com guerras, porque vissem que sua esperança que tinham nos Indios estarem diferentes não era boa, permittiu Nosso Senhor que se destruísse por guerra dos Indios, morrendo nella os principaes, como foi D. Jorge e D. Simão (85) e outros, e todos perderem com isso suas fazendas; e a terra, depois que de novo se tornou a povoar, sem haver emenda do passado, não deixa a vara do Senhor de castigar, porque poucos a poucos os vai consumindo, e misericordia é do Senhor mui grande que de todo os não destrue; mas não tem quietação com guerras e sobresaltos até agora de Indios e agora de Francezes, e os Topinachins de Porto Seguro que tinham por si e chegavam lá, tem agora levantados. E nestes trabalhos pereceu Bernaldo Pimenta e Manuel Ramalho (*), que eram os que mais zelavam contra o Gentio, que V. Mercê bem conheceu: e sobre tudo de con-

(85) D. Jorge de Menezes e D. Simão de Castello Branco. Estes dois fidalgos accompanharam a Vasco Fernandes Coutinho, quando veio conquistar e povoar a sua capitania do Espirito Santo. Gabriel Soares (pg. 72) diz que elles vieram por mandado "cumprir suas penitencias a estas partes." Como se vê, eram degradados e foram mortos na ausencia de Vasco Coutinho que tinha ido ao Reino.

De D. Jorge escreve Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Bras.*, l. 2^o, c. 4^o): "Ao qual logo os Gentios fizeram tão cruel guerra que lhe queimaram os engenhos e fazendas e a elle mataram a frechadas, sem lhe valer ser tão grande Capitão, e que na India Maluco e outras partes tinha feitas muitas cavallarias." Chamavam-n'o o de Maluco, acrescentando Jaboaão "por ter sido Capitão-mór desta fortaleza na India, vindo della capitulado para o Reino." (*Orbe Ser.*, Digr. IV, Est. III).

A respeito do segundo fidalgo, diz Fr. Vicente: "O mesmo fizeram a D. Simão de Castello Branco que lhe succedeu na capitania."

(*) Conf. Varnhagen, *Historia Geral*, I, 352, 4^a ed. — Manuel Ramalho houve de Antonio Paes um filho, o conego Jacome de Queiroz, mamaluco, natural do Espirito Santo, com 46 annos de idade em 1591, que figura tristemente na *Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil — Confissões da Bahia*, 54, e *Denunciações*, 399. — G.

MANUEL DA NOBREGA

tinuo têm guerras civis entre si, que pouco a pouco se consumem, e permittiu a Justiça Divina, a qual faz seu officio (86).

Esta capitania da Bahia me parece que tem o segundo logar na maldade e os peccados d'esta se parecem mais com os daquella, porque aqui ha menos Gentio que em nenhuma, e esse se dividiu em tempo de Vossa Mercê entre si; mas, porque nella havia os peccados que bem sabe, foi destruida, e seu capitão Francisco Pereira (87) comido dos Indios; e depois que El-Rei, que está em Gloria, a tornou a povoar com tanto zelo e com tanto custo, mandando a Vossa Mercê a lançar bons fundamentos na terra e Bispo e Clerigos e Religiosos para fazerem serviço a Nosso Senhor, e para que todos entendessemos em curar esta Babylonia; mas ella não ficou curada, mas permittiu o Senhor que fosse uma nau que levava o Bispo e a principal gente da terra (88), e fosse toda comida dos Indios (89). Alli acabaram clerigos e leigos, casados e solteiros, mulheres e meninos. Ainda escrevendo isto, se me renova a dôr que

(86) Com effeito, Vasco Fernandes Coutinho foi desafortunado nesta sua donataria. Delle escreve Gabriel Soares (pg. 74): "No povoar desta capitania gastou Vasco Fernandes Coutinho muitos mil cruzados que adquiriu na India e todo patrimonio que tinha em Portugal, que todo para isso vendeu, o qual acabou nella tão pobremente, que chegou a darem-lhe de comer por amor de Deus e não sei si teve um lençol seu, em que o amortalhassem."

(87) Coutinho. A seu respeito veja-se o que diz Capistrano de Abreu nos *Mat. e Ach.*, I, pg. 77. — [Francisco Coutinho foi morto "por mão de hum irmão do moço que elle mandára matar, de idade até de 5 annos, que o ajudarão a ter a espada, e segundo dizem o não comêrão" — *De algumas cousas notaveis do Brasil*, in *Revista do Instituto*, XCIV, 374] — G.

(88) A *Queixa* dos moradores da Bahia contra D. Duarte feita a 18 de Dezembro de 1556 dá a seguinte relação: "Antonio Cardoso de Barros, Lazaro Pereira, Francisco Mendes da Costa, Sebastião Ferreira, que ia por procurador da cidade, marido de Clemencia Doria, a sogra de Rodrigo de Freitas, a mulher de Braz Fernandes, seu pae Antonio Pinheiro, a velha que veiu com as orphãs, o capitão Boas, o Deão e outros dois Conegos, os quaes todos iam com assás aggravos a queixar-se a Vossa Alteza e fazendo muita falta na terra e todos morreram com outros muitos innocentes." — [Conf. Varnhagen, *Hist. Geral*, I, 366/367, 4ª ed.] — G.

(89) Blasques (Carta de 10 de Junho de 1557) diz que escaparam 10 pessoas. Fr. Vicente do Salvador (*Hist.*, l. 3º, c. 3º) escreve que apenas escaparam "dois Indios que iam da Bahia e um Portuguez que sabia a lingua." Jabotão (*Orbe Ser.*, Dig. II, Est. III) tambem observa que foram mortos todos e comidos, "menos dous Indios mansos da Bahia e um Portuguez, por serem linguas."

CARTA DO BRASIL (1559)

tive, quando vi que não havia casa em que não houvessem prantos de muitas viúvas e orphãos.

Pernãobucu tambem por seus peccados foi mui castigado e muitas fazendas perdidas, como é notorio.

S. Vicente, da mesma maneira, sempre perseguida dos contrarios, e em uma guerra que com elles tiveram morreram os principaes nella, mas não permittiu o Senhor que de todo se perdesse, tendo um Gentio tão grande e tão unido, sem haver entre elle as divisões que ha no das outras capitánias; mas porque tambem não conhece o dia de sua visitação, é cercada de todas as partes de seus inimigos, *scilicet*: contrarios e Francezes.

Pois que direi da capitania dos Ilheos e Porto Seguro, as quaes tambem têm um só Gentio todo conforme e grande? A estas duas capitánias dilatou mais Nosso Senhor o castigo, mas agora chegou o tempo em que pagou alguma cousa do que deve, e disto direi abaixo mais largo.

Deixo de dizer um geral açoute, que cada dia vemos nesta terra com perdas de barcos e gente comida dos Indios, a qual por experiencia veiu ser mais a que nisso se gasta, que a que se de novo accrescenta á terra. E disto podera contar muitas particularidades, as quaes, assim porque Vossa Mercê sabe já muitas, como por vir a outras que mais folgára de saber por serem de mais perto, as deixarei de dizer, e todavia não deixarei de relatar o açoute de Nosso Senhor que deu a esta Bahia nas guerras civis, que permittiu que houvesse entre o Bispo e o governador D. Duarte (90), o qual eu não tenho por o mais somenos castigo, o que mais damno fizeram na terra que as guerras que se teve com o Gentio, porque naquellas não morreu nenhum homem, e nestas se engendrou a morte a muitos e perderam a honra e fazenda, e a terra perdeu muitos po-

(90) Sobre essas dissensões vejam-se a carta do Bispo de 1554 e as do Governador e Jorge Fernandes de 1555, na *Rev. do Inst.*, XLIX (1886), p. 1^a, pp. 557/581; e ainda a *Queixa dos moradores da cidade do Salvador contra D. Duarte da Costa e seu filho e Pedro Borges*, feita a 18 de Dezembro de 1556, da qual possuem cópias Sua Magestade o Imperador (n. 5710 do *Cat. da Exp. de Hist. do Bras.*) e a Bibliotheca Nacional (n. 19587 do *cit. Cat.*).

MANUEL DA NOBREGA

voadores. E nisto note Vossa Mercê a bondade de Nosso Senhor, juntamente com sua justiça, que de tal maneira castigou que também houve misericórdia: não quiz que os Indios prevalecessem contra os Christãos, porque têm almas suas, creaturas que salvar entre elles, e da guerra bem dada ou mal dada soube tirar esse bem que os Indios ficassem sujeitos e medrosos e dispostos para agora receber o Evangelho, e a doutrina de Christo poder entrar com elles, como abaixo direi, e contentou-se seu furor com levar aquelles cento a ser comidos dos Indios.

Estando eu em S. Vicente, e sabendo a victoria dos Christãos e sujeição dos Gentios e que ao Bispo mandavam ir, parecendo-me que já se poderia trabalhar com o Gentio e tirar algum fructo, me tornei a esta cidade (91), trazendo commigo alguns Irmãos que soubessem a lingua da terra, e entre outras cousas, que pedi a D. Duarte, governador, para bem da conversão, foram duas, *scilicet*: que ajuntasse algumas aldeias em uma povoação, para que menos de nós bastassem a ensinar a muitos e tirasse o comer para carne humana, ao menos áquelles que estavam sujeitos e ao derredor da cidade, tanto quanto seu poder se estendesse. Não

(91) Nobrega só voltou á Bahia a 30 de Julho de 1556, tendo partido de S. Vicente a 3 de Maio, como já ficou dito. Os Irmãos que com elle chegaram, segundo Simão de Vasconcellos (*Chron.*, l. II, n. 4), foram o padre Francisco Pires e os Irmãos Antonio Rodrigues, Antonio de Sousa e Fabiano Lucena. Blasques, que estava na Bahia quando Nobrega chegou, diz que foram quatro Irmãos e um Padre, cujos nomes não declara. (Carta de 4 de Agosto de 1556). O seu testemunho deve ser pois insuspeito. O nome porém do outro Irmão por ora não se sabe; Anchieta, segundo parece, não foi, apezar do meu amigo Capistrano de Abreu dizer (*Mat. e Ach.*, I, pg. XIII) que elle accompanhou Nobrega á Bahia em 1556. 1º, porque em Dezembro de 1556 escrevia Anchieta uma carta de Piratininga (*Ann. da Bibl. Nac.*, I, 268), em que refere que em o 1º de Novembro elle e mais Irmãos passaram-se e entraram em procissão na igreja nova do mesmo logar; 2º, porque escreveu também as *Lettras quadr. de Setembro a Dezembro* de 1556, como se vê na carta quadr. de 1 de Janeiro até Maio de 1557, dat. de Piratininga em o fim de Abril deste anno; 3º, porque não parece provavel que si Anchieta tivesse chegado á Bahia a 30 de Julho com Nobrega, já em Setembro ou Outubro estivesse em Piratininga de volta.

Nobrega na 15ª carta (de Piratininga, 1556) diz: "Nem com eu agora levar cinco ou seis que imos, delles para o Espirito Santo, delles para a Bahia." Agora, si ficou algum Irmão no Espirito Santo é o que também não sei por emquanto.

CARTA DO BRASIL (1559)

lhe pareceu a elle bem, nem a seu conselho, porque Sua Alteza lhe tinha mandado que desse paz aos Indios e não os escandalisasse: mas todavia nos favoreceu em duas egrejas que fizemos de palha, das quaes se visitavam quatro aldeias aqui perto da cidade, e lhes mandou que não comessem carne humana, de tal maneira, que ainda que a comessem, não se fazia por isso nada, e assim a comiam a furto de nós e pelas outras aldeias ao derredor, mui livremente.

Nós, por ter que fazer alguma cousa, ensinavamos a doutrina; havia eschola de meninos em cada uma d'estas duas egrejas, pregavamos o Evangelho com muita desconsolação, pedindo a Nosso Senhor que alguma hora tivesse por bem que nossos trabalhos não fossem sem fructo. Neste tempo nos levou Nosso Senhor ao nosso companheiro o padre Navarro, que era um grande operario d'esta obra, e, como tinha atravessado nas entranhas o zelo e amor da conversão dos Gentios, *usque in finem dilexit eos*, porque morrendo disse que por isso sómente partia triste d'este mundo, por não ver cumpridos seus desejos; mas eu creio que Nosso Senhor ouviu lá suas orações mais perto, e concedeu-nos que d'ahi a pouco tempo viesse Men de Sá com um regimento de Sua Alteza, em que o mandava mui de preposito ajudar a conversão, por paz ou por guerra, ou como mais conveniente fosse. E agora começarei a contar o estado d'esta terra mais pelo miudo, si Vossa Mercê tiver paciencia para o ouvir, pois que o dito até agora foi relatar cousas e trazel-as á memoria, que Vossa Mercê já saberá.

Como Men de Sá tomou a governança, começou a mostrar sua prudencia, zelo e virtude, assim no bom governo dos Christãos como do Gentio, pondo tudo na ordem que Nosso Senhor' lhe ensinou; primeiramente cortou as longas demandas que havia, concertando as partes, e as que de novo nasciam atalhava da mesma maneira, ficando as audiencias vacias e os procuradores e escrivães sem ganho que era uma grande immundicia que comia esta terra e fazia gastar mal o tempo e engendrava odios e paixões. Tirou quanto pôde o jogo, que era outra traça, fazendo a todos entender em seus trabalhos com fructo, e, evitado este, se evitaram muitas offensas de Nosso Senhor, como blasphemias e rapinas que

na terra havia; (*) finalmente mostrou-se mui diligente em tudo o que pertencia a serviço de Deus e d'El-Rei.

Acabou o engenho, e acabará cedo a Sé (**), e com exemplo de sua pessoa convida a todos a bom viver de tal maneira, que sabe Nosso Senhor quanta inveja lhe eu tenho. Na conversão do Gentio nos ajudou muito, porque fez logo ajuntar quatro ou cinco aldeias que estavam derredor da cidade, em uma povoação junto ao rio Vermelho, onde pareceu mais conveniente, para que toda esta gente pudesse aproveitar-se das roças e mantimentos que tinham feito, e aqui mandou fazer uma igreja grande, em que coubesse toda esta gente, a que chamam S. Paulo. Mandou apregoar por toda a terra, *scilicet*: oito e nove leguas ao derredor, que não comessem carne humana, e por se mostrar ao Gentio foi ouvir a primeira missa dia de S. Paulo (92), acompanhado de todos os Principaes da terra, e naquella dia se baptisaram muitos, onde deu a todos de comer, grandes e pequenos; esta será uma legua da cidade. Outra igreja mandou logo fazer, de S. João Evangelista, quatro ou cinco leguas de cidade, onde se ajuntaram outras tantas aldeias do Gentio de Mirãgaoba. A terceira mandou fazer onde chamam o rio de Joanne, esta se chama Sancti Spiritus; aqui ha mais gente junta que em todas; está sete ou oito leguas da cidade, perto da costa do mar. Nestas tres igrejas se faz agora muito serviço a Nosso Senhor, e o Gentio vai conhecendo que só a Jesu Christo se deve crer, amar e servir.

As cousas que nisto ha particulares para muito dar graças a Nosso Senhor, faço eu escrever a meus Irmãos; si muito desejo tiver de a saber, elles lh'o dirão lá.

(*) No capitulo quarto do *Instrumento dos serviços de Men de Sá, Annaes da Bibliotheca Nacional*, XXVII, 131, lê-se: "Ao tempo em que vim a estaa cidade avia nella muitas demandas, jogos de cartas e alguuns hodos. Encurtei as demandas, consertando as partes e com outros mejos tirej os odios, fazendo amizadees." Fr. Vicente do Salvador, *Historia do Brasil*, 165, ed. de 1918, a proposito das demandas, narra o seguinte: "E assim cessaram as demandas, de modo que, fazendo o doutor Pedro Borges, ouvidor geral, uma vez audiencia, não houve parte alguma requerente, do que levantando as mãos ao céu, deu graças a Deus." — G.

(**) Conf. capitulos nono e decimo do *Instrumento* citado, 132. — G.

(92) Provavelmente dia da Conversão de S. Paulo, a 25 de Janeiro de 1558. E' mais uma prova que Men de Sá chegou á Bahia em 1557.

CARTA DO BRASIL (1559)

Em todas ha eschola de muitos meninos; pequeno nem grande morre sem ser de nós examinado si deve ser baptisado, e assim Nosso Senhor vai ganhando gente para povoar sua Gloria, e a terra se vai pondo em sujeição de Deus e do Governador, o qual os faz viver com justiça e razão, castigando os delinquentes com muita moderação, com tanta liberdade como aos mesmos Christãos. E cada povoação d'estas tem seus meirinhos, os Principaes d'ellas, os quaes por mandado do Governador prendem e lhe trazem os delinquentes, e assim lhes tira a liberdade de mal viver e os favorece no bem.

Além d'estas tres estão juntas outras muitas aldeias em duas povoações grandes, e estas não têm egrejas porque esperam por sacerdotes e quem resida entre elles, mas sómente são visitadas a tempo das outras casas, porque somos poucos e não podemos supprir a muita messe que ha, e por esta causa não entendemos em Apacê e Cirigype, e na ilha de Tapariqua e no Pará açú, nos quaes ha já apparelho para se tratar com elles, si tivessesmos Padres: tudo isto se deve a Nosso Senhor e ao bom zelo do Governador. E des que eu isto vi na terra, comecei a resuscitar e já não quero ser hectico, nem morrer, por dar graças muitas a Nosso Senhor e ter que o louvar em suas misericordias e me alegrar não sobre um só peccador que faz penitencia, mas sobre muitos que de sua infidelidade se convertem a Christo.

Mas o imigo da humana geração, a quem muito magoaram estas obras, trabalha pelas estorvar e nos desconsoalar, tomando por seu instrumento muitos maus que ha nesta terra, os quaes não favorecem nada esta obra, mas por muitas maneiras trabalham cerrar as portas todas á salvação do Genticio, pelo odio que communmente se tem a esta geração, e o primeiro golpe que começou a dar foi desinquietar os Indios de S. Paulo, tomando-lhe suas terras e roças, em que primeiro estiveram de posse e nunca fizeram por donde as perdessem, antes na guerra passada estes ajudaram aos Christãos contra os seus proprios. A causa que tinham os Christãos por si não era outra sinão que as haviam mister, e porque nisto o Governador e eu estorvamos essa tyrannia, contra elle e contra mim conceberam má vontade, o que me fez lembrar

MANUEL DA NOBREGA

da dada de terras que Vossa Mercê deu a este Collegio, e fiz as marcar e achou-se que as mais de aquellas terras que os Indios possuíam, estavam na nossa dada, e por isso abrandou alguma cousa sua perseguição; mas os Indios que acertaram a ter terras fora da nossa dada ainda agora são perseguidos, e sendo agora os Indios com o Governador á guerra dos Ilhéos, cá lhes tomam suas roças e os perseguem ainda.

Outra grande desinquietação se dá aos Indios, por gente de mau viver, que anda entre elles e que lhes furtam o que têm e lhes dão pancadas e feridas pelos caminhos, tomando-lhes seu peixe, furtando-lhes seus mantimentos. E nisto não póde haver justiça, porque recebe cá o Ouvidor Geral uma opinião mui prejudicial, que sem prova de dois ou tres Christãos brancos não se castiga nada, ainda que seja notorio, pelos Indios, a qual prova é impossivel haver-se, e assim fica tudo sem castigo. Outros muitos estorvos temos, os quaes conhecerá pelos casos particulares que contarei.

Bem alembrará a Vossa Mercê como em seu tempo se dividiram estes Indios desta Bahia, *scilicet*: os do Tubarão com os de Mirangaoba, com que Vossa Mercê folgou muito e os Christãos todos, e em tempo de D. Duarte se encarniçaram tanto em tão grande crueldade, que cada dia se matavam e comiam, porque não estavam mais de meia legua uns dos outros, e desta cidade duas ou tres, e tão desassocegados andavam que não era possivel poder-se-lhes ensinar doutrina a uns nem a outros. Pelo qual mandou o Governador ajuntal-os de uma parte em povoações sobre si, e mandou-lhes que em mentes se ajuntavam, não guerreassem, nem tambem queria que fossem amigos, a que elles obedeceram; e depois de juntos, tendo já contentamento do bem da paz, não quizeram guerrear, nem tão pouco estão amigos, posto que alguns parentes se entram a furto, os quaes com as guerras d'antes ficaram divididos, por se acharem daquella banda. Estes, assim uns como outros, são agora doutrinados, e todos bem sujeitos á obediencia do Governador. Por esta causa, se levantou tambem grande murmuração entre os Christãos, dizendo que os deixassem co-

CARTA DO BRASIL (1559)

mer que nisso estava a segurança da terra, não olhando que, ainda para o bem da terra, é melhor serem elles christãos e estarem sujeitos, que não como de antes estavam, pondo mais confiança nos meios de Satanaz que nos de Christo, maiormente em tempo que os Christãos estão tão poderosos contra elles, e elles estão sujeitos e abatidos que soffrem a quem quer dar-lhes muita pancada, posto que seja longe d'aqui.

E cuida esta gente do Brasil que, estando os Indios diferentes, não poderá Nosso Senhor castigal-os si quizer, e não escarmentam ainda, vendo quão mal foi a terra toda, e quanto castigou Nosso Senhor o pôr nisso e em tomarem as filhas dos Indios por mancebas, e em outros semelhantes ardis, e não nelle, a confiança, pois nas capitánias em que elles estavam mais divisos e mais amancebados com as filhas do Gentio, deu maiores trabalhos como acima disse na guerra em que a capitania do Espirito Santo se destruiu; estando todos os Indios entre divisos, se fizeram amigos para contra os Christãos, porque a Justiça Divina o queria assim. Melhor conselho seria fazer penitencia e emenda de seus peccados, e assim teriam a Nosso Senhor de sua parte, e deixava sua justiça de os castigar, e porque eu isto não vejo, antes se multiplicam os peccados e a gente se diminue, temo perder-se tudo.

Outros zelando por parte dos Indios, ou por parte de Satanaz, murmuram por serem presos e castigados por seus delictos, e por serem apremiados á doutrina e a bons costumes, temendo que por isso se levantem, e não murmuram pelas sem razões que elles fazem aos Indios que é maior occasião de se elles amotinarem, porque nós, posto que por uma parte os apremiamos a bem viver, por outra lhes mostramos entranhas de amor, pugnando por elles em tudo e defendendo-os de tyrannias e servindo-os e curando-os de suas enfermidades com muito amor, de que elles são bem em conhecimento, e por outra parte estes Christãos, si algum Indio lhe prejudica em uma palha de sua fazenda, querem logo que seja crucificado.

Acima disse como o Governador mandára notificar a estes da Bahia que não comessem carne humana; muitos obedeceram, mas

não um Principal da ilha de Corurupeba (93), que está pela bahia dentro sete ou oito leguas, que matou e comeu com festas seus escravos, e sobre isso não quiz vir a chamado do Governador, falando palavras de muita soberba, porque estes nunca haviam conhecido sujeição, e entrava-se com estes de novo, pelo que mandou o Governador a Vasco Rodrigues de Caldas, com quinze ou vinte homens buscal-o por força, e trouxeram ao pae e filhos presos, sem os seus ousarem a os defender. Este foi o formento de grande escandalo nesta terra, porque tiveram logo os maliciosos que murmurar e occasião de levantar mentiras: disseram que aquelles Indios haviam morto certos escravos do engenho que foi de Antonio Cardoso que lá estavam perto, e como se conheceu ser mentira, disseram que um barco que o Governador havia mandado a Tatuapara o haviam os Indios tomado e morto a gente, tudo por entristecerem ao Governador, o que tambem logo se soube ser mentira. Este Principal esteve preso perto de um anno e agora é o melhor e o mais sujeito que ha na Terra.

Por estas cousas têm concebido todos grande aborrecimento ao Governador, uns porque lhes tirou o ganho das demandas que antes havia, outros porque perderam a liberdade que antes tinham de jogar e adulterar, outros porque os obriga a trabalhar nas obras d'El-Rei e em prol da terra, maiormente aos que têm soldo d'El-Rei, os quaes antes viviam mui á larga, e os outros porque lhes não pagam á sua vontade, e nisto só têm alguma razão; mas não sei si tem nisso o Governador culpa, pois não o ha tanto que baste a contentar a todos, mas a maior occasião que têm de o aborrecerem de graça é isto que tenho dito dos Indios e ainda direi mais por onde conheça o que tenho dito e o estado da terra.

O ajuntar dos Indios que o Governador faz, para se melhor poderem doutrinar, deu tambem muita occasião de escandalo a muitos que tinham Indios perto de suas fazendas, dos quaes se ajudavam em seus serviços, deixando-os viver em seus costumes e

(93) Simão de Vasconcellos (*Chron.*, 1.º II, n. 53) diz que este Principal "chamava-se entre os seus Cururupeba, que em nosso fallar vem a dizer *Sapo bufador* " A etymologia vai por conta do chronista. Provavelmente a ilha tomou o nome do Principal.

CARTA DO BRASIL (1559)

morrer sem baptismo, nem haver quem lhes lembrasse a Jesu Christo Nosso Senhor: outros, depois que viram o Gento, com estas cousas que se fizeram entre elles, domados e mettidos no jugo e sujeição que nunca tiveram, cobigaram ser repartidos para seu serviço, como se fez nas Antilhas e Perú e assim o pediu a Camara ao Governador: mas a elle não lhe pareceu bem por não haver causa para isso justa, porque os mais delles nunca fizeram por d'onde merecessem isso, antes na guerra passada se lançaram da banda dos Christãos, e para os que foram na guerra passada tão pouco havia causa justa, pois a guerra não se houve lá por justa da parte dos Christãos e mandou El-Rei, que está em Gloria, restituil-os em suas terras, como de antes estavam, e já que lh'os houvessem de repartir, como no Perú, haviam de ser obrigados a terem um Padre para sua doutrina como lá tambem se costuma, o que esta gente não póde fazer, assim por não terem possibilidade de manter um Capellão, como tambem porque não se tracta de salvar almas nesta terra, sinão de qualquer seu interesse, e dos proprios seus escravos se tem tão pouco cuidado que os deixam viver como Gentios e morrer como bestas e assim os enterram pelos monturos e não é muito, pois elles de suas proprias têm tão pouco cuidado de as salvar e muito por enriquecer e levar boa vida, segundo a carne nos vicios e peccados que, segundo a pobreza da terra, se póde ter nella.

Bem me pareceria a mim conquistar-se a terra e repartir-se os Indios por os moradores obrigando-se a doutrinal-os, que ha hi muitos que podem a sujeitar, mas não ha hi homem que por isso queira levar uma má noite, e si o Governador por segurança da terra quer fazer alguma cousa ou castigar algum Indio todos lh'o estorvam e ninguem o ajuda; e agora que vêm os Indios sujeitos sem custar sangue de Christão nenhum, nem guerra (posto que da passada ficaram amedrontados); agora que estão juntos com egrejas para se doutrinarem; agora os querem repartidos, e assim não falta quem vá tirar nossos Indios que temos juntos com muito trabalho e leval-os ás suas roças a viver; e muitos vão por fugir á sujeição da doutrina e viverem como seus avós e comerem carne humana como de antes.

Estas cousas todas e outras desta qualidade que o Governador não consinte e outras que faz, conformando-se connosco no que nos parece gloria de Deus e bem das almas e proveito da terra, engendram escandalo em todos e tumulto no povo contra elle e contra nós, porque sempre no serviço de Nosso Senhor ha cousas contrarias ao que pretendem de seus interesses e a estas accrescentam mil falsidades e mentiras que levantam, porque assim é costume do povo, quando está mal affeigoadado.

Agora entram os queixumes que eu tenho de Garcia d'Avila: é elle um homem com quem eu mais me alegrava e consolava nesta terra, porque achava nelle um rasto do espirito e bondade de V. Mercê de que eu sempre muito me contentei, e com o ter cá me alegrava, parecendo-me estar ainda Thomé de Sousa nesta terra. Tinha elle uns Indios perto de sua fazenda. Quando o Governador os ajunctava, pediu-me elle lhe alcançasse do Governador que lh'os deixasse, promettendo elle de os meninos irem cada dia á eschola a S. Paulo, que estava meia legua d'elle, e os mais iriam aos domingos e festas á missa e pregação. Concederam-lhe; mas elle teve mau cuidado de o cumprir, sendo de mim muitas vezes admoestado, antes deixava viver e morrer a todos como Gentios; e tinha alli um homem que lhe dava pouco por elle nem os escravos, e muito menos o Gentio irem á missa. Pelo qual fui forçado de minha consciencia a pedir que os ajunctassem com os outros em S. Paulo, e posto que ainda lh'os não tiraram, comtudo elle muito se escandalisou de mim, assim que, nem a elle, nem a outro nenhum já tenho nem quero mais que a Deus Nosso Senhor e a razão e justiça, si a eu tiver.

Tambem começou a entender com os do Para aquí e com os da ilha de Tapariqua, que são todos uns; e isto por razão dos escravos dos Christãos que para elles fugiam e não os davam e isto contentou a todos, porque lhes tocava em seu proveito. Os de Tapariqua obedeceram, mas os do Pera aquí muitos delles não quiseram paz nem dar os escravos, antes tomaram um barco de Pero Gonçalves (*), de S. Thomé, com ferramenta que levava, e os negros

(*) A este Pero Gonçalves, ou outro de igual nome, declarou Men de Sá em seu testamento, Varnhagen, *Historia Geral*, I, 450, 4ª ed., dever seis

CARTA DO BRASIL (1559)

de Guiné fugiram e esconderam-se pelos matos e por isso escaparam. Depois sendo requeridos com paz e com restituirem o barco e os escravos, não quizeram, pelo qual lhe pareceu mandar a elles com conselho de muitos a tomar-lhes os rodeiros, que tinham feitos com que determinavam fazer a guerra aos Christãos, e mandou a Vasco Rodrigues de Caldas com a gente e barcos que poude, o qual deu nelles, sahindo em terra, matando muitos e trazendo outros captivos. Aqui se quebrou o desencantamento do Para açú, onde ninguem ousava sahir em terra e perderam os Christãos o medo que tinham áquelle Gentio, vindo com muita victoria, sem lhes matarem ninguem.

Não puderam muitos que aborreciam ao Governador dissimular sua paixão do bom successo e porventura folgaram mais de succeder alguma desgraça ao Governador para ficar mais desacreditado em suas obras.

Com esta boa fortuna alguns Indios principaes do Para açú vieram a pedir paz ao Governador, trazendo-lhe o barco dos Christãos que haviam tomado aos outros para com elle alcançarem paz para si, ficando os outros em sua pertinacia e fazendo-se fortes. Tornou a elles Vasco Rodrigues e deu em uma aldeia que estava meia legua do mar, por um caminho mui aspero que andaram de noite e deram nella, que era grande e toda a gente mataram, porque os tomaram dormindo, salvo vinte ou trinta pessoas, meninos e mulheres, que trouxeram por escravos, de que não escapou mais de um Indio ou dous, mal feridos, para levarem novas aos outros.

Outra vez, terceira, tornou lá Vasco Rodrigues já com maior animo dos Christãos e todo perdido o medo; queimou muitas aldeias, matando muitos sem lhe matarem ninguem.

E com esta se renderam os mais e pediram paz e se fizeram tributarios a El-Rei, obrigando-se a pagar certa farinha e gallinhas e de não comerem carne humana e serem sujeitos e christãos, como lá lhes mandassem Padres, os quaes eu desejo que haja para lhes dar e fazer-lhes lá egrejas, dando elles cá alguns filhos para

vaccas, entregues em Julho de 1568, e mandou lh'as restituisssem, e, sendo paridas, com as crianças. — G.

MANUEL DA NOBBEGA

segurança e refens, agora pelo principio que elles darão de boa vontade; o mesmo fizeram os de Tapariqua e os de Tinharé e todos desejam estar bem com os Christãos e se obrigam a pagar o tributo que tenho dito.

A mim me alembra ser este mesmo o espirito que regia a Vossa Mercê quando governava esta terra e commigo o praticava muitas vezes, desejando sujeital-os e dar-lhes qualquer jugo e tinha entonces muito maior apparelho e muito mais gente que agora, mas estorvaram os meus peccados e a gente desta terra, a qual tinha tão impresso na mente o medo que lhe ficou da guerra de Francisco Pereira (94) e do Espirito Santo, que por ali queriam medir tudo, não lançando suas contas com Deus, nem lhe lembrando sua gloria e honra e salvação das almas e que Nosso Senhor sempre favorece quem anda por seus caminhos e dá graça aos humildes e resiste aos soberbos que fóra d'elle põem sua confiança, porque amam a paz que o mundo dá, mas Christo a aborrece.

O' si entonces Vossa Mercê começara, quantas almas se ganharam em Nosso Senhor! Favorecera e povoára a terra melhor do que a povoou e levava tudo melhor fundamento, porque se fundaram na pedra viva que é Christo Nosso Senhor, e para maior prova desta verdade que só em Christo e com Christo se devem fundar estas cousas lhe contarei outro caso que aconteceu.

A capitania dos Ilheos e Porto Seguro, as quaes tinham o genio Topinachim grande e todo amigo, e que mais favoravel se mostrou sempre aos Christãos e em cuja amisade os Christãos confiavam muito e mais perseveravam que outro nenhum da costa, havendo nestas capitancias muita gente, mas mui pouco temor de Deus, nem zelo de sua honra, mas muitos peccados e favoreciam o comer da carne humana e ensinavam-lhes outros peccados, que elles nem seus avós tinham, porque esta gente do Brasil não tem mais conta que com os seus engenhos e ter fazenda, ainda que seja com perdição das almas de todo o mundo, aconteceu que por matarem um Indio em Porto Seguro e outro nos Ilheos, sem lhes fazerem satisfação de justiça, elles se levantaram e mataram dous

(94) Coutinho, o infeliz donatario da Bahia.

CARTA DO BRASIL (1559)

ou tres homens que acharam no caminho dos Ilheos para Porto Seguro e deram em una roça de Christãos nos Ilheos e passando pelo engenho de S. João, em que estava Thomaz Alegre, metteu Nosso Senhor tanto medo nos ossos dos Christãos que despovoam o engenho, sem Indio atirar flechas; antes se crê que já satisfeitos da morte dos seus se contentavam, porque a muitos Christãos que puderam matar e roubar mui liberalmente deixaram ir. Como isto se soou entrou o mesmo medo nos outros engenhos e sem verem Indio despovoam e largam tudo, recolhendo-se na villa, o que vendo os Indios, ao recolher de Thomaz Alegre, lhe tomaram alguns escravos que puderam alcançar e entraram e roubaram o que acharam nas fazendas; e assim postos os Christãos em cerco, mandaram pedir soccorro a esta Bahia ao Governador de gente, munição e mantimentos, porque não comiam sinão laranjas. E agora ouça o que succedeu.

Pondo o Governador isto em conselho, uns diziam que elle devia de ir e outros que não, mas, finalmente, por um só voto de mais, se determinou que fosse: mas como as principaes pessoas eram de opinião que não fosse e esta opinião agradava mais aos pobres, porque estes são por derradeiro os que se levam e deixam suas casas e temiam levarem-nos, depois de todavia se determinar sua ida, contentando-se mais de suas razões que não da obediencia e parecer do Governador e dos outros, entrou em muitos a murmuração, semelhante á de Judas que dizia: *potest unguentum istud venundari multo et dari pauperibus, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat*, e assim esta gente, havendo de consolar e animar aos pobres que haviam de ir, diziam que para que era leval-os e tirar a gente de suas casas e isto não por se tanto doerem delles, como por temerem que poderia cahir o céu e suas fazendas correrem ventura, não vendo que o Governador levava muita gente dos Indios e os que ficavam não haviam de ousar de bolir comsigo, maiormente estando tão sujeitos, nem olhavam que em tempo de tão extrema necessidade como estavam, havia obrigação de lhes soccorrer. E com este desgosto que todos os principaes tinham e a gente popular bramava, se embarcou o Governador sem haver quem o ajudasse naquella armada, pobre, feita mal

e por mal cabo e mal aviado, com muita desconsolção, que houvera Vossa Mercê lastima si o vira, como o eu vi, porque uns não ajudavam, outros estorvavam, outros mordiam e todos com fastio e outros o desacatavam, de maneira que como a homem de capa cahida quem quer se lhe atreve, porque dizem que não tem lá no Reino ninguem por si e tudo lhe convertem em mal, até a morte de seu filho (95), que elle sacrificou por esta terra. Mas neste negocio, de Garcia d'Avila só sei que se lhe offereceu para ir com elle, porque quando é tempo sabe bem usar da boa criação que Vossa Mercê nelle pôz; mas o Governador o escusou: outro se lhe offereceu, parecendo-lhe que tambem o escusasse o Governador, mas lançando mão por sua palavra, se tornou a escusar, querendo mais padecer vergonha no rosto que magua no coração. Desta maneira o tractam, mas elle se ha com muito soffrimento e paciencia em tudo.

Depois de embarcado, ventando sudoeste e sendo a força do inverno, quiz Nosso Senhor haver piedade daquellas almas que nos Ilheos estavam e se mudou ao nordeste, vento prospero, com que em dois dias chegou lá e achou-os em tanto aperto que, si mais tardara oito dias, dizem que os achara comidos dos Indios, e si tiveram embarcação todos houveram já despovoado, e logo que chegou, tomada a informação da terra, desembarcou á meia noite, começou a caminhar pela praia com a sua gente e outra da terra, que toda estava sem alma e sem espiritos vitaes e com sua ida tornaram em si e foi-se pela praia, pelo caminho que vai para Porto Seguro, e tomaram umas espias dos Indios que foram logo mortas e presas; foram dar em um aldeia, onde mataram tres ou qua-

(95) Fernão de Sá, na conquista do Espirito Santo. Veiu com Men de Sá e morreu antes do 1º de Junho de 1558, porque na carta do Governador desta data já falla na sua morte. Fr. Vicente do Salvador (*Hist. do Bras.*, l. 3º, c. 7º) narrando os acontecimentos assim conclue: "Feito isto se foram (os companheiros de Fernão de Sá) a S. Vicente e d'ahi á Bahia, onde o Governador os não quiz ver sabendo como haviam deixado matar seu filho, e quando elles não tiveram esta culpa, nem por isso a devemos dar ao pae em fazer extremos pela morte de tal filho." [Conf. capitulo decimo quarto do *Instrumento* citado, 132/133. A morte do filho do governador occorreu antes do ultimo de Abril de 1558, porque a ella já se refere o irmão Antonio Blasques, em sua carta daquella data, *Revista do Instituto*, XLIX, parte 1ª, 28]. — G.

CARTA DO BRASIL (1559)

tro pessoas, porque os mais fugiram e não puderam mais fazer que lhes queimar as aldeias, tornando-se a recolher para a villa; vinham os Indios ladrando de traz ás frechadas: metteu-se Vasco Rodrigues que levava a dianteira em cilada no matto e deixou-os passar, e como os teve deante de u nelles e mataram um só os Christãos, porque todos se acolheram ao mar, com os quaes se lançaram tambem os nossos Indios da Bahia que o Governador levou e foram nadando uma grande legua e lá tiveram uma forte batalha; mas os nossos, ajudando-os o Favor Divino, sendo já alguns dellés christãos, mostraram muito esforço e mataram lá alguns e outros trouxeram mal feridos, que na praia acabaram de matar. Outras vezes foram a outras partes e não acharam já Indios, que todos se afastaram longe. De todas estas vezes foi o Governador em pessoa, e todos se espantam de seu animo e forças, porque elle mostrou sentir menos o caminho, sendo elle de muitas subidas e muitas aguas e matos mui bravos (*).

Depois veiu outra nova, e é que, parecendo aos Indios dos Ilhéos que o Governador seria ido, porque viram sahir alguns barcos e navios, os quaes mandava o Governador buscar mantimentos e a buscar Indios que pediam pazes e se offereciam a pelear contra os outros, dizendo que não foram consentidores do que os outros fizeram, determinaram de vir ao salto e vieram ter a uma roça de André Gavião, onde estavam oito negros de Guiné, doentes e tristes, e foi mandado Vasco Rodrigues com a gente a fazer-lhes cilada e puzeram-se em quatro partes, para não poderem escapar por nenhuma, e entraram na cilada sessenta negros valentes, homens e mancebos, e todos foram tomados, sem nenhum escapar: os quarenta mataram ahi logo, os vinte trouxeram, os quaes o Governador tem para por elles haver algumas crianças que ainda estão em poder dos Negros e alguma fazenda dos Christãos; mas, todavia, os outros Negros de Guiné acharam mortos por estes 60 antes que a cilada se descobrisse. Dizem que d'ahi, jornada de dous dias, se faziam fortes os Indios com cerca; esperava-se por bom tempo para darem nella, e, si estes forem vencidos pela misericor-

(*) Conf. capitulo decimo quinto do *Instrumento* citado, 133. — G.

MANUEL DA NOBREGA

dia de Nosso Senhor, acabar-se-á aqui, porque todos os mais pedem pazes, e na verdade mostram-se sem culpa e submettem-se á obediencia. Vinham umas canôas de Indios do rio das Caravellas, e foram tomadas, em que vinha uma grande Santidade sua; estes todos e seus parentes se querem vir viver aos Ilhéos, para os guardarem e defenderem, os quaes dizem que são de outra geração, que já em outro tempo se comiam com estes que deram a guerra, do que eu tambem collijo que, quando Deus quer ajudar, os amigos se fazem inimigos em favor dos Christãos, e quando quer castigar, faz dos inimigos amigos: e uma cousa e outra se viu nesta terra por experiencia. E por isso em Nosso Senhor só se deve esperar, como diz o sabio no Ecclesiastico: *respicite, filii, nationes hominum et scitote quia nullus sperabit in Domino et confusus est; e o propheta diz: spera in Domino et fac bonitatem.*

Deste negocio se deve muito a Vasco Rodrigues de Caldas, a quem Nosso Senhor deu tão boa fortuna como até agora tem dado e por seu esforço tira o medo aos Christãos desta terra e se crê que os Indios não são serpes, mas gente nua, dos quaes estou espantado, porque não parecem que são da casta dos Portuguezes que lemos nas chronicas e sabemos que sempre no mundo tiveram o primado em todas as gerações e pelas historias antigas e modernas se lê. Estando tanta gente nos Ilheos, sem verem mais queimarem uma casa de uma roça, largam engenhos e fazendas e quanto tinham e põem-se em um oiteiro, vendo que lhes matavam o gado e lh'o comiam perante elles e todos encurralados, que seriam mais de mil almas de peleja com escravos e tudo! E o mesmo será de todas as outras capitancias, em mentes o Gentio não fôr senhoreado por guerra e sujeito, como fazem os Castelhanos nas terras que conquistam e no Paraguay o fizeram com mui pouca gente, senhoreando o maior Gentio que ha na terra; e assim estão as fazendas e vidas dos homens na mão dos Indios cada vez que quizerem, si não fôr nesta Bahia, onde já o Gentio está sujeito e medroso, este que está perto dos Christãos. Meu conselho seria ou bem se ganhar e se segurar ou largal-a, porque si se espera que com qualquer paz se irá povoando, eu vejo que cada vez ha menos gente, menos resistencia aos Indios e mais gente vai do que vem, e outros que mor-

CARTA DO BRASIL (1559)

rem á mão de Indios, em barcos que se perdem. Si isto fosse, os Indios seriam christãos e a terra se povoaria em serviço de Deus Nosso Senhor e em prol do Reino.

Em S. Vicente, onde eu creio que ha mais gente para senho-rear Indios que em nenhuma capitania, porque além de haver mui-tos Brancos e Mamalucos, ha ahi muita escravaria, não se tracta de ganhar a terra, sinão de se darem á boa vida e com ardis e manhas mui prejudiciaes ás suas almas e com peitarem os Indios querem lograr suas cans com queixadas sãs, e assim vivem á mer-cê dos Indios.

O anno passado me escreveram que vieram os Castelhanos a vingar a morte de alguns Christãos e Indios Carijós, que os Tupis de S. Vicente haviam morto, havendo o Capitão do Paraguay feito pazes entre os Tupis e Carijós, que não lhe cumpriram, pelo qual vieram Castelhanos e Carijós a vingar isto e foi a mortandade tanta que fizeram nos Tupis, que despovoaram o rio Grande e vinham fugindo para o mar de S. Vicente, o qual conheceram os Indios e por isso determinaram de se vingarem nos Portuguezes de S. Vicente e vinham com determinação de matarem os christãos de Gerabatiba (96), e lá houveram de ir tambem meus Irmãos de Piratininga, si Nosso Senhor não socorrera e foi que metteu na vontade a dois Principaes do campo, os quaes detiveram a muita gente que já caminhava com aquelle mau proposito e fizeram os tornar. A gente de S. Vicente e Santos ouvindo estas novas, mandaram lançar fama que era chegada uma caravella cheia de Castelhanos, que haviam de ir por terra e outros haviam de vir do Paraguay e tomariam no meio a todos e os matariam.

O que nisto pretendiam era por metter medo ao Gentio que não viesse, mas como souberam da mentira, não serviu de mais que de ficarem mais desacreditados com os Indios, de maneira que aquella capitania está em grande pendura, e não está em mais que em quererem os Indios, porque, ainda que ha muita gente, é toda triste e desarmada e agora se lhe acrescentou outra desventura, que foram os Francezes, e temo vir alguma triste nova e estou

(96) *Jaraibatiba*, escreve Anchieta (*Ann. da Bibl. Nac.*, I, pp. 269, 270, 273, 274).

MANUEL DA NOBREGA

mui arrependido de não haver já tirado meus Irmãos de lá, porque segundo parece mui claro, está aquella terra com a candeia na mão, porque cada vez se lhe accrescenta a desventura e lhe falta o soccorro.

O Capitão do Paraguay se mandou offerecer por vezes que sujeitaria os Tupis a S. Vicente si lhe dessem licença e querem com os Portuguezes tracto e conversação e ajudal-os contra o Gentic e outros inimigos, e nem o querem acceitar nem querem ganhar a terra, mas deixam-se estar esperando que por uma parte os matem Francezes e os contrarios por outra, e os Indios da terra que se levantem e os acabem de consumir e comer a todos. Este segredo eu não o entendo, mas vejo ir-se a perder tudo.

Já tenho dito muita parte de minha dôr a Vossa Mercê; muitas mais dores me ficavam para com elle desabafar que por carta se não pôdem dizer: peço-lhe pela charidade de Christo Nosso Senhor com que sempre me amou, que a soberba e ignorancia que nesta conhecerá, emende paternalmente em quanto nelle fôr: faça soccorrer a este pobre Brasil do que elle bem sabe que lhe será necessario para tantas enfermidades quantas tem, para que esta pequena faisca de Fé e amor divino que agora se começa accender nos corações deste Gentic, se continue e não se apague, pois Christo Nosso Senhor. *Venite hunc ignem mittere in terram et vultur accendatur.* Elle lhe dê por sua misericordia a sua paz na terra e gloria nos céus. Amen.

Desta Bahia, a 5 de Julho de 1559.

Orada e sa d. de v. nd. em xpo.

Manoel donobrega

CARTA DO BRASIL (1559)

Foi publicada pela primeira vez em 1835 por B. da Silva Lisboa nos *Ann. do Rio*, VI, pp. 66/100; depois reproduzida por Accioli nas *Mem. historicas da Bahia*, III, pp. 210/235.

A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro guarda o original (que segundo Barbosa Machado se achava [em 1753] no archivo do Collegio de São Roque de Lisboa) desta interessantissima carta, com as palavras "Orador e servo de V. M. em Christo" e a assignatura escriptas do proprio punho do veneravel Jesuita.

A assignatura combina perfeitamente com a da carta a D. João III, existente na Torre do Tombo, cujo *fac-simile* publicado na pag. 127 nos foi mandado pelo nosso prestimoso amigo Lino de Assumpção.

Na ultima pagina da carta acha-se averbado: "Brazil. 1559. — Copiou-se e mandou-se a Thomé de Souza." Quer dizer que os Padres em Portugal receberam a carta, remetteram cópia ao ex-Governador do Brasil e archivaram o original.

E' mais uma preciosidade que possui a Bibliotheca Nacional.

Em Barbosa Machado vem errado o anno, lendo-se 1560. O bibliographo portuguez diz que a carta consta de 9 paginas; mas são 9 folhas de folio, de muito boa lettra.

A gravura do *fac-simile* deve-se igualmente ao Sr. Manuel J. da Costa Pinheiro.

XXI

AO INFANTE CARDEAL (D. HENRIQUE)

(1560)

Conversão do Gêntio. — Christãos e Indios da Bahia. — Guerra dos Ithéos. — Os Indios do Paraguaçu. — Pazes. — Chegada de uma armada á Bahia. — Men de Sá. — Vasco Fernandes Coutinho. — Conquista do Rio de Janeiro. — Francezes. — Guerra aos Indios.

A PAZ de Christo Nosso Senhor seja sempre em continuo favor e ajuda de Vossa Alteza.

O anno passado de 1559 me deram uma de Vossa Alteza em que me manda que lhe escreva e avise das cousas desta terra, que elle deve saber. E pois assim m'õ manda, lhe darei conta do que Vossa Alteza mais folgará de saber, que é da conversão do Gêntio, a qual, depois da vinda deste governador Men de Sá, cresceu tanto que por falta de operarios muitos deixamos de fazer muito fructo, e todavia com esses poucos que somos, se fizeram quatro egrejas em povoações grandes, onde se ajuntou muito numero de Gêntio, pela boa ordem que a isso deu Men de Sá, com os quaes se faz muito fructo, pela sujeição e obediencia que têm ao Governador, e em mentes durar o zelo d'elle se irão ganhando muitos; mas, cessado em breve se acabará tudo, ao menos entretanto que não têm ainda lançadas boas raizes na Fé e bons costumes.

A causa por que no tempo deste Governador se faz isto, e não

CARTA DO BRASIL (1560)

antes, não é por agora haver mais gente na Bahia; mas porque pôde vencer Men de Sá a contradição de todos os Christãos desta terra, que era quererem que os Indios se comessem, porque nisso punham a segurança da terra, e quererem que os Indios se furtassem uns aos outros, para elles terem escravos, e quererem tomar as terras aos Indios contra razão e justiça, e tyrannisarem-nos por todas vias, e não quererem que se ajuntem para serem doutrinados, por os terem mais a seu proposito, e de seus serviços e outros inconvenientes desta maneira, os quaes todos elle vence, a qual eu não tenho por menor victoria que as outras que Nosso Senhor lhe deu, e defendeu a carne humana aos Indios tão longe quanto seu poder se estendia, a qual antes se comia ao redor da cidade, e ás vezes dentro nella, prendendo os culpados e tendo-os presos até que elles bem conhecessem seu erro, sem nunca mandar matar ninguem; e isto só bastou para subjugar a muitos e obrigal-os a viver segundo a lei da natura, como agora se obrigam a viver; mas isto custou-lhe descontentar a muitos e por isso ganhar inimigos, e certifico a Vossa Alteza que nesta terra, mais que nenhuma outra, não poderá um Governador e um Bispo e outras pessoas publicas, contentar a Deus Nosso Senhor e aos homens; e o mais certo signal de não contentar a Nosso Senhor é contentar a todos, por estar o mal assim introduzido na terra por costume.

Depois succedeu a guerra dos Ilhéos, a qual começou por matarem um Indio no caminho de Porto Seguro, e creio que foi por desastre, ou, por melhor dizer, querer Nosso Senhor castigar aquelles Ilhéos, e feril-os para os curar e sarar; e foi assim que, estando os engenhos todos quatro queimados e roubados, e a gente recolhida na villa em muito aperto, foi lá o Governador a socorrer com lh'o contradizerem os mais, ou todos da Bahia por temerem que, ido elle se poderiam levantar os da Bahia; mas com elle levar muitos Indios da Bahia comsigo, cessava todo este inconveniente, e o que é muito para louvar a Nosso Senhor é que, sendo isto no inverno em tempo de monções contrarias para ir aos Ilhéos, na hora que foi embarcado lhe concertou o tempo e lhe veio vento prospero, tanto quanto lhe era necessario, e não mais nem menos, e lá deu-se tão boa mão, que em menos de dous mezes que lá esteve, dei-

xou os Indios sujeitos e tributarios, e restituiram o mal todo que tinham, assim aquelle presente, como todo o passado, e obrigados a refazerem os engenhos e não comerem carne humana e receberem a doutrina, quando houvessem padrès para lh'a dar; de maneira que já agora a geração dos Topinaquins, que é muito grande, poderá também entrar no Reino dos Ceus. Neste tempo, que o Governador era ido ao soccorro dos Ilhéos, succedeu que uns pescadores da Bahia se desmandaram, e foram pescar ás terras dos Indios do Parauaçu, os quaes sempre foram inimigos dos Christãos, posto que a este tempo alguns tinham feito pazes com o Governador, e foram tomados e mortos quatro pessoas.

Depois, tornado o Governador, lhes mandou pedir os matadores, e por lh'os não quererem dar, lhes apregoou guerra, e foi a elles com toda a gente da Bahia que era para pelejar e com muitos Indios entrou pelo Parauaçu, matando muitos, queimando muitas aldeias, entrando muitas cercas, destruindo-lhes seus mantimentos, cousa nunca imaginada que podia ser, porque geralmente quando se nisso fallava, diziam que nem todo o poder de Portugal abastaria, por ser terra mui fragosa e cheia de muita gente, e foi a vexação que lhes deram, que elles ganharam entendimento para pedirem pazes e deram-lh'as com elles darem dous matadores que tinham, e com restituirem aos Christãos quantos escravos lhes tinham comido, e com ficarem tributarios e sujeitos e obrigados a receberem a palavra de Nosso Senhor, quando lh'a prégassem. Esta gente está agora mui disposta para nelles se fructificar muito. Disto poderá Vossa Alteza entender quantos operarios de nossa Companhia ha mister tão grande messe como esta, e cada dia se irá fazendo maior, tanto quanto a sujeição dos Gentios se continuar. Depois sendo o Governador de muitos requerido que fosse vingar a morte do Bispo e dos que com elle iam, por ser um grande opprobrio dos Christãos, ser causa dos Indios ganharem muita soberba, porque morreram alli muita gente e muito principal, elle se fazia prestes aparelhando muitos Indios da Bahia; mas isto estorvou a vinda da armada que veiu (97), com a vinda

(97) Esta armada chegou á Bahia a 30 de Novembro de 1559, tendo

CARTA DO BRASIL (1560)

da qual se determinou de ir livrar o Rio de Janeiro do poder de Francezes, todos Lutheranos.

E partiu (98), visitando algumas capitánias da costa até chegar ao Espirito Santo, capitania de Vasco Fernandes Coutinho, onde achou uma pouca de gente em grande perigo de serem comidos dos Indios e tomados dos Francezes, os quaes todos pediram que, ou tomasse a terra por El-Rei ou os levasse d'alli, por não poderem já mais sustentar, e o mesmo requeria Vasco Fernandes Coutinho por suas cartas ao Governador. Depois de tomado sobre isto conselho, a acceitou, dando esperanças de que da tornada a fortaleceria e favoreceria no que pudesse, por não ter tempo para mais e por não se estorvar do negocio a que vinha do Rio de Janeiro. Esta capitania se tem por a melhor cousa do Brasil depois do Rio de Janeiro: nella temos uma casa, onde se faz fruto com Christãos e com escravos, e com uma geração de Indios, que alli está que se chamam do Gato, que ahi mandou vir Vasco Fernandes do Rio de Janeiro; entendem-se tambem com alguns Topinaquins, e si Nosso Senhor dér tão boa mão ao Governador á tornada como lhe deu em todas as outras partes, que os ponha a todos em sujeição e obediencia, poder-se-á fazer muito fruto, porque este é o melhor meio que póde haver para sua conversão.

D'alli nos partimos ao Rio de Janeiro, e assentou-se no conselho que dariam de supito no Rio de noite, para tomarem os Francezes desaperecebidos; e mandou o Governador a um que sabia bem aquelle Rio, que fosse adeante guiando a armada, e que ancoras-

por capitão-mór Bartholomeu de Vasconcellos [da Cunha]. (Carta de Men de Sá a El-Rei, de S. Vicente a 16 de Junho de 1560, publ. na *Historia Sebastica* de Fr. Manuel dos Santos, 1735, pp. 16/17; nas *Mem. del rey D. Sebastião* de Barbosa Machado, I, (1736), pp. 438/441; nas *Mem. hist. do Rio de Janeiro* de Pizarro, I, (1820), pp. 12/15; nos *Ann. do Rio de Silva Lisboa*, I, (1834), pp. 117/120; no *Almanac do Rio de Janeiro* de Duarte Nunes, 1790, *Rev. do Inst.*, XXI (1858), pp. 13/14; e no *Brasil Historico* do Dr. Mello Moraes, 2ª serie, I (1866), pp. 118/119, segundo a cópia dos *Ann. do Rio de Janeiro*, msc. da Bibl. Nac. (n. 5524 do *Cat. da Exp. de Hist. do Bras.*), cópia por sua vez extrahida da *Hist. Sebastica*, em que vem com a data errada de 17 de Junho.

(98) Partiu Men de Sá a 16 de Janeiro de 1560 e chegou ao Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro. (Carta cit.) Como se vê, Nobrega o acompanhou nesta empreza.

MANUEL DA NOBREGA

sem perto d'onde pudessem os bateis deitar gente em terra, a qual havia de ir por certo logar; mas isto aconteceu de outra maneira do que se ordenara, porque esta guia, ou por não saber, ou por não querer, fez ancorar a armada tão longe do porto que não puderam os bateis chegar sinão de dia, com andarem muita parte da noite, e foi logo vista e sentida a armada.

No mesmo dia que chegamos, se tomou (99) uma nau que estava no Rio para carregar de brasil: a gente della fugiu para terra e recolheu-se na fortaleza: tomou-se conselho no que se faria, e vendo todos a fortaleza do sitio em que estavam os Francezes e que tinham consigo os Indios da terra, temeram de a combaterem, e mandaram pedir ajuda de gente a S. Vicente; mas os de S. Vicente sabendo primeiro da vinda do Governador ao Rio, já vinham por caminho, e como chegaram determinou-se o Governador de os combater; mas toda a sua gente lh'o contradizia, porque tinham já bem espiado tudo, e parecia-lhes cousa impossivel entrar-se cousa tão forte, e sobre isso lhe fizeram muitos desacatamentos e desobediencias. Mas eu sobre isto tudo, a maior difficuldade que lhe achava era ver aos Capitães da armada tão pouco unidos com o Governador e ver tão pouca obediencia em muitos, toda aquella viagem em que me achei presente; e isto nasceu de se dizer publicamente e saberem que o Governador estava mal acreditado no Reino com Vossa Alteza, e que se haviam lá dado capitulos delle por pessoas que com paixão informaram lá mal a Vossa Alteza e parece que com pouca razão, porque as mais das cousas me passavam pela mão como terceiro que era nellas para as remediar, e por isso quem quer se lhe atrevia, e por dizer que tinha lá inimigos no Reino e poucos que favorecessem sua causa, o que lhe tirou muito a liberdade de bem governar: mas agora ouça Vossa Alteza as grandezas de Nosso Senhor.

A primeira me parece que foi dar Nosso Senhor graça ao Governador para saber soffrer tudo, e dar-lhe prudencia para em tal tempo saber trazer as vontades de todos tão contrarias á sua a condescenderem com aquillo que elle entendia e Nosso Senhor

(99) Pela galé *Esaura*.

lhe inspirava; e foi assim que a uns por vergonha, a outros por vontade, lhes pareceu bem de commetterem a fortaleza.

A segunda maravilha de Nosso Senhor foi que, depois de combatida dous dias (100), não se podendo entrar e não tendo já os nossos polvora, mais que a que tinham nas camaras para atirar; e tratando-se já como se poderiam recolher aos navios sem os matarem todos, e como poderiam recolher a artilharia que haviam posto em terra, sabendo que na fortaleza estavam passante de sessenta Francezes de peleja, e mais de oitocentos Indios (101) e que eram já mortos dos nossos dez ou doze homens com bombardas e espingardas, mostrou então Nosso Senhor sua misericordia, e deu tão grande medo nos Francezes e nos Indios que com elles estavam, que se acolheram da fortaleza e fugiram todos, deixando o que tinham sem o poderem levar (102).

(100) A 15 de Março accommetteu Men de Sá os Francezes. (Carta cit.) O Governador escreve: "E naquelle dia entramos a ilha, onde está a fortaleza posta, e todo aquelle dia e o outro pelejamos sem descansar de dia nem de noite, até que Nosso Senhor foi servido de a entrarmos com muita victoria e morte dos contrarios e dos nossos poucos; e si esta victoria me não tocára tanto, podera affirmar a Vossa Alteza que ha muitos annos que se não faz outra tal entre Christãos; porque posto que vi muito e li menos, a mim me parece que se não viu outra fortaleza tão forte no Mundo."

(101) Men de Sá na carta citada diz: "Havia nella 74 Francezes ao tempo que cheguei e alguns escravos; depois entraram mais de 40 dos da nau e outros que andavam em terra e havia muito mais de mil homens dos do Gentio da terra, tudo gente escolhida e tão bons espingardeiros como os Francezes; e nós seriamos 120 homens Portuguezes e 140 dos do Gentio, os mais desarmados e com pouca vontade de pelejar: a armada trazia 18 soldados moços que nunca viram pelejar."

O Governador escreveu a El-Rei logo depois da conquista, como diz em outra carta tambem escripta do Rio de Janeiro a 31 de Março (e não 30 como se lê em Porto Seguro, *Hist.*, pg. 294), ainda inedita e da qual pos-sue cópia a Bibl. Nac. A carta em que dá conta da victoria, provavelmente com todos os pormenores, porque foi escripta sob a impressão da lucta, deve ser muito interessante, mas infelizmente não se sabe onde pára. Nesta carta tambem conta Men de Sá o que lhe succedeu na guerra que teve com o Gentio de Paraguaçu, segundo declara. — [A carta de Men de Sá para El-rei, dada do Rio de Janeiro, derradeiro de Março (1560), está publicada nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, XXVII, 227/229]. — G.

(102) Como se vê, os Francezes não capitularam, como dizem o Visconde de Porto Seguro (*Hist.*, pg. 289) e Popellinière, segundo Gaffarel (*Hist. du Brésil Français*, pg. 313). Entretanto Porto Seguro conhecia e cita as cartas de Nobrega a Men de Sá. Da carta deste que é a mesma que chama de officio e que vem como de 19 de Junho, evidente lapso typographico, provavelmente conheceu as edições de Pizarro e Silva Lisboa, edições

Estes Francezes seguiam as heresias da Allemanha, principalmente as de Calvino, que está em Genebra, e segundo soube delles mesmos e pelos livros que lhes acharam muitos, e vinham a esta terra a semear estas heresias pelo Gentio; e segundo soube tinham mandados muitos meninos do Gentio a aprendel-as ao mesmo Calvino e outras partes para depois serem mestres, e destes levou alguns a Villagalhão que era o que fizera aquella fortaleza, e se intitulara Rei do Brasil.

Deste se conta que dizia que, quando El-Rei de França o não quizesse favorecer para poder ganhar esta terra, que se havia de ir confederar com o Turco, promettendo-lhe de lhe dar por esta parte a conquista da India, e as naus dos Portuguezes que de lá viessem, porque poderia aqui fazer o Turco suas armadas com a muita madeira da terra; mas o Senhor olhou do alto tanta maldade e houve misericórdia da terra e de tanta perdição de almas, e *mentita est iniquitas sibi*, e desfez-lhe o ninho e deu sua fortaleza em mão dos Portuguezes, a qual se destruiu o que della se

em que em vez de *ao tempo que cheguei* trazem *ao tempo que negociei*; deste grave erro typographico inferiu o illustre historiador para assegurar que Men de Sá diz que “negociara” com os Francezes, dando esta palavra entre aspas como aqui está. A edição Barbosa Machado é a que merece fé, porque o chronista declara que a carta foi copiada do original existente na Torre do Tombo, gav. 2, maço 10. A edição da *Hist. Seb.* de Santos menos correctea que a precedente, tambem traz *cheguei* e diz-se á margem que o msc. está na Torre do Tombo, gaveta *extras*. O *Almanac* de Duarte Nunes, e a cópia que se acha nos *Ann. do Rio*, msc. cit. na nota 97, em tudo conforme á edição da *Hist. Seb.*, trazem tambem *cheguei*.

Porto Seguro diz que “os Francezes, sem agua nem polvora, capitularam em numero de 74, e alguns escravos; aos quaes depois se uniram mais de 40, dos de um navio apresado, e de outros que andaram em terra.” Men de Sá porém é bastante claro, pois quando falla dos 74 Francezes e alguns escravos que estavam na fortaleza, quando chegou, nos que depois entraram, mais de 40 dos da nau tomada (pela galé *Esaura*), e outros que andavam em terra, e nos mais de mil Gentios espingardeiros, dá ao mesmo tempo a força portugueza e a sua auxiliar brasileira, confrontando-as por conseguinte.

Anchieta, que estava em S. Vicente quando ahi chegaram Men de Sá e Nobrega com a nova da victoria, diz na carta do 1º do Junho de 1560: “E quando já nas naus não havia polvora e os que pelejavam em terra desfalleciam já pelo muito trabalho, fugiram os Francezes, desamparando a torre e recolheram-se ás povoações dos Barbaros em canoas de maneira que é de crer que mais fugiram com espanto que lhes poz o Senhor do que com as forças humanas.” — [Conf. Varnhagen, *Historia Geral*, I, 402, nota VI, da 4ª ed.]. — G.

podia derrubar, por não ter o Governador gente para logo povoar e fortificar como convinha.

Esta gente ficou entre os Indios, e esperam gente e socorro de França maiormente que dizem que por El-Rei de França o mandar, estavam alli para descobrirem os metaes que houvesse na terra; assim ha muitos Francezes espalhados por diversas partes, para melhor buscarem. Parece muito necessario povoar-se o Rio de Janeiro e fazer-se nelle outra cidade (103) como a da Bahia, porque com ella ficará tudo guardado, assim esta capitania de S. Vicente como a do Espirito Santo, que agora estão bem fracas, e os Francezes lançados de todo fóra, e os Indios se poderem melhor sujeitar, e para isso mandar mais moradores que soldados, porque doutra maneira pôde-se temer com razão *ne redeat immundus spiritus cum aliis septem nequioribus se, et sint novissima pejora prioribus*; porque a fortaleza que se desmanchou, como era de pedras e rocha, que cavaram a picão, facilmente se pôde tornar a reedificar e fortalecer muito melhor (104).

Depois de tomada a fortaleza deu o Governador em uma aldeia de Indios e matou a muitos, e não pôde fazer mais porque tinha necessidade de concertar os navios que das bombardas ficaram mal aviados, e fazel-os prestes para se tornarem, o que veio fazer a esta capitania de S. Vicente (105), onde eu fico por assim

(103) Nobrega pouco tempo depois contribuiu mais do que ninguem para a fundação da cidade e povoamento do Rio de Janeiro, como o confirma Anchieta (*Mat. e Ach.*, I, pag. 24): "Do collegio do Rio de Janeiro foi o primeiro o padre Manuel da Nobregá que o começou *a fundamentis* e nelle acabou a vida, depois de deixar toda aquella terra sujeita e pacifica, com os Indios Tamoyos sujeitos e vencidos, e tudo sujeito a El-Rei, sendo elle o que mais fez na povoação della, porque com seu conselho, fervor e ajuda se começou, continuou e levou ao cabo a povoação do Rio de Janeiro."

(104) E' a actual fortaleza de Villegaignon.

(105) Sobre a empresa de Men de Sá veja-se a carta de Anchieta da mesma data da presente, publicada por B. da Silva Lisboa nos *Ann. do Rio de Janeiro*, VI, pp. 111/139. Anchieta assim descreve o estado de Nobrega quando chegou a S. Vicente: "Com o Governador veio o padre Manuel da Nobrega mui doente e magro, com os pés e cara inchada, pernas cheias de apostemas e com outras muitas enfermidades, das quaes, como aqui chegou, começou a passar melhor; esperamos na bondade do Senhor que pouco a pouco lhe irá dando saude."

MANUEL DA NOBREGA.

o ordenar a obediencia; o que mais houver para escrever, o Provincial, que agora é o padre Luiz da Grã, o fará da Bahia (106).

Nosso Senhor Jesus Christo dê a Vossa Alteza sempre a sua graça. Amen.

De S. Vicente o 1º de Junho de 1560.

Foi publicada pela primeira vez em 1835 por Balthazar da Silva Lisboa nos *Ann. do Rio de Janeiro*, VI, pg. 102/111. Depois reproduzida na *Rev. do Inst. Hist.*, V (1843), pp. 328/333, [3ª ed., 352/358] e na ed. de Lisboa de 1865 da *Chron. de S. de Vasconcellos*, vol. II, pp. 312/317.

Barbosa Machado dá-lhe a data de 1 de Julho, que evidentemente é erro typographico, e diz que o seu original se achava no archivo do Collegio de S. Roque de Lisboa.

Nos *Ann. do Rio de Janeiro*, msc. da Bibl. Nac. (n. 5524 do *Cat. da Exp. de Hist.*), acha-se ella transcripta, declarando-se á margem que a possuia João Pereira Ramos (de Azeredo Coutinho), que foi Guarda-mór da Torre do Tombo. Esta cópia que tinha Azeredo Coutinho é talvez o proprio msc., que possui a Bibl. Nac., offerecido mais tarde por Diogo de Toledo Lara Ordonhez.

(106) Luiz da Grã achava-se ainda em S. Vicente e chegou á Bahia a 29 de Agosto de 1560 em companhia de Men de Sá (Carta de Ruy Pereira, da Bahia de 15 de Setembro de 1560, nos *Ann. do Rio de Silva Lisboa*, VI, pg. 162). Fr. Vicente do Salvador (*Hist.*, l.º 3º, c. 9º), diz erradamente que o Governador chegou em Junho.

DIALOGO DO PADRE NOBREGA SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO

INTERLOCUTORES :

GONÇALO ALVES E MATHEUS NOGUEIRA

PORQUE me dá o tempo lugar para mé alargar, quero fallar com meus irmãos o que meu espirito sente, e tomarei por interlocutores ao meu irmão Gonçalo Alves, a quem Deus deu graça e talento para ser trombêta de sua palavra, na capitania do Espirito-Santo, e com meu irmão Matheus Nogueira, ferreiro de Jesus-Christo, o qual, posto que com palavra não préga, fa-lo com obras e com marteladas.

Entra logo o irmão Gonçalo Alves, tentado dos negros do Gato, e de todos os outros, e, meio desesperado de sua conversão, diga, por demais é trabalhar com estes que são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão encarniçados em tratar e comer, que nenhuma outra bemaventurança sabem desejar; prégar a estes, é prégar em deserto ás pedras.

Matheus Nogueira: — Se tiveram rei, poderão se converter, ou se adorarão alguma cousa; mas como não sabem, que cousa é crêr, nem adorar, não podem entender a prégação do Evangelho, pois ella se funda em fazer crêr, e adorar a um só Deus, e a este só servir; e como este gentio não adora a cousa alguma, nem crê em nada, tudo o que lhe dizeis se fica em nada.

Gonçalo Alves: — O que bem dizeis, quão fóra estes são de se converter em um dia cinco, e no outro tres mil, por uma só préga-

DIALOGO

ção dos Apostolos, nem de se converterem reinos e cidades, como se fazia no tempo passado, por ser gente de juízo.

Matheus Nogueira: — Uma cousa têm estes peor de todas, que quando vêm á minha tenda, com um anzol que lhes dê, os converterei a todos, e com outros os tornarei a desconverter por serem inconstantes, e não lhes entrar a verdadeira fé nos corações; ouvi eu já um Evangelho a meus padres, onde Christo dizia: “Não deis o santo aos cães, nem deiteis as pedras preciosas aos porcos”. Se alguma geração ha no mundo, por quem Christo Nosso Senhor isto diga, deve ser esta; porque vemos que são cães, em se comerem, e matarem e são porcos, por vícios, e na maneira de se tratarem, e esta deve ser a razão, por que alguns padres, que do reino vieram, os vejo resfriados, porque vinham cuidando de converter a todo o Brasil em uma hora, e vêm-se que não podem converter em um anno, por sua rudeza e bestialidade.

Gonçalo Alves: — Ora isso deve ser, porque não sei a quem ouvi, que quando vinham na náu, imaginavam-se um S. João Baptista, junto de um rio Jordão a baptizar quantos a elles viessem.

Matheus Nogueira: — Se foram tainhas do Piraique podéra ser.

Gonçalo Alves: — Não ha homem em toda esta terra, que conheça estes, que diga outra cousa; eu tive um negro, que criei de pequeno, cuidei que era bom christão e fugiu-me para os seus; pois quando aquelle não foi bom, não sei quem o seja; não é este o que só me faz desconfiar destes serem capazes do baptismo, porque não fui eu só o que criei este corvo, nem sei se é bem chamar-lhe corvo; pois vemos que os corvos, tomados nos ninhos se criam, e amansam, e ensinam, e estes mais esquecidos de criação, que os brutos animais, e mais ingratos, que os filhos das viboras que comem suas mães, nenhum respeito têm ao amor e criação, que nelles se faz.

Matheus Nogueira: — Pois que razões mais vos movem a desconfiar de nossos padres, que a isso foram mandados do Senhor para lhes mostrarem a fé, não fizeram fruto nestas gentes por de mais.

Gonçalo Alves: — Muito bem lhe chamais, sabeis qual é a mór difficuldade, que lhes acho, serem tão faceis de dizerem a tudo sã

DIALOGO

ou *pá* ou como vós quizerdes, tudo approvam logo, e com a mesma facilidade, com que dizem *pá*, dizem *aani*, e se algumas vezes chamados dizem *neim tia* é pelos não importunardes, e mostra-o bem a obra, que se não é com bordão não se erguem, para beber nunca dormem, esta sua facilidade de tudo lhe parecer bem, acompanhada com a experiencia de nenhum fruto de tanto *pá*, tem quebrado os corações a muitôs; dizia um de nossos irmãos, que estes eram o filho que disse no Evangelho a seu pae, que o mandava, que fôsse e nunca foi.

Nogueira: — Pois que remedio, hemos de cansar de balde; a minha forja de dia e de noite, e o meu trabalho não me renderá nada entre elles para levar diante de Christo, quando nos vier julgar, para que ao menos outra alguma parte de meus peccados muitos.

Gonçalo Alves: — Disso, irmão, estais seguro, que vós não perdeis nada, se Christo promette por um pucaro de agua fria, dado por seu amor, o Reino dos Céos, como é possível, que percais vós tantas marteladas, tanto suór, tanta vigilia, e a paga de tanta ferramenta, como fazeis ás vossas fouces, machados muito bons são para roardes a mata de vossos peccados, na qual o Espirito Santo plantará muitas graças e dons seus, se por seu amor trabalhais.

Nogueira: — Ay, Ay.

Gonçalo Alves: — Porque dais estes ays?

Nogueira: — Porque vós metteis esse pontinho, se vós por seu amor trabalhais.

Gonçalo Alves: — Pois que cuidais, desenganai-vos, pois que se assim não é tudo perdeis, quanto fazeis.

Nogueira: — Pois digo-vos, irmão meu, que me metteis em confusão, e como saberei eu, que trabalho por seu amor, se eu vejo que trabalho para quem não no ama, nem no conhece?

Gonçalo Alves: — Conhece logo o Senhor; porque vos haveis de fazer que desejais vós, que o conheçam, amam e sirvam todos estes a todo o mundo.

Nogueira: — Desejo certo, e sempre lhe peço, que Elle seja santificado, de todos conhecido e amado, pois é muita razão que a criatura conheça a seu Criador, pois todo o ser e perfeição Elle

DIALOGO

lhe communicou, e a criatura racional sobre todos os conheçam e o Ir., para ella foram criadas e feitas todas as cousas, e é obrigada a ser a boca de todos, para louvar a Deus por tamanho bem, que de tudo o fez senhor.

Gonçalo Alves: — Pois, meu irmão, isso me parece que basta para se Deus contentar de vosso serviço, ou sacrificio; chamo-lhe assim, porque esse vosso officio parece, que vos faz o sacrificio, que na lei velha se chamava holocausto, que ardia todo, e nada se dava a ninguem delle.

Nogueira: — Irmão, não digais isso por amor de Deus, não é bem, que um peccador, como eu, ouça isso de tão imperfeito serviço, como faz a Deus, e mais que ouvi eu já, que isso era figura do amor grande, com que o filho de Deus ardeu em fogo de charidade por nós na cruz.

Gonçalo Alves: — Assim, perdoae-me, irmão, que a humildade não soffre bem louvores, e eu descuidei-me.

Nogueira: — Agora me amastes bem, chamais humildade a viva soberba; não sejais vós como o padre ou irmão, que o padre Leonardo Nunes, que está em gloria, nos contava, que por se desculpar se emmelava como mosca no mel.

Gonçalo Alves: — Oxalá, estivesse eu tanto avante, que me parecesse eu com elle, que é santo; mas, tornemos ao proposito: irmão Nogueira, por amor de Nosso Senhor, que livremente e segundo o que entendeis diante de Nosso Senhor digais, que vos parece deste gentio, segundo a experiencia, que tendes delle, os annos, que ha que com elles conversais.

Nogueira: — Que aproveita conversar, que os não entendo, ainda que, segundo me parece delles, para este fim de se converterem, e serem christãos, não ha mistér muita intelligencia; porque as obras mostram quão poucas mostras elles têm de o poder vir a ser.

Gonçalo Alves: — Logo, de que me aproveita a mim a minha lingua?

Nogueira: — Ah, ah, ah: sabeis de que me rio, de me perguntardes de que aproveita a vossa lingua; porque vos pergunto de que aproveita a minha forja?

Gonçalo Alves: — Já vos eu respondi a esta pergunta.

DIALOGO

Nogueira: — Tomae a mesma resposta.

Gonçalo Alves: — Não, que os officios são differentes; porque o meu é fallar e o vosso fazer.

Nogueira: — Não é logo differente o fim; porque cada um de nós ha de fazer o seu.

Gonçalo Alves: — E qual é esse fim?

Nogueira: — A charidade ou amor de Deus e do proximo.

Gonçalo Alves: — E vós, irmão, sois já theologo?

Nogueira: — Alguma cousa se me ha de pegar de meus padres, pois lhe eu pego, quando se chegam a mim, das mascarras do carvão da forja, e queira o Senhor, que com meu máu viver não lhe pegue algum escandalo, ainda que pois são espirituaes, ensinados estão a soffrer os enfermos e fracos.

Gonçalo Alves: — Dizei-me, irmão Nogueira, esta gente são proximos?

Nogueira: — Parece-me que sim.

Gonçalo Alves: — Por que razão?

Nogueira: — Porque nunca me acho senão com elles, e com seus machados e fouces.

Gonçalo Alves: — E por isso lhe chamais proximos?

Nogueira: — Sim, porque proximo, chegados quer dizer, e elles sempre se chegam a mim, que lhes faça o que hão mistér, e eu como a proximos lh'os faço, cuidando que cumpro o preceito de amar ao proximo, como a mim mesmo, pois lhe faço o que eu queria que me fizessem, se eu tivesse a semelhante necessidade.

Gonçalo Alves: — Pois a pessoas mui avisadas ouvi eu dizer, que estes não eram proximos, e porfiam-no muito, nem têm para si, que estes são homens como nós.

Nogueira: — Bem, se elles não são homens, não serão proximos; porque só os homens, e todos máus e bons, são proximos; todo homem é uma mesma natureza, e todo pôde conhecer a Deus, e salvar sua alma, e este ouvi eu dizer, que era proximo; prova-se no Evangelho do Samaritano, onde diz Christo Nosso Senhor, que aquelle é proximo, que usa de misericordia.

Gonçalo Alves: — Deveis de ter boa memoria, porque vos lem-

DIALOGO

bram bem as cousas, que ouvis, ouvistes já disputar entre os irmãos, ou fallar nisto, em que praticamos da conversão deste gentio.

Nogueira: — Muitas vezes, ou quasi sempre, entre meus irmãos, se falla disso, e vós bem o sabeis, pois sois de casa; cada um falla de seu officio; e como elles não têm outro, senão andar atraz esta ovelha perdida, sempre tratam dos impedimentos, que acham para attrahir.

Gonçalo Alves: — E que concluem, ou em que se determinam os mais dos que nesse officio andam, das partes, que acham nestas gentes para virem á nossa santa fé?

Nogueira: — Todos remettem o feito a Deus, e determinam de morrer na demanda, porque a isso são obrigados, assim porque a obediencia lh'ò manda, como por que não fique nada por fazer a esta gente; alguns não têm cá grande esperanza della, olhando a sua rudeza, e as cousas da fé serem delicadas, e que requerem outros entendimentos e costumes; porque, dizem elles, que é mui grande disposição, para um vir a ser christão, ter bom entendimento, que ainda que só este não baste para entender as cousas da fé, ainda ha lhe fazer entender que não ha nella cousa que seja contra a razão natural, de que estes carecem, e daqui dizem que nasceu, que no tempo dos Apostolos quanto os homens eram mais sabios, e de boa vida, mais facilmente vinham ao conhecimento da verdade; e o martyres mais lh'os contrariavam os máus costumes, dos tyrannos, que as razões que nenhum delles tivessem contra o que lhes prégravam; e que, porque estes gentios não têm razão, e são muito viciosos, têm a porta cerrada para a fé naturalmente, se Deus por sua misericordia não lh'a abrisse.

Gonçalo Alves: — Parecem boas razões essas, a memoria das cousas de Deus. Dizei-me, irmão, por amor de Nosso Senhor, não ha entre estes meus irmãos e padres quem esteja da parte destes negros?

Nogueira: — Todos, porque todos os desejam converter, e estão determinados de morrer na demanda, como disse.

Gonçalo Alves: — Não duvido eu, que todos têm esses desejos; mas como isso é cousa de necessidade, quizera eu, que houvera um, que déra razões para nos accender o fogo, e para nos fal-

DIALOGO

lar por nossos termos, quizeramos uns foles para nos assoprar o fogo, que se nos apaga.

Nogueira: — Não falta isso, bastam os nossos padres, para fazer fogo artificial; que nos queime a todos os que neste negocio nos occupamos; porque, como o elles devem de ter no espirito, não fazem senão destruir razões e dar outras, ainda que a frios, como eu, não satisfazem.

Gonçalo Alves: — Porque?

Nogueira: — Porque todas ellas parecem que não convêm mais, senão que, já que havemos de trabalhar com esta gente, seja com muito fervôr, o que a todos nos convêm muito, pois, segundo a charidade, com que trabalharmos na vinha do Senhor, nos pagará, quando chamar á tarde os obreiros para lhes pagar seus jornaes, os quaes já ouvireis que só deram, não conforme ao trabalho e tempo, senão ao fervôr, amor e diligencia que se puzer na obra.

Gonçalo Alves: — Não fallemos como ferreiro.

Nogueira: — Não sei como fallo, fallo como me vem á boca, se fôr mal dito, perdoae, que não é ninguem obrigado a mais que ao que tem e sabe.

Gonçalo Alves: — Dissemos, isto, sou tão descuidado, que logo me esquece que esperaes, como vos louvam, como o fio quente, quando o batem; eu me guardarei de vos dar mais martelada, porque me não queime, por amor de Deus, que me digaes algumas das razões, que os padres dão para estes gentios virem a ser christãos, que alguns têm acertado, que trabalhamos de balde, ao menos até que este gentio não venha a ser mui sujeito, e que com medo venha a tomar a fé.

Nogueira: — E isso que aproveitaria, se fôssem christãos por força, e gentios na vida, nos costumes e na vontade?

Gonçalo Alves: — Aos paes, dizem os que têm esta opinião, que pouco; mas os filhos, netos, e dahi por diante, o poderiam vir a ser, e parece que têm razão.

Nogueira: — E a mim sempre me pareceu este muito bom e melhor caminho, se Deus assim fizesse, que outros não fallemos em seus segredos, e potencia e sabedoria, que não ha mistér conselhei-

DIALOGO

ros, mas, humanamente, como homens, assim fallando, este parece melhor e o mais certo caminho.

Gonçalo Alves: — Mas as razões dos padres, se vos lembram, desejo ouvir, porque as que eu apontei no principio, não sei como, mas elle desfará.

Nogueira: — Olhae cá, irmão, a charidade tudo desfaz e derrete, como o fogo ao ferro muito duro amolenta e faz em massa.

Gonçalo Alves: — Nisso me parece que vós não tendes razão, porque a charidade não poderá tirar a verdade, e mais, que razões pertencem ao entendimento, e a charidade á vontade, que são cousas differentes, assim como o fogo não tira ao ferro senão a escoria, e não gasta o ferro limpo e puro; se as razões são boas e charidade não será contra ellas, porque seria contra a verdade, e assim não ficaria charidade, senão pertinacia.

Nogueira: — Parece-me que é isso verdade, e que onde houver sobejo zêlo, ás vezes haverá cegar-se as razões, ou usar pouco dellas, o que cada dia se vê nos muito affeioados a uma cousa.

Gonçalo Alves: — E isso não é máu.

Nogueira: — Não sei eu ora quão máu será, parece-me que ouvi dizer, que São Paulo não approvava tudo o que com bom zêlo se fazia, se que a uns dava testemunho de zêlo, ainda que era bom, a circumstancia necessária, que é saber, se é conforme a vontade de Deus; porque esta é a regra, que mede todas as obras e tanto vão direitas e boas, quanto com ella conformam, e tanto desviam da bondade, quanto desta se desviam.

Gonçalo Alves: — Parece muita razão, que seja isso muita verdade, conforme a isso não foi bom fazer El-Rei D. Manuel os judeus christãos, depois da matança, ainda que os mais delles diziam que sim; mas tomou-o com os portaes cheios de sangue, que derramaram os ministros do demonio percutiente, que por justiça de Deus os feriu, incitados por dois frades dominicos, que depois pelo mesmo caso morreram no Porto, por mandado do dito Rei, e assim se pagou um mal com outro, como se costuma no mundo, permittindo e dissimulando Nosso Senhor, até o dia em que manifestou a todos nossas obras, quaes foram; e El-Rei Jesebuto, Rei d'Aragão, não se lhe condemna nos sagrados canones o zêlo com

DIALOGO

que contra vontade dos paes, judeus, mandou em seu reino baptisar seus filhos, mas o fim não lh'o louvam; logo nem tudo o que parece bom, se ha de fazer, senão o que realmente fôr bom.

Nogueira: — E como saberá homem sempre acertar, que é homem ignorante e fraeo, se Reis com seus conselhos não acertam?

Gonçalo Alves: — Tomando conselho com Deus, e com os homens desapaixonados, e que tenham bôa consciencia.

Nogueira: — E onde se acharão esses, acerta-se muitas vezes, que não se acham senão uns regelados e frios, como eu, que por se poupar não querem sahir do ninho, não se lembrando quanto as almas custaram a Christo, e estes taes parece, que não podem aconselhar bem em semelhantes negocios.

Gonçalo Alves: — A falta de outros, que tenham zêlo e saber, todavia me aconselharia com esses, porque alguma hora falou já o Espirito-Santo, e aconselhou um propheta, ainda que não muito virtuoso, por bem do povo, que elle amava, e se elle quer fazer bem a estes, como é de crer, que quer, porque não aborrece nada do que fez, ainda que sim, o que nós fazemos, elle aconselhára por máus, o que se deve fazer; mas já folgaria ouvir-vos as razões, que tendes ouvido dos padres, para nos animarmos a trabalhar com elles, e as que têm em contrario das que demos no principio.

Nogueira: — Já que tanto apertaes commigo, e me pareceis desejoso de saber a verdade deste negocio, creio que vos tenho esgotado, dir-vos-hei o que muitas vezes, martelando naquelle ferro duro, estou cuidando, e o que ouvi a meus padres, por muitas vezes, parece, que nos podia Christo, que nos está ouvindo dizer: ó estultos e tardios de coração para crêr, estou eu imaginando todas as almas dos homens uma, nos serem umas e todas de um metal feitas á imagem e semelhança de Deus, e todas capazes de gloria e criadas para ella, e tanto val diante de Deus por natureza a alma do Papa, como a alma do vosso escravo Pavana.

Gonçalo Alves: — Estes têm almas como nós.

Nogueira: — Isso está claro, pois a alma tem tres potencias, entendimento, memoria e vontade, que todos têm: eu cuidei, que vós ereis mestre, já em Israel, e vós não sabeis isso; bem parece,

DIALOGO

que as theologias, que me dizeis arriba era, e eram postigas do padre Braz Lourenço, e não vossas; quero-vos dar um desengano, meu irmão: Que tão ruim entendimento tendes vós para entender o que vos queria dizer, como este gentio, para entender as cousas de nossa fé.

Gonçalo Alves: — Tendes muita razão, e não é muito, porque ando na agua aos peixes bois, e trato no mato com brasil, e não é muito ser frio, e vós andaes sempre no fogo, razão é, que vos aqueceis, mas não deixeis de proseguir adiante, pois uma das obras de misericordia é ensinar aos ignorantes.

Nogueira: — Pois estae attento: depois que nosso pae Adão peccou, como diz o psalmista, não conhecendo a honra, que tinha, foi tornado semelhante á besta, de maneira que todos, assim portuguezes, como castelhanos, como *Tamoios*, como *Aimurés*, ficamos semelhantes a bestas, por natureza corrupta, e nisto todos somos iguaes, nem dispensou a natureza, mais com uma geração, que com outra, posto que, em particular, dá melhor entendimentó a um, que a outro, façamos logo do ferro todo um frio e sem virtude, sem se poder volver a nada, porém, mettido na forja, o fogo o torna, que mais parece fogo que ferro; assim todas as almas sem graça e charidade de Deus, são ferros frios sem proveito, mas, quanto mais se aquece, tanto mais fazeis delle o que quereis, e bem se vê em um, que está em peccado mortal, fóra da graça de Deus, que para nada presta, das cousas, que tocam a Deus, não póde rezar, não póde estar na igreja, a toda cousa espiritual tem fastio, não tem vontade para fazer cousa boa nenhuma; e se por medo, ou por obediencia, ou por vergonha a faz, é tão tristemente e tão preguiçosamente, que não vale nada; porque está escripto, que ao dadôr, com alegria recebe Deus.

Gonçalo Alves: — Isso bem entendo eu, porque o vi em mim antes que fôsse casado, que andava em peccados, e ainda agora praza a Deus, que não tenha muito disso.

Nogueira: — Pois que, direi eu, que envelheci nelles, e, como homem, que foi ferido, fallo.

Gonçalo Alves: — Pois assim é, que todos temos uma alma e uma bestialidade naturalmente, e sem graça todos somos uns, de que

DIALOGO

veiu estes negros não serem tão bestiaes, e todas as outras gerações como os romanos, e os gregos, e os judeus, serem tão discretos e avisados.

Nogueira: — Esta é bôa pergunta, mas claro está a resposta; todas as gerações tiveram tambem suas bestialidades; adoravam pedras e páus, dos homens faziam deuses, tinham credito em feitiçarias do diabo; outros adoravam os bois e vaccas, e outros adoravam por Deus aos ratos, e outras immundicies; e os judeus, que eram a gente de mais razão, que no mundo havia, e que tinha contas com Deus, e tinham as escripturas desde o começo do mundo, adoravam uma bezerra de metal e não os podia Deus ter, que não adorassem os idolos, e lhes sacrificavam seus proprios filhos, não olhando as tantas maravilhas, que Deus fizera por elles, tirando-os do captivo de Pharaó; não vos parece tão bestiaes os mouros, a quem Mafamede, depois de serem christãos, converteu á sua bestial secta, como estes, se quereis cotejar cousa com cousa, cegueira com cegueira, bestialidade com bestialidade, todas achareis de um jaez, que procedem de uma mesma cegueira; os mouros crêm em Mafamede, muito vicioso e torpe, e põem-lhe a bemaventurança nos deleites da carne, e nos vicios; e estes dão credito a um feiticeiro, que lhes põe a bemaventurança na vingança de seus inimigos, e na valentia, e em terem muitas mulheres; os romanos, os gregos, e todos os outros gentios, pintam, e têm inda por Deus a um idolo, a uma vacca, a um gallo; estes têm que ha Deus, e dizem, que é o trovão, porque é cousa que elles acham mais temerosa, e nisto têm mais razão, que os que adoram as rãs, ou os gallos; de maneira que, se me cotejardes horror com horror, cegueira com cegueira, tudo achareis mentira, que procede do pae da mentira, mentiroso desde o cómeço do mundo.

Gonçalo Alves: — Bem, estou com isso; mas como são os outros todos os mais polidos, sabem lêr e escrever, tratam-se limpamente, souberam a philosophia, inventaram as sciencias, que agora ha, e estes nunca souberam mais que andarem nús e fazerem uma frécha, o que está claro, que denota haver entendimento em uns e em outros.

Nogueira: — Não é essa razão de homem que anda fazendo brasil no mato, mas estae attento, e entendereis: terem os romanos

DIALOGO

e outros gentios mais policia, que estes, não lhes veiu de terem naturalmente melhor entendimento, mas de terem melhor criação, e criarem-se mais politicamente, e bem creio, que vós o vereis claro pois trataes com elles, e vêdes, que nas cousas de seu mestre, e em que elles tratam, têm tão boas subtilezas, e tão boas invenções e tão discretas palavras, como todos, e os padres os experimentam cada dia com seus filhos, os quaes acham de tão bom entendimento, que muitos fazem a vantagem aos filhos dos christãos.

Gonçalo Alves: — Pois como tiveram estes peor criação que os outros, e como não lhes deu a natureza a mesma policia, que deu aos outros; isso podem-vos dizer claramente, fallando a verdade, que lhes veiu por maldição de seus avós, porque estes cremos serem descendentes de Cham, filho de Noé, que descobriu as vergonhas de seu pae bebado, e em maldição, e por isso ficaram nós, e têm outras mais miserias, os outros gentios, por serem descendentes de Seth e Japhet, era razão, pois eram filhos de benção, terem mais alguma vantagem; e porém toda esta maneira de gente, uma, e outra, naquillo em que se criam, têm uma mesma lama e um entendimento, e prova-se pela escriptura, porque logo os primeiros dois irmãos do mundo, um seguiu uns costumes e outro outros: Isac e Ismael, ambos foram irmãos; mas Isac foi mais politico, que o Ismael que andou nos matos; um homem tem dois filhos de igual entendimento, um criado na aldêa, e outro na cidade; o da aldêa empregou seu entendimento em fazer um arado, e outras cousas da aldêa, o da cidade em ser cortezão e politico; certo está, que, ainda que tenham diversa criação, ambos têm um entendimento natural exercitado segundo sua criação; e o que dizeis das sciencias, que acharam os philosophos, que denota haver entendimento grande, isso não foi geral beneficio de todos os humanos, dado pela natureza, mas foi especial graça dada por Deus, não a todos os romanos, nem a todos os gentios, senão a um ou a dois, ou a poucos, para proveito e formosura de todo o universo, mas que estes, por não ter essa policia, fiquem de menos entendimento para receber a fé, que os outros que a têm, me não provareis vós nem todas as razões acima ditas; antes provo quanto esta policia aproveita por uma parte, tanto damna por outra e quanto a simplicidade des-

DIALOGO

tes estorva por uma parte, ajuda por outra; veja Deus isso, e julgue-o, julgue-o tão bem quem ouvir a experiencia desde que começou a igreja, e ver que mais se perdeu por sobejos e soberbo entendimento, que não por simplicidade, e pouco saber: mais facil é de converter um ignorante, que um malicioso e soberbo; a principal guerra, que teve a igreja foram sobejos entenderes; daqui vieram os hereges, e os que mais duros e contumazes ficaram; daqui manou a pertinacia dos judeus, que nem com serem convencidos com suas escripturas, nunca se quizeram render á fé; daqui veio a dizer São Paulo: nós prégamos a Jesus-Christo crucificado aos judeus escandalo, e ás gentes, justiça. Dizei-me, meu irmão, qual será mais facil de fazer, fazer crer a um destes, tão faceis a crer, que nosso Deus morreu, ou a um judeu, que esperava o Messias poderoso, o Senhor de todo o mundo? Com mais difficuldade a um judeu; mas desde que elle cahisse na conta, ficaria mais constante, como ficaram muitos, que logo davam a vida por isso.

Nogueira: — O mesmo vos digo, que desde que estes cahirem na conta, o mesmo farão: dae-me vós, que lhe entre a fé no coração, que o mesmo será de um que de outro, e o tempo e o trabalho, e a diligencia, que é necessario para convencer um judeu ou um philosopho, se outro tanto gastardes com doutrinar de novo um destes, mais facil será sua conversão de coração, dando Deus igual graça a um que a outro, e está clara a razão; porque, como as cousas de nossa fé das mais essenciaes, como são da Santissima Trindade, e que Deus se faz homem, e os mysterios dos Sacramentos, não se pôdem provar em razão demonstrativa, antes muitas são sobre toda razão humana, claro está, que mais difficil será de crer a um philosopho, que todo se funda em subtilezas de razão, que não a um que outras cousas muito mais só menos crê.

Gonçalo Alves: — E' verdade, porque estes se lhes deitaes a morte, cuidam, que os podeis matar, e morrerem da imaginação, pelo muito e sobejo que crêm, e crêm que o panicú ha de ir á roça, e outras cousas semelhantes, que seus feiticeiros lhes mettem na cabeça, mas ainda nem isso não falta, porque muito ha, que estou na terra, e tenho fallado de Deus muito, por mandado dos padres,

DIALOGO

e nunca vi a nenhum ter tanta fé, que me parecesse que morreria por ella, se fôsse necessario.

Nogueira: — Se me vós desseis licença, eu vo-lo diria.

Gonçalo Alves: — Dizei, meu irmão, que eu vos perdôo.

Nogueira: — Parece-me que por mais faceis, que fôsem a se converterem, não se converteriam de maneira, que lhe dizeis, nem lh'o dizem os padres, e por isso estae-me attento, sabereis como o officio de converter almas é o maior de quantos ha na terra, e por isso requer mais alto estado de perfeição, que nenhum outro.

Gonçalo Alves: — Que requer, não basta ser lingua, saber-lh'o bem dizer.

Nogueira: — Muito mais ha mistér, vêde vós, o que tinha um dos apóstolos de Christo, que converteram o mundo, e por ahi vos regereis; primeiramente tinham muito espirito, tanto que ardiam dentro do fogo do espirito-santo, porque doutra maneira, como a de atear fogo divino em coração do gentio, o que tem o seu um camelo; ha de ter muita fé, confiando muito em Deus, e desconfiando muito de si; ha de ter graça de fallar mui bem a lingua, ha de ter virtude para fazer milagres, quando cumprir, e outras graças muitas, que tinham os que converteram gente, e sem isto não tenho ouvido que ninguem se convertesse; e vós quereis converter sem nada disto, e que de graça sejam logo todos santos; esse seria o maior milagre do mundo, e ainda que vós sejaes lingua e lh'o sabeis bem dizer, não me negareis, que se algum vos não falla á vontade, logo perdeis a paciencia, e dizeis que nunca hão de ser bons; nem têm razão de vos darem credito a vossas palavras, porque hontem lhe pedieis o filho por escravo, e estoutro dia os querieis enganar, e têm razão de se temerem de os quererdes enganar, porque isto é o que commummente tratam os máus christãos com elles.

Gonçalo Alves: — Isso é verdade, mas os padres, que lhes fallam com tanto amor, porque os não crêm?

Nogueira: — Porque até agora não têm os indios visto essa differença entre os padres e os outros christãos, seja logo esta a conclusão, que quando Santiago com correr toda a Espanha, e fallar mui bem a lingua, e ter grande charidade, e fazer muitos mi-

DIALOGO

lagres, não converteu mais que nove discipulos; e vós quereis e os padres, sem fazer milagres, sem saber sua lingua, nem entender-se com elles, com terdes presumpção de Apostolo e pouca confiança e fé em Deus, e pouca charidade, que sejam logo bons christãos, porém, por vos fazer a vontade, vos contarei que já vimos indios desta terra com mui claros signaes de terem verdadeira fé no coração, e mostrarem-no por obra, não sómente dos meninos, que criamos comnosco, mas tambem dos outros grandes, de mui pouco tempo conversados: quem viu na capitania de São Vicente, que é terra onde se mais tratou com os indios, que nenhuma do Brasil, a morte gloriosa de Pero Lopes; quem viu suas lagrimas, os abraços de amor aos irmãos e padres; diga-o quem viu a virtude tão viva de sua mulher, quão fóra dos costumes, que antes tinha, quão honesta viuva, e que christãmente vive, tanto que pareceu a todos digna de lhe darem o Santissimo Sacramento; pois que direi de suas filhas, duas, a qual melhor christã; que direi da fé do grão velho Sayobi, que deixou sua aldêa e suas roças, e se veiu morrer de fome em Piratininga, por amor de nós, cuja vida e costumes, e obediencia, mostram bem a fé do coração; quem viu vir Fernão Corrêa de tão longe com fervor de fé vir a pedir o baptismo, e depois de tomado, leva-lo N. S. e muitos outros da aldêa, os quaes, ainda que alguns não deixem a vida viciosa por exemplo de outros máus christãos, que vêm, todavia se crê delles terem fé, pois o principal peccado, e que lhes mais extranham, deixaram, que é matarem em terreiro, e comerem carne humana; quem não sabe que indo á guerra estes, e tomando contrarios, os mataram, e enterraram; e para mais vos alegrar, tambem vos direi, que se viu na Mandiçoba, onde se matavam uns indios *Carijós*, outro indio, que com os padres andava, offerecer-se, com grande fervor e lagrimas a morrer pela fé; e porque aquelles morressem christãos, e outros muitos casos particulares, que acontecem cada dia, que seria largo contar, pois entre tão poucos colher-se logo tal fruto, e com tão fraços obreiros, como será possível, se N. S. mandar bons obreiros á sua vinha com as partes necessarias, não se colher muito fruto, por certo tenho, que se vos achareis no tempo dos martyres, e vireis aquellas carniçarias daquelles infieis, que não abastava tantos mi-

DIALOGO

lagres e maravilhas, para os amolentar, nem tão boas prégações e razões, vós e eu disseramos, nunca estes hão de ser bons.

Resolvendo-me logo, digo emfim, razões, que o negocio de converter é principalmente de Deus, e ninguem traz a conhecimento de Jesus-Christo, senão quem seu pae traz, e quando elle quer, faz de pedras filhos de Israel, como tão pouco ninguem póde salvar-se, nem ter graça sem elle.

Gonçalo Alves: — Isso é tudo da parte de Deus, mas da parte do gentio tambem é necessario apparelho, porque ouvi dizer, que diz Santo Agostinho: que Deus, que me fez sem mim, não me salvará sem mim.

Nogueira: — Da parte do gentio, digo, que uns e outros tudo são ferro frio e duro, e que quando os Deus quizer metter na forja, logo se converterão esse, estes na fragoa de Deus, ficaram para se metterem no fogo por derradeiro; o verdadeiro ferreiro senhor do ferro, o sabe o porque, mas do apparelho de sua parte, tão máu o têm estes, como o tinham todas as outras gerações.

Gonçalo Alves: — Isso desejo saber mais claro.

Nogueira: — Quanto mais impedimentos um tiver para a conversão, tanto diremos, que está menos disposto, e quanto menos do mal, tem Deus que tirar delles, tanto mais dispostos serão.

Gonçalo Alves: — Ide adiante, e pravae isso.

Nogueira: — Contae-me o mal de um destes, e o mal de um philosopho romano, um destes, muito bestial, sua bemaventurança é matar, e ter nomes, e esta é sua gloria; porque mais fazem, a lei natural não a guardam, porque se comem, são luxuriosos, muito mentirosos, nenhuma cousa aborrecem por má, e nenhuma louvam por bôa; têm credito em seus feiticeiros, aqui me encerrareis tudo; um philosopho é muito sabio, mas muito soberbo, sua bemaventurança está na fama ou nos deleites, ou nas victorias de seus inimigos, muito malicioso, que a verdade que Deus lhe ensinou, escondeu, como diz São Paulo, não guardam a lei natural, posto que a entendam, muito viciosos no vicio contra a natura, muito tyrannos e amigos de senharear, muito cobiçosos, e mui temerosos de perderem o que têm, adoram idolos, sacrificam-lhes sangue humano, e senhores de todo genero de maldade, o que não achareis nestes, por-

DIALOGO

que, segundo dizem os padres, que confessam, em dois ou tres dos mandamentos, têm que fazer com elles, entre si vivem muito amigavelmente, como está claro, pois qual nos parece maior punido para desfazer.

Gonçalo Alves: — De ruim ganadio não ha que escolher, mas, todavia queria, que me respondesseis ás razões de cima mais distinctamente.

Nogueira: — Pelo que está dito, bem clara está a resposta.

Publicado na *Revista do Instituto*, tomo XLIII, parte 1^a, 133/152, conforme cópia existente no mesmo Instituto, *Bibliotheca de Evora*, tomo 2^o, fls. 44 e segs. — G.

ESCLARECIMENTOS

Homem Santo (Barcaclué), pg. 39.

SIMÃO de Vasconcellos (*Chron.*, l. I, n. 131) diz que Nobrega era mui conhecido nos sertões do Paraguay, nos quaes o chamavam *Barcaclué*, “que val o mesmo *Homem Santo*”. Ahi dominavam os Carijós (Guaranis), que fallavam a mesma lingua dos Indios da costa do Brasil.

A respeito desta palavra *Barcaclué* foram consultados os Snrs. Conselheiro H. de Beaurepaire Rohan, Dr. Macedo Soares e Hilario Peixoto, que me deram as seguintes indicações:

O Conselheiro Beaurepaire Rohan:

“*Barcaclué* não é, nem poderia em caso algum ser vocabulo guarani, já pela sua estructura, que vai de encontro á prosodia desta lingua, e já pela presença da letra *l*, que não existe no seu alphabeto. *Barcaclué* é evidentemente o resultado ou de um erro de escripta servilmente copiado pela typographia, ou de um erro de typographia, que não tendo sido corrigido na primeira edição, se tem reproduzido em todas as outras. Seria inutil tentar a interpretação deste pseudo-vocabulo, si Simão de Vasconcellos lhe não tivesse dado a traducção em portuguez. Segundo este auctor, *Barcaclué* quer dizer *homem santo*. Em guarani, *homem* se traduz em *Abá*. Quanto a *santo*, em falta de termo equivalente, podemos recorrer a diversos adjectivos na accepção de bom, honrado, virtuoso, attributos necessarios dos Bemaventurados. Entre esses adjectivos, temos *catueté*, composto de *catú*, bom, e *eté*, superlativo,

ESCLARECIMENTOS

significando portanto *muito bom*, optimo. A versão de *homem santo* seria pois *Abá-catueté*. Mas como esse homem de quem se trata era um sacerdote, eu adopto inteiramente a opinião do Snr. Valle Cabral de que as primeiras quatro letras *Barc* são o estropeamento de *Abaré*, pela suppressão do *A* inicial, e troca do *é* final por *c*. As seguintes *aclué*, o são, quanto a mim, de *catueté*, e facilmente corrigíveis como se segue: *ac* = *ca*; *lu* = *tu*; *é* = *eté*. Desta sorte o incomprehensível *Barcaclué* ficará reduzido a *Abaré catueté*, cuja traducção litteral é sacerdote optimo.”

O Dr. Macedo Soares:

“A palavra *barcaclué* com que, sg. Simão de Vasc., *Chron.*, I, n. 131, os Indios dos sertões do Paraguay designavam o padre Manuel da Nobrega, significando “homem santo”, salta aos olhos que não é guarani. A lingua geral não tem *l*, nem syllaba trilitera de mais de uma consoante (*bar*, *clu*, *arc*), nem consoantes juntas, mesmo de syllabas diversas, com vogal intercalada (*r-c*, *c-l*). Ha visivelmente grande erro de graphia, ou do copista do mss. de Vasconcellos, ou do seu impressor, nesse epitheto de *barcaclué*.

“Como restituir a palavra original?”

“Homem santo” em guar. é *abá marangatú* = *morangatú* = *porangatú*. Mas, aos Padres do Paraguay chamavam os Indios *pai-abaré* padre homem — outro, differente do *pajé*, o padre delles, como se explica no *Conquista Espiritual*, § 14. Ora, um *abaré* grande, illustre, maioral da communidade, distinguindo-se de todos, como o Nobrega, é um *abaré etê* = *eté*. Não será *barcaclué* completa perversão graphica de *abarété*, escrevendo-se talvez o adj. com *tt* (*etté*), e dando assim mais uma haste para as letras do *clué*?

“Estará a glosa longe do motte; mas, não está fóra do sentido. Em falta de melhor, é a interpretação que alcanço.”

O Snr. H. Peixoto:

“ *Barcaclué*. Analyticamente a fórmula graphica deste vocabulo, tal como chegou até nós, não representa os sons que apprehendeu o ouvido: em abáñeen não existem as semivogaes (vulgo con-

ESCLARECIMENTOS

soantes liquidas) *l* e *r* (esta com o som trillante, ou, melhor, continuo); assim os phonemas *r* e *cl* não occorrem na palavra que se tentou reproduzir. Attribuindo a corruptela em parte á má interpretação de manuscripto (*c* em vez de *e*), dahi o erro typographico; em parte á infidelidade do ouvido (*cl* por *c*); temos para fórma primitiva *barécué* = *abaré* + *cuéra*, por apherese de *a* e apocope de *ra*, ambas syllabas atonas, phenomeno devido á conhecida lei do menor esforço. São innumeros os exemplos destas alterações, e notadamente da ultima manifestam-se no Rio Grande do Sul, Rio da Prata e Paraguay, onde, — ao contrario do que se dá no centro e norte do Brasil, — persiste a tendencia de fazer agudas as palavras de origem abáñeen. Cp. Capané = Capanema; Piratinim (melhor Piratiny) = Piratininga; Yberá = Uberaba; etc.

“Assim explicado, o vocabulo significa *padre salvador, esforçado*; porquanto *abaré* = padre, *cuéra* = são, valente, esforçado, salvar, etc., como dil-o Montoya em definições e exemplos; e ainda quanto ao adjectivo, é elle demasiado corrente (*F. é um cuéra*, etc.) no Brasil para que careçamos adduzir mais provas.

“E’ digno de reparo que se depare vocabulo como *barcaclué* na mesma obra em que Simão de Vasconcellos avança não terem nossos Indios nem fé, nem lei, nem rei, só porque desconheciam os sons iniciaes daquellas palavras.”

Segundo Simão de Vasconcellos, os Padres em geral eram chamados pelos Indios *Abarés* (*Chron.*, l. I, n. 54) e tambem *Abaré-guaçús* (*Chron.*, l. I, n. 108). Os de S. Vicente chamavam (S. de Vasc., *Chron.*, l. I, n. 68) ao padre Leonardo Nunes *Abarébébé* “Padre que vóa.” Timon (João Francisco Lisboa) diz (*Jornal de Timon*, 1853, pg. 365): “Nobrega partiu para S. Vicente a dar pressa á conclusão da paz, e Anchieta ficou como em refens. Tão multiplicadas e rapidas viagens fazia Nobrega, em proveito commum, que os Indios admirados lhe puzeram o nome de *Abaré-Bebe, Padre voador*.” Não declara porém a fonte de que se serviu. Seria confusão de Timon com o nome com que designavam os Indios o padre Leonardo Nunes, ou a melhor explicação que achou para dar a palavra *Barcaclué*?

ESCLARECIMENTOS

Este homem com um seu genro, pg. 73.

Effectivamente é Paulo Dias Adorno o genro de Diogo Alva-
res, o *Caramurú*, a que se refere Nobrega, como o comprova esta
carta do ouvidor geral Pero Borges dirigida a D. Catharina, e cujo
original se acha na Torre do Tombo, Part. 1ª, Maço 102, Doc. 129 :

“Senhora. — Paulo Dias é dos primeiros povoadores desta ca-
pitania da Bahia, e quando a ella veio Thomé de Sousa, Governador
Geral, nestas partes do Brasil o achou nella com mulher e fi-
lhos. Serviu desde aquelle tempo até agora mui bem em tudo o que
o encarregavam de serviço de Sua Alteza á sua propria custa e com
seus navios e escravos, e agora na guerra que houve na capitania do
Espirito Santo muito bem. Disse-me que o escrevesse a Vossa Al-
teza, digo que passa assim na verdade e que o póde Vossa Alteza
encarregar em alguma capitania de algum navio, porque é muito
para isso e entende do mar bem e porque elle vai enfadado desta
terra e o porque Vossa Alteza o póde mandar saber delles e será
necessario nella por o que della sabe, deve-o Vossa Alteza mandar
encarregar em alguma cousa nestas partes e será como digo de Ca-
pitão de algum navio, porque é para isso. Desta cidade do Salva-
dor a 7 de Agosto de 1558. — *O doutor Pero Borges*.

Paulo Dias ia a Portugal e parece ficar explicada a razão por-
que era condecorado e veio á conquista do Rio de Janeiro com Es-
tacio de Sá, commandando um dos navios da armada.

Como diz Fr. Vicente do Salvador, Paulo Dias foi á conquista
do Espirito Santo com Fernão de Sá, e Pero Borges o confirma:
“e agora na guerra que houve na capitania do Espirito Santo mui-
to bem.” Talvez pois que um dos seus desgostos, que allega a carta
do Ouvidor Geral, fosse o Governador não o querer ver por causa
da morte do filho, que se deu antes do 1º de Junho de 1558 (vide
nota 95).

Simão da Gama e sua mulher, pp. 181, 182.

Segundo Fr. Vicente do Salvador (*Hist.*, l. 3º, c. 2º), man-
dado por D. João III, chegou á Bahia em 1550 com uma armada,

ESCLARECIMENTOS

em o galeão *Velho*. A seu respeito escreve o historiador: “Foi este fidalgo em esta cidade grande republico e d’ahi a muitos annos morreu nella de herpes, que lhe deram em uma perna, deixando uma capella perpetua de missas na Igreja da Misericordia, onde está sepultado com um epitaphio que diz assim:

*Pella summa charidade
de Christo crucificado,
está aqui sepultado
Simão da Gama dandrade
para ser resuscitado.”*

O Visc. de Porto Seguro (*Hist.*, pg. 242): “Terras do esteiro de Pirajá sabemos porém que foram dadas a Simão da Gama de Andrade, o qual tendo vindo por commandante do galeão S. João Baptista, preferiu alli ficar, recebendo uma legua de sesmaria, além da ilha dos Frades, em 17 de Janeiro de 1552.”

Sua mulher chamava-se Leonor, segundo diz o padre Leonardo do Valle na carta da Bahia de 26 de Junho de 1562; Gabriel Soares falla de um engenho desta senhora situado no rio Pirajá, accrescentando-lhe o appellido Soares, “mulher que foi de Simão da Gama de Andrade.” Este portanto em 1587 já era fallecido. D. Leonor Soares era provavelmente irmã de Sebastião da Ponte. [A carta de sesmaria de Simão da Gama lê-se em Varnhagen, *Historia Geral*, I, 315/316, 4ª ed. — D. Leonor ainda era viva na Bahia, em 1591. Contra ella, perante a mesa do Santo Officio, em 16 de Agosto daquelle anno, denunciou D. Lucia de Mello, dizendo que “averá dous meses ou tres que Gaspar Leitão, conego da Sé desta cidade, se queixou em casa della denunciante, que Dona Lianor, viuva, molher que foi de Simão da Gama, moradora nesta cidade, dera quebranto a hua sua irmãa, e dizendo ella denunciante que não dixese tal que não podia aquillo ser, elle lhe respondeo que quando nesta cidade ouve hum dia grandes brigas e revoltas entre o bispo e o governador Luis de Brito que ella na mesma noite daquelle dia fora a Portugal dar aquella nova.” — *Primeira Visitação do Santo Officio ás Partes do Brasil — Denunciações da Bahia*, 343, São Paulo, 1925]. — G.

ESCLARECIMENTOS

Sebastião da Ponte, pp. 181, 182.

Mais tarde este poderoso morador da Bahia deu causa a diferenças entre o bispo D. Antonio Barreiros e o governador Luiz de Brito de Almeida, segundo o testemunho de Fr. Vicente do Salvador (*Hist.*, l. 3º, c. 21): “Havia nesta terra um homem aliás honrado e rico, chamado Sebastião da Ponte, mas cruel em alguns castigos, que dava a seus servos, fossem brancos ou negros; entre outros chegou a ferrar um homem branco em uma espada com o ferro das vacas, depois de bem açoitado: sentido o homem disto se embarcou e foi para Lisboa, onde, esperando uma manhã a El-Rei quando ia para a Capella, deixou cahir a capa que só levava sobre os hombros e lhe mostrou o ferrete pedindo-lhe justiça com muitas lagrimas.

“Informado El-Rei do caso, escreveu ao Governador, que lhe mandasse preso a bom recado ao Reino o dito Sebastião da Ponte.

“Teve elle noticia disto e acolheu-se a uma ermida de Nossa Senhora da Escada, que está junto á Pirajá, onde o reu então morava: demais disto chamou-se ás ordens, dizendo que tinha as menores, e andava com habito e tonsura, porque não era casado, pelas quaes razões deprecou o Bispo ao Governador não o prendesse, mas não lhe valeu, começou logo a proceder a censuras e finalmente chegou o negocio a tanto, que houveram de vir ás armas correndo com ellas o povo nescio e inconstante, já ao Bispo com o temor das censuras, já ao Governador com o temor da pena capital, que ao som da caixa se publicava, e o que mais era que ainda depois de todos acostados ao Governador, seus proprios filhos, que estudavam para se ordenarem, com pedras nas mãos contra seus paes, se acostavam ao Bispo e a seus clerigos e familiares.

“Porém emfim (*jussio regis urgebat*), e se mandou o preso ao Reino como El-Rei o mandava, onde foi mettido na prisão do Limoeiro e nella acabou como suas culpas mereciam.”

Quando se deram estes factos o Bispo “não era chegado de muitos dias”, como diz Fr. Vicente. Agora, segundo o *Cat. dos bispos até 1676*, que acompanha as *Constituições prim. do Arceb. da Bahia*, ed. de Coimbra de 1720, o Bispo chegou á Bahia no

ESCLARECIMENTOS

dia d'Ascensão (31 de Maio) de 1576; mas Anchieta (*Mat. e Ach.*, I, pg. 9) diz que elle veio em 1575. O Visc. de Porto Seguro o dá como empossado a 15 de Agosto (dia d'Assumpção) de 1576.

Quanto á capella de Nossa Senhora da Escada, que lhe dá accesso estreito caminho de barro, está situada em um pequenol alto em Itacaranha, logar pittoresco do reconcavo da Bahia. A seu respeito escrevia Gabriel Soares em 1587: "E' uma formosa egreja dos Padres da Companhia, que a têm muito bem concertada, onde ás vezes vão convalescer alguns Padres de suas enfermidades, por ser o logar para isso; a qual egreja está uma legua do rio Pirajá e duas da cidade."

Ha 20 annos a vi no mais completo abandono e muito arruinada; mas, segundo informações fidedignas, foi restaurada a poucos annos e acha-se de presente em muito bom estado.

A povoação de Pirajá, mui distante da embocadura do rio, dista talvez uma legua ou pouco mais de Nossa Senhora da Escada.

Gabriel Soares falla de um engenho "que se diz de Sebastião da Ponte", no rio Matoim; de um "curral de Sebastião da Ponte", cinco leguas ao longo do mar da barra do Juquirijape; e de outro "engenho de Sebastião da Ponte", no rio Una.

Jaboatão, que não conheceu nem a *Historia do Brasil* nem a *Chronica da Custodia do Brasil*, escriptas por Fr. Vicente do Salvador, escreve: "Desta (Bahia) passou para as terras do Cayrú um Sebastião de Pontes, de posses e cabedaes, deixando nas da Bahia fabricados já dous engenhos, e, com outros Portuguezes mais, foi escolher por morada e vivenda as terras que naquelle paiz rega e fertilisa um dos seus principaes rios, chamado *Una*; e nellas fabricou o terceiro engenho, domesticando muitos dos naturaes Tapuyas ao seu mando e serviço, fazendo-se na terra, sobre poderoso, insolente. Por esta desordem foi accusado na Côrte, e, entre os crimes que lhe imputaram os offendidos, foi um nomearem-n'o por Rei ou Regulo do Brasil, pelo qual foi levado ao Reino, e do Limoeiro sem se fallar mais nelle, depois de muitos annos foi levado á sepultura, com o custo só de um bastão, diz o que nos dá esta noticia." (*Orbe Serafico*, Digr. IV, Est. V, n. 77).

ESCLARECIMENTOS

Vasco Rodrigues de Caldas, pp. 183, 208, 211, 215, 216

Este conquistador dos Indios da Bahia era Portuguez, nobre, Capitão de gente, serviu de Vereador da Camara e ia a Portugal em 1562, como tudo se collige da seguinte carta dirigida a D. Catharina:

“Senhora. — O portador se chama Vasco Rodrigues de Caldas, que este anno presente serviu de Vereador nesta cidade. E’ pessoa de qualidade e nobre e ha muitos annos que habita nesta cidade e tem boa experiencia da terra e servido muito bem Sua Alteza nas guerras desta capitania e dos Ilheos; e sendo Capitão de gente fez muito boas cousas, como leva por instrumentos. Pedimos a Vossa Alteza que delle se informe sobre o que escrevemos a Sua Alteza e do mais que não se póde escrever, porque é pessoa de qualidade e nobre, a quem se póde dar inteiro credito. El dará boa informação de tudo e do estado em que a terra fica.

“Escripta nesta cidade do Salvador, sob nossos signaes e sello da dita cidade. Braz Alcoforado, escrivão da Camara della por Sua Alteza, a fez aos 22 de Julho de 1562 annos. — *João Fernandes Cocho* (?). — *Gaspar de Barros Magalhães* (?). — *Francisco Pantoja* (?). — *Sebastião Alvares*.”

O original desta carta está na Torre do Tombo, parte 1^a, maço 105, doc. 141.

[Impressa diplomaticamente nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, XXVII, 237. — A carta de mercê, que Men de Sá fez a Vasco Rodrigues de Caldas e a cem homens que vão com elle a descobrir minas, de 24 de Dezembro de 1560, *ibidem*, 231/233]. — G.

INDICE

NOTA PRELIMINAR, de Afranio Peixoto	7 — 9
PREFACIO, de Valle Cabral	11 — 19
VIDA DO PADRE MANUEL DA NOBREGA, pelo padre Antonio Franco	21 — 69

CARTAS

I. AO PADRE MESTRE SIMÃO RODRIGUES DE AZEVEDO (1549)	71 — 76
Chegada á Bahia. — Estado da terra. — Occupações dos Padres e Irmãos. — Padre Navarro, irmão Vicente Rodrigues. — Caramurú. — Um Indio christão. — Leonardo Nunes, Diogo Jacome. — Os sacerdotes da terra. — O Governador.	
II. PARA O PADRE MESTRE SIMÃO (1549)	77 — 78
Os sacerdotes da terra. — Conversão de um contrario. — S. Thomé e suas pegadas. — Espanto dos Indios. — O Governador. — Necessidade de Vigario Geral.	
III. AO PADRE MESTRE SIMÃO (1549)	79 — 87
Falta de mulheres. — Saltos aos Indios. — Causa da guerra da Bahia. — Carijós. — Padres em S. Vicente. — Necessidade de Bispo. — Logar escolhido para o Collegio. — Pedido de officiaes. — Os degradados. — Falta de roupa. — Antonio Pires. — Leonardo Nunes, Diogo Jacome, Navarro, Vicente Rodrigues. — Missa cantada. — Procissão de Corpus Christi. — Agradecimentos ao Governador e outros. — Pedidos.	
IV. AO DR. NAVARRO, SEU MESTRE EM COIMBRA (1549) ..	88 — 96
Cidade do Salvador. — Clima. — Os naturaes. — Anthropophagia. — Immortalidade da alma. — Noção do Demonio. — Noticia do Diluvio. — S. Thomé. — Prégações e baptismos. — Padre Navarro. —	

INDICE

<p>Morte de um Christão. — Uma execução. — Medo dos Indios. — Apêgo aos Padres. — O nome de Jesus popularizado. — Um Indio revela ter estado com Deus no Paraiso. — Conversão de um feiticeiro.</p>	97 — 102
<p>V. INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO BRASIL (1549) Clima, fructos e mantimentos. — Goyanazes, Carijós, Gaimures, Topiniquins e Topinambás. — Frades Castelhanos. — Pae Tupane. — Os feiticeiros. — Morte dos prisioneiros. — Agouros. — Liberalidade dos Indios. — O diluvio. — Perguntas sobre Deus. — S. Thomé.</p>	97 — 102
<p>VI. AO PADRE SIMÃO RODRIGUES (1550) Padre Navarro. — Caramurú. — Odio aos Christãos. — Sublevação. — Vicente Rodrigues e Simão Gonçalves. — Antonio Pires. — Feitiçarias. — Anthropophagia. — Leonardo Nunes e Diogo Jacome. — Ilhéos. — Porto Seguro. — Padres Hespanhoes. — Tupiniquins. — Padres mandados por D. Manuel. — Maus exemplos dos Christãos. — Um sacerdote de má vida. — Padres de Santo Antonio em Porto Seguro. — Necessidade de mulheres. — Escravos. — Preguiça dos senhores. — Pedidos. — Clima da terra. — Fumo. — Ouro.</p>	103 — 113
<p>VII. AOS PADRES E IRMÃOS (1551) Gentios e Christãos. — Casamentos. — Padre Navarro. — Os orphãos de Lisboa. — Pernambuco. — Perda de dois barcos de Indios na Bahia. — O Governador determina correr a costa. — Estado de Pernambuco. — Maus costumes dos clérigos. — Obras da casa da Bahia.</p>	114 — 117
<p>VIII. PARA OS IRMÃOS DO COLLEGIO DE JESUS DE COIMBRA (1551) Chegada a Pernambuco. — Padre Antonio Pires. — Fructo feito entre Indios e Christãos. — Odios reconciliados. — Maus costumes dos sacerdotes. — Uma India meirinha. — Casamentos. — Predicas e confissões. — Duarte Coelho.</p>	118 — 122
<p>IX. A' EL-REI [D. JOÃO III] (1551) Maus costumes de Pernambuco. — Os ecclesiasticos. — Odios. — Reconciliações. — Duarte Coelho. — Prégações. — O Gentio da terra. — Necessidade de Padres e Irmãos. — Os escravos. — O Col-</p>	123 — 127

INDICE

	legio da Bahia. — Pedido de escravos de Guiné. — Thomé de Sousa. — Noticias de ouro.	
X.	PARA o PADRE PROVINCIAL DE PORTUGAL (1552) Chegada do Bispo. — P. Antonio Pires. — O Collegio. — O Governador. — Pedido de Padres e meninos. — Necessidade de escravos de Guiné. — Vicente Rodrigues, Salvador Rodrigues, Navarro, Affonso Braz, Leonardo Nunes, Diogo Jacome, Paiva, Antonio Pires, Francisco Pires. — Dois meninos da terra pré-gadores. — Francezes. — Thomé de Sousa. — O sertão.	128 — 132
XI.	A' EL-REI D. JOÃO (1552) O Bispo. — Pedido de mulheres. — Desaffeição dos moradores á terra. — Thomé de Sousa. — Pedido de Padres. — Necessidade de moradores.	133 — 136
XII.	AO PADRE MESTRE SIMÃO (1552) O estado da terra. — Carijós. — O Governador. — O Bispo. — Duvidas a respeito dos Gentios. — Diogo Alvares, o Caramurú.	137 — 143
XIII.	PARA EL-REI D. JOÃO (1554) Gentio do sertão. — Orphãos da terra. — Povoação de João Ramalho. — Martim Affonso de Sousa. — Piratininga. — Guerras da Bahia. — O Bispo.	144 — 146
XIV.	PARA o PADRE IGNACIO [DE AZEVEDO] (1556) Chegada do padre Luiz da Grã a S. Vicente. — Nova da ida do Bispo ao Reino. — Os Gentios da Bahia. — O Gentio da terra. — Os mestiços.	147 — 149
XV.	PARA o PADRE IGNACIO [DE LOYOLA] (1556) Padre Luiz da Grã. — Orphãos. — Meninos da terra doutrinados em S. Vicente. — Occupações dos Padres. — Matheus Nogueira. — Informações do estado da Companhia.	150 — 155
XVI.	QUADRIMESTRE DE JANEIRO ATÉ ABRIL DE 1557, AO PADRE IGNACIO Indios e Christãos. — Anthropophagia. — Padre Navarro, Antonio Pires e João Gonçalves. — Um feiticeiro. — Confissões de Gentios e escravos dos Christãos. — Ambrosio Pires. — Falta de mantimento.	156 — 162
XVII.	AOS MORADORES DE S. VICENTE (1557) Exhortações aos moradores. — Padre Antonio Pires — Falta de Bispo.	163 — 168

INDICE

XVIII.	PARA O PROVINCIAL DE PORTUGAL (1557)	169 — 176
	Novas de Men de Sá. — Morte do Padre Navarro. — Antonio Pires, Ambrosio Pires, Antonio Blasques. — Orphãos. — Antonio Rodrigues, João Gonçalves. — Christãos e Indios. — Estado da terra. — Carijós. — Capitania de S. Vicente. — Martim Affonso de Sousa. — Castelhanos e Portuguezes. — Luiz da Grã, Manuel de Chaves.	
XIX.	AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL (1559)	177 — 190
	Egreja de S. Paulo. — Os feiticeiros. — Punição de um crime. — Christovão da Costa. — Officios da Semana Santa. — Simão da Gama. — Sebastião da Ponte. — Grande secca. — Os Indios. — O melhor Indio da terra. — Vasco Rodrigues de Caldas. — Egreja de S. João. — Mirangaoba. — Novas dos Ilhéos. — Egreja do Espirito Santo. — Morte do Padre João Gonçalves. — Antonio Rodrigues, Francisco Pires, Antonio Pires. — Demonios. — Uma conversão. — Feitiçarias. — Má vida dos Christãos.	
XX.	A THOMÉ DE SOUSA (1559)	191 — 218
	Christãos e Gentios. — Morte do Bispo. — Maus exemplos dos clerigos. — Fructo feito em S. Vicente. — Odio dos Christãos ao Gentio. — Uso da antropophagia. — Tupiniquins de S. Vicente. — Gentio do Gato. — Peccados da terra. — Capitania do Espirito Santo. — Men de Sá. — Mirangaoba. — Maus tratos aos Indios. — Indios e Christãos. — O melhor Indio da terra. — O Governador e o povo. — Garcia d'Avila. — O Gentio do Paraguaçu. — Vasco Rodrigues de Caldas. — Destroços de Indios. — Pazes. — A gente do Brasil. — Guerra dos Ilhéos e Porto Seguro. — Castelhanos do Paraguay. — Tupis e Carijós de S. Vicente.	
XXI.	AO INFANTE CARDEAL [D. HENRIQUE] (1560)	220 — 228
	Conversão do Gentio. — Christãos e Indios da Bahia. — Guerra dos Ilhéos. — Os Indios do Paraguaçu. — Pazes. — Chegada de uma armada á Bahia. — Men de Sá. — Vasco Fernandes Coutinho. — Conquista do Rio de Janeiro. — Francezes. — Guerra aos Indios.	
	DIALOGO DO PADRE NOBREGA SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO ..	229 — 245
	Interlocutores: Gonçalo Alves e Matheus Nogueira.	
	ESCLARECIMENTOS	247 — 254

NESTA CIDADE DO RIO DE JANEIRO,
QUE MANUEL DA NÓBREGA AJUDOU A FUNDAR,
ACABOU-SE DE REIMPRIMIR ESTE LIVRO
DE SUAS "CARTAS DO BRASIL"
AOS 23 DE MARÇO DE 1931.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).